



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

RAIANE SANTOS REZENDE

**AS REPÚBLICAS ESTUDANTIS DE OURO PRETO E
MARIANA:
influências da comunidade na existência de uma bolha social**

MONOGRAFIA

Mariana

2021

RAIANE SANTOS REZENDE

**AS REPÚBLICAS ESTUDANTIS DE OURO PRETO E
MARIANA:
influências da comunidade na existência de uma bolha social**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dra. Adriana Bravin

Mariana
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R467r Rezende, Raiane Santos .
As repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana [manuscrito]:
influências da comunidade na existência de uma bolha social. / Raiane
Santos Rezende. - 2021.
221 f.: il.: tab..

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Bravin.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Comunidade. 2. Estudantes. 3. Identidade. 4. Habitações . 5.
Tradição (Filosofia). I. Bravin, Adriana. II. Universidade Federal de Ouro
Preto. III. Título.

CDU 378(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Essevalter de Sousa - Bibliotecário
ICSA/UFOP - CRB6a 1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Raiane Santos Rezende

**As repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana:
influências da comunidade na existência de uma bolha social**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 15 de abril de 2021

Membros da banca

Profa. Dra. Adriana Bravin - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia (Universidade Federal de Ouro Preto)

Adriana Bravin, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30/04/2021



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Bravin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/04/2021, às 02:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0165567** e o código CRC **F8858355**.

Ao meu "eu" futuro, que ao olhar para trás saberá
quão gratificante é o resultado daquela memorável
dedicação. *Expecto Patronum.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai, Fabio Pacheco Rezende Filho, que nunca mediu esforços para que eu pudesse chamar Mariana de lar até o final. À minha mãe, Rozeli Santos Rezende, que preservou meu quarto intacto por toda a graduação. À Hermione Granger, por me ensinar que a meta mínima é 10 N.O.M.'s e que o uso de Felix Felicis em avaliações oficiais seria imensa falha de caráter. À Etec São Mateus, por me proporcionar os amigos e as ferramentas que me ajudaram a acreditar. Ao Órion, que me ilumina e aquece, assim como a constelação. Ao Saulo Vallory, que nunca me deixou duvidar das minhas capacidades, mesmo nos momentos mais sombrios. À Universidade Federal de Ouro Preto, por me alimentar com sonhos. À República 4 Coisas, meu lar e responsável pelas experiências mais incríveis da minha vida. Por fim, à Prof. Dra. Adriana Bravin, cuja paciência e motivação tornaram impensável qualquer outro orientador.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o modo de vida republicano estudantil ouro-pretano e marianense, através de combinações de técnicas inspiradas na etnografia, netnografia, observação participante e não-participante e entrevistas, para melhor compreender como ele influencia e mantém uma bolha social que é sustentada nesse meio, a partir de filtros sociais e situações de ritualização e compartilhamento de memória, fatores essenciais na criação de identidade e pertencimento que contribuem para a sustentação de uma comunidade. Para tanto, utilizou-se autores que tratam dos conceitos de tradição, identidade, comunidade, memória coletiva e bolha epistêmica, de Anthony Giddens (2001), Zygmunt Bauman (2005), Maurice Halbwachs (1990) e Thi Nguyen (2018). Ao fim, considera-se que a bolha social contribui para o déficit de informações e experiências práticas existentes “do lado de fora” das repúblicas estudantis e resulta em uma comunidade que não compartilha substancialmente da cultura das cidades que lhe recebe.

Palavras-chave: Tradição; identidade; repúblicas; comunidade; bolha epistêmica.

Abstract

This work aims to analyze the sorority and fraternity student lifestyle in Ouro Preto and Mariana through a combination of techniques inspired by ethnography, netnography, participant and non-participant observation and interviews to better understand how it influences and maintains a social bubble that is sustained in this environment, from social filters and situations of ritualization and memory sharing, to essential factors in the creation of identity and belonging that contribute to a community support. To this end, the authors used deal with the concepts of tradition, identity, community, collective memory and epistemic bubble, by Anthony Giddens (2001), Zygmunt Bauman (2005), Maurice Halbwachs (1990) and Thi Nguyen (2018). In the end, it is considered that the social bubble causes a deficit of information and practical experiences existing on the outside and results in a community that does not substantially share of the cities culture that welcome it.

Keywords: Tradition; identity; sororities; fraternities; community; epistemic bubble.

Lista de Quadros

Quadro 1: Tradições republicanas	36
Quadro 2: Práticas ritualísticas republicanas	36

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	11
2. TRADIÇÃO E MODERNIDADE	21
2.1 O SISTEMA TRADICIONAL DAS REPÚBLICAS ESTUDANTIS	25
2.2 COMUNIDADE E IDENTIDADE	28
2.3 MEMÓRIA E COMUNIDADE AFETIVA	34
2.4 A JORNADA DO ESTUDANTE REPUBLICANO	39
3. ANALISANDO O CICLO DA BOLHA	45
3.1 A FORMAÇÃO E MANUTENÇÃO DA COMUNIDADE	45
3.2 A FORMAÇÃO DA BOLHA EPISTÊMICA	57
3.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA BOLHA.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72
ANEXO A – NOTAS DE CAMPO.....	76
REPÚBLICA N1 - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	77
REPÚBLICA N2 - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	82
REPÚBLICA N1 – ENTREVISTA COM O DECANO.....	85
REPÚBLICA N1 - OBSERVAÇÃO NÃO-PARTICIPANTE PREPARAÇÃO PARA O 12 DE OUTUBRO	95
REPÚBLICA N2 – ENTREVISTA COM EX-DECANA	112
REPÚBLICA N2 - ENTREVISTA COM A DECANA.....	123
REPÚBLICA N1 - OBSERVAÇÃO NÃO-PARTICIPANTE FESTA DO 12 DE OUTUBRO	136
ANEXO B – ENTREVISTAS	154
REPÚBLICA N1 - ENTREVISTA COM O DECANO.....	154
REPÚBLICA N1 - PREPARAÇÃO PARA O DIA 12 DE OUTUBRO	165
REPÚBLICA N2 - ENTREVISTA COM EX-DECANA	180
REPÚBLICA N2 - ENTREVISTA COM A ATUAL DECANA	192
REPÚBLICA N1 - ROCK DE CELEBRAÇÃO DO DIA 12 DE OUTUBRO	205

1. Introdução

Este trabalho tem a pretensão de buscar entender como o sistema de repúblicas de Ouro Preto e Mariana influencia a constituição de uma bolha social estudantil. Para tanto, será necessária a explicação de conceitos como a memória coletiva, tradição, comunidade, identidade e modernidade líquida, que serão melhor explicados mais adiante, assim como o próprio conceito de bolha social.

Início explicando que o mundo atual funcionaria da forma que, do ponto de vista de Giddens (2001), foi caracterizado como globalizado. As tradições pertencentes a uma era anterior a essa são, agora, destruídas pela incapacidade de adaptação a uma realidade moderna. Mas o autor enxerga com perspicácia que esse mesmo ambiente desfavorável é responsável pelo surgimento de outras tradições, criadas como forma de segurança em meio ao caos da vida pós-tradicional.

As cidades onde as repúblicas estudantis analisadas estão localizadas são pequenas, ambas localizadas no Sudeste brasileiro: Mariana possui 54.219 habitantes, de acordo com o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), feito em 2010, sendo que a estimativa para o ano de 2020 era de 61.288 habitantes. Já a cidade de Ouro Preto possui 70.281 habitantes, de acordo com o mesmo censo, e a estimativa era de 74.558 habitantes para 2020. Em 1933, a cidade passou a ser um Monumento Nacional, em 1938 foi tombada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e, em setembro de 1980, o Centro Histórico de Ouro Preto foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura), sendo a primeira propriedade cultural brasileira a entrar na lista. Já a cidade de Mariana foi a primeira capital do Estado de Minas Gerais e teve seu centro histórico tombado pelo Iphan em 1945.

É interessante observar que nesses ambientes urbanos carregados de história e memórias do período colonial exista um sistema republicano estudantil, rico em tradições coexistentes com o mundo globalizado. São casas que se sustentam em ritualizações constantes que garantem a sobrevivência de um estilo de vida republicano com o passar das gerações, como por exemplo, festas nas quais se cantam hinos escritos para as repúblicas e se celebram a entrada de novos moradores e encontros sociais entre repúblicas, que acontecem com alta frequência, várias vezes ao mês. Tais rituais incluem o compartilhamento de memórias que permitem que a história da casa¹ não seja esquecida, assim como também preservam suas

¹ Termo popularmente usado no meio republicano estudantil como sinônimo de república.

práticas e sua identidade, criando inclusive uma comunidade não apenas dentro da república como também com as outras casas estudantis de Mariana e Ouro Preto, *locus* da pesquisa.

Esse ambiente, criado graças a existência da Universidade Federal de Ouro Preto (que também possui campi em Mariana), influencia, além da comunidade estudantil, a existência de uma bolha social. Essa consequência parece inevitável se pensada uma comunidade de pessoas que criam laços emocionais com suas casas e com as gerações anteriores que nelas viveram, além de conviverem juntas (ou, pelo menos, próximas, no caso de um conjunto de repúblicas) por cerca de quatro anos, tempo médio de duração de um curso de graduação.

O tempo de convivência próxima prolongado e a universidade como um ponto em comum que conecta os indivíduos (responsável, justamente por sua natureza, pela fermentação de discussões sociais), são uma boa base de ingredientes para uma só realidade que abraça muitos indivíduos. Dessa maneira, se formaria a bolha social republicana ouro-pretana e marianense. Minha definição para uma bolha social é que se trata de um ambiente que priva, ou reduz significativamente, o contato das pessoas dentro deste ambiente a um conjunto de ideias ou experiências comuns no ambiente externo. Nessas cidades pequenas há um terreno fértil para influenciar a bolha, com indivíduos que se encontram o tempo todo (seja no circuito social das repúblicas, como festas particulares e eventos, como a Festa do 12 de outubro², seja no cotidiano universitário, por exemplo) e têm como lazer atividades sociais em conjunto.

Este trabalho analisa o modo de vida republicano e como ele influencia a bolha social estudantil que acredito existir nesse meio, a partir das situações de ritualização e compartilhamento de memória, fatores essenciais na criação de identidade e pertencimento que contribuem para a sustentação de uma comunidade. Pretendo, também, entender como esses elementos perseveram e sua importância para a criação dos laços emocionais entre morador e república, além de compreender se são responsáveis pelo suposto receio do “mundo lá fora”. Considera-se a premissa de que evitar os problemas sociais causados pelas diferenças (não vividas de forma tão intensa no meio republicano, quanto são vividas na sociedade) resulta em evitar a comunicação com quem está inserido em um círculo social diferente, com sujeitos originados em outras classes sociais, com outras histórias de vida, outras crenças, experiências, problemas e, por conta disso, com outras visões de mundo. Nesse outro círculo, do "lado de fora", encontram-se os moradores e a cultura local das cidades que hospedam as repúblicas, assim como a universidade e seus campi.

² Festa anual que reúne alunos e ex-alunos de uma república, especialmente federal, e será abordada com maior foco no capítulo 3.

Essa prevenção, portanto, geraria em tal hipótese uma sociedade composta por indivíduos mais isolados e que dialogam apenas dentro de uma zona de conforto social, causando problemas de convivência, preconceitos com diferentes grupos, experiências sociais estagnadas e conhecimentos contidos. Para ser possível uma análise dessa realidade, inicialmente selecionei duas repúblicas que seriam observadas no trabalho de campo presencial, previsto para ser realizado no ano de 2020, antes da intensificação da pandemia de Sars-Cov-2, sendo uma em Ouro Preto, a república federal Arte e Manha, e uma em Mariana, a república particular Cheia de Graça. Me pareceu importante ter uma república representando cada cidade, além do diferencial de uma ser federal e outra, particular. Cerca de três meses antes de iniciar de fato o trabalho de campo em cada uma dessas repúblicas, me deparei com dificuldades que culminaram na troca dos dois objetos de investigação.

A república Arte e Manha desistiu de colaborar como objeto de pesquisa por conta de uma ação civil pública contra a Ufop, de número 1003332-06.2019.4.01.3822, movida por um ex-aluno da universidade que não concorda com a autogestão das repúblicas federais, alegando que passou por situações, fruto da tradição republicana, contra sua vontade, quando a Ufop deveria impedir essa liberdade das casas de tratar os moradores como decidirem ser melhor, como ele propõe. Através de minha conversa com os moradores da Arte e Manha, tive a impressão que a recusa em ser meu local de trabalho de campo veio do receio de que o método de observação participante que eu iria realizar poderia revelar sobre o estilo de vida daquela república, em um momento de ameaça a essa comunidade.

Com a república Cheia de Graça tive problemas para manter uma comunicação constante, ponto crucial para que meu trabalho fosse realizado dentro de um prazo coerente com o tempo necessário de observação, que escolhi para ser de cerca de um mês, espaço de tempo suficiente para observar encontros sociais entre as repúblicas e seu dia a dia. Minhas tentativas de contato com a decana³ não foram respondidas e as tentativas de mensagem para o Instagram da república (meio de comunicação principal entre as casas de Mariana) foram ignoradas durante semanas, tendo, depois de um certo tempo, a resposta de que as moradoras se esqueceram de me passar as datas especiais de socialização da casa.

Dessa forma, para evitar o comprometimento do trabalho, substituí as duas repúblicas pela república federal masculina N1, em Ouro Preto, e a república particular N2, feminina, de Mariana. Ambas tiveram seus nomes reais substituídos a pedido das repúblicas, assim como todos os nomes dos entrevistados e observados, a fim de preservar suas vidas pessoais.

³ Posição mais alta da hierarquia republicana, precede o vice-decano, morador, semi-bixo e bixo.

Me pareceu importante ter uma república representando cada cidade, uma federal e outra particular, de modo a contrastar as diferenças e encontrar as semelhanças entre uma casa localizada em uma cidade com forte tradicionalismo republicano (Ouro Preto) e uma de uma cidade onde as repúblicas são mais novas e, portanto, um pouco mais "modernas" (Mariana), embora ambas as casas sejam consideradas tradicionais para o meio onde existem. Essa dualidade entre o tradicional e o moderno pode causar rituais mais intensos na casa ouro-pretana e menos intensos na república marianense, quem sabe até inexistentes. Por exemplo, de acordo com minha vivência como republicana, tenho conhecimento de que realizar a celebração do dia 12 de outubro, em Mariana, é a exceção e não a regra. Em contrapartida, nas casas de Ouro Preto, a mesma comemoração acontece todos os anos.

O interesse nessa pesquisa surgiu justamente do meu contato e inserção no mundo republicano estudantil, que já completa 2 anos e 4 meses, e suscitou curiosidade por essa forma de comunidade, além de apreço por como a estrutura republicana se mantém através dos anos e como envolve seus membros psicológica e emocionalmente. Para tornar esse interesse em uma pesquisa possível, me pareceu essencial unir as áreas do jornalismo e da comunicação com o campo da antropologia e da sociologia, buscando autores que pudessem enriquecer os caminhos teórico-metodológicos da pesquisa.

Assim, no primeiro capítulo do presente trabalho esclareço os conceitos de tradição e modernidade, a partir das leituras de Giddens (2001), Halbwachs (1990) e Bauman (2005) e que embasam a afirmação a respeito do modo de vida em república estudantil tradicional *versus* a sociedade moderna e sua liquidez, e como o estilo de vida republicano sustenta a escolha segura em prol da liberdade no mundo (externo) incerto, sustentando a bolha social republicana ouro-pretana e marianense.

No segundo capítulo, apresento o trabalho de campo que foi realizado com observação participante e não-participante e entrevistas, por meio online, inspirando-me nos métodos da etnografia e netnografia. Enquanto a etnografia entrou em cenário com a observação participante por cerca de 4 horas em cada república, a netnografia ocorreu como observação não-participante e contribuiu com a maior parte da coleta de dados.

Tal escolha se deu perante as adversidades consequentes da pandemia de Sars-Cov-2, que resultaram, entre outros fatores, na suspensão das atividades acadêmicas presenciais na Universidade Federal de Ouro Preto em função da recomendação da OMS (Organização Mundial da Saúde) da prática do isolamento físico e distanciamento social em ordem de diminuir o volume de contagiados. Para a construção deste capítulo utilizei um diário de campo onde anotei todas as experiências observadas de forma mais distante possível, lembrando que

meu olhar é subjetivo por fazer parte dessa realidade e minha interpretação sempre carregará o filtro do meu olhar.

Por fim, os resultados são discutidos no terceiro capítulo, baseados na interpretação do material coletado e anteriormente apresentado no segundo capítulo. Nesse ponto dialogo com Thi Nguyen (2018) a respeito do conceito de bolha social, uma vez que este autor, doutor em Filosofia, busca compreender como o comportamento individual é influenciado por aspectos estruturais da sociedade, tais como o uso da tecnologia e as práticas na arte e, principalmente para esta pesquisa, Nguyen também inclui as próprias comunidades como fatores para essa influência.

As considerações da interpretação apontaram que as etapas comuns à seleção da república pelo calouro e vice-versa passam por uma série de filtros sociais que podem acontecer de forma não-intencional. Ao fim desse processo o morador escolhido para a república em questão será também um indivíduo que compartilha de semelhanças com o grupo em nível suficientemente satisfatório para ter chegado à posição de morador. A repetição desse processo se torna um ciclo que mantém a bolha social dentro da república, como unidade, e dentro do sistema de repúblicas, como comunidade. Essa bolha, no entanto, pode ser “estourada” com certa facilidade, ainda que se reconstitua repetidamente, apresentando pequenas mudanças nas características da bolha entre uma geração semestral e a próxima, por exemplo.

1.1 Escolhas metodológicas

Para iniciar o trabalho e alcançar os objetivos propostos realizei uma revisão bibliográfica sobre os conceitos pertinentes ao tema (memória coletiva, modernidade líquida, identidade, comunidade, tradição), que me levaram à leitura e aplicação essencialmente dos autores Anthony Giddens (2001), Maurice Halbwachs (1990) e Zygmunt Bauman (2005), além da escolha de aproximação da observação participante para o trabalho de campo (VALLADARES, 2007), uma ferramenta qualitativa da etnografia, o método para se coletar dados de pesquisa através do contato direto com o objeto de estudo.

A memória coletiva, conceito utilizado por Giddens (2001) e trabalhado inicialmente por Halbwachs (1990) tratará das lembranças em grupo e individuais, explicando que ambas apenas se sustentam coletivamente. Esse conceito será parte do trabalho de compreender como se firmam e desenvolvem laços emocionais, identidade e pertencimento existentes no meio estudantil republicano, que perseveram através das gerações e são elementos conectados a outro conceito: a tradição (Giddens, 2001).

O autor colabora na formação da hipótese desta pesquisa, qual seja, a de que as repúblicas estudantis de Mariana e Ouro Preto preservam um estilo de vida com diversos elementos tradicionais, sustentando uma comunidade de indivíduos que, ao optar por ingressar nessa comunidade, adere à segurança em prol da liberdade e busca, como consequência, a prevenção de contato com o mundo líquido e seus sujeitos portadores de diversas opiniões diferentes e desconhecidas, conceito esse aprofundado nas afirmações de Bauman (2005) sobre a modernidade líquida. Essa autoria e a de Giddens (2001) são essenciais para ajudar a sustentar a explicação da vida nas repúblicas em um mundo globalizado.

Além disso, fiz a leitura e aplicação de procedimentos metodológicos inspirados na etnografia e netnografia, observação participante e não-participante com registro em diário de campo e entrevistas, citados pelos autores Marialva Barbosa (2002), Isabel Travancas (2002), Gilberto Velho (1980), Lícia Valladares (2007) e Giselle Lage (2009). Essas revisões me auxiliaram em definir o método de trabalho e compreender meu lugar de pesquisadora dentro do universo republicano, posição familiar desafiadora para a observação participante, além de ajudar na compreensão do lugar do jornalismo e da antropologia (TRAVANCAS, 2002), e como as áreas podem se complementar para tornar a pesquisa possível e enriquecê-la.

Assim, após a revisão, definiu-se que o trabalho seria realizado por meio de uma pesquisa de campo constituída de entrevistas e observação participante. Além disso, foi incluída a observação não-participante em aproximação da netnografia, decisão necessária em consequência da pandemia de Sars-Cov-2 em 2020, que trouxe consigo o dever científico e moral de isolamento social. O momento reservado para a observação participante e a análise dos sujeitos na pesquisa aproxima este trabalho de estudos da antropologia, embora ele seja preparado e realizado por uma estudante de jornalismo.

Para Travancas (2002), jornalistas e antropólogos podem ser vislumbrados como parte dos profissionais mediadores em uma sociedade. Esse apontamento parte do fato de ambos os campos trabalharem com os diferentes grupos existentes no meio social. Também, de certa forma, pode-se conectar a ideia de diferença ao fator responsável pela geração de notícias no jornalismo e observações na antropologia. O antropólogo, a autora afirma, trabalha constantemente com a ideia de deslocamento, ainda que não necessariamente físico. Quando observador de sua própria sociedade, esse profissional precisa desenvolver a capacidade de sair de seu lugar para poder analisar “de fora” a situação em pauta, transformando o familiar em exótico e, quando necessário, o exótico em familiar. Esse movimento foi feito por mim constantemente, pois a minha situação de pesquisadora é exatamente a de indivíduo inserido na

realidade que pretende observar, gerando o desafio de distanciamento, conforme Gilberto Velho (1980), do que me parece familiar.

Travancas (2002) explica que, primeiro, o antropólogo vai ao encontro com a sociedade do outro, vivenciando regras e significados sociais diferentes. Em outro momento, pode precisar refazer o mesmo movimento de “analisar o outro”, ainda que estando dentro de sua própria cultura. Dessa forma, atualmente, esse pesquisador não observa somente as sociedades “primitivas” ou a sociedade do “outro”. Após feitas as observações do antropólogo, seu trabalho final não é publicado com a intenção de ser lido pelos analisados, mas sim pela sua própria sociedade.

Enquanto o trabalho do antropólogo atravessa as relações com o diferente, o jornalista capta todos os dias uma cidade borbulhante com suas diversas realidades, conseqüentemente é, então, gerado um mapa social pelo repórter que se vê na atividade de organizar esses mundos. Quando o trabalho jornalístico está finalizado, é entregue à sociedade como uma interpretação do mundo do qual se tratam as notícias, ao mesmo passo que o antropólogo entrega a sua também interpretação de mundo. Por isso, “o estudo dos textos etnológicos nos informa tanto sobre a sociedade do observador quanto sobre a do observado” (LAPLANTINE, 2000, *apud*, TRAVANCAS, 2002). Tais textos não são neutros, embora observados com cuidado. Tudo o que for compreendido pelo antropólogo é afetado, inicialmente, pela sua já existente visão de mundo.

A etnografia tem como objetivo a observação da sociedade com base em fatos sociais, de acordo com Mauss (1971) e, também para Geertz (1989), se espera do pesquisador a importância dada a atenção constante às práticas dos pesquisados, tentando entender seus termos e dialogando com os termos científicos utilizados. Na etnografia, a busca pela objetividade, como no saber científico, não se aplica da mesma forma a esse campo, que trabalha com métodos qualitativos. Ainda assim, a questão da neutralidade se faz presente no campo antropológico.

A objetividade também teve seu tempo de dura reafirmação no meio jornalístico e, embora não seja seguida tão à risca quanto antes, tem seu lugar de reflexão e ponderação no jornalismo. Enquanto a antropologia trabalha abertamente com a subjetividade, o jornalismo joga luz à objetividade, embora seja inegável a presença do subjetivo em qualquer notícia produzida tanto por esse meio quanto qualquer outro meio social (TRAVANCAS, 2002).

Existe, na presente pesquisa, a necessidade do tema proposto de entrar em contato com outros campos de estudos, com a intenção não apenas de enriquecê-la, mas também de encontrar respostas essenciais que não seriam possíveis se buscadas estritamente dentro do

campo do jornalismo. Por isso, a observação participante, ferramenta que nasce na antropologia, com Malinowski (1976), foi utilizada neste trabalho, com o objetivo de observar o modo de vida republicano e como ele influencia a bolha social que acredito existir nesse meio.

Tal método parte da escolha de um local para observação (no caso desta pesquisa, as repúblicas N1 e N2) e pode ser realizado em quatro níveis, de acordo com Bufford Junker/Gold, citados por Amaro (2004). São eles: a participação total (quando o jornalista ou observador não é reconhecido como pesquisador e recebe a colaboração de informantes internos); a participação como observador (os observados sabem de sua posição e entendem a posição do pesquisador claramente); o observador como participante (o pesquisador tendo pouco contato e de maneira superficial, prevalecendo a observação); e o observador total (sendo que os observados ignoram a presença do pesquisador).

A participação como observadora me pareceu a mais adequada para compreender e vivenciar a vida republicana, levando-se em consideração a realidade vivida na maior parte do ano de 2020 com relação a pandemia do vírus Sar-Cov-2, que me impediu de estar presencialmente nas repúblicas. O isolamento e distanciamento social eram a forma mais adequada de prevenção contra o novo vírus, que além de altamente contagiante não poderia ser evitado por vacina, que ainda estava para ser criada e testada. O vírus, infelizmente, segue em circulação em 2021, contabilizando mais de 2 milhões de mortes no mundo e mais de 300 mil mortes no Brasil.

Dessa forma, também precisei acrescentar entrevistas como forma de coleta de dados, esses dois métodos mesclados a duas observações participantes presenciais que realizei nas repúblicas-objeto, tendo sido o total de uma em cada, no mês de março de 2020, antes que as medidas de restrição quanto ao contato físico se estabelecessem. As repúblicas escolhidas para a observação foram: a federal N1, ouro-pretana, e a particular N2, marianense. A República N1 é masculina e foi fundada em 1958. A República N2, feminina, foi fundada em 1998. As duas eram compostas por 9 moradores e 8 moradoras respectivamente, à época da observação.

Essa forma de pesquisa busca respostas que apenas entrevistas, no campo do jornalismo, não seriam capazes de alcançar com satisfação. A observação participante amplia as possibilidades para a chance de enxergar além do que o próprio entrevistado está preparado para responder. Embora, no caso deste trabalho, todos os moradores de ambas as repúblicas estejam cientes de que serão objetos de pesquisa e que serão observados. É, ainda assim, a todo tempo é importante enfatizar que a observação trouxe o meu olhar como filtro o tempo inteiro. Ainda que haja um esforço para transmitir o que foi presenciado da maneira mais imparcial

possível, meu lugar na sociedade sempre trará a subjetividade de minhas anotações e maneira de ver qualquer momento do qual terei participado.

A observação participante demanda um longo período de trabalho presencial, exigindo um aprofundamento na realidade que será experienciada para uma boa compreensão. Com o tempo disponível para execução da pesquisa propus inicialmente uma observação de cerca de duas semanas para cada república, não sendo dias corridos, levando em consideração a importante escolha dos momentos que serão observados, sendo privilegiadas as situações de ritualização e compartilhamento de memória, dois fatores essenciais na criação de identidade e pertencimento que também contribuem para a sustentação da comunidade e de sua bolha social, as hipóteses sugeridas (GIDDENS, 2001; HALBWACHS, 1990).

Infelizmente, tal proposta não pôde ser seguida, pois exigia uma observação presencial dos eventos. Devido à pandemia de Sars-Cov-2, não pude seguir com o trabalho de campo presencial, precisando mudar meu método para um caráter netnográfico de observação não-participante com apoio de entrevistas realizadas por meio online, em sala de reunião por vídeo-chamada. Escolhi a plataforma do Google Meet para realizar essa conexão entre mim e as repúblicas, sendo também utilizada pela república N1 para realizar seus encontros on-line, sendo eles a Festa do 12 e o teste da plataforma online para a realização da mesma, que observei como planejado.

Kozinets (2010) descreve a netnografia como tendo sua observação feita no trabalho de campo em ambiente online e, a partir da observação mediada por computador, ocorrerá uma abrangência para uso de outros elementos que se juntarão para formar a netnografia, como entrevistas online, por exemplo, e coletas de dados de arquivos e análise semiótica. O autor ainda explica que a netnografia também utiliza os mesmos passos da etnografia que formam todo o processo da pesquisa, sendo eles, de forma sucinta: definição do que investigar, escolha da comunidade a ser observada, observação e coleta de dados, análise dos dados e interpretação dos resultados e, por fim, a apresentação da pesquisa e dos resultados.

Kozinets (2010) cita os materiais escassos como fonte de compreensão da netnografia, quando essa passou a entrar na discussão de mais uma forma de se fazer etnografia. Hine (2000) escreve sobre como a netnografia seria incompleta, muito parcial, porque perderia a essência de realizar o trabalho de campo face a face, como se espera que "deveria ser". Mas Kozinets (2010) lembra que nem mesmo a etnografia é puramente objetiva, sendo que a mesma sofreu com muitos questionamentos à época de seu surgimento, assim como a netnografia à sua vez, então, a etnografia autêntica é o que seja suficiente para uma sociedade que trabalha sob

determinados padrões em um certo momento na história e para o que o pesquisador estava procurando investigar:

Não existe etnografia realmente verdadeira, nenhuma etnografia de facto perfeita que satisfaria todo purista metodológico. Nem precisa haver. Existe, na verdade, uma variedade agradável de diferentes tipos de etnografias, desde as narrativas realistas às narrativas de aventuras de viagens, das autoetnografias reflexivas aos polílogos polivocais, de contos impressionistas a incisivos retratos estatísticos em grande escala e mesmo videografias vívidas (ver, p. ex., VAN MAANEN, 1988).

As repúblicas observadas nesta pesquisa deveriam ter sido estudadas presencialmente do início ao fim desta pesquisa, mas a etnografia foi interrompida pela pandemia do vírus Sars-Cov-2, o que causou uma observação iniciada face a face e, posteriormente, depois de apenas um contato presencial com cada objeto de estudo, teve continuidade no meio online. Isso fez com que essa pesquisa online, com respaldo de Kozinets (2010), não tenha acontecido em uma comunidade que existe além do virtual, mas que virtualmente podemos ter noção suficiente de como o grupo se comporta na vida offline:

Estudos online de comunidades tomam um determinado fenômeno social ou comunal como sua área focal de interesse e depois estendem isso, argumentando ou presumindo que, por meio do estudo da comunidade online, algo significativo pode ser aprendido sobre a comunidade ou cultura focal mais ampla, e depois generalizado para o todo. (KOZINETS, 2010)

De fato, considerando a pesquisa como um todo, ocorreu uma mescla entre etnografia e netnografia. Isso porque o projeto foi iniciado com inspiração da minha própria vivência dentro da comunidade republicana estudantil, que, obviamente, acontece de forma presencial. Além disso, o primeiro contato com ambas as repúblicas observadas foi, também, face a face. Apenas posteriormente, como forma de continuar o trabalho durante uma pandemia que impossibilitou encontros pessoais (para todos, inclusive os próprios estudantes observados), usei a complementação da netnografia, que, atualmente, nos dá noção do comportamento da comunidade offline de forma muito próxima. As entrevistas realizadas e as observações foram majoritariamente feitas através de videochamadas, sendo assim, um face a face que, embora virtual, possibilita a sensação de proximidade.

Para Kozinets (2010), a netnografia é uma observação participante mediada por computador e a tentativa de uma netnografia "passiva", apenas observacional, seria superficial. Mas, lembro que nesse caso o autor se refere a uma comunidade desconhecida, o que não é meu caso. Ao mesmo tempo que eu conheço e participo da comunidade, preciso me distanciar para olhar nossas práticas com estranhamento, então, não me encontro em uma posição convencional

da netnografia para Kozinets, especificamente, ele cita autores que inclusive criaram o termo de uma netnografia puramente observacional, como Beaven e Laws, 2007; Brown et al., 2003; Brownlie e Hewer, 2007; Füller et al., 2007; Maulana e Eckhardt, 2007, mas tais autores tampouco se encaixam completamente na forma única como precisei prosseguir com a pesquisa, já que conheço as práticas, os objetos estudados, e eles também conhecem a mim. Sei também que seria estranho tentar participar daquele meio o tempo todo, pois nem mesmo uma observação participante é interativa durante todo o tempo e com qualquer assunto. De forma geral o contexto social não me dava outra opção que não fosse abrir um caminho de observação semelhante à netnografia, mas não realmente igual. Por isso, observei a maior parte do tempo e participei quando fui chamada à conversa.

Meu método para escolha das repúblicas objeto de pesquisa foi: o contraste entre uma federal, obrigatoriamente existente apenas em Ouro Preto, e uma particular, de Mariana, de forma que eu poderia ver as diferentes interações entre uma república jovem (Mariana) e uma antiga e suas diferentes formas de lidar com rituais e suas comunidades. Lembrando que esses critérios foram escolhidos antes da pandemia de Sars-Cov-2, quando eu realizaria o método baseado na etnografia. Quando precisei seguir com a pesquisa à distância, pensei em quais critérios seriam importantes e o que eu já tinha com meus objetos.

Para Kozinets (2010) a escolha de objetos para a netnografia deve levar em consideração: a relevância com a questão da pesquisa, certa frequência de atividade e regularidade que o pesquisador considere satisfatórias e a interação entre os participantes de forma substancial, heterogênea e rica em dados que ajudem a pesquisa a se desenvolver. Felizmente, meus objetos no meio online ainda tinham relevância, atividade, interação e substância.

Heterogeneidade é um termo complicado em uma república estudantil, já que geralmente os moradores são parecidos entre si: normalmente escolhem a república por afinidade, são da mesma classe social ou de classes próximas, tendem a ter pontos de vista políticos próximos e tudo mais que o calouro, antes de escolher viver em dada república, analisa para decidir com qual mais se identifica melhor. A riqueza de dados ocorreu mais em uma república, justamente a federal e mais antiga, do que na marianense.

Com relação a regularidade, ambas deixaram a desejar. Mas preciso lembrar novamente que estamos em um período de isolamento social e pandemia, o que afeta o comportamento social mesmo no meio online, quando as vidas *offline* dos participantes estão passando por grandes mudanças ou outros problemas advindos do distanciamento e isolamento social e dos riscos à saúde mental e física trazidos pela pandemia.

A república federal N1, durante o período de distanciamento social, concentrou suas forças na melhor forma de reproduzir online um evento tradicionalmente presencial, para que todos os moradores e ex-moradores convidados pudessem se reunir à distância. Enquanto isso, a república particular N2 focou em conversas por chat, sem muita regularidade. De qualquer forma, além das observações, pude realizar entrevistas por videochamada, como explico adiante, que ajudaram a responder questões importantes para a pesquisa, não me deixando totalmente dependente das interações entre os observados. Ainda assim, Kozinets (2010) afirma que é possível abrir mão de um ou mais desses critérios quando o contexto permite. Por exemplo, me é mais válida a observação densa e a entrevista do que um grupo ativo, porém de pouca densidade em dados, superficial.

Mesmo antes da interferência da pandemia fez-se necessária a criação de um diário de campo contendo o máximo de anotações possível sobre as práticas, rituais, hábitos, hierarquia social, regras de convívio e absolutamente tudo o que pude notar durante a experiência da observação participante (nos dias 8 de março, das 12h09 às 19h39, que tomou lugar na república N1, e no dia 15 de março, das 12h10 às 17h40, que ocorreu na república N2, nos dois casos fui convidada para observar e participar de “sociais” com outras repúblicas). Da mesma forma segui com o diário durante o período de observação não-participante, que aconteceu pela república N1, nos dias 21 de agosto e 10 de outubro, ambos os eventos ocorreram pela plataforma do Google Meet durante a noite e permaneci cerca de 4 horas na sala online, em ambos os dias, sendo que o primeiro foi dedicado a um teste da Festa do 12 online e o segundo foi o evento propriamente dito.

Durante as observações, fez-se presente o obstáculo de lidar com um objeto familiar e conhecido em diversos aspectos através da já existente experiência da pesquisadora, mas não caracteriza conhecimento total, levando em consideração que as repúblicas observadas não são de convívio próximo, não existe noção pessoal de como ocorrem as relações diárias em cada uma delas e não se sabe quais práticas serão adotadas e porquê (principalmente na república ouro-pretana, desde que a minha convivência ocorreu com maior frequência em Mariana).

Além da realidade me parecer familiar, há de ser considerado que ambas as casas tinham total conhecimento de minha posição como pesquisadora, portanto ao mesmo tempo que fui acolhida também lidei com a desconfiança e o cuidado do que as casas julgaram que deveria permanecer confidencial, tanto do que presenciei quanto do que abertamente decidiram que eu não deveria presenciar. Embora isso tenha acontecido também na republicana marianense, da qual eu já era próxima desde o início do meu período de graduação (não era íntima e tampouco desconhecida), entendo a reação de optar pelo distanciamento entre mim, como uma amiga, e

minha pesquisa, como observadora. Em seu lugar, eu também teria optado por essa distinção com o instinto de proteção de minha própria república.

Foi de grande importância o máximo afastamento social possível para que as práticas realizadas, ainda que pareçam comuns, não escapassem às anotações para análise posterior. Ao mesmo tempo, a consciência como observadora que também é observada pelos pesquisados foi sempre levada em consideração durante a tentativa de interação social leve e que não denunciava a pesquisa o tempo todo (no caso de eventos nos quais a república recebe mais convidados, que não sabem de minha posição como pesquisadora), inclusive no momento de sanar dúvidas (como questionar os pesquisados e quando questioná-los), não esquecendo que o acesso às experiências sempre é controlado por eles e a imersão social nunca é total levando em condição a (por todos sabida e considerada) posição de pesquisadora.

Há de ser levado em consideração, também, que embora o trabalho aspire a etnologia, foi realizado por uma graduanda em jornalismo e o contato com as repúblicas estudadas não foi de tão longa duração quanto seria desejado. Embora o pesquisador que se utiliza da etnografia geralmente entre no grupo a ser observado e passe dias suficientes para vivenciá-lo com intensidade, precisei me limitar à observação de dois eventos online realizados pela república N1 (já citados previamente) e a uma entrevista com o seu decano, realizada no dia 17 de agosto por cerca de 1h30. Da república N2, entrevistei ambas as decana e ex-decana no dia 16 de setembro e as duas conversas duraram em média 1 hora cada. Todas as entrevistas foram realizadas pelo Google Meet, assim como as observações, como dito anteriormente.

Durante as observações, os fatos anotados foram utilizados para entender o objeto a partir de seu próprio ponto de vista, na medida em que se fez possível enxergar o mundo a partir de seu lugar. Para tanto, os termos utilizados pelos republicanos⁴ foram anotados e absorvidos na intenção de entender, a partir deles, os seus significados e dialogam diretamente com os termos científicos utilizados na pesquisa. Ao longo do estudo percebi que muitas das práticas republicanas, apesar de familiares, não eram totalmente conhecidas, dado que o universo em discussão é demasiado amplo e embora exista um comportamento padrão, com práticas padrão, cada casa tem suas peculiaridades, detalhes que as diferenciam entre si e posicionamentos que até mesmo me surpreenderam. Por exemplo, o comportamento social conservador que esperava encontrar na república N1, na verdade não existia em tom negativo, sendo apenas mais apegado ao tradicional que a república N2.

⁴ Termo que nesta pesquisa uso para me referir aos moradores de repúblicas.

Seguindo a linha de pensamento de Geertz (1989), depois da observação participante as informações coletadas foram sistematizadas e explicadas através de minha própria percepção, sendo de grande importância que o leitor entenda o texto finalizado como uma interpretação de segunda mão, levando em consideração o meu lugar na sociedade e minhas experiências de vida, que me ajuda a construir minha própria visão de mundo.

A pesquisa, que pende para o uso da etnografia, é de natureza qualitativa e, portanto, não tem caráter tão neutro quanto uma metodologia quantitativa. As observações e a análise que daí procederão serão claramente subjetivas em peso, podendo inclusive serem questionadas pelos leitores.

2. Tradição e modernidade

Independente de seu tempo de existência, a tradição é constituída por pontos como: a memória coletiva de um povo, os rituais praticados (que requerem repetição e ajudam a guardar a memória da tradição), os guardiães, e a noção formular de verdade (que apenas os guardiães conhecem por completo e que se mostra misteriosamente em meio aos rituais), pontos esses que, juntos, formam a segurança ontológica (GIDDENS, 2001), e que serão desenvolvidos ao longo deste capítulo. A tradição necessita do ritual e da verdade formular, inclusive, para não se tornar apenas um costume sem significado. A memória coletiva (HALBWACHS, 1990, apud GIDDENS, 2001) refere-se às lembranças cultivadas dentro de um grupo, a partir de experiências por ele vividas. Essas memórias se mantêm vivas apenas quando o indivíduo continua dentro de seu grupo, pois ele, a partir de memórias de outros integrantes, recorda dos momentos vividos e gera mais momentos para serem lembrados, sempre que os indivíduos estiverem juntos.

As tradições possuem rituais que podem ser entendidos como práticas que não possuem função específica nos atos realizados, mas como algo construído emocionalmente e que não necessariamente indicam uma sociedade homogênea. Porém, persistem através dos anos. A repetição dessas atividades conecta passado e futuro através do presente, sendo responsável por uma manutenção do que já ocorreu e uma preparação para o que ainda irá acontecer. Os rituais são um elo essencial entre os anos, são o sustento da tradição. Ainda que ocorram mudanças nas práticas, como acréscimos e descartes, o que apoia a essência básica do ritual (o sentido de preservar a memória) permanece com o mesmo objetivo. Enquanto uma tradição existir, os rituais a sustentarão. É o que afirma Giddens (2001, p.32): “Seria possível propor que o ritual é parte das estruturas sociais que conferem integridade às tradições; o ritual é um meio prático de se garantir a preservação. A memória coletiva, como Halbwachs afirma, é baseada nas práticas sociais”.

Outro ponto que se relaciona à tradição é a figura do guardião, identificado por Giddens (2001) como uma das pessoas mais velhas do grupo tradicional, escolha essa baseada no tempo livre que pessoas mais velhas possuem, dado que seu trabalho físico para a sociedade diminui com o tempo. Utilizando-se de seus anos de experiência e tempo disponível para análise dos detalhes de sua sociedade tradicional, ele instrui os mais jovens, compartilha as memórias guardadas da tradição e também resguarda as próprias memórias obtidas durante seu período como guardião para serem compartilhadas posteriormente com o próximo indivíduo a ocupar esse lugar.

Já a noção formular de verdade diz respeito à impressão de misticidade envolvida no trabalho do guardião e de sua posição. É a sensação de que apenas o guardião possui um conhecimento único sobre sua tradição, como se guardasse um segredo a ser compartilhado apenas com o próximo a sucedê-lo em seu trabalho. Na verdade, como já dito, sua ocupação nada mais é do que guardar e compartilhar memórias, é uma manutenção da tradição. Ser guardião é, por vezes, uma questão de *status* mais do que de extraordinariedade.

Os guardiães, sejam eles idosos, curandeiros, mágicos ou funcionários religiosos têm muita importância dentro da tradição porque se acredita que eles são os agentes, ou os mediadores essenciais, de seus poderes causais. Lidam com os mistérios, mas suas habilidades de arcanos provêm mais do seu envolvimento com o poder causal da tradição que do seu domínio de qualquer segredo ou conhecimento esotérico. (GIDDENS, 2001, p.34)

A ligação dos indivíduos com suas tradições e suas identidades tem forte poder emocional: os anos de vida do membro do grupo tradicional estão atrelados àquela tradição. Em sua memória estão seus hábitos, suas experiências e, portanto, suas emoções. Quando uma tradição é ameaçada por fatores sejam externos ou internos, o sujeito sente que sua própria integridade está sob ameaça, afinal, sua identidade também estaria sob risco.

Ainda que os membros se liguem emocionalmente às suas tradições, todas elas têm um período finito de vida. Elas morrem pela falta de renovação, seja por qual for o motivo, por exemplo: problemas de adaptação. Os problemas podem acontecer em decorrência de mudanças na sociedade na qual a tradição é praticada. Essas mudanças podem ter alguma conexão com as práticas da tradição, influenciando-as negativamente, enfraquecendo-as ou removendo seu sentido. Por exemplo: uma tradição sustentada por crenças ancestrais e cientificamente duvidosas tem mais dificuldade para ser renovada e para se adaptar às mudanças sociais trazidas pela modernidade, como, por exemplo, os especialistas e sua segurança científica, que passam a ter maior peso e credibilidade.

Para checar a autenticidade de *status* tradicional, o mais importante a se notar não é há quanto tempo suas práticas prevalecem, mas quão autênticas elas são. O tempo pode aumentar a sensação de peso de uma tradição, o que não necessariamente condiz com a realidade. Pode-se encontrar vestígios de uma tradição e supor-se que a mesma durou anos, e então descobrir que o tempo não passa de uma ilusão: essas tradições são geralmente originadas em sociedades orais, não havendo então, certeza de sua duração. Sabe-se, porém, que as tradições se mantêm mais firmes nessas sociedades (GIDDENS, 2001) nas quais a verdade formular carregada pelo guardião é quase que um segredo, não conhecido pelas pessoas comuns, já que não está escrita. Nas sociedades que utilizam a escrita, por outro lado, uma tradição passa por dificuldades para

durar um longo período de tempo, afinal, a noção formular da verdade não funciona bem quando outras pessoas “comuns” têm acesso à sua escrita. Quando cada indivíduo pode interpretar a tradição a seu gosto, ela não se faz tão forte. Uma tradição diz mais sobre sua autenticidade quando os significados de suas práticas são postos a prova: quão significativa ela é? Quais são os seus objetivos? Quão coercitivas são suas práticas? Respostas que não estão necessariamente conectadas à temporalidade.

Se antes da globalização cada sociedade vivia quase que individualmente com suas crenças e informações estáveis e firmes, bases para respostas únicas para quase todas as perguntas, com a modernidade esse sistema é destruído. Próximo ao novo milênio, inicia-se o processo de globalização, proveniente da rápida conexão entre localidades geograficamente distantes e que passam a se comunicar quase que instantaneamente graças ao avanço tecnológico. Durante o período tradicional, Giddens (2001) afirma que cada localidade é preservada de acordo com seus costumes e localização geográfica. A globalização conecta quase todos os cantos do mundo, tornando essas localidades muito mais acessíveis e já não tão isoladas. É fácil conhecer o diferente. E as próprias sociedades, durante esse processo, são surpreendidas pela globalização sendo responsável por mais descobertas e mais dúvidas no campo científico, trazendo mais perguntas do que respostas disponíveis, além de abastecer as perguntas que já existiam anteriormente, com um grande espectro de possíveis respostas.

Se nas sociedades tradicionais, os guardiães respondiam muitas das dúvidas e geralmente as perguntas tinham respostas bem demarcadas, a pós-tradicionalidade traz o “rival” do guardião: os especialistas. Responsáveis cada um por sua área científica, eles concedem à sociedade diversas possibilidades de respostas para as suas dúvidas, além de trazerem descobertas sobre o funcionamento do mundo com frequência, nunca dando um respiro e um tempo de acomodação às informações recebidas. Com o processo de globalização, todas as informações recebidas pelos indivíduos ao redor do planeta são novas, é um momento de novas experiências no qual não há respostas prontas para todas as dúvidas (GIDDENS, 2001). É uma fase de testes para a humanidade.

Com as novas informações, vêm os novos detentores de conhecimento: para as sociedades tradicionais havia os guardiães, mas para a modernidade há os especialistas. Com a ascensão da tecnologia, todos podem deter informações tidas como privilegiadas sobre o funcionamento do mundo. Giddens (2001) explica que quando a modernidade tem início, muitas tradições começam a encarar seus fins. Durante o processo de globalização, o capitalismo força caminhos e se infiltra em lugares antes não alcançados por outros sistemas, e

se mostra um fator de mutação inevitável para as tradições, que não têm seu lugar garantido nessa realidade.

Porém, quando nada parece certo e tudo está em constante movimento, algumas tradições surgem com nova força. Em meio a um momento em que o lugar de cada pessoa no mundo não parece certo, os planos são instáveis, classes sociais trazem a insegurança financeira e a sensação de instabilidade social, as tradições parecem o porto seguro perfeito para indivíduos na modernidade não se soltarem e serem levados pela corrente da perda do que antes era estável.

Esse é o cenário das repúblicas estudantis dos alunos de Ouro Preto e Mariana: um porto seguro em meio às incertezas do mundo moderno, que deve ser encarado pós-universidade (ou mesmo durante viagens e férias). Nesses casos, elas, as tradições, existem em oposição a algo grande e vago, fruto da modernidade, e seu propósito é se oporem ao que as pessoas que sentem falta do tradicional temem. Esses indivíduos são fundamentalistas, na concepção de Giddens (2001), por se atermem às suas crenças independente das consequências, simplesmente para não se deixarem levar pelo modernismo, lutando contra os sinais modernos percebidos nos mecanismos sociais cotidianamente. Isso pode ser comparado aos "fundamentalistas" das repúblicas tradicionais ouro-pretanas (principalmente, por sua antiguidade e tradicionalismo em comparação a Mariana) que cegamente protegem práticas tradicionais republicanas já não preservadas em muitas casas por alegarem que contribuem na construção de caráter do morador, enquanto que as repúblicas que não propagam tais práticas vêm em tais práticas o lado republicano negativo. Exemplos desses atos serão citados mais à frente.

Na modernidade o comum é que as sociedades que antes resistiam ao contato com um mundo exterior já não o evitem porque não conseguem. Ninguém é tão estrangeiro e estranho. As tradições, que antes prevaleciam, se dissolvem e se adaptam ao que vem de fora e, com o passar do tempo, perdem o significado original, se tornando meras rotinas que unem um grupo de pessoas com identidades em comum.

Entretanto, as repúblicas estudantis não parecem correr o risco de se desvanecerem, pois sua existência é justamente fortificada com a modernidade, que coexiste com a realidade republicana comunitária de Mariana e Ouro Preto, em forma de acesso a informações do "mundo exterior" a um alcance fácil e prático, seja por meio do uso da internet que ocorre normalmente no cotidiano, seja com as transições entre a cidade natal e a cidade universitária correspondente ao morador. Os republicanos escolhem ativamente esse estilo de vida, ao contrário de tradições pré-modernidade que envolviam seus membros em uma realidade que parecia a única possível pela falta de contato com as diferenças do exterior.

2.1 O sistema tradicional das repúblicas estudantis

Esse seria o quadro no qual vivemos atualmente, o que Giddens (2001) entende como a sociedade pós-tradicional, porém, o sistema de repúblicas estudantis existente em Ouro Preto, desde 1919 e, em Mariana, desde 1996, se mantém com características tradicionais. Quando o autor diz que viver em um mundo moderno quer dizer viver em meio às dúvidas constantes, a criação de um estilo de vida comunitário diz muito sobre a necessidade de segurança, principalmente quando essa comunidade segue linhas tradicionais que sustentam sua existência através dos tempos.

Nesse sentido, as tradições são seguras, o mundo moderno, não (BAUMAN, 2000; GIDDENS, 2001). Giddens (2001, p.86) também diz do fundamentalismo existente nos meios tradicionais, que esperam levar suas crenças a cabo, independente das consequências. Sendo o sistema de repúblicas estudantis observado em Mariana e Ouro Preto composto por práticas com objetivos específicos e baseados em tradição, alguns de seus perpetuadores desejam defender a república que realiza rituais eticamente criticados e reprováveis na modernidade.

Uma dessas práticas, que parou de existir de maneira formal recentemente, é o uso de plaquinhas de madeira pelos calouros residentes nas repúblicas de Ouro Preto: esperava-se do estudante o uso constante de uma placa que o identificava à sua república, onde também constava seu apelido naquela casa, ou seja, o novo nome pelo qual será reconhecido. O uso da placa foi abandonado após posicionamento contrário da Universidade Federal de Ouro Preto, embora ainda sejam avistadas plaquinhas de papelão usadas pelos calouros no campus do Morro do Cruzeiro, em Ouro Preto. O material outrora usado não tinha outro objetivo além de fazer o calouro passar por momentos de esforço físico penoso e, ainda assim, foi um ritual defendido e praticado por muito tempo.

De acordo com Giddens (2001), para uma tradição ser considerada como tal, é necessário um guardião, uma verdade formular, rituais e o que Halbwachs (1990) chama de memória coletiva. Conforme discutido anteriormente, os rituais são práticas especiais que não são ordinárias no cotidiano, cuja verdade é compreendida pelos guardiães e não pelas pessoas comuns, que apenas os reproduzem. Essas formas são encontradas nas repúblicas de Ouro Preto e Mariana, sendo que os guardiães podem ser compreendidos como decanos (estudante que mora há mais tempo na casa, encarregados de cuidá-la e de compartilhar memórias, rituais, práticas e costumes).

Também, a verdade formular faria parte de estar no decanato. Isso advém dos conhecimentos e memórias sobre a república que o decano guarda e usa quando necessário,

além de saber sobre como funciona o sistema republicano, como as casas se relacionam, com quais delas deve-se desenvolver amizade e quais devem ser mantidas afastadas, pois o decano conhece suas histórias. Também é ele quem rege a casa e escolhe suas regras, às quais os calouros e moradores estão submetidos, além de compartilhar o conhecimento sobre como um republicano deve se comportar socialmente.

Já os rituais, podem ser melhor percebidos na vida social da república. Se muitas casas se unem para realizar um “rock”⁵, se uma república o prepara e convida outras casa ou até mesmo quando o rock é um evento frequentado a partir da compra prévia de ingresso, geralmente, durante o evento, haverá o canto dos hinos⁶ de cada república que lá está presente. Os cantos começam quando uma república toma a iniciativa e “puxa o hino” de sua casa. Neste momento, todos os presentes que percebem o canto levantam seus copos de bebida e esperam o hino terminar (sendo que, se conhecem a letra, podem acompanhá-lo). Ao final do canto, todos bebem um gole da bebida de seu copo e esperam a próxima casa cantar seu hino. Em Mariana, não existe uma hierarquia de qual república canta primeiro, mas em Ouro Preto é visto com arrogância quando a república anfitriã canta antes das convidadas terem, cada uma, passado pelo ritual.

O canto do hino marca uma tradição específica das casas: é uma forma de apresentar-se à sociedade republicana, reafirmar sua presença no rock “estou aqui, sigo fazendo parte deste meio”, de fazer-se conhecer pelos seus gostos e personalidade (a letra do hino corresponde à forma de vida cultivada na casa), além de ser um momento de união e orgulho para os moradores que o cantam (quase como um patriotismo quando comparamos a república à noção de nação).

Outro ritual praticado pelas repúblicas, por exemplo, é a “escolha”, um rock realizado para repúblicas convidadas (sem venda de ingresso, apenas para os indivíduos mais próximos), para celebrar a escolha de um calouro como morador. Durante esse evento, o calouro receberá uma plaquinha avisando de sua escolha, que deverá ser carregada durante o rock para que outras repúblicas a assinem, como forma de reconhecer que presenciaram esse momento.

Além desses exemplos de rituais, outra prática republicana é o compartilhamento de memórias, o que se relaciona com a memória coletiva citada por Giddens (2001), presente nas tradições. É função do decano e dos moradores mais antigos compartilharem memórias da casa

⁵ Evento realizado entre as repúblicas com o fim de gerar socialização entre os membros da comunidade e, consequentemente, sua manutenção.

⁶ Cântico em exaltação da república, sua história, o caráter de seus moradores e quaisquer representações da casa que pareçam satisfatórias aos responsáveis por sua composição e reprodução.

para os mais novos, sempre mantendo as lembranças vivas. Quando um morador não conhece um ex-aluno, esse compartilhamento é, geralmente, entendido como tendo falhado em sua função. Esse compartilhamento abrange: com quem a república tem amizade, com quem não tem (e porque), quem são os ex-alunos e como se comportar socialmente, além de o que é esperado de quem mora na casa (deve ser uma postura que faça sentido com a personalidade da república). Se essas memórias não se mantêm vivas e renovadas, a casa se torna líquida⁷, com amizades superficiais e história confusa. Deixa de ser uma república.

Com o guardião, a verdade formular que dele provém, os rituais e a memória preservada unidos, forma-se a segurança ontológica que, segundo Giddens:

São rotinas individuais, de um tipo ou de outro, que têm um certo grau de força unificadora, simplesmente em virtude da repetição regular. O significado psicológico dessas rotinas não deve ser subestimado. São de importância básica para a segurança ontológica, porque proporcionam um meio estruturador para a continuidade da vida por meio de contextos diferentes de ação. (GIDDENS, 2001, p.87).

A segurança ontológica é o sentimento de ordem, rotina, de continuidade de acontecimentos na vida. É uma sensação contrária à existente na modernidade, que evidencia as incertezas, a liquidez, a imprevisão do cotidiano. Entretanto, a sociedade pós-tradicional impõe alguns desafios para se pensar o sistema “tradicional” das repúblicas. Quando a modernidade tem seu início, muitas tradições chegam ao final. Se trata de uma nova era cheia de dúvidas, na qual as questões já não têm apenas uma e certa resposta, mas inúmeras possibilidades de explicação. É o momento que a ciência ganha lugar e evidência, levantando perguntas e trazendo progresso nas mais diversas áreas. Em um mundo assim, já não faz tanto sentido seguir uma tradição sempre previsível, que não parece ser capaz de responder a tudo.

Ao mesmo tempo, é justamente pelos mesmos motivos que algumas tradições florescem nesse momento, nascidas de contextos específicos. Elas concedem um lugar seguro em meio às incertezas e dúvidas da pós-tradicionalidade. É durante a modernidade que nascem as repúblicas de Ouro Preto, em 1919. Posteriormente a tradição também plantou raízes em Mariana, possivelmente por volta de 1979, período em que surgiu o Instituto de Ciências Humanas e Sociais, o primeiro campus da Ufop em Mariana, que só então passou incorporar cursos como parte da universidade, anteriormente o espaço pertencia apenas à Arquidiocese de Mariana.

⁷ O termo é utilizado com frequência por Bauman (2000) para dizer da sociedade moderna cercada de incertezas e dúvidas, na qual os laços humanos se formam e se desfazem com rapidez e superficialidade.

Uma casa de nome "Intocáveis", entretanto, se dá o título de república particular mais antiga da cidade, com fundação apenas em 1996. Ambas cidades universitárias com cerca de 70 mil e 60 mil habitantes respectivamente, tornam-se o ambiente ideal, pelo baixo número de moradores, para a criação de uma imensa bolha social estudantil: enquanto em que Ouro Preto há mais de 400 repúblicas entre particulares e federais, em Mariana o número ultrapassa o de 100 casas. Se cada república tem cerca de 6 moradores, são aproximadamente 3 mil pessoas vivendo na bolha universitária republicana.

É como um pequeno mundo de segurança e tradições dentro da modernidade líquida e que traz mais conforto aos republicanos do que estar "lá fora", conforme será discutido no item seguinte desta monografia. Nesse mundo, que tem duração média de 4 anos (pensando no tempo mínimo de muitas graduações), o indivíduo sabe a qual grupo pertence, onde está e para onde vai. As maiores dúvidas consistem de pensamentos relativos à continuidade dos estudos em uma pós-graduação (para onde vou? Como chegarei lá? Estarei seguro durante quanto tempo? E depois?). As tradições republicanas criam um laço e uma segurança que parecem estáveis e firmes há muito tempo. Ainda assim, esse sistema existe há 100 anos na vida ouro-pretana e, 23 anos na marianense.

2.2 Comunidade e Identidade

Para melhor entender a vida em república, cito Bauman (2005) que alega o paradoxo de se fazer parte de uma comunidade: deve haver a escolha do indivíduo para que o grupo possa existir e, ao mesmo tempo, o sujeito não pode fazer escolhas individuais ignorando a comunidade. Este é um bom começo para se compreender como funciona o sistema de repúblicas estudantis ouro-pretanas e marianenses. Elas só continuam a existir através das gerações por escolha dos indivíduos de mantê-las vivas e, da mesma forma, a existência do sistema tradicional impede os moradores de tomarem decisões sozinhos (às vezes, mesmo quando são decisões puramente pessoais). É a troca da liberdade pela segurança ontológica, conceito esse advindo novamente de Giddens (2001), que afirma que a continuidade de fazeres no cotidiano gera uma noção de lugar no mundo e, portanto, conforto, e não se sentir deslocado.

Bauman (2000) afirma que o estilo de vida comunitário é esperado na modernidade líquida. Quando a vida ao redor parece se desmanchar com facilidade e tudo é incerto e rapidamente passageiro, a ideia de viver em um ambiente onde os momentos e expectativas são mais estáveis e previsíveis é atraente. Em sua obra, "Modernidade Líquida" (2000), Bauman

sugere que na sociedade pós-guerra, as responsabilidades individuais não param de crescer, enquanto que as estabilidades diminuem.

Juntamente à espera das responsabilidades, há o conhecimento da fragilidade dos laços humanos, que conforme este autor, estão sempre indo e vindo, causados pela busca individual de metas, gerando encontros e desencontros constantes na vida social. Sobre esse tema (COHEN, 1999, apud, BAUMAN, 2000, p.196), fala sobre o desemprego, dúvidas sobre a idade avançada e problemas da vida urbana como as causas protagonistas da ansiedade no presente, fazendo novamente com que a vida em comunidade pareça um ótimo porto seguro, um conforto psicológico e social.

O “mundo lá fora” não parece, de fato, amigável e algo pelo qual esperar com empolgação. Bauman (2000) relata uma passagem do texto “Odysseus und die Schweine: das Unbehagen an der Kultur”, de autoria de Feuchtwanger (1958) na qual Ulisses intenta salvar marinheiros enfeitados por Circe, que os transformara em porcos, conseguindo capturar um deles e dá-lo o antídoto:

Então voltaste, ó tratante, ó intrometido? Queres novamente nos aborrecer e importunar, queres novamente expor nossos corpos aos perigos e forçar nossos corações a novas decisões? Eu estava tão feliz, eu podia chafurdar na lama e aquecer-me no sol, eu podia comer e beber, grunhir e guinchar, e estava livre de meditações e dúvidas: ‘O que devo fazer, isso ou aquilo?’ Por que vieste? Para jogar-me outra vez na vida odiosa que eu levava antes? (FEUCHTWANGER, 1958, apud BAUMAN, 2000, p. 25).

Esse momento é uma representação da preferência pela segurança em vista da liberdade. Embora a felicidade seja posta em cheque (pode um homem ser feliz quando tiram suas capacidades intelectuais e o transformam em um animal?), a segurança vence o cabo de guerra no qual, do outro lado, a liberdade estaria atrelada às dúvidas e responsabilidades sociais. Bauman (2000) sugere que, se na liberdade a felicidade depende apenas do indivíduo, não há motivos para querê-la. É como desejar que o sujeito seja inteiramente culpado caso sua perseguição pela alegria duradoura não dê certo, e ninguém gostaria de carregar tal culpa.

Além dessa linha de pensamento, para Bauman (2000, p.27) existe a ideia de que o homem livre está mais para um animal e que, sem limites, não há conquistas, logo, viveria uma vida sem sentido e bruta. O homem sem a segurança de viver sob um Estado paga pela liberdade com incessantes lutas entre indivíduos, que nunca estão satisfeitos com suas posições e, para se verem melhores, apostam na miséria alheia. Já para Durkheim, citado por Bauman (2001, p. 27), o homem vive um paradoxo, pois sua submissão à ordem social o faz livre de sua forma

associal. Ou seja, enquanto social, o homem age sob regras e sob uma moral, sem a confusão e a realidade “sem lei” de um homem fora da sociedade.

Atrelada diretamente à ideia de comunidade, está a identidade. A comunidade parece uma ideia brilhante quando encontrada em meio ao caos da vida moderna. Também, ela não pode ser includente, pois a inclusão anularia a ideia comunitária, segundo Bauman (2000). Se uma comunidade é includente, a ideia de pertencimento não faz sentido, porque logo a comunidade não existiria. A definição básica para uma comunidade é de um grupo de pessoas que se junta com uma ou mais razões em comum e quem não compartilha desses motivos não faz parte da comunidade. Ela une pessoas com uma raiz em comum (seja por ligações naturais, como a família, ou ligações por ideais) fazendo, assim, parte essencial da identidade.

Ainda sobre identidade, Stuart Hall (2006, p. 13) diz não existir uma que seja completa e unificada para o indivíduo da pós-modernidade, já que o mesmo pode se identificar com diversos meios a depender do momento e por tempo limitado. Isso ocorre porque a sociedade moderna é inconstante, existindo pelas mudanças a todo o momento, nunca se estabilizando. Logo, assim também são as identidades que surgem nesse momento histórico. A modernidade e sua inconstância têm enfraquecido as tradições do globo, segundo Hall:

Nos dias de hoje, nos países desenvolvidos, a destruição da comunidade local atingiu seu apogeu. Pequenas tradições que sobreviveram ou foram ativamente criadas durante as fases anteriores do desenvolvimento social moderno têm sucumbido cada vez mais às forças do esvaziamento cultural. (HALL, 2006, p.86)

Não existe apenas uma possibilidade identitária: com a modernidade (e mesmo em sociedades mais tradicionais) e em meio a inconstâncias, cada área da vida do indivíduo faz surgir uma identidade, um pertencimento para cada grupo do qual ele faz parte. Ou seja, enquanto os republicanos de Mariana e Ouro Preto se identificam dentro desse sistema, eles não se resumem a esse modo de vida e somente a esse contexto: há outras áreas e círculos sociais frequentados por esses sujeitos, ao mesmo tempo que vivem em repúblicas estudantis. A “identidade republicana” existe, mas áreas da vida que divergem dessa realidade também (como família, carreira, desejos íntimos não-realizáveis enquanto na vida universitária, porém, existentes), o que traz à discussão a sobrevivência de múltiplas identidades no mesmo indivíduo, uma para cada momento da vida/histórico, experiências vividas, sendo necessário um olhar também para elas.

Segundo Bauman (2000), há dois tipos de comunidades: as de vida e as de destino. As duas envolvem grande conexão emocional, mas a segunda existe quando há união por meio de

ideias ou princípios. Dessa forma, podemos classificar a família como uma comunidade de vida e a república como uma comunidade de ideias ou princípios. O calouro escolhe sua república de acordo com sua identificação baseada em seus ideais e a república faz o mesmo movimento em direção ao calouro. Desde que é uma escolha, é natural que o indivíduo sinta mais liberdade ao transitar da comunidade de vida para esta. A comunidade de destino é um lugar de conforto social, onde pode-se compartilhar mais pensamentos e desenvolver mais conversas e pontos de vista parecidos, que não necessariamente existem na comunidade de vida. Para essa, deixamos a segurança, o lugar para onde podemos voltar e que nos nutriu e protegeu da infância aos primeiros passos em falso rumo à autossuficiência:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro!”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade (BAUMAN, 2000, p.35).

Nessa compreensão, torna-se possível traçar um paralelo entre o pensamento de Bauman e as vivências republicanas marianense e ouro-pretana. Fazer parte de uma república tradicional seria como encontrar uma identidade. Na premonição de ter de deixar esse lugar eventualmente, surgiria a preocupação com a iminente perda da segurança provida temporariamente pelo conforto de permanecer a uma família que o indivíduo escolheu como sua. Uma família cujas características e comportamentos gerais ele ativamente aceita todos os dias, ainda que existam regras e deveres. Um lugar que pode ser uma representação do eu, uma identificação pública de quem somos, como agimos, quais são nossos amigos e interesses.

Dentro de uma república sabe-se qual lugar cada morador ocupa: o bixo (calouro, ainda não escolhido morador) é responsável pelas tarefas ordinárias que serão delegadas pelo semi-bixo (ainda não escolhido como morador, porém, sobreviveu à entrada de mais uma leva de calouros), cuja tarefa é essa. O morador, que conquistou seu lugar após ter passado pela batalha de vaga⁸ e ser escolhido, tem posição privilegiada e dita as tarefas dos calouros, enquanto o vice-decano supervisiona a casa e cuida das tarefas burocráticas, delegadas pelo decano.

Todos têm ideia de quais são suas tarefas e durante quanto tempo assim será. Se o morador realmente se identifica com a casa onde vive, é o fator emocional que falta para que o apego ocorra, fazendo parecer irresistível viver nessa realidade. Não há dúvidas intensas no cotidiano. As amizades são mais estáveis do que no “mundo lá fora”. Enquanto um republicano

⁸ Período variável de adaptação no qual o calouro tem suas atitudes observadas com base em expectativas postas pela república para analisar se o indivíduo será oficializado como morador da casa.

não conclui seu curso de graduação, seu lugar na república está temporariamente mais seguro do que se estivesse em outro local.

Ao mesmo tempo, a segurança de viver em comunidade cobra mais um preço além da liberdade: a ansiedade. O sintoma nasce do conhecimento prévio de que não se pode viver em república estudantil para sempre, pois é apenas um lugar de passagem e, enquanto isso, uma graduação inteira vivendo nessa comunidade parece uma eternidade. É, ao mesmo tempo, o desejo de ficar, a ansiedade de ter de ir e o anseio por liberdade (novamente paradoxal, pois diz de um estado que só pode existir em meio à incertezas). Esse aspecto, particularmente, me interessa no trabalho de campo, onde observei como a vida em república produz os laços emocionais entre os membros que sustentam essa comunidade influenciadora da bolha social republicana, gerando a falta de vontade do contato com o “mundo lá fora”.

Quando se vive em república, muitas decisões pessoais se tornam públicas e muitas regras da casa interferem nas decisões de cada indivíduo: enquanto republicano, abre-se mão de liberdade pelo pouco de segurança de fazer parte de um lugar onde não há o desconhecido. Uma relação entre moradores de diferentes casas, como o tipo de comportamento social esperado de ambos, são questões geralmente interferidas pela república. Essas anotações, vale lembrar, partem de minha experiência como moradora de república e também do meu esforço em lançar uma reflexão crítica sobre esse comportamento republicano.

Nem todos os republicanos, entretanto, se sentem em casa na primeira tentativa de escolha. Ainda assim, em alguns casos, o calouro/morador não procura mudar de casa, pelo mesmo motivo de segurança: a casa onde vive toma decisões por ele, poupando-o da escolha e das dúvidas. Por vezes, pode parecer mais fácil se deixar levar. É a resposta para a afirmação de que, por mais atraente que a vida republicana pareça, nem todos são completamente felizes nela, mas não desistem desse modo de vida. É a tensão entre liberdade e segurança (FREUD, 1923, apud, BAUMAN, 2000, p. 42).

Quando o estudante se acostuma a viver em república, ele também acostuma-se a viver em uma bolha social muito específica, que diz de uma maioria de alunos de determinada classe social, crenças de vida, faixa etária, curso, objetivos, expectativa familiar, raça/etnia, orientação sexual e conhecimento acadêmico, pontos esses que criam um círculo social fechado e confortável. Raramente há desentendimentos ideológicos e as discussões costumam ter como tema o “mundo lá fora” e seus erros, expectativas injustas, ignorância social. São discussões sobre quem está de fora dessa comunidade.

Em um ambiente onde os pensamentos e ideias têm uma base comum, raramente há motivos para se planejar contra-argumentos complexos ou se colocar em uma zona de discussão

desconfortável. É uma realidade composta por membros consideravelmente diferentes dos membros da modernidade líquida, os quais vagam de lá para cá sozinhos com suas ideias até acharem um grupo no qual sintam que pertencem. Portanto, gera indivíduos que mesmo que de forma inconsciente ou quase, tratam de evitar envolvimento significativo com indivíduos "de fora", especialmente os que aparentam pertencer a outro grupo social, principalmente um que faça esse indivíduo republicano se sentir fora de lugar, com seu conhecido conforto social ameaçado, seja lá o que pudesse provocar impaciência: contato com pontos de vista que lhe pareçam absurdos, surreais, nocivos, perturbadores, deprimentes ou qualquer outra situação que a comunidade à qual o republicano pertence identificaria como reprovável ou desnecessariamente desgastante.

Os indivíduos que vivem nessa forma de comunidade republicana criam fortes laços através dos meios tradicionais descritos por Giddens (2001) e se sentem seguros no mundo moderno-líquido conceituado por Bauman (2001), estando inseridos em uma vida de relações intensas e frequentes, em uma rede de repúblicas que torna as interações focadas em sua própria comunidade, ainda que de forma passiva, em consequência da comunidade (uma comunidade que inclui tudo não é uma comunidade) que exclui o diferente, deixando-o no "mundo lá fora".

Isso faz com que os indivíduos evitem o divergente, ainda que com esforço imperceptível, já que o cotidiano do universitário republicano é demasiado agitado e rotineiro para que os pontos responsáveis pelo funcionamento desse fenômeno sejam percebidos ou para que realmente incomodem. Nada é mais confortável do que a vida que o sujeito já conhece, já sabe como lidar e sabe onde é o seu lugar no mundo, um mundo com identidades estáveis, isto porque:

(...) a tradição é um meio de identidade. Seja pessoal ou coletiva, a identidade pressupõe significado, mas também pressupõe o processo constante de recapitulação e reinterpretação observado anteriormente. A identidade é a criação da constância através do tempo, a verdadeira união do passado com um futuro antecipado em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal, e sua conexão com identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica. Essa preocupação psicológica é uma das principais forças que permitem às tradições criarem ligações emocionais tão fortes por parte do "crente". As ameaças à integridade das tradições são, muito frequentemente, se não universalmente, experimentadas como ameaças à integridade do eu (GIDDENS, 2001, p. 56).

2.3 Memória e Comunidade afetiva

Um ponto importante da manutenção dos conhecimentos na vida republicana (quem são os ex-alunos da casa, como a casa foi fundada, quando foi fundada, qual o seu lugar no meio republicano, como se comportar socialmente, qual a personalidade da casa e de seus moradores, etc.) se encontra no conceito de memória coletiva, de Maurice Halbwachs (1990). O termo diz da sobrevivência de memórias em grupos.

Para o autor, não existe memória que sobreviva individualmente. Halbwachs (1990) esclarece que a lembrança de uma única pessoa está incluída em uma enorme rede de lembranças alheias, que se complementam e são responsáveis umas pelas outras. Mesmo quando a memória diz respeito a um momento solitário, do qual outra pessoa não participa, há itens no local que pertencem a outras memórias, por exemplo: se uma criança brinca sozinha, lá há brinquedos presenteados por alguém ausente, se senta-se sobre um tapete, ele foi comprado por alguém da família, seja a mãe, pai ou outro parente. Vê-se o reflexo em um espelho, poderá reparar em uma roupa ou penteado peculiar cujo pai foi responsável por vestir/produzir. Um sujeito não consegue, de forma alguma, ter uma memória que independe de outra pessoa. Podemos apenas nos lembrar de momentos e objetos que estão de alguma forma ligados ao outro, fazendo parte de uma história maior.

Esse conceito nos ajuda a entender que a própria tradição é um meio de manter a memória coletiva organizada. Quando uma nova geração de moradores se inicia nas repúblicas (tanto federais quanto particulares), a geração passada se assegura de compartilhar suas memórias e mantém a intenção de voltar à casa como forma de alimentar essas lembranças vivas e transmitidas para os próximos anos. Segundo Halbwachs (1990), quando a memória já não é encontrada em meio às lembranças, significa que o indivíduo já não faz parte do grupo que ajudava a mantê-la viva. É por isso que para essa sobrevivência depende-se de uma comunidade afetiva. Essa comunidade é formada por pessoas que fazem parte da rede de lembranças e contribuirão para mantê-las vivas através de reconstruções da memória.

Para reconstruir uma memória individual não basta adotar pedaços de lembranças alheias e tentar com que eles façam sentido, pois ter as peças da memória emprestadas de outros indivíduos é suficiente apenas para construir uma imagem do ponto de vista do “outro”. O indivíduo que deseja se lembrar segue sem conseguir, já que não é trazido de volta ao momento que uma vez viveu. Para tanto, é necessário também que as lembranças dos outros estejam em acordo com as do sujeito que deseja fazer a reconstrução. Com base nesse diálogo, a memória pode ser trazida de volta à coerência. Por isso, uma memória não se sustenta sozinha, sendo

sempre dependente de lembranças alheias para existir. Ainda que ela tenha sido vivida por apenas uma pessoa, essa pessoa a viveu em um lugar tocado e modificado por outros seres humanos, que automaticamente passam a fazer parte daquele momento e ajudam o protagonista da memória a recordar-se dela.

Nessa compreensão, para os moradores de uma república manterem uma memória, não basta apenas o trabalho de compartilhar as lembranças com as próximas gerações, é necessário trazer os antigos alunos de volta com certa frequência, criando novas memórias entre os moradores atuais e os antigos e refrescando as lembranças dos que já não vivem mais na casa. Os republicanos já têm uma vantagem nesse trabalho de manutenção da memória: o próprio lugar e a maneira como se vive em república constituem uma comunidade, bastando manter a afetividade viva. Para tanto, os atuais moradores das repúblicas preparam, anualmente, a Festa do Doze, celebrada no dia 12 de outubro com a intenção de homenagear o aniversário da Escola de Minas (instituição precedente à atual Universidade Federal de Ouro Preto) e trazer os ex-alunos “de volta à casa”, em um momento propício que une festividade, conexão com os novos moradores e vice-versa. Essa manutenção evita a reflexão de desapego da comunidade afetiva, como abordado por Halbwachs (1990), quando este autor reforça que esse sentimento provoca questionamentos como:

Que me importa que os outros ainda estejam dominados por um sentimento que eu experimentava com eles outrora, e que não experimento hoje mais? Não posso mais despertá-lo em mim, porque, há muito tempo, não há mais nada em comum entre meus antigos companheiros e eu. (HALBWACHS, 1990, p.34)

Não voltar à república seria uma causa de rompimento dos laços emocionais que unem um indivíduo aos membros da casa e à república, logo, também se desvaneceria a identidade criada nesse meio, já que ela é fornecida pela comunidade (e também ajuda a sustentá-la).

Para compreender as características das repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana, trago Giddens (2001) à discussão. De acordo com esse autor, a tradição, então, pelo que foi esclarecido até aqui, claramente tem grande suporte nas emoções e não necessariamente em conhecimentos mistificados: “Há, em geral, profundos investimentos emocionais na tradição, embora estes sejam mais indiretos que diretos; eles se originam dos mecanismos de controle da ansiedade proporcionados pelos modos tradicionais de ação e de crença” (GIDDENS, 2001, p.35).

Parto da minha experiência como membro da comunidade republicana para definir uma república estudantil tradicional. A seguir, apresento práticas e símbolos básicos que as inserem

no “mundo republicano” e as reafirmam, além de serem também responsáveis pela criação de laços morador-casa. No Quadro 1 apresento os símbolos da tradição estudantil republicana:

Quadro 1: Símbolos das tradições estudantis republicanas em Ouro Preto e Mariana

Nome	De forma básica, toda casa que deseja ser considerada no meio republicano deve levar a palavra “república” em seu nome, seguido de um nome próprio, preferencialmente original e que transmita um pouco de sua identidade.
Bandeira	Deve levar o nome da casa e sua “logo”, como mais um indicativo de sua identidade. Ela é exposta em um ambiente comum, para ser notada.
Quadrinho	É um porta-retratos que leva a fotografia de formatura dos ex-alunos que moraram na casa.

Fonte: Elaboração própria

As práticas que constituem uma tradição estudantil republicana podem ser consideradas como sendo seus rituais (Giddens, 2001). A seguir, o Quadro 2 apresenta essas práticas, também definidas a partir da minha experiência vivida nesse sistema:

Quadro 2: Práticas ritualísticas estudantis republicanas em Ouro Preto e Mariana

Rock	Festa genérica criada para juntar repúblicas em uma casa específica na intenção de criar laços e memórias por meio da diversão. O rock também serve como forma de apresentar a casa à sociedade republicana.
Hino	Uma “reza” geralmente de curta duração e que, novamente, leva o nome da casa em algum momento do canto e fala sobre a personalidade de quem mora na república, sendo cantada durante um rock.
Quadrinho	Homenagem ao formando; é um rock feito antes de o morador sair da casa, como forma de relembrar momentos vividos nela e experiências marcantes. Nesse evento, são chamadas repúblicas amigas que homenageiam o formando com suas presenças.

Escolha	Rock de apresentação dos novos moradores de uma república, após passarem por seis meses de convivência em casa (prazo de um período letivo da universidade), e podem ou não ser escolhidos como moradores permanentes, sendo considerados apenas calouros/bixos, antes disso.
---------	---

Fonte: Elaboração própria.

Essas são características formadoras de uma república tradicional observadas através de minha convivência e proximidade com esse meio, provinda da graduação em Jornalismo, na Ufop, o viver na cidade de Mariana e fazer parte de uma república particular, pontos que me colocam no meio da vida republicana que, por sua vez, constitui uma comunidade e modo de viver característico. Meu ponto de vista é constituído por uma tentativa de estranhamento desses elementos aos quais sou tão familiar e, ao mesmo tempo, justamente, pela minha proximidade com eles, pois conforme Gilberto Velho, “o processo de estranhar o *familiar* torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações (VELHO, 1980, p.131).

A Universidade Federal de Ouro Preto teve como precedente a centenária Escola de Farmácia, criada em 4 abril de 1839. Aloísio Brandão (2012) explica que a iniciativa, influenciada pela vinda da Família Real portuguesa ao Brasil, em 1808, teve grande responsabilidade na organização do uso de medicamentos no país, cujo cenário era de caos na área farmacêutica: antes inexistente, os brasileiros adquiriam remédios através de vendedores que não tinham o conhecimento necessário para a prescrição medicamentosa, de acordo com a doença do paciente, embora, os conhecimentos superficiais “segurassem as pontas” da saúde no país.

Já a Escola de Minas foi fundada em 12 de outubro de 1876, por Claude Henri Gorceix, após viagem de Dom Pedro II à França, onde esperava encontrar ajuda do campo educacional para a criação de uma escola com foco nos estudos de mineração. Em 1969, ambas instituições foram incorporadas à Ufop, a partir do Decreto-Lei nº 778. Apenas 80 anos após a fundação da Escola de Farmácia surgiu a primeira república estudantil de Ouro Preto: a Castelo dos Nobres, fundada em 1919 (cujo centenário foi comemorado em 2019), categorizada como masculina. Já em Mariana, a República Intocáveis ocupa o lugar de mais antiga, com 23 anos de existência e fundação em 1996, um ano após a transferência da Escola de Minas para o Morro do Cruzeiro, onde hoje funcionam 28 cursos da Ufop.

De acordo com o artigo "Universidade Pública e seu Impacto na Economia Local: Um Estudo dos Gastos dos Alunos da Ufop em Mariana e Região" (CLEMENTINO et al, 2019), no caso dos campi em Mariana, o Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) e o Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), 92% dos alunos não são naturais desta cidade.

Uma porcentagem mais abrangente, de acordo com o site da Ufop, aponta que em 2017 e 2018 o percentual de estudantes das cidades de Ouro Preto, Mariana, João Monlevade e Itabirito (esse último, entretanto, não tendo campus da universidade) alcançou 36,6%, sendo 1.894 novos estudantes. Logo depois de deixar a casa dos pais para estudar em outro local, cidade, ou Estado, os jovens adultos optam, em sua maioria, por morar em uma república da universidade ou faculdade, lugares nos quais formam laços que deixam marcas em identidades sempre em desenvolvimento.

De acordo com a Prace (Pró-Reitoria Especial de Assuntos Comunitários e Estudantis) existem três tipos de moradia estudantil na Ufop: as repúblicas federais, as de critério socioeconômico (Vila Universitária e apartamentos), ligadas à universidade, e as particulares. A forma de ingresso nas primeiras, existente apenas em Ouro Preto, é feita a partir de registro do candidato a morador junto à Prace, com documento de Instrumento de Cessão Onerosa de Imóvel Público assinado pelo aluno e por um morador da república na qual deseja viver. São 59 casas cedidas para esse tipo de moradia, atualmente, pela Ufop, com 794 moradores.

Embora as repúblicas federais estejam abrigadas em bens imóveis pertencentes à universidade, os moradores devem contribuir com uma taxa mensal decidida por cada casa para suprimento de gastos com energia elétrica, água, alimentos e produtos de limpeza. No caso de consertos do imóvel, os moradores recorrem à Ufop com pedidos que podem ou não ser acatados. As repúblicas federais também têm seu próprio regimento interno, não competindo a convivência dos moradores à universidade e, mesmo após registro do candidato a morador na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (Prace), sua permanência não é certa, devendo o interessado passar por cerca de três meses de “teste de convivência” para ser aceito ou não pela república. Esse período, chamado de batalha de vaga, constitui-se em tarefas direcionadas aos calouros, sejam elas quais forem, durante um período específico de tempo (geralmente até 6 meses). A finalidade é testar se o indivíduo “merece” morar na casa pela sua doação à mesma (de seu tempo e esforço, colocando a república como prioridade ou como uma das principais prioridades).

Para ingressar nas moradias estudantis (Vila Universitária e apartamentos), que também estão sob a supervisão da Ufop, os interessados devem estar a par de edital socioeconômico e dos documentos necessários requeridos de acordo com cada indivíduo. Cada moradia tem

regras decididas pelos moradores, mas sempre submetidas ao regimento da Ufop. São 204 residentes na cidade de Mariana e 246, em Ouro Preto. Nas moradias não há batalha de vaga, pois os calouros são aceitos apenas através dos critérios socioeconômicos, decididos pela universidade e não cabendo nenhuma decisão aos moradores já existentes em cada casa.

As moradias não estão sendo consideradas como repúblicas tradicionais para esta pesquisa, embora algumas tenham alguns símbolos republicanos (como nome e bandeira) mas não têm identidade, já que não podem escolher moradores de acordo com sua personalidade e muito menos fazê-los passar por testes e posições hierárquicas, já que independente da personalidade, crenças e comportamentos em geral, o morador não pode ser retirado da casa, a não ser que quebre regras da casa impostas pela universidade, o que exigiria um processo burocrático muito desgastante se comparado a uma simples ordem de saída por parte do decano de uma república, quando ele considerasse necessário.

Já o ingresso nas repúblicas particulares, existentes tanto em Ouro Preto quanto em Mariana, é dependente apenas dos moradores dessas casas, já que não há vínculo direto com a Ufop. A maior proximidade que essas repúblicas têm com a universidade é a Associação das Repúblicas Particulares de Mariana (Arpam), que conversa com a Ufop sobre os problemas dos estudantes fora do campus, e a Associação de Repúblicas Particulares de Ouro Preto (ARPA), que representa as casas e recebe colaboração jurídica da Ufop, por meio de projeto de extensão do curso de Direito, que trata da relação entre os estudantes e os donos das casas que alugam para estruturar as repúblicas. Essas também usam o sistema de batalha de vagas, que dura cerca de seis meses.

2.4 A jornada do estudante republicano

As repúblicas de Mariana e Ouro Preto formam uma comunidade tradicional sustentada por rituais e símbolos tradicionais. De acordo com Giddens (2001), uma tradição se constitui como tal pelos seguintes elementos: um guardião, uma verdade formular, rituais, e a memória coletiva, esse último tendo sido mencionado, antes por Halbwachs (1990). As definições dos elementos básicos que constituem essa comunidade estudantil foram baseadas, até agora, na minha própria experiência nesse meio. A partir deste capítulo, entretanto, adiciono também dados da minha observação em campo e de entrevistas. Assim, trago as interpretações descritas a seguir.

Entre os elementos que constituem essa comunidade tradicional, estão: casa, seleção, hierarquia, bandeira, hino, os rocks e sociais. Explico: a casa é o lugar físico onde existe essa comunidade. É o ambiente onde ela floresce e se mantém. A casa geralmente existe no mesmo endereço por um grande período de tempo, o que contribui para a manutenção da memória coletiva do lugar e de suas histórias, um dos elementos necessários à comunidade tradicional.

As repúblicas federais de Ouro Preto costumam preservar seus endereços de fundação originais, pois como existem sob o apoio financeiro e imobiliário da universidade, a necessidade de mudança raramente aconteceria por dificuldade financeira ou desentendimento com o locador. A mesma tarefa se mostra mais complicada para repúblicas particulares, nas quais os moradores arcam integralmente com o aluguel da residência e, portanto, logicamente se deparam com mais situações de mudança do poder financeiro dos moradores e necessidade de mudança para uma casa de mais fácil mantimento.

O segundo elemento: a seleção. Esse acontece em dois sentidos. Durante a época de matrículas, na universidade, as repúblicas produzem materiais que as apresentam, contendo informações básicas das instalações de suas casas, quais amenidades existem em proximidade geográfica e quais são seus endereços. Muitos alunos tomam conhecimento e visitam as casas a partir dessas informações, postadas publicamente em redes sociais ou distribuídas próximos aos locais de matrícula. No primeiro sentido, o estudante interessado em viver na república a visita e conhece, através de uma conversa breve, na qual os moradores presentes explicam como a república funciona, quais são as expectativas com relação ao interessado, como é a convivência entre eles, apresentam os ambientes da casa e as vantagens de se viver nessa república, especificamente. É um momento para o interessado e os moradores se conhecerem de forma geral, porém, essa generalidade ajuda ambos os lados a entenderem as características essenciais para um mínimo de convivência. Quais pontos agradam sobre essa república e quais não? Com o que o estudante interessado se identifica e com o que não se identifica? Esse aluno pode decidir ficar na casa durante a visita ou, como de costume, visitar outras casas e posteriormente decidir em qual deseja viver.

Essa mesma seleção acontece do ponto de vista da república: se identificaram com o estudante interessado? Acham que ele não se identifica? Conseguem concluir se esse estudante terá um bom convívio social com o resto do grupo? Se ele seguirá as expectativas do grupo? Nem sempre a resposta é clara, mas isso também não é um problema. É tradicional que os estudantes interessados em viver em uma república passem por um período chamado “batalha de vaga”. A batalha envolve uma série de atividades e cumprimento de expectativas da república dentro de um período previamente comunicado, esse período sendo flexível, de 3

meses, como na república N1, de 6 meses ou até 1 ano, de forma geral. Dessa maneira, nem a república fica com a vaga ociosa, nem o estudante tem dificuldade em encontrar uma casa com vagas disponíveis.

Dentro desse espaço de tempo o estudante poderá ou não ser aceito pela república. Esse momento nos leva ao elemento seguinte: a hierarquia. Esse sistema de organização da casa tem seus próprios sub-elementos, constituídos das posições que o formam: o bixo, o semi-bixo, o vice-decano, o decano e o ex-aluno. Para fazer parte definitivamente da república o estudante precisa passar pelo ritual da escolha, deixando de ser um bixo (calouro) e tornando-se um semi-bixo. A escolha é um ritual e elemento importante da comunidade republicana e existe, como explicado, dentro da hierarquia. Dentro do prazo estipulado pela república, o calouro deve ou não ser escolhido. Caso ele tenha se identificado com a casa e demonstrado isso através de ações que a república entendeu como positivas e fazendo parte de suas expectativas, o calouro passa pelo ritual da escolha. Tais ações incluem basicamente o respeito perante os demais moradores, a realização de tarefas básicas de manutenção da casa sem precisar ser lembrado delas, prestatividade, pontualidade, abertura para aceitar e trabalhar diferenças incômodas entre moradores, etc.

A república planeja um rock, geralmente sem o conhecimento do calouro, e nele, em dado momento, anunciará às outras casas convidadas que tem um novo morador. O bixo recebe, então, uma espécie de placa com um cordão para ser usado no pescoço, como um colar de enorme pingente, e nessa placa estará escrito o nome do ex-bixo, talvez seguido de: “novo morador da república x”. Esse ritual tem uma clara função: A república acolhe o bixo como morador de sua casa, ou seja, o aceita como parte de sua micro comunidade e o faz durante um evento que reúne outras repúblicas, de forma que toda a grande comunidade saiba a qual casa aquele estudante pertence. Daniela, moradora da república N2 me descreveu, durante minha observação participante, que sua escolha serviu para criar uma identidade, selando sua moradia na casa. A própria existência da hierarquia é um sistema de organização da comunidade republicana, tenha ela características de disciplina social ou apenas de ordenamento administrativo, como explicou a decana da república N2:

"(...) Desde que eu entrei de verdade na república, né, as decanas que eu presenciei... É... A gente usou a hierarquia desse modo. Mais como uma forma de organização, mesmo. E daí a gente usa em tudo que vai decidir na casa, desde os dias de faxina... É... Dia da semana que vai lavar roupa... A gente usa a hierarquia pra organizar esse tipo de coisa. Mas todo mundo dentro da casa faz a mesma coisa, sabe. Igual... Todo mundo faz faxina igual. Decana faz faxina, vice-decana... Moradora e caloura. Todo mundo tem as mesmas funções. A diferença é que a gente usa a hierarquia para fazer a escolha, daí a gente começa pela decana. Ela tem prioridade para escolher o dia que

ela quer fazer a faxina, o dia que ela quer lavar roupa, essas coisas assim. E aí a escolha vai acontecendo por ordem de hierarquia, né." (LUZIA, 2020)

Já de acordo com minha observação participante na república N1, o uso de hierarquia é mais tradicional ao modo ouro-pretano. Os moradores têm diferentes funções sociais na casa, que não usa o sistema apenas para organização, mas para o "molde" do estudante como membro daquela comunidade. No meu primeiro contato com a república, presenciei algumas cenas que demonstram a forma de funcionamento dessa comunidade: um morador se apresentou como "bixo", sem usar seu nome de nascimento ou mesmo apelido, que, antes da escolha, não existe. O nome recebido na escolha é uma identificação, contribui para a construção da identidade do morador como pertencente àquela comunidade. Quando um dos membros da casa sujou o chão com algo, um dos "bixos" foi chamado para limpar. Vejo que nessa comunidade tradicional cada membro, de acordo com o tempo de moradia, é designado a uma função específica. O decano Gabriel me explicou que essas funções são de nível operacional e funcionam dessa forma porque o calouro não tem conhecimento suficiente para se responsabilizar por funções administrativas e porque as atividades operacionais ajudam os moradores da casa a decidirem se o bixo cumpre com suas expectativas. No caso da república N1, buscam observar o comportamento do calouro com relação à responsabilidade, pontualidade, respeito com os demais, além de dedicação pelo coletivo, por exemplo.

Ainda dentro da hierarquia há o ex-aluno. O morador que está prestes a se formar passa pelo ritual do quadrinho. O quadrinho é realizado em um rock especial, produzido para celebrar a formatura de um morador e sua saída da casa. É um momento de forte emoção para a república e para os convidados, geralmente amigos do formando e repúblicas amigas. Em dado momento do evento, indivíduos contam histórias que viveram com esse aluno para todos os presentes, que escutam com atenção. O próximo formando faz suas considerações sobre a república e seus anos ali vividos. Por fim, um porta-retrato com sua foto de formatura (o chamado quadrinho) é pendurado na parede onde há os quadrinhos de todos os ex-moradores da casa. É o momento chamado de inauguração do quadrinho. A partir desse ponto o aluno é oficialmente considerado um ex-aluno.

Embora carregue "ex" na nomenclatura, o ex-aluno ainda faz parte da comunidade, mesmo quando já se formou na universidade e não mora na casa. Isso porque, no conceito republicano de hierarquia, a posição de ex-aluno é a mais alta, mais até mesmo que a do decano, ainda que no cotidiano o mesmo administre a casa sozinho. O ex-aluno tem características diferentes a depender de sua origem: republicano de Ouro Preto ou de Mariana. No caso de Ouro Preto, o ex-aluno comumente segue tendo contato com a república pelo resto de sua vida,

ou, pelo menos, por muito tempo depois de sua formatura. Não há expiração do título de ex-aluno. Ele dura por tempo indeterminado e parte do indivíduo a escolha de gozar desse título ou não, sendo que a resposta positiva resulta nas aparições do ex-aluno para visitar a república, conhecer novas gerações, investigar a continuidade da tradição, compartilhar suas memórias como morador e até mesmo sugerir ou, como no caso das repúblicas mais tradicionais, exigir mudanças de atos com os quais não concorda.

O ex-aluno é também um guardião (GIDDENS, 2001) para sua república, passando conhecimentos de sua época e ensinando o caminho para a geração mais jovem, do mesmo modo que o decano, ambos compartilham dessa função na hierarquia republicana, mesmo que os ex-alunos o façam com uma frequência menor. Encaro da seguinte forma: o decano é o substituto do ex-aluno no cargo de guardião, e o ex-aluno tem essa função, desde então, de forma simbólica e normalmente a pratica cerca de uma vez ao ano, na celebração do dia 12 de outubro. Sua posição de guardião deixa de ser uma obrigação de tempo integral, já que essa passa a ser a função do decano atual.

O próximo elemento que existe nessa comunidade é a bandeira. A bandeira é utilizada como forma de identificação da casa e tradicionalmente é deixada à mostra em um cômodo de grande movimentação da república. A importância está no visitante que fica sabendo em qual casa está mesmo que não tenha sido apresentado ou que tenha visitado a casa sem saber seu nome ou mesmo se era uma república. Depois, ao conversar com outras pessoas sobre onde esteve e sobre o que viveu enquanto visitou o lugar, saberá dizer qual república era. A bandeira contribui com a composição da memória coletiva da comunidade, sempre visível, sempre reforçando essa memória e deve conter o brasão e o nome da casa, em sua forma básica. Por vezes também são adicionados o ano de fundação, curso (caso seja uma república que aceita moradores de apenas um curso/área específica) e o nome da universidade a qual seus moradores pertencem, em nosso caso, a Ufop.

Como quinto elemento citado: o hino, é criado de forma a representar a república e seus gostos, sua personalidade e, conseqüentemente, a de seus moradores. Se o hino perdura ao longo dos anos, também perdura a república que, existindo ao longo de anos, pode também já não ter moradores que se sintam representados por seu hino. Em uma das entrevistas com o decano da república N1, entendo que o hino não é alterado ou substituído, mesmo que se passem muitos anos, e a república já não se identifique com toda a sua letra. Isso só ocorreria se sua letra dissesse de conceitos demasiadamente rechaçados pela casa, que de forma alguma poderia continuar a tolerá-lo. Não sendo o caso, o decano Gabriel me explicou que a república prefere não alterar o hino, pois ele representa não apenas a sua geração atual e, sim, todas as gerações

anteriores, incluindo a que o criou. Ainda assim, diz que o hino será interpretado de formas diferentes ao longo do tempo, e que escolher não mudá-lo preserva a memória coletiva dos ex-alunos e sua emoção ao entoá-lo junto dos moradores atuais, quando estão todos juntos.

Quando pergunto ao decano Gabriel sobre o canto do hino em rocks de outras repúblicas, ele me explica que o objetivo é o de marcar presença e estabelecer um vínculo social com as outras casas, além de fazer parte de um processo de validação como república, desde que toda casa tenha seu hino. Isso é demonstrado quando as repúblicas aprendem os hinos umas das outras e cantam seus hinos juntas nesses eventos: é uma forma de fortalecer os laços dentro da comunidade. O hino, que ajuda na preservação da memória coletiva, na criação de identidade e manutenção dos laços sociais com outras casas, é mais um elemento importante da comunidade republicana.

O rock, penúltimo elemento que cito, é uma festa realizada de uma república para outras repúblicas. É um momento realizado para fortalecer o laço social com outras casas da comunidade, e é também no rock, por exemplo, que o hino é cantado. Conversando com o decano da república N1, recebo o mesmo ponto de vista do motivo de realizar o rock e descubro que sua república não faz rocks fechados apenas para outras repúblicas, aceitando também pessoas de fora. Entretanto, confirmando minha experiência como membro dessa comunidade, ele me diz que, de fato, a maioria das outras repúblicas realizam os rocks de maneira privada, ou seja, apenas membros de outras repúblicas podem participar. Ambas as formas de produzir esse evento têm como consequência a manutenção dos laços sociais dentro da comunidade, embora a N1 abra essa possibilidade para não-republicanos.

Por último, cito os sociais. Embora esse ritual se pareça com o rock, ele geralmente tem um número reduzido de pessoas participantes e é marcado com repúblicas específicas, raramente sendo abertos a todas as casas da comunidade. Isso porque o social é realizado com a intenção de criar ou fortalecer laços com essas repúblicas. Dessa forma, as casas convidadas podem passar horas se conhecendo e assim aprofundam suas conexões. O social também é realizado para manutenção de conexões que já existem, mas requerem um momento mais denso e significativo de trocas, o que não acontece em um rock, onde muitas repúblicas estão presentes e muitas interações acontecem simultaneamente, resultando em diálogos, às vezes, rápidos e superficiais.

3. Analisando o ciclo da bolha

3.1 A formação e manutenção da comunidade

De todos os elementos que citei como base para a existência da comunidade republicana, o hino, a bandeira, a seleção e a casa são de significado simbólico, enquanto que a hierarquia, os rocks e sociais são rituais; o hino também pode ser considerado um ritual quando cantado, mas sua mera existência também é simbólica. Embora a hierarquia seja uma estrutura de simbolismo importante, ela contém rituais, tais como: a escolha e o quadrinho, previamente citados. Nos elementos hierarquia, rock, social e hino há os rituais citados acima e, com suas práticas, a manutenção de certos aspectos da comunidade tradicional, como o guardião, a verdade formular, rituais e a memória coletiva (GIDDENS, 2001).

A imagem do guardião é encontrada no decano e nos ex-alunos. Sua função é de resguardar a memória da tradição e de ensinar os mais jovens sobre práticas que a constituem. Além disso, o guardião compartilha sua sabedoria com o próximo indivíduo imediato a tomar esse posto, pois há conhecimentos mais significativos sobre o porquê e como da tradição que ele não compartilha com os mais jovens. O decano e os ex-alunos são os guardiões da república porque ambos guardam a tradição que deve ser passada a cada geração, sempre as instruindo a seguir o mesmo caminho. Os ex-alunos, entretanto, são como os guardiões que deixaram seu posto prático por terem se formado. Eles eram, anteriormente, os decanos, que instruíam os seus substitutos imediatos, os vice-decanos. É por essa razão que os ex-alunos podem exercer seu título como indivíduos mais altos na hierarquia e sugerir ou exigir atitudes, mas ainda que detenham esse poder, não costumam utilizá-lo na prática, afinal, já não administram a república e a acompanham no seu cotidiano, tarefa essa que compete ao decano da geração presente.

A verdade formular, aura de conhecimento além do que pode ser visto pelos membros, está atrelada aos guardiões, os decanos, que ocupam posição acima dos demais moradores da casa. Eles são mediadores entre as regras das tradições e os demais moradores e passam a impressão, logicamente, de mediação entre os ex-alunos e os moradores mais jovens. Sentido lógico porque, afinal, o decano sendo a posição mais alta da hierarquia, é comum que se recorra a ele para sanar dúvidas ou para utilizá-lo como ponte de entrada entre os ex-alunos e o resto da casa, já que esses ex-moradores geralmente não conhecem os alunos mais jovens.

Sobre os rituais, Giddens (2001) explica que são práticas repetitivas sem um significado intrínseco necessário. Tal definição se aplica a rituais comuns ao cotidiano das repúblicas, que apesar de terem uma intenção, nem sempre é percebida. Ao conversar com o decano da

república N1 sobre a importância dos rituais de rock e canto de hino, ele me diz sobre os rocks que são: “(...) mais pro lado do desenvolvimento social, da troca de ideias... (...)” e acrescenta que, embora sua república não tenha o costume de realizar rocks fechados apenas para outras repúblicas, essa é a prática padrão na comunidade.

Já o hino é criado pela primeira geração da república ou algo muito próximo desse momento, e sua letra diz da personalidade da casa e de seus moradores. O hino é cantado para reafirmar isso e para que o resto da comunidade também o saiba. Porém, o hino nem sempre continuará a representar essa personalidade com o passar do tempo e das gerações. Ainda assim, ele seguirá, muito provavelmente, sendo cantado sem alterações. O decano Gabriel explica sobre o hino da república N1 e sobre sua representatividade: “(...) Acredito, assim, que não representa a gente na totalidade, tipo no que a atual geração de moradores é, mas acho que a longo prazo ele tem uma representatividade, sim”.

Por que, então, o hino segue geralmente sem alteração? O decano explica:

“(...) a gente encontraria um embate de dois lados. Por exemplo, a primeira: legal seria a gente registrar (...) algo que representasse a nossa atual geração. Mas a gente ia ficar com outra questão pra por na balança, sobre a questão de que as gerações, elas são muito mutáveis, né. Então, a gente ia mudar o hino agora e aí as próximas gerações talvez teriam que mudar também? Como seria isso? Então é mais fácil a gente manter essa tradição, manter esse hino que contempla a casa num todo (...)” (GABRIEL, 2020)

E sobre a personalidade que o hino representa e influencia, quem o canta não diz apenas de sua república, mas também de si e, ao praticar esse ritual, reforça sua própria identidade como participante dessa comunidade. O decano da república N1 reflete sobre essa questão:

“(...) Uma coisa é a gente se encontrar com uma geração lá de 2008 e o pessoal chegar empolgado e cantar a música, às vezes, cantar com alguém que eles nem conhecem, de uma nova geração, e sentir a mesma sensação de pertencimento. Que o hino traz essa sensação de pertencimento, sabe? (...) Pertencimento e identificação, né, também vejo isso”. (GABRIEL, 2020)

Ele diz que ainda que o hino não tenha sua letra mudada, as gerações passam a interpretá-lo de formas diferentes ao longo do tempo, de acordo com o que encaixa ou não na personalidade mutável da casa. Ainda assim, a letra é a mesma e todos cantam com forte emoção porque o hino não é apenas sua letra literal e, sim, uma marca que une passado e presente da república. Ou seja, cantar o hino é um ritual que nem sempre tem significado literal, mas que é repetido sempre e, como diz Giddens (2001), é algo construído emocionalmente e que sustenta a tradição através dos anos.

Há também os rituais que, embora não sejam repetidos com a mesma frequência, acontecem por cerca de duas vezes ao ano: a escolha e o quadrinho. A escolha é um momento de grande emoção para o calouro que passa a ser um morador oficial da casa. Ela marca a primeira ascensão social ou organizacional, dependendo do nível de tradicionalidade da república em questão.

Para Bauman (2000), a existência de uma comunidade não é possível se houver inclusividade total. Deve haver exclusão para haver comunidade, e conseqüentemente, identidade. O que torna um grupo possível são as características que os unem, sendo elas positivas (em caráter adicional) ou negativas (em subtração). Por exemplo: um grupo que existe porque todos os seus membros gostam de gatos *versus* um grupo para todos os que os detestam.

Nas repúblicas ouro-pretanas, geralmente as mais tradicionais dado seu maior tempo de existência, incluindo a república de Ouro Preto, objeto desta pesquisa, a escolha concede um novo nível social para o bixo. Esse ritual, que toma lugar em um rock, como anteriormente explicado, é tanto uma apresentação do calouro à comunidade republicana como morador definitivo da república que o escolheu, como também tem conseqüências práticas no cotidiano desse indivíduo. Enquanto bixo, ocorre a “batalha de vaga”, período de tempo variável de república para república, no qual lhe são dadas e esperadas funções operacionais na casa, que carregam, na maioria das vezes, um significado claro.

Na república N1 tal tipo de função tem um porquê social, não organizacional. As atividades do bixo são, por exemplo: atender ao telefone, abrir a porta da casa e receber a visita, fazer a limpeza dos diversos cômodos. A república espera observar, através das atividades feitas pelo calouro, se ele é responsável, realizando tudo o que dele é esperado e quando é esperado, e se respeita os moradores que estão em outras posições (por entender a importância delas) e aceita suas atividades por também entender seus significados. Esses significados, sendo: atender ao telefone possibilita ao bixo conhecer outros membros da comunidade republicana. Atender a porta resulta na interação entre ele e mais pessoas dessa comunidade, que, dessa vez, também podem conhecê-lo. Com relação às atividades de limpeza, ele pode demonstrar seu esforço, dedicação e responsabilidade com a casa física, cuidado com o bem de todos e com a comunidade como sendo um coletivo que funciona quando todas as peças trabalham juntas e cada uma assume as posições que devem.

Embora não seja o caso da república N1, existem casas que ainda mantêm tradições hoje amplamente consideradas nocivas para os calouros, tanto pela própria comunidade quanto pela ideia de moral que a sociedade atual adota. Como exemplo, quando um bixo age de forma a quebrar a expectativa de seus superiores na república, seja ela qual for, pode receber punições.

Duas dessas punições são conhecidas popularmente como o “lavrado” e o “vento”. O primeiro consiste que o calouro tome um copo cheio de cachaça. O segundo, que o mesmo tenha seus pertences revirados e espalhados aleatoriamente pelo seu quarto. Giddens (2001, p.86) prevê esse tipo de atitude em comunidades tradicionais, chamando-a de fundamentalismo. O termo descreve membros da comunidade que insistirão em reproduzir atitudes antigas praticadas pelo grupo, alegando que estão a proteger a tradição, mesmo quando essas práticas já são abertamente rechaçadas por grande parte da comunidade atual.

A partir do momento da escolha, o agora morador, deixa suas funções operacionais como bixo e assume funções mais abrangentes. Antes, ele era responsável apenas por ele mesmo como indivíduo. Agora, assumindo a próxima posição na hierarquia, a de semi-bixo, ele também arca com o indivíduo logo abaixo, o bixo, seu sucessor. Ou seja, todo bixo deve ter idealmente um semi-bixo, morador uma posição acima, responsável por observar os atos do bixo e seu comportamento no geral, guiando-o e esclarecendo-lhe questões diversas sobre a casa. Quando o bixo é escolhido, se torna semi-bixo e passa a assumir essa responsabilidade, me esclarece o decano da república N1.

A cada posição alcançada, mais notável é a posição social do morador, que aos poucos deixa trabalhos manuais para trás, na base da hierarquia, e assume questões mais administrativas. Isso ocorre tanto pelos motivos citados anteriormente, de certa “aprovação social” do calouro, quanto pelo fato de que quão mais jovem é o morador, menos ele sabe sobre a casa, suas necessidades, seus deveres e expectativas. Quão mais velho, mais sábio, mais hábil a realizar essas tarefas.

A lógica na república N2 não se distancia muito, embora o cerne social seja considerável. A hierarquia existe por outro motivo: organizacional. A decana atual comenta que a ideia de hierarquia funciona como uma maneira de separar tarefas e a administração da casa, mas todos os moradores dividem atividades de manutenção da república de forma igual. Ela explica:

"(...) A gente usa hierarquia como uma forma de organização e uma forma de aprendizado para vida, também. Porque quando a gente sai da faculdade e a gente vai pro mercado de trabalho a gente nunca começa de cima, né, a gente sempre vai subindo uma escadinha e conquistando as coisas. Então a gente usa a hierarquia como isso, né, então eu fui subindo a minha escadinha até chegar nessa posição de decanato (...)" (LUZIA, 2020)

Ela fala sobre a diferença em comparação com o modelo hierárquico ouro-pretano:

"Não é aquela coisa tradicional de Ouro Preto, assim. (...) Desde que eu entrei na verdade na República, né, as decanas que eu presenciei é... A gente usou a hierarquia

desse modo. Mais como uma forma de organização, mesmo. E daí a gente usa em tudo que vai decidir na casa, desde os dias de faxina, é... Dia da semana que vai lavar roupa... A gente usa a hierarquia pra organizar esse tipo de coisa. Mas todo mundo dentro da casa faz a mesma coisa, sabe." (LUZIA, 2020)

Porém, quando a casa realiza eventos especiais, como rock de aniversário, por exemplo, é esperada a presença de ex-alunas com passados e costumes hierárquicos diferentes. Luzia diz que algumas dessas ex-alunas pedem um comportamento diferente, em nível social, das moradoras mais abaixo na hierarquia, complementando que, provavelmente, tal expectativa vem da época das ex-alunas como moradoras, quando algumas delas tinham relações próximas com as repúblicas de Ouro Preto e espelhavam a tradição das mesmas na própria N2. Nesse cenário, as moradoras atuais explicam para as calouras de onde vem esse comportamento inesperado para que o encontro entre as gerações não crie atritos. Dessa forma, as calouras servem as ex-moradoras, reproduzindo o comportamento mais tradicional por elas esperado, mas informadas de que é uma situação atípica e passageira.

Giddens (2001) diz que as tradições se mantêm mais firmes em sociedades orais, nas quais a verdade formular não é registrada, mantendo a aura de misticidade do que os guardiães detêm como conhecimento e passam aos mais jovens da comunidade. Acontece da mesma forma com as repúblicas: esses rituais são passados de forma oral ao longo do tempo. As repúblicas não registram por escrito o que devem fazer e quando o devem fazer. Não registram o que significa uma “escolha”, um “rock”, um “quadrinho”, “hino”. Os moradores vivem essa realidade anos após anos, recebendo explicações e instruções, de forma oral, dos significados dos rituais e de como fazê-los, de decano para vice-decano e, então, para morador, que passa ao semi-bixo que ensina o bixo.

Giddens (2001) também diz como todos os elementos formadores de uma comunidade tradicional geram como resultado o que ele chama de segurança ontológica, já anteriormente citada. Esse é o conceito resultado de práticas que são feitas repetidamente, estruturando a sensação de ordem e continuidade na vida do indivíduo e do grupo.

Outro ponto sobre a vida em uma república, sendo ela mais ou menos tradicional, é o fato de que o estudante nem sempre pode tomar decisões sem consultar o grupo, ou seja, tem parte de sua liberdade restringida (BAUMAN, 2005). Ao mesmo tempo, parte desse mesmo estudante a escolha de viver dessa forma, pois ele toma conhecimento do modo de vida republicano ao escolher de qual casa deseja fazer parte, ou mesmo depois da escolha. Seguir fazendo parte da comunidade é uma decisão constante. Relembrando o que diz o decano da

república N1, é importante que o bixo aprenda desde o início a pensar de forma coletiva, não individualista.

À primeira vista, pode-se pressupor que o morador troca a liberdade pela segurança ontológica (GIDDENS, 2001), mas minhas entrevistas com os moradores das duas repúblicas objetos da pesquisa apontam que a república representa um lugar de maior liberdade e que isso vem da segurança e conforto social sentidos na casa. Sendo a comunidade imediatamente anterior a casa dos pais, ambiente com regras pré-estabelecidas e das quais, ao se desenvolver como pessoa, o indivíduo tende a se distanciar, é de se entender que ao escolher uma nova comunidade, mais próxima aos seus valores atuais, o calouro sinta ter mais liberdade.

Ainda que vivendo sob um novo conjunto de regras, se estas se alinham melhor à sua atual personalidade do que as regras da casa de seus pais, a mudança trará uma sensação de conforto e liberdade, visto que, pelo melhor alinhamento de ideais, o calouro passará a expressar-se socialmente mais como ele realmente é. Como observado na fala da decana da república N2 disse que:

"Ah... Lá em Mariana, né, eu sinto que eu tenho mais liberdade para fazer as coisas, né, que eu tenho a minha independência mesmo que minha mãe que me mande dinheiro para viver lá (...) Eu sinto que eu posso fazer o que eu quiser na hora que eu quiser e tenho mais minha liberdade, a minha independência que é uma coisa que dentro de casa, vivendo debaixo do teto dos meus pais, né, digamos assim, eu tenho que (...) Obedecer e fazer as coisas mais no tempo deles do que no meu e isso é uma coisa que lá pra mim é um ponto positivo. Que eu sou responsável por mim, eu sou responsável pelas coisas que eu faço e eu me sinto mais independente, eu me sinto mais livre lá (...)." (LUZIA, 2020)

e ainda

"Eu já tô me sentindo sufocada tendo de ficar dentro de casa. (...) Mais por essa questão da liberdade mesmo, de poder tomar conta de mim mesma e fazer o que eu quiser. Porque aqui eu tenho que... Tenho que obedecer, eu tenho que seguir coisas, eu tenho que viver mais da maneira deles do que a minha própria, sabe, (...). Antes eu não tinha esse pensamento de estar "na casa deles" eu também sentia que era minha casa. Hoje em dia eu sei que ainda é minha casa, é um lugar que eu sempre posso voltar. Eu tenho meu quarto, tenho minhas coisas. Sempre que eu precisar eu sei que eu posso voltar pra cá. Mas já não é um ambiente que eu me sinto tão à vontade, tão confortável quanto lá na república." (LUZIA, 2020)

A atual decana da república N2 se sente mais livre na república e também cita o conforto obtido lá de uma forma que não existe na casa dos pais. Sobre onde se sente mais segura, diz que:

"Num sentido geral eu me sinto mais segura aqui por estar na casa dos meus pais, por eu estar com meu pai, com minha mãe e eu sei que qualquer coisa que eu precisar eles estão aqui por mim. Então... Não que lá na república a gente não tenha essa

preocupação umas com as outras, mas eu me sinto mais segura aqui em casa (...) Todo mundo tem suas responsabilidades, tá em aula, tá fazendo trabalho, tem prioridades, sempre tem gente ocupada e tudo o mais, então... Em relação a esse tipo de coisa, assim, (...) Me sinto mais segura em casa (...)." (LUZIA, 2020)

A ex-decana da república reflete de forma parecida:

"(...) Eu ficava meio assim de voltar pra casa e perder a liberdade que a gente tem lá. Não a liberdade de sair, mas a liberdade de fazer o que a gente quer a hora que a gente quer. Ter essa autonomia da nossa vida." e sobre a segurança: "Em casa, eu acho, na casa do meu pai. Segura assim de todas as formas." (CAROLINA, 2020)

O decano da república N1 compartilha da mesma sensação:

"Nessa questão de eu estar tendo que enfrentar esse laço familiar está sendo muito difícil. Porque são pendências emocionais, cargas emocionais acumuladas desde a infância e você acaba enfrentando isso novamente, esse tem sido meu maior desafio, na verdade (...)." (GABRIEL, 2020)

Então perguntei ao decano da república N1 quais diferenças ele via entre viver na república, em Ouro Preto, e na casa dos pais. A resposta foi:

"Lá é como se eu estivesse mais perto dos meus sonhos. É como se meus sonhos fossem alcançáveis, como se eu estivesse trabalhando para chegar neles. E aqui é como se eu estivesse tentando contornar muitos desafios para tentar mostrar que eu não sou o que eles querem que eu seja. Porque a gente nasce nessa estrutura familiar patriarcal, sabe, aí você tem que dar satisfação das coisas e aqui eu me sinto paralisado. Me sinto totalmente sufocado. Lá não, eu me sinto como se estivesse na superfície. Como se eu não estivesse afundando." (GABRIEL, 2020)

e diz que

"Às vezes eu chego em casa, eu posso ter passado o dia inteiro super cansativo (...) os meninos tão lá fora, aí a gente já vai e começa a conversa sobre alguma ideia. (...) Cada um vai trazer uma problematização profunda e aquilo é envolvente, parece que aquilo faz passar o tempo, eu nem percebo o tempo passar." (GABRIEL, 2020)

Me parece que a tal liberdade sentida dentro da república, mas que não é sentida em casa, tem um início importante no elemento da seleção. Parte do estudante estudar as características da casa onde quer morar, com todas as informações que tem em mão: Como se sentiu ao visitá-la e quanto se identificou a partir da fala dos moradores. Dessa forma, o indivíduo está escolhendo um grupo que compartilha de pontos que esse considera importantes e confortáveis ao convívio, de maneira lógica, e conseqüentemente se sente mais livre na república, uma família escolhida voluntariamente, do que na casa dos pais, família que não pôde ser escolhida. As duas formas de viver parecem se encontrar em um ponto: ambas as relações são existentes dentro de hierarquias. Na família, os pais estão acima dos filhos, assim

como na república os decanos estão acima dos vice-decanos e assim por diante. Mas, novamente, viver dessa forma foi uma escolha ativa do estudante.

Essa liberdade pode existir em consequência da república ser uma comunidade de destino (BAUMAN 2000), não de vida. Ainda que tenha sua própria ordem e exigências, são provavelmente balanceadas com o que o estudante entende como benéfico em sua escolha de estadia. Como já citado anteriormente, a memória coletiva é uma grande conexão de apoio para a existência de uma comunidade. Logo, a percebemos com clareza nos rituais praticados pelas repúblicas estudadas de Ouro Preto e Mariana. Embora presente em todos os rituais e formando sua teia ao longo das gerações, há dois casos nos quais percebemos a memória coletiva com maior nitidez, e os explicarei nos seguintes exemplos: O quadrinho e a celebração do dia 12 de outubro.

O ritual do quadrinho, explicado anteriormente de forma breve, é um momento que evoca grande emoção nos moradores da comunidade republicana. Parte importante dessa emoção se encontra em seu desejo e satisfação na ideia de eternização como parte da história da casa. As repúblicas tradicionais, nas quais me baseio a partir de minha própria experiência como republicana e das duas repúblicas utilizadas como objetos durante toda a pesquisa, têm uma parede especial em suas casas, em um cômodo à vista para visitas e moradores, onde estão à mostra porta-retratos de todos os seus ex-alunos. Esses porta-retratos são popularmente chamados de quadrinhos e eternizam a imagem dos moradores que a república teve ao longo de sua história. Colocados lado a lado em fileiras, os mais antigos são os primeiros no canto esquerdo superior da parede e os mais novos vão sendo acrescentados todo fim de período.

Ao olhar para essa parede, os moradores e visitantes têm um vislumbre da história de suas casas, olhando nos olhos de cada morador que ajudou a construí-la e mantê-la. Todo morador que se forma na república na qual viveu até o final, passará pelo ritual de ter seu quadrinho colocado na parede. Esse ritual foi adiado para muitos alunos da Universidade Federal de Ouro Preto durante a pandemia de Sars-Cov-2, desde que as aulas na universidade foram suspensas e a recomendação da OMS era de distanciamento e isolamento social.

Tais circunstâncias inviabilizaram a prática desse ritual. Conversei com a ex-decana Carolina da república N2, sobre o quadrinho e a proximidade de sua situação como ex-aluna durante o período pandêmico, recebendo a seguinte interpretação:

"O meu quadrinho teria sido em junho. Um final de semana depois eu vim embora, aí foi muito triste perceber que era para N2 estar cheia de gente, cheia de ex-aluna... Cheia de amigos... E não aconteceu, né." e "(...) Eu acho que é seguir uma tradição mesmo, é muito importante. E ver o quadrinho das meninas ex-alunas lá na parede como se elas fossem parte da casa, sabe. Todas elas tiveram uma história lá e quando

elas formaram e colocaram o quadrinho na parede isso representa o fim da história que elas tiveram na N2 e de tudo que elas fizeram para a república. Eu acho que eu queria isso também. Queria ter tido essa chance de fazer parte da tradição, sabe. Durante o tempo que eu morei na N2 eu tentei criar histórias, sabe, tentei deixar uma marca lá na república." (CAROLINA, 2020)

Para Carolina, ter seu quadrinho na parede de sua república junto aos das demais ex-alunas significa ter feito parte da história da casa. Pendurá-lo nessa parede é parte importante da tradição. Ela também diz que gostaria de passar por essa tradição como as moradoras que vieram antes. A rede de ex-alunos exposta para cada geração é uma forma constante de compartilhamento de memória. É uma lembrança nítida que apoia visualmente o aprendizado dos futuros alunos sobre sua casa. Luzia, atual decana da república N2:

"(...) Aos poucos a gente vai contando, a gente vai explicando o porquê de ter a hierarquia, como que a gente usa a hierarquia, e aí a gente mostra os quadrinhos, né, que a gente tem nas paredes que são das ex-alunas... A gente explica como funciona esse ritual de colocar o quadrinho na parede, e aí aos poucos a gente vai explicando e mostrando como que as coisas funcionam, sabe. (...) A gente vai explicando mesmo, contando a história de que as ex-alunas, as que tavam antes da gente foram construindo a república aos poucos, foram adquirindo as coisas que a casa tem aos poucos e passando pra frente. (...) Com o tempo, quando vem uma ex-aluna ou outra que... Elas contam mais histórias e se apresentam, né, mesmo para as meninas mais novas que ainda não conhecem." (LUZIA, 2020)

A memória é reforçada em vários ângulos, de forma positiva: a decana conta a história das ex-alunas a partir de sua memória dos fatos do passado, das histórias que moradoras anteriores lhe contaram, e ainda conta com a história sendo partilhada pelas próprias ex-alunas, com seu próprio ponto de vista.

Outro ritual de grande importância para a memória da república é o da celebração da Festa do 12. No dia 12 de outubro é comemorado o aniversário da Escola de Minas, existente antes mesmo da criação da Universidade Federal de Ouro Preto. Os alunos das repúblicas mais tradicionais, geralmente as federais, são convidados para um rock de comemoração que toma lugar nesse dia e que intenciona unir as diferentes gerações. Histórias são contadas, a casa é apresentada, mudanças são comentadas e os ex-alunos são, de forma geral, atualizados sobre sua república.

Como consequência do isolamento e distanciamento social necessários na situação pandêmica do vírus Sars-Cov-2, o evento supostamente deixaria de acontecer em 2020. A república N1, entretanto, se dedicou a uma alternativa online para a reunião e, através da plataforma de videochamadas Google Meet, juntou todos os ex-alunos possíveis, assim, claro, como os moradores atuais. Para poder observar esses eventos à distância, expliquei ao decano o que exatamente seria buscado observar e recebi um acolhimento positivo ao meu pedido.

Esses ex-moradores realizam o processo de compartilhamento de memória com grande intensidade durante essa celebração.

O evento ocorreu no dia 10 de outubro de 2020 e acolheu 25 convidados durante a maior parte de sua duração. Presenciei momentos muito significativos, e os mais densos tinham o ex-aluno mais antigo da casa em seus diálogos. Saulo Rios se formou em Geologia pela Ufop, em 1966, o que o torna ex-aluno há 54 anos. Mesmo após todos esses anos, Saulo segue mantendo contato com a república e aceita o convite dos moradores atuais para fazer parte desse momento anual. A tecnologia do meio online pode ser considerada um obstáculo para sua idade, pois tais ferramentas não existiam em sua época como aluno e evoluíram muito rápido, antes que ele pudesse alcançá-la e compreendê-la tão intuitivamente quanto a geração atual o faz, que, naturalmente, poderia acabar por desmotivá-lo.

Sua força de vontade para persistir em participar do encontro é notável, já que Saulo participou de inúmeras reuniões como essa ao longo dos anos, não é realmente uma novidade e pular este ano não deveria ser considerado "grande coisa":

“Nossa senhora, esse negócio tá tudo maluco, rapaz. Tem cara pra todo lado aqui, gente que eu não conheço, mas que eu tô vendo que é tudo daí, né? Caramba... (incompreensível) é tão grande essa turma... Bom, cês sabem, eu sou o Saulo Rios... fiz Geologia em Ouro Preto e saí daí em 1966. Então, eu entrei pra república em 63, saí em 66, que antes eu tava morando em outra república que acabou... A história dessa república é muito interessante, vocês não fazem nem ideia. Talvez alguns dos mais antigos possam falar. Essa república começou lá na Rua Direita, lá em cima, atrás da Escola de Minas, numa casa do Zé Batatinha. E a casa tinha pouca gente... Eram cinco, se não me engano, eram cinco. E todos cinco que vieram do programa de formação de jogos... (...). E eles então fundaram a república. Eu fui a segunda geração, porque a primeira geração eles formaram quase todos e ficou o José e o José me chamou e acabamos retomando a república de novo e aí, nessa turma que veio, era o Camilo, o José, o Marcos, o Abel, o Fernando, eu...” (REIS, 2020)

Apenas na introdução de sua fala já se encontram diversas menções ao passado, a criação da república, a sua entrada na mesma, onde ela se localizava, qual grupo a levou adiante. Já se constitui em um momento fortemente carregado de significados e emoções e, claro, a partilha da memória. Ele ainda segue em sua introdução com mais detalhes:

Ex-aluno (2020): "E o José, Saulo Rios?"

Saulo Rios (2020):

“E o José, exatamente. O José tem ido algumas vezes na república aí, né. A história dessa república é muito interessante, porque nós ficamos lá em cima, era o José, eu... Aí nós estávamos na república, na primeira república. Aí houve um problema, teve que sair de lá... A casa, o Batatinha teve que reformar a casa, tava caindo um quarto lá... Tava rachando, ele resolveu fazer e nessa altura eu não estava mais aí... E vocês... A República saiu e ficou... mudou lá pra baixo, foi uma casa que essa casa realmente caiu. Uma chuva muito forte... Essa casa caiu e os republicanos que tavam na

república saíram e foram morar na república dos professores. Lá embaixo. E tava lá provisório na república dos professores, tavam fazendo bagunça na república e os professores querendo tirar eles de lá. Nessa altura, quem era o diretor da Escola de Minas era o Wagner Colombarolli, que era um colega nosso, contemporâneo, né. Colombarolli tinha feito Engenharia Metalúrgica. A república, na realidade, depois de ficar lá embaixo, teve muito problema até que o Wagner, eu conversando com o Wagner, é... O Wagner passou à frente do pessoal e botou essa casa aí, que era (incompreensível) da Escola de Minas e realocou esse grupo aí nessa casa que hoje vocês conhecem. Bom, (incompreensível) velho muito antigo, né, foi muito interessante e... Começou então uma nova história aí (incompreensível) perto da Igreja do Pilar, onde vocês passaram a ser os frequentadores. Que eu acho que daquela época só o José que foi nessa república. Acho que os outros não foram mais. Rodrigo não sei onde está... Camilo também não sei. Eu estou em Angra dos Reis, hoje. Aposentado aqui em Angra dos Reis, escutando as histórias de vocês aí." (RIOS, 2020)

Nesse ponto me parece importante lembrar que, como diz Halbwachs (1990), a memória coletiva se constrói com encontros com as memórias alheias e atualizações do que um indivíduo lembra com base nesses encontros. Isso significa, por exemplo, que Saulo não teria contado as lembranças acima da mesma forma sem a contribuição de memória do ex-aluno, que lhe pergunta sobre mais um morador que Saulo tinha se esquecido de citar. O ex-aluno também fala algo importante sobre a memória coletiva: Ela não se mantém sem a contribuição de outros e está ligada a comunidade afetiva (HALBWACHS 1990):

"Ah, eu já estive aí na casa algumas vezes, né. Mas aí o pessoal também já saiu de circulação... na realidade você tem que lembrar que eu já passei dos 50 anos de formado, né? Então eu já tô com 52, 53 anos de formado... Então... (...) então é muito tempo... É uma história muito longa e uma memória muito curta pra gente lembrar de tudo isso. Mas, de qualquer maneira, eu fico muito satisfeito de ver que vocês aí mantiveram a casa, mantiveram a tradição. A escola mudou, mudou tudo, os tempos mudaram, hoje estamos em pandemia... É muito interessante, cada um escondido em seu canto... (...)" (REIS, 2020)

O ex-aluno explica a realidade sobre suas lembranças: elas não se sustentam ao longo de anos sem o apoio de sua comunidade afetiva, é uma questão de apoio mútuo. Os amigos de sua época e moradores de sua geração já não visitam a casa. Os motivos podem ser os mais diversos, a vida atual toma lugar na modernidade líquida (BAUMAN 2000). Depois que se deixa a república, muito pode ocorrer ao longo dos anos que enfraqueça o contato e a manutenção das relações. A história que ele precisa se lembrar é muito longa, sua memória humana é curta. Ele dá a entender que não tem muito contato com a república atualmente, mas percebo que conversa com as pessoas presentes na sala online de maneira leve e informal, como se não conhecer muitas das pessoas não fosse um grande empecilho. Elas são parte de sua comunidade, independente de quem são. Ele age como se estivesse entre amigos. Saulo, inclusive, adiciona sua satisfação em ver que os moradores atuais seguem com a tradição da

casa. Ele está em uma posição mística de guardião que se contenta com os rituais mantidos pelos mais jovens. É como olhar para o presente através das lentes do passado, de seu próprio trabalho cuidando da república em sua época, com o objetivo de que futuramente os moradores mantivessem o que lhes foi ensinado. Em dado momento seu quadrinho lhe é mostrado através da câmera de um dos moradores que participava do encontro online e ele reage reflexivo com relação ao seu envelhecimento, enquanto um ex-aluno parabeniza Saulo por sua presença no evento, por sua caminhada ao longo da vida fora da comunidade e por se manter em contato com esse grupo.

Em outro momento, mais um ex-aluno compartilha lembranças longas e densas sobre a evolução da casa em sua época:

"Só tentando deixar um registro, talvez, uma história. Não sei se todos já conhecem, (incompreensível). O Saulo Rios se forma em 66, eu entro na república em julho de 80, ou seja, 14 anos depois. Nesse (incompreensível) tenho entendido que a república passou por duas casas, né. (...) Quando o Lorenço era prefeito universitário, nós conseguimos a primeira grande reforma da república. Não existia aquela caixa d'água, não existia aquela laje... Não existia o banheiro lá de cima, não era daquele jeito, era um banheiro pequenininho... (...) Entre o Saulo Rios e eu deve ter passado umas duas gerações... Considerando que a cada 5 anos é uma geração, em média, né... Então... (...) moravam lá o Aloísio de favor, o Armando, o Ronaldo, o Claudinho, depois do Claudinho, eu e moravam também o Anjo e o Mário. Mas eu entrei na república e a república tinha um relacionamento muito complicado. Tanto é que 2 meses depois fizeram uma reunião de república e convidaram o Mário e o Anjo a se retirarem. Mário foi pra Pureza e o Anjo foi pra Gaiola de Ouro. Nós meio que reiniciamos a república e, naquela época, decidiu-se que a república não teria mais 10 moradores, e passaria a ter 8 moradores e que o segundo quarto de baixo passaria a ser a boate e a gente viu a necessidade de incrementar muita coisa. Então, naquela época a gente comprou um telefone, não existia telefone na república. Tanto é que o telefone ficou no nome do Tadeu durante muito tempo, mesmo depois de formado. Fizemos a boate, compramos som, é... enfim, cada geração vai incrementando alguma coisa aí. (...) Só pra deixar um pouco o registro, porque se a gente ficar aqui, a gente vai contar muitas histórias, muitas e vai demorar (...) então eu só queria dizer assim, ó, é legal vocês registrarem o que registraram. A gente começou a fazer o registro de fotografias naquela década de 80, montar álbum, é legal ter isso... (...) quanta história, quanta coisa registrada que tá escrita, que tá fotografada, quantas gerações que passaram por aí, cada um deixando um legado, cada um deixando uma parte da sua história e colhendo pra si uma parte da história que a gente leva pro resto da vida. (...) Vim pro Brasil em 79, fui estudar em Belo Horizonte, fiz os vestibulares de Ouro Preto porque não passei na UFMG, só por isso fiz Ouro Preto (...) Muita gente aí que eu não convivi, não conheço, inclusive, pessoalmente, mas é incrível, a gente se encontra aqui na telinha e parece que estamos em família, enfim." (AUGUSTO, 2020)

O ex-aluno em questão emenda o tempo todo diversos trechos de lembranças e compartilha suas memórias sobre o estado da casa em sua época e as mudanças que foram da responsabilidade de sua geração. O ritual do 12 de outubro proporciona uma oportunidade para reconexão entre as gerações e uma grande conversação sobre vivências, tudo de forma muito mais densa do que já existe no dia a dia. É um ritual muito importante para manutenção dessa

comunidade tradicional e é uma grande demonstração de seu alicerce firme por todas as gerações. A república em sua formação atual compartilha dessa percepção, quando surge a seguinte afirmação:

"(...) A gente agradece infinitamente ao seu relato. Eu acho que eu falo por todo mundo aqui que se não fosse por você acho que ninguém estaria aqui, ninguém seria da forma que foi hoje, né, só por causa do que você fez e todas as pessoas que estavam com você (incompreensível)" (MORADOR, 2020)

O compartilhamento de memória, por fim, perpassa todos os rituais praticados pela comunidade republicana e, na maior parte do tempo se manifesta nos rituais aqui citados, como ensinamentos passados para os moradores mais jovens na hierarquia da casa. Vemos isso na própria manutenção da hierarquia, como já citado, nos rocks e sociais, quando repúblicas se juntam e fortalecem seus laços e criam novas memórias que serão contadas em outros rocks e assim por diante. No ritual do quadrinho, quando mais um porta-retratos carregado de história vai para a parede. No canto do hino, quando a personalidade da república é relembra e quando o hino é ensinado e passado para frente, e no rock de celebração do dia 12 de outubro, quando diversos momentos de vários membros da república são compartilhados, as memórias são colocadas à prova, são atualizadas e passadas para os mais jovens, que escutam todas as experiências contadas pelos mais velhos na hierarquia e eventualmente as reproduzem.

É a partir dos elementos anteriormente explicados (casa, seleção, hierarquia, bandeira, hino, os rocks e sociais) que as repúblicas consideradas tradicionais se constroem e se mantêm, dando continuidade à comunidade tradicional republicana. Essa comunidade pode dar sustento a uma bolha social e para explicar esse fenômeno utilizo o termo “bolha epistêmica”, de significado bem esclarecido por Nguyen (2018).

3.2 A formação da bolha epistêmica

O filósofo Nguyen (2018), que trabalha buscando entender como certos aspectos da sociedade podem influenciar as decisões do indivíduo, entende que é de grande importância diferenciar os seguintes conceitos que cruzam o campo de pesquisa de seu interesse: a bolha epistêmica e câmara de eco. Ao seu olhar ambos os termos têm sido usados levemente como sinônimos, quando há uma diferença fundamental que os divide:

"Uma bolha epistêmica é uma estrutura social epistêmica na qual vozes relevantes foram deixadas de fora, talvez acidentalmente. Uma câmara de eco é uma estrutura

social epistêmica da qual outras vozes relevantes foram ativamente excluídas e descreditadas." (NGUYEN, 2018, tradução nossa)⁹

No caso dos indivíduos que vivem dentro da bolha epistêmica, diferentes pontos de vista e experiências não são escutados porque não chegam a penetrar a bolha e, inclusive, tal fenômeno pode acontecer de forma acidental. Já do outro lado, Nguyen (2018) parte da definição de câmara de eco de Jamieson e Cappella (2008, p.163-236) para explicá-la como um ambiente que é confrontado pelas vozes dos indivíduos de fora, mas escolhe ativamente não escutar esses pontos de vista que são considerados indignos de atenção e credibilidade. Por essa razão, a bolha da câmara de eco se faz mais consideravelmente mais difícil de estourar.

Uma bolha epistêmica (Nguyen, 2018) é basicamente uma estrutura de conexão pobre. Ela envolve comunidades, conexões sociais e toda a estrutura de informação que sustenta comunidades em geral. É natural que agrupemos ao nosso redor indivíduos pelos quais sentimos afinidade de alguma forma. Esse agrupamento pode ou não acontecer intencionalmente.

Por exemplo, algumas pessoas propositalmente escolhem com cuidado o conteúdo com o qual interagem em redes sociais como o *Facebook*, para que o algoritmo da rede filtre o assunto que esses usuários consideram relevante. Já outras pessoas apenas fazem esse movimento de agrupamento por afinidade de forma automática. Inclusive, fazer o caminho reverso requer um esforço que não é natural, já que a rede filtra conteúdos desde a primeira interação do usuário ao criar sua conta. A partir daí, a filtragem fica sempre mais específica e enquanto o material supostamente relevante é visto, todo o resto que não passa pelo filtro é perdido pelo usuário. É problemático, então, quando o nosso grupo social é também nossa fonte de informação.

Em contrapartida, Nguyen (2018) esclarece que a câmara de eco existe propositalmente e é mantida através da manipulação da confiança de seus membros. Independente de quem está por trás da formação da câmara, sempre haverá a ação de polarização entre os indivíduos de dentro dessa estrutura para com os indivíduos de fora. Eles serão levados a acreditar que toda e qualquer pessoa que não concorda com os mesmos princípios que são difundidos na câmara devem ser considerados como o “inimigo”, e que nenhuma informação trazida por ele deve ser considerada como verdade.

Os membros da câmara de eco se informam apenas com outros membros da câmara, o que pode se assemelhar aos indivíduos da bolha epistêmica, mas com outra diferença além da

⁹ An epistemic bubble is a social epistemic structure in which other relevant voices have been left out, perhaps accidentally. An echo chamber is a social epistemic structure from which other relevant voices have been actively excluded and discredited.

intencionalidade: os responsáveis pela manutenção da câmara apontam certos membros que são confiáveis e que devem ser procurados para obtenção da informação real.

Nguyen (2018) adverte que expor a câmara de eco a um conteúdo aparentemente neutro não serve como solução para o problema. Existe um verdadeiro desafio para penetração do mundo que se encontra do lado de fora: os membros da câmara são orientados de todas as “inverdades” que o “inimigo” pode tentar usar como argumentos e que eles próprios se encontram fechados em uma realidade com fonte de informações pobres e distorcidas. Dessa forma, os membros da câmara de eco estão preparados para ignorar qualquer discurso e qualquer dado que pareçam neutros ao indivíduo que está tentando romper a redoma que protege a câmara. Nguyen (2018) explica que, desde que a câmara de eco é formada através do cultivo da confiança entre seus membros e da descriminalização de todo o resto que se mostre contrário, a única solução para penetrar a redoma seria também através do ganho da confiança dos membros de dentro, por um indivíduo que se encontra fora dela.

A bolha epistêmica é muito mais frágil e simples de romper: ela não é necessariamente intencional e nunca se mantém através da descrença do que é contrário ou que vem de fora. Ela simplesmente se mantém através de seleções sociais ordinárias que usam como critério a similaridade entre indivíduos que acabam por se sustentar como comunidade.

Minhas observações de campo apontam que, embora exista um afastamento entre a comunidade republicana de Ouro Preto e Mariana, os indivíduos nela inseridos não fizeram a escolha de desacreditar a realidade fora de sua comunidade, como notado nas entrevistas com as repúblicas objeto: Enquanto o decano da república N1 abre seus rocks para amigos não-estudantes, a decana da república N2 acredita que a comunidade republicana se fecha como consequência da manutenção da amizade que já existe entre as repúblicas e que os calouros repetem como comportamento padrão a cada geração, não se caracterizando como uma ação realmente intencional, o que exclui a possibilidade de formarem câmara de eco.

Esse movimento seria, inclusive, demasiado improvável dentro de um grupo social composto por universitários que tendem, por exemplo, especialmente na área de Humanas, ao natural interesse de levar as mais variadas realidades em consideração em seus estudos. Partindo dessa diferença conceitual que me parece nítida quando relacionada aos objetos desta pesquisa, entendo que o termo a se aproximar mais satisfatoriamente da comunidade republicana é o empregado por Nguyen para tratar da bolha epistêmica que, segundo este autor

"(...) é uma estrutura social epistêmica na qual vozes relevantes foram excluídas por omissão. Bolhas epistêmicas podem se formar sem má intenção, através de processos comuns de seleção social e formação de comunidade. Buscamos estar em contato com

nossos amigos, que tendem a ter visões políticas similares. Mas quando também usamos essa mesma rede social como fonte de notícias, impomos a nós mesmos um filtro epistemológico estreito e autorreforçante, que deixa de fora visões contrárias e infla falsamente nossa autoconfiança epistêmica". (NGUYEN 2018, tradução nossa)

10

Desse modo, compreende-se que a formação da bolha é influenciada pela existência da comunidade republicana, que acaba por fazer com que seus membros passem a maior parte do tempo em contato com indivíduos dentro da comunidade, o que não necessariamente ocorre de forma proposital. O cotidiano intenso e movimentado do universitário republicano o mantém focado em questões acadêmicas e em sua vida pessoal, que praticamente coexiste com a vida social, nebulosa que é a distinção entre ambas na prática. Os republicanos estudam com outros republicanos, socializam com eles nas horas vagas dada a facilidade de estar no mesmo círculo social e no fim do dia voltam para suas casas, que são também república. Nem sempre o dia termina aí, levando em consideração que a forma de lazer mais popular dessa comunidade sejam os rocks e sociais, ou seja: mais socialização entre membros das repúblicas. Dessa maneira os dias viram semanas, que viram meses e anos até que se perceba o déficit de contato com a comunidade local, como esclarece a ex-decana da república N2:

"Primeiro que as pessoas de Mariana não sabem que a Ufop é acessível, né, deveria ser pelo menos. Tem pessoas que não sabem que podem passar por lá, entrar a hora que quer. E quando a gente vai pra Mariana e mora em república e vai pra universidade, a gente não tem contato com os moradores, nascidos em Mariana. A gente tem contato entre a gente. Dificilmente a gente troca ideia com pessoas que nasceram em Mariana. Durante a graduação inteira eu tenho uma amiga de Mariana, que eu conheci na Ufop. E aí depois no meu último ano que eu fui me aproximando mais da população marianense, porque a gente não tem esse contato." (CAROLINA, 2020)

Isso se caracterizaria então, como os "processos ordinários de seleção social e formação de comunidade", como diz acima Nguyen (2018). Para aclarar essa colocação, explico os filtros que o compõem e realizam esse processo de seleção. Nesse sentido, dos elementos que citei como construtores e mantenedores da comunidade republicana tradicional, seis são agentes que contribuem para a formação do que considero uma bolha social, ideia que se aproxima melhor do conceito de bolha epistêmica apontada por Nguyen (2018) e que, portanto, utilizo aqui como

¹⁰ "(...) an epistemic bubble is a social epistemic structure in which some relevant voices have been excluded through omission. Epistemic bubbles can form with no ill intent, through ordinary processes of social selection and community formation. We seek to stay in touch with our friends, who also tend to have similar political views. But when we also use those same social networks as sources of news, then we impose on ourselves a narrowed and self-reinforcing epistemic filter, which leaves out contrary views and illegitimately inflates our epistemic self-confidence"

um conceito-guia: a casa, a seleção, a escolha, o hino, os rocks e sociais. Reparem que não cito a hierarquia com todos os elementos que ela carrega em um pacote, mas falo da escolha especificamente, apenas um desses elementos. Isso porque não creio que a hierarquia, como um todo, contribua para a formação e manutenção da bolha, apenas produzindo esses efeitos na comunidade tradicional.

A casa física é o ponto de partida para a formação da bolha. Ao viverem na mesma casa, os estudantes passam uma parte considerável do dia juntos e quando não estão sob o mesmo teto, geralmente ainda têm contato com membros do resto da comunidade republicana de outras casas, na universidade, por exemplo. As casas, então, são o espaço físico que servirá de suporte para as ações que influenciam a existência da bolha social e da comunidade de destino, escolhida ativamente pelos republicanos.

A primeira ação a ser desenvolvida aqui é a seleção. A seleção ocorre em uma via de mão dupla: tanto o estudante interessado em viver na república a escolhe quanto a própria república escolhe o calouro através de informações básicas à primeira vista: o aluguel é acessível? O trajeto casa-universidade é conveniente? O estilo de vida dos moradores pode ser acompanhado? O estudante gostou da estrutura da casa? Se identificou com os seus valores e com as pessoas que moram nela? Imagina que haverá uma boa convivência? As mesmas perguntas são feitas pela casa em direção ao calouro e, então, se as respostas forem positivas em ambos os sentidos, o estudante terá a chance de fazer parte dela.

São inúmeras questões que embora pareçam simples, carregam informação considerável do perfil social do novo calouro. A oportunidade de fazer parte da república depende de pré-requisitos tais como classe social correta, caráter político semelhante, afinidade cultural, moral compatível e tudo o mais que é tocado por esse efeito dominó.

Esse é o primeiro passo para a formação da bolha porque a seleção é o primeiro filtro entre quem fica e quem não fica na república. Relembrando que uma comunidade não pode existir se for inclusiva (BAUMAN, 2000). É um filtro social de diversas formas. Além da similaridade de ideais, apenas os alunos que poderão pagar pela manutenção do estilo de vida republicano e eventuais necessidades da estrutura do ambiente viverão na casa, criando também um filtro econômico (com ainda mais força no caso de uma república particular, já que os estudantes que vivem em uma república federal recebem ajuda financeira significativa da universidade). O filtro da identificação será responsável por unir pessoas com traços característicos de ideais semelhantes, lembrando Bauman (2000) ao citar a comunidade de destino. Ou seja, nesse momento seletivo, pessoas com diferenças notáveis serão descartadas,

assim como as repúblicas com modo de vida muito diferente do desejado pelo calouro serão descartadas por ele.

Perguntando ao decano da república N1 se há uma ideia prévia entre os moradores de quem não seria aceito, ele diz que sim e, apesar de haver traços de caráter que pesam na balança, ele prefere compartilhar apenas o que citei anteriormente: responsabilidade, pontualidade, respeito mútuo e dedicação pelo coletivo. Porém, como essa é uma república federal, qualquer aluno pode passar pela batalha de vaga. A universidade assegura esse direito para os estudantes.

Essa vantagem já não seria possível em uma república particular, quando a seleção por parte da república é decidida de forma independente da universidade e os membros da casa decidem entre si quais devem ser os pré-requisitos. Afinidade é parte desses requisitos intuitivamente, e acontecendo logo no primeiro, o calouro passa a ser pelo menos considerado como possibilidade.

No caso da federal, então, o período da batalha serve para decidir se o calouro pode ou não ser escolhido através de suas ações, de acordo com o decano da N1:

"(...) Acho que toda casa, toda comunidade, tem isso, né. Eu não colocaria... A partir do momento que chega um calouro lá e o calouro é super machista, assim (...) Se ele não for aberto à conversa a gente já vê no primeiro momento e aí ele é comunicado rápido (...) Que ele tem que sair da casa." (GABRIEL, 2020)

Gabriel deixa claro, porém, que mesmo uma pessoa com ideias divergentes da maioria da casa teria chances de ser escolhida se durante o processo de batalha ela se mostrasse “aberta a conversas”, a mudar comportamentos e pensamentos considerados nocivos pelo grupo e suas ações seriam uma medida importante para compreenderem até onde esse calouro está de fato abraçando os valores da república. Caso contrário, caso não haja abertura e, como Gabriel cita, respeito para com os demais membros da comunidade, ou outras pessoas em geral, o calouro não é escolhido e é avisado a deixar a casa.

O segundo filtro social é aplicado pelo ritual da escolha. Após a primeira separação entre quem pode entrar na república, feita pela seleção, temos a segunda separação, que toma um aspecto ainda mais específico. A escolha acontecerá (ou não) após a república observar o comportamento do calouro dentro do período de tempo de batalha de vaga escolhido da casa. Ele realmente se identifica com os valores e convivência da casa na prática? No cotidiano? Ele demonstra estar confortável com essa convivência ou ela vem como um esforço, ao invés de ser natural? É realmente isso que o calouro quer? São observações do período que coloca à prova a honestidade do calouro com relação às suas próprias crenças e se essas crenças antes discutidas em teoria se confirmam na prática. A análise não é apenas feita pela república em

direção ao calouro, mas também do calouro em direção à república durante os meses em que ele vive na casa como se fosse mais um morador. É um momento para colocar à prova a primeira impressão de identificação que os dois lados sentiram entre si e concluir se esta era real.

O hino é mais um elemento que pode influenciar a existência da bolha social. Primeiramente, ele é escrito de forma a emitir a personalidade da casa. Quem o canta reforça a mensagem a respeito de a qual casa pertence e a própria personalidade. Embora essa seja uma reflexão que eu desenvolvi por conta própria, procurei saber do decano Gabriel, da república N1, o que ele pensa sobre isso. Ele concorda que o ato de reproduzir o hino, através da interpretação que cada geração faz de sua letra, é um fator que modifica e acompanha a personalidade de quem o canta, reforçando a cada canto a vontade no indivíduo de assumir para si a persona descrita no hino.

E esse hino é cantado nos rocks e sociais, os dois últimos elementos que cito como formadores e mantenedores dessa bolha social. Ambos, rocks e sociais, são feitos entre as repúblicas e majoritariamente apenas entre elas. Ou seja, uma pessoa natural de Mariana ou de Ouro Preto, que não estuda na Ufop e não vive em uma república, muito dificilmente seria permitida em um rock. No caso dos sociais, então, que são realizados entre poucas repúblicas, o círculo social se fecha e as chances diminuem mais ainda.

Na república N1, os rocks não são fechados, mas o decano explica que essa é geralmente a regra para outras casas:

"(...) A gente não costuma fazer rock fechado, não. Não tem esse costume. (...) Eu acredito que as repúblicas federais de Ouro Preto, elas até têm papel social, né, legal na cidade... Mas eu, com certeza, vejo essa segregação entre o público das repúblicas e a comunidade ouro-pretana, né. Eu vejo que muitas vezes, na maioria das repúblicas tradicionais, é... As pessoas, por exemplo, os moradores de Ouro Preto, 'ai, são nativos' e tal, eu acho que rola um preconceito, sim. Tipo, rola um pouquinho de segregação, porque... Por exemplo, eu sou da república N1. Eu posso entrar em qualquer república que tiver tendo festa. Pessoal me conhece (...) em qualquer casa posso entrar." (GABRIEL, 2020)

Uma comunidade não se forma sem exclusão. Essa é uma reflexão já trabalhada aqui. Se uma comunidade é inclusiva, logo, o conceito de comunidade não faz sentido e ela deixa de existir. Acredito, por todo esse contexto e ações, que a comunidade tradicional republicana cria uma bolha social com a casa e tendo outras repúblicas como cenário e os rituais como ferramentas de criação e manutenção dessa bolha.

3.3 As consequências da bolha

A prática da repetição de rituais da comunidade republicana responsável por influenciar a existência da bolha epistêmica, foi explicada. O ponto seguinte a ser discutido é o que essa bolha causa nos indivíduos que abriga. Estar dentro de uma bolha social é estar em um ambiente que priva ou reduz significativamente o contato das pessoas dentro deste ambiente a um conjunto de ideias ou experiências comuns ao ambiente externo. Por exemplo: um republicano pode ter bom conhecimento teórico da realidade das cidades de Ouro Preto e Mariana, considerando-se sua privilegiada posição como universitário, que denuncia o mínimo de conhecimento social geral e também levando em conta as discussões diversas que venham a nascer na universidade, talvez em pesquisas, por exemplo. Mas esse republicano não saberá, muito provavelmente, como o cotidiano do cidadão não-universitário (ou estudantes em outras instituições) se parece na prática, pois ele não teve a oportunidade de cultivar essas experiências, já que a rotina na comunidade republicana já preenche em forma de espaço e companhia quaisquer motivos que pudessem causar necessidade de conhecer algum lugar sozinho ou de buscar lazer.

Como esse estudante então, teria o contato necessário e significativo para descobrir coisas como: o que os moradores locais pensam sobre as repúblicas, a universidade, os pontos positivos e negativos das cidades históricas, o que mais valorizam e o que não apreciam? Descobrir esse tipo de pontos de vista locais e individuais, não acontece em uma conversa rápida e superficial com o caixa de supermercado, por exemplo.

A bolha social gera como notável consequência o afastamento da comunidade republicana do resto da comunidade local natural das cidades de Ouro Preto e Mariana e, conseqüentemente, de suas ideias. A atual decana da república N2, fala sobre esse distanciamento:

“(...) Eu posso falar mais com mais propriedade da minha república (...). Eu sinto que o sistema republicano, o meio universitário é bem dividido da cidade de Mariana (...) nunca tive tanto contato com as pessoas de Mariana mesmo, foram poucas as pessoas que eu conheci e fiz amizade que já são de lá, mas... Porque o meu meio mesmo era o republicano, era minha casa, né, e a gente tinha amizade com outras repúblicas, então eu sempre convivi mais nesse meio republicano e nesse meio universitário (...)” (LUZIA, 2020)

A ex-decana da casa, Carolina, segue a mesma reflexão:

"A universidade e Mariana são duas bolhas muito distantes". (...) "Primeiro, que as pessoas de Mariana não sabem que a Ufop é acessível, né, deveria ser pelo menos. Tem pessoas que não sabem que podem passar por lá, entrar a hora que quer. E quando

a gente vai pra Mariana e mora em república e vai pra universidade, a gente não tem contato com os moradores, nascidos em Mariana. A gente tem contato entre a gente. Dificilmente a gente troca ideia com pessoas que nasceram em Mariana. Durante a graduação inteira eu tenho uma amiga de Mariana, que eu conheci na Ufop. E aí depois no meu último ano que eu fui me aproximando mais da população marianense, porque a gente não tem esse contato." (CAROLINA, 2020)

O decano da república N1 segue a mesma linha de pensamento quando lhe pergunto se há afastamento entre as repúblicas e a população ouro-pretana:

"Se tiver tendo festa na maioria das vezes eu nem pago, né, mas agora se uma pessoa que é de Ouro Preto e não conhece, não tem muita amizade com a casa, então pessoal não vai deixar entrar, sabe (...) É claro que tem questão de segurança, de precaver e tudo mais. Mas eu vejo que tem muito essa diferença, sim. E eu não vejo que as repúblicas (...) estão de fato preocupadas assim com a comunidade ouro-pretana. A maioria das repúblicas que cumprem um papel social eu vejo muito que é pra mostrar, pra mostrar uma imagem. Não vejo uma preocupação efetiva assim com o público ouro-pretano, com a comunidade, com a história do local (...)" (GABRIEL, 2020)

Dos três membros da comunidade a quem perguntei sobre o afastamento, os três o confirmam em formas de pensar muito parecidas. Ao perguntar a ex-decana Carolina sobre o afastamento em relação à comunidade local ser ou não intencional, ela diz achar que acredita que sim, que é algo proposital, e acrescenta:

"Eu acho que é da experiência também, porque várias pessoas de Mariana, principalmente as mais velhas, não gostam de universitários. Principalmente de república. Universitário não, república. Não gosta porque faz barulho, faz bagunça, incomoda. Acho que aí as pessoas que moram em república meio que criaram um bloqueio de não interagir com essas pessoas que não gostam da gente. Mas a gente acabou generalizando, não é todo mundo, tem as exceções. (...) Talvez seja uma forma de segurança, mesmo, mas eu falo não só de rock porque rock é difícil, é complicado, é uma realidade diferente do resto do mundo, nós na universidade de Mariana, mas eu falo do dia a dia também sabe, esse diálogo (...)" (CAROLINA, 2020)

Fazendo a mesma pergunta à decana atual da casa, ela comenta:

"Não... Pelo menos, assim, lá na N2 eu nunca vi desse jeito, mas é por a maioria dos universitários morar em república (...). Eu não acho que é uma coisa proposital... Mas eu acho que... Que só acontece, na verdade. Porque quando eu entrei na N2, a N2 já tinha amizade com algumas repúblicas e conseqüentemente as pessoas que moram nessas repúblicas são é... São gente da universidade. Eu acho até que muitas repúblicas tem esse pré-requisito de só aceitar estudante e tudo o mais. Então... Eu não acho que é proposital, mas foi o que eu vi acontecendo desde que eu entrei. Esse contato... Ser um círculo mais fechado (...)" (LUZIA, 2020)

O afastamento das repúblicas tradicionais ouro-pretanas e marianenses em relação ao contexto local ou aos moradores das cidades onde estão situadas é, então, confirmado pelos decanos de ambas as repúblicas estudadas e pela ex-decana da república N2. Juntando tais observações à minha própria experiência como membro dessa comunidade, me parece de fato

claro que o afastamento é real. Como já discutido anteriormente, a bolha epistêmica acontece através da omissão de informação vinda de fora que termina por ser filtrada ao passar pelos processos de introdução dos potenciais calouros na comunidade: dessa forma a bolha mantém a película que a separa da realidade de fora, consequência que pode acontecer acidentalmente durante a própria formação da comunidade.

No caso das repúblicas, o contato é omitido como resultado das relações reforçadas a todo o momento dentro da própria comunidade: Os rocks que reforçam laços entre as casas, os hinos que reforçam uma ideia sobre a república, a escolha e seleção que resultam na união entre grupos e pessoas que pensam de forma semelhante.

Relembrando o que diz Nguyen (2018), uma vez que se faz parte dessa comunidade as crenças, estilos de vida e pontos de vista gerais, por exemplo, passam a se reforçar naturalmente pela falta de divergências consideráveis entre os membros, seja na grande comunidade republicana ou dentro da realidade de cada casa. Uma vez iniciado esse ciclo, ele tenderá à repetição a toda vez que o processo de seleção de calouros se iniciar e se reforçará e consolidará continuamente através das gerações, sendo interferido quando a bolha estourar (um novo decano que passa a mudar costumes e a aceitar membros mais diferentes, abrirá a república para o contato com algo novo e então da próxima vez o ciclo recomeçaria com certas diferenças, ainda que pequenas).

Algumas das repúblicas, como relembro na fala do decano da república N1, têm contato com a cidade de Ouro Preto por meio de causas sociais:

"Eu acredito que as repúblicas federais de Ouro Preto, elas até têm papel social, né, legal na cidade... Mas eu com certeza vejo essa segregação entre o público das repúblicas e a comunidade ouro-pretana, né." (GABRIEL, 2020)

Essa reflexão dá a entender que a segregação que ocorre é causada pelo contato exclusivo de república para república que retroalimenta a comunidade e não por negarem a possibilidade de outras realidades sociais, porque esse reconhecimento existe em contato por outros meios. Esse contato existe em algum nível em algumas casas, embora a comunidade siga existindo em uma redoma de película fina como efeito colateral das práticas tradicionais que reforçam os mesmos modos de pensar. Viver em um grupo formado por pessoas que terminam por reforçar o senso comum interno apenas sobre as realidades que transpassam o filtro da bolha resulta em pouco contato com realidades e ideias realmente divergentes. Entre as consequências de viver dentro de uma bolha social, resalto:

Pouco compartilhamento da cultura local: levando em consideração o tamanho relativamente pequeno de ambas as cidades onde estão localizadas as repúblicas, Ouro Preto e Mariana, o movimento de pouco contato com o ambiente externo resulta em poucas possibilidades de conhecer a fundo a cultura local, ainda que cada estudante tenha em média 4 anos para desenvolver esse contato.

Para conhecer a cultura local não basta usufruir do que a cidade dispõe, mas conhecer as pessoas que fazem essa disponibilidade ser possível. Os habitantes dessas cidades são os responsáveis por sua existência e manutenção e são os criadores e preservadores de sua cultura, que não é facilmente acessível sem contato pessoal. Experiências como observar a arquitetura local e experimentar sua gastronomia, que estão geralmente a fácil alcance, são experiências comuns a qualquer lugar visitado por um turista. A cultura de um lugar não está concentrada apenas nesses pontos, eles são tão acessíveis que difícil seria nunca olhar os prédios ao redor e nunca ir a um restaurante. A cultura vivida pelos locais, como as histórias por eles contadas e os conhecimentos por eles guardados, só são acessíveis através do contato próximo e intencional com os mesmos, ou seja: o aprendizado cresce nas relações entre indivíduos diferentes.

Déficit de conhecimento sobre o gênero oposto: as repúblicas mais tradicionais são geralmente unissex, ou femininas ou masculinas. Inclusive, há apenas uma república federal mista em Ouro Preto. O pouco contato com o gênero oposto na vivência comum ao cotidiano limita significativamente a base de argumentos para uma discussão sobre assédio sofrido por mulheres, em uma república masculina, ou todos os efeitos possíveis da masculinidade tóxica, em uma república feminina. Levando em consideração a localização da república N2 na cidade de Mariana, onde os dois campi da Ufop são voltados às Ciências Humanas e o fato da República N1 cultivar o interesse por discussões políticas, como vim a saber de seu decano atual, termina por constituir uma grande desvantagem para as duas casas.

Classes sociais limitadas: o primeiro filtro que limita as classes sociais com as quais os republicanos têm convívio vem desde a época da matrícula na universidade. Apenas os estudantes com condição financeira para estudar na Ufop, de fato, irão para lá, mesmo que ele termine por viver em uma das moradias da universidade. Vários níveis de condição financeira são testados nesse momento e apenas os que puderem pagar para morar em uma república de fato poderão entrar para essa comunidade. Cada república tem sua própria estimativa de custos mensais por membro e embora as repúblicas federais sejam mais acessíveis por obterem apoio financeiro da universidade, o membro ainda precisaria poder permitir-se pagar pelo estilo de vida republicano, já que muitos dos rituais da comunidade consistem de reuniões sociais com

outras casas nas quais são necessários o pagamento por bebida, comida ou algum outro material que será utilizado para o lazer. Além disso, para realizar um rock é necessário pagar por tudo que será oferecido aos convidados e esses também precisam pagar por sua entrada. Esse convívio social é frequente e agitado, forçando o aluno a dispor de mais poder econômico do que o básico para viver na república, especialmente a tradicional.

Pouco contato com diferentes fases e lugares da vida: os membros da comunidade republicana geralmente se limitam a uma faixa etária específica, digamos que uma faixa universitária, na qual é rara a existência de um indivíduo fora da casa dos vinte anos. De certa forma isso pode trazer um grande foco no presente e pouca reflexão sobre as experiências vividas em outros momentos da vida e o que indivíduos em idades diferentes podem trazer como ensinamento. As diferentes idades não só dizem de uma sabedoria diferente, mas de pessoas que podem estar em momentos diferentes da vida e experienciando situações sociais diferentes, ainda que na mesma faixa etária universitária da comunidade republicana. Isso pode resultar em pouca compreensão da amplitude de formas e ritmos de se viver, nas quais não há a fórmula social à qual essa comunidade está acostumada a presenciar e, talvez, reproduzir.

Por fim, considero que a bolha social traz pouco contato com diversidade de pensamento para quem está do lado de dentro, privando um desenvolvimento intelectual mais complexo sobre situações que não passam pelo filtro de forma apropriada, causando lacunas, déficits na forma como indivíduo de dentro da bolha olha para os que estão do lado de fora.

Considerações finais

Antes de outubro de 2017 eu não fazia parte de uma república tradicional, mas vivia de forma muito próxima a essa ideia. Depois desse período passei a interagir total e intensamente dentro da comunidade republicana, a qual, desde então, faço parte. Mesmo antes de iniciar a jornada dentro de uma república, os rituais e as paixões de seus membros não falhavam em me intrigar.

Me era fascinante como aquele sistema parecia se movimentar como um organismo vivo. Todos pareciam se conhecer, mesmo não pertencendo a casas próximas, geograficamente ou socialmente. Todos tinham títulos relativos às suas posições nas casas, respeitavam a hierarquia e sentiam ansiedade com a perspectiva de talvez serem escolhidos, de talvez um dia se tornarem vice-decanos, ou até mesmo, decanos. Era um mundo fantástico à parte.

Dada a oportunidade de pesquisar como esse mecanismo funciona e como essas características fazem parte dele, não pude evitar senão trazer a questão do afastamento entre repúblicas e moradores locais, quais são os elementos que o causam e como o sistema permanece vivo através das gerações e, centralmente, como esse afastamento poderia causar a existência de uma bolha social. Além de sanar meu interesse, fico satisfeita com a contribuição da pesquisa para a comunidade acadêmica, trazendo nova perspectiva sob a realidade a qual a Universidade Federal de Ouro Preto tem como lar há 144 anos pela Escola de Minas.

Para desenvolver esta pesquisa, precisei lidar principalmente com o complexo trabalho de observar minha própria realidade com estranheza e distanciamento (VELHO, 1980), embora meu olhar como observadora seja sempre carregado de subjetividade do meu próprio lugar na sociedade, incluindo na sociedade republicana. Era necessário buscar ver elementos do meu cotidiano como se fossem, na verdade, estranhos a mim.

A vida nas repúblicas de Ouro Preto e Mariana existe em meio a uma grande comunidade com fortes traços tradicionais (GIDDENS, 2001) presentes em mais de uma camada: há a ampla comunidade que constitui as repúblicas ouro-pretanas e marianenses, a comunidade de repúblicas especificamente de Ouro Preto, assim como as de Mariana e há a própria república, como unidade, que também possui as mesmas características tradicionais básicas em seu sistema cotidiano. Essa grande comunidade é mantida firme e conectada através dos rituais praticados em grupo, como os rocks, os sociais, o canto do hino, a escolha e o quadrinho, que geram o senso de identidade (BAUMAN, 2000) e alimentam laços emocionais que fazem a comunidade afetiva (HALBWACHS, 1990).

A república como unidade não funcionaria do jeito que descrevi se não existisse a grande comunidade tradicional republicana e vice-versa, desde que uma mantém a outra alimentada como em uma relação simbiótica. O conceito dessa comunidade só existe, assim como o de qualquer outra comunidade, através de um princípio básico de exclusão. Sempre deve haver algo dentro e fora. De outra forma a ideia de grupo perde sentido.

Os critérios dessa exclusão podem ser representados por qualquer característica que sirva de referência para filtragem e, no nosso caso, vários elementos entram em ação: para se viver em uma república tradicional, deve-se ser estudante. Logo, não-estudantes estão de fora. Esses estudantes tendem a ser universitários da Ufop, assim universitários de outras instituições são desconsiderados como moradores. Se uma república é feminina, logicamente não pode haver homens. Se for uma casa de vida social superativa, dificilmente haverá nela um estudante com orçamento previsto apenas para aluguel e alimentação, sem muito lazer incluso. E se for uma república iniciada por pessoas mais jovens, é improvável que um dos moradores seja de meia-idade.

E dessa forma se constrói a exclusão, detalhe por detalhe, filtro em cima de filtro. Intencionalmente ou não, se agrupam pessoas que, seja por uma ou inúmeras razões, se conectam facilmente como semelhantes. Nessa lógica, apoia-se a noção do que distingue "nós" dos "outros".

O contato frequente entre membros desse grupo e os filtros sociais que o estruturam encontra sustento através das práticas repetitivas de rituais citados anteriormente. Esses rituais são repletos de significados que, além de servirem a motivos práticos, passam a representar profundo teor emocional para cada membro. Temos então as repúblicas como comunidade formada pelo resultado de filtros que selecionam seus moradores, que se mantém forte e alimentada por suas tradicionalidades que geram também um significativo senso identitário, de pertencimento e conforto.

Esse interessante efeito dominó resulta, afinal, em um outro fenômeno: a bolha epistêmica (NGUYEN, 2018). Um grupo de pessoas vivendo continuamente com indivíduos semelhantes, que provocam pouco desafio de convivência e experiências realmente diversas.

Embora providenciem diálogos estimulantes entre si, esses indivíduos se alimentam na verdade de opiniões reprocessadas e repensadas por outras pessoas que também pensam de maneira próxima entre si e pouco heterogênea, o que causa uma comunidade em déficit de conhecimento prático da realidade do outro lado da frágil, porém existente, redoma. Dessa forma, acredito ser possível afirmar que o sistema de repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana, de fato, influencia a existência de uma bolha social.

A bolha nasce justamente com ajuda da comunidade tradicional republicana, que em sua concentração social dentro de seu próprio círculo, dificulta a entrada de vozes que tragam ideias divergentes, que venham de fora, no caso, especialmente dos não-estudantes e não-moradores de repúblicas, geralmente moradores locais das cidades de Ouro Preto e Mariana.

Assim emergem importantes reflexões de caráter comunicacional: a comunidade de repúblicas ouro-pretanas e marianenses funciona de tal forma e com tal intensidade que as rotinas de seus membros giram praticamente inteiramente ao redor dessa realidade, que é composta por membros que se uniram através de processos de seleção de similaridade e que alimentam, então, uma rede de conexões pobre em diversidade de informação (NGUYEN, 2018).

Desde que esses indivíduos desprendem considerável energia social destinada diariamente a esse meio, me parece razoável concluir que também se informam por ele e tais informações, sempre tão similares entre si, terminam por se autorreforçar e auto inflar o ego epistêmico (NGUYEN, 2018) de seus membros, que acreditam cada vez mais intensamente na veracidade de suas perspectivas sobre o resto da sociedade. Essa comunidade existe em escala notável há pelo menos 101 anos, de acordo com a Castelo dos Nobres, fundada em 1919 e autointitulada república estudantil mais antiga de Ouro Preto e, mais além, do Brasil.

Ouro Preto e Mariana são anfitriãs de uma comunidade que não compartilha substancialmente de sua cultura, ao mesmo tempo que a comunidade em questão tem sua atenção social quase que totalmente absorvida por ela mesma, ainda que esse fenômeno aconteça de forma acidental.

Por fim, essa pesquisa não pretende colocar sob pedras as questões discutidas, que podem se tornar o início de outros caminhos que fomentem mais reflexões. Por exemplo, de que forma o distanciamento dessa comunidade afeta as cidades anfitriãs? Quais devem ser as consequências sentidas individualmente na vida pós-república? Como esse sistema pode servir para analisar outras bolhas sociais?

Referências Bibliográficas

AMARO, Vanessa Fernandes. **Vivendo na pele do outro: a observação participante para desvendar a favela da Rocinha, no Brasil** – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 16, 2004. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=809. Acesso em: 28 set. 2019.

AUGUSTO. “República N1 - Observação não-participante preparação para o 12 de outubro”, 2020. ANEXO A – Notas de Campo.

BARBOSA, Marialva. **Conceitos, armadilhas, olhares: apontamentos metodológicos para a consolidação de um campo transdisciplinar**. 2002. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36820>> Acesso em: 1 de abril de 2021

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 258 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 138 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **A Sociedade Individualizada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAROLINA. “República N2 – Entrevista com ex-decana”. Entrevista concedida à autora em 2020. ANEXO B – Entrevistas.

CLEMENTINO, José Bruno do Nascimento; DAVID, Rayza Caroline Gama; LANZA, Frederico Deliks Schulz. "Universidade Pública e seu Impacto na Economia Local: Um Estudo dos Gastos dos Alunos da Ufop em Mariana e Região". Disponível em http://ufop.br/sites/default/files/resumo_do_artigo_com_errata.pdf acesso em 23 Março, 2020.

Cresce o número de ingressantes da região e do estado na UFOP. Ufop. Disponível em: <<https://ufop.br/noticias/sisu/cresce-o-numero-de-ingressantes-da-regiao-e-do-estado-na-ufop>>. Acesso em: 31 de outubro de 2019

ESCOLA DE MINAS. História da Escola de Minas. Disponível em: <https://www.em.ufop.br/index.php/historia> Acesso em: 23 nov. 2019

ESCOLHA UFOP. Moradia estudantil. Disponível em: <https://escolha.ufop.br/vida-universitaria/moradia-estudantil> Acesso em: 23 nov. 2019

FACEBOOK. República Intocáveis. Disponível: https://www.facebook.com/pg/intocaveisrepublica/about/?ref=page_internal. Acesso em: 23 nov. 2019

GABRIEL. “República N1 – Entrevista com decano”. Entrevista concedida à autora em 2020. ANEXO B – Entrevistas.

- GEERTZ, Clifford. O saber local: ovos ensaios em antropologia interpretativa. In: GEERTZ, Clifford. O saber local. 7. ed. Petropolis: Vozes, 1997.
- GIDDENS, Anthony. Em defesa da Sociologia: Ensaios, interpretações e trélicas. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 21-95
- GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando máscaras sociais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves: 1980.
- HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. Globalização. In: HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, p.67-76.
- Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Ufop. Disponível em: <<https://ichs.ufop.br/diretoria-0>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2020
- IBGE | Cidades | Minas Gerais | Mariana | Panorama. IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mariana/panorama>>. Acesso em: 19 de agosto de 2020.
- IBGE | Cidades | Minas Gerais | Ouro Preto | Panorama. IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-preto/panorama>>. Acesso em: 19 de agosto de 2020.
- Portal Iphan. Centro Histórico de Ouro Preto (MG). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/30>>. Acesso em: 13 de abril 2020.
- KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LAGE, Giselle Carino. **Revisitando o método etnográfico**: contribuições para a narrativa antropológica. – Revista Espaço Acadêmico, v. 1, p. 7, 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index>. Acesso em: 28 set. 2019.
- LUZIA. “República N2 – Entrevista com a atual decana”. Entrevista concedida à autora em 2020. ANEXO B – Entrevistas.
- MORADOR. “República N1 - Observação não-participante preparação para o 12 de outubro”, 2020. ANEXO A – Notas de Campo.
- Nguyen, C. Thi. **Echo Chambers and Epistemic Bubbles**. Episteme, vol. 17, no. 2, 2020, pp. 141–161., doi:10.1017/epi.2018.32.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. USP – Revista

Online de Antropologia, v. 39, p. 37, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579> . Acesso em: 28 set. 2019.

Pesquisa realizada no ICSA calcula impacto econômico de estudantes em Mariana. Ufop. Disponível em: <<https://ufop.br/noticias/pesquisa-e-inovacao/pesquisa-realizada-no-icsa-calcula-impacto-economico-de-estudantes-em>> Acesso em: 05 de nov. de 2020.

Portal da Cidade. Mariana está em busca de reconhecimento da UNESCO. Disponível em: <<https://mariana.portaldacidade.com/noticias/cultura/mariana-esta-em-busca-de-reconhecimento-da-unesco-5207>>. Acesso em: 20 de setembro de 2020

PHARMACIA BRASILEIRA. Memória Farmacêutica: por que preservar? Disponível em: http://www.cff.org.br/sistemas/geral/revista/pdf/137/022a026_entrevista_martha_lana.pdf Acesso em: 23 nov. 2019

PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. Moradia estudantil. Disponível em: <https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil> Acesso em: 23 nov. 2019

PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. Modalidade de gestão compartilhada. Disponível em: <https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-de-gestao-compartilhada>

PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. Como ingressar. Disponível: <https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-de-gestao-compartilhada/como-ingressar> Acesso em: 23 nov. 2019

REIS, Saulo. “República N1 - Observação não-participante preparação para o 12 de outubro”, 2020. ANEXO A – Notas de Campo.

UFOP. Pesquisa realizada no ICSA calcula impacto econômico de estudantes em Mariana. Disponível em: <https://ufop.br/noticias/pesquisa-e-inovacao/pesquisa-realizada-no-icsa-calcula-impacto-economico-de-estudantes-em> Acesso em: 23 nov. 2019

UFOP. História do ICHS. Disponível em: <https://ichs.ufop.br/diretoria-0> Acesso em: 23 nov, 2019.

TRAVANCAS, Isabel. Jornalistas e antropólogos – **Semelhanças e distinções da prática profissional**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93938703768181946134929607127456618345.pdf> Acesso em: 28 set. 2019.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Revista brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153-155, fev 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012&lng=en&nrm=iso Acesso em 30 de março de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980, p. 123-132.

World Heritage List. Historic Town of Ouro Preto. Unesco Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/124>>. Acesso em: 14 de junho de 2020

ANEXO A – Notas de Campo

Em 08 de março de 2020 teve início o trabalho de campo e minha observação participante das repúblicas N1, em Ouro Preto e N2, em Mariana. Foi feita uma observação em cada república e as notas de campo foram devidamente tomadas. O trabalho de campo tinha retomada prevista para março de 2020 e, justamente em março enfrentamos como sociedade a recomendação de isolamento social para contenção do vírus Sars-Cov-2, surgido em dezembro de 2019 e que se tornou uma pandemia logo no início de 2020.

A observação participante em sua tradicional forma presencial já não era possível. Também em março, a Universidade Federal de Ouro Preto, seguindo a recomendação de isolamento, suspendeu as atividades presenciais sem previsão de retorno. As repúblicas de Mariana e Ouro Preto viram vários (senão a maioria) de seus moradores voltarem para suas cidades natais ou para outras cidades a fim de realizar o isolamento em outros lugares, incluindo as duas repúblicas estudadas.

As repúblicas objeto de minha pesquisa estão incluídas neste grupo. A forma de comunidade prevista por mim naquelas cidades, com todos os contatos presenciais que eu citei, já não existia da mesma maneira. Então, como seguir com o trabalho de campo? Passei meses preocupada com essa situação incerta, assim como todo o resto de meu cotidiano, sem perspectiva alguma, passando por momentos de insegurança, perplexidade e inanição, efeitos trazidos pela pandemia.

Mas, sendo parte da comunidade republicana, me dei conta de sua presença diária e próxima de mim, afinal, eu decidi me isolar socialmente em uma república irmã de minha casa, que leva o mesmo nome e princípios, apesar de estar situada na cidade do Rio de Janeiro. Também me vi fazendo ligações telefônicas frequentes para os meninos que são de minha república em Mariana. Isso despertou certa curiosidade: Como meus objetos de estudo estariam se comportando durante a pandemia? Será mesmo que a comunidade foi tão afetada ou ainda se mantém à distância? Retomei, então, o trabalho em agosto, mês em que a universidade também permitiu a retomada de atividades por meio online. Comecei com a república N1. Decidi que embora à distância, conseguiria responder minhas questões de pesquisa, de certa forma, de maneira similar.

República N1 - Observação Participante

Data: 08 de março de 2020

Local: República N1

Cheguei a Ouro Preto às 12h09, já atrasada para o encontro marcado 12h, pois calculei mal o tempo de viagem desde Mariana. A República N1 teria um almoço com amigas de Água Limpa, bairro de Ouro Preto e seria meu primeiro contato presencial com a casa.

Cheguei à N1 12h20 e fui recebida por Gabriel, decano da casa, que parecia levemente contente com minha chegada. Ao entrar na casa e passar pelo corredor que levava à copa/cozinha, percebi que essa federal é menor que a maioria, que tende, inclusive, a ter quartos vazios consequentes da autogestão das repúblicas, que permite aos veteranos escolher quem fica para morar, história que foi mais tarde confirmada por Gabriel. Ao entrar na copa/cozinha da casa, me encontrei com outros moradores da casa (embora alguns ainda fossem bixos) e visitantes que estavam de passagem ou que já haviam chegado para o compromisso. O almoço ainda não tinha sido planejado e a reunião ainda não havia acontecido. Na noite passada, a casa fez um rock e os moradores estavam descansando, alguns ainda dormindo, causando o atraso no cronograma do dia.

Aos poucos, um e outro morador apareceu. Um deles se apresentou como “bixo” no lugar de seu nome e logo lembrei a diferença social entre moradores e calouros, como se o calouro não tivesse identidade enquanto não fosse escolhido como morador oficial. Como parte desse modo de vida. Tomando consciência como estando na posição de decana em outra república, tomei o cuidado de não questionar o nome do bixo e não olhar com estranheza quando percebi que geralmente só os bixos serviam bebida, limpavam pequenas bagunças ou acidentes. Afinal, no pensamento republicano federal tradicional, geralmente essas tarefas são destinadas à eles, na intenção, como dizem, de torná-los parte da república e futuros moradores.

Conversei com uma amiga da casa, que aparentemente estava apenas visitando, pois em um dado momento foi convidada para ficar para o almoço. Fernanda é estudante de jornalismo e está no último período. Após conversarmos um pouco sobre meu trabalho, ela explicou que se mudou para Mariana recentemente para realizar seu estágio, mas que prefere a vida em Ouro Preto, por isso acaba passando mais tempo na cidade que em Mariana, para onde se mudou por questões financeiras, buscando uma moradia socioeconômica.

Às 13h, pouco tempo depois de outros moradores e “bixos” terem acordado, Vektor começou a listar os ingredientes que seriam necessários para o almoço, passando a tarefa de comprá-los para os calouros.

Alguns minutos depois, Gabriel chamou a reunião (que será feita sempre aos domingos). Dirigindo a mim e os moradores à sala, o decano esperou que todos estivessem prontos para começar. Enquanto isso, meu olhar percorria as paredes do lugar, uma delas preenchida com ao menos 4 fileiras de quadrinhos de ex-moradores. São gerações e gerações, desde quando a república foi fundada, em 1958. Com todos em seus lugares, me foi dado espaço para iniciar explicando meu trabalho, pois nem todos sabiam ou entendiam completamente como seria feito e qual era o objetivo de minha pesquisa.

Durante as dúvidas, a mais insistente foi se eu escreveria sobre momentos de uso de drogas ilícitas, que ocorrem corriqueiramente, e sobre o que os moradores diriam enquanto estivessem “emocionados” sob o efeito dessas drogas, como disse um deles. Algumas perguntas me pegaram de surpresa, principalmente porque os moradores pareciam preocupados em demasia com o meu trabalho e como ele poderia expor momentos de privacidade e senti que essa desconfiança poderia ser um obstáculo. Cheguei à conclusão, diante dessas perguntas, que muitas ocasiões deveriam ser analisadas caso a caso e que deveria checar com a orientadora do meu trabalho, pois, ainda que eu use nomes fictícios, os moradores sentem que alguns momentos deixariam óbvio que se trata deles.

No fim, o objetivo do trabalho de campo foi entendido o suficiente e todos se deram por satisfeitos, por enquanto. Gabriel acredita ser necessário, talvez, ler o diário de campo antes dele fazer parte da pesquisa final. Preciso analisar como isso afetaria a credibilidade do trabalho, já que, embora meu ponto de vista não pudesse ser alterado, alguém possa querer que eu omita algum acontecimento.

Depois, seguiram na reunião para tarefas gerais da casa e rapidamente a terminaram e se dispersaram. Eu permaneci na sala, para tirar dúvidas sobre os moradores e Gabriel perguntou se eu queria escutar a reunião de contas e outros afazeres que se seguiriam com os moradores.

O decano começou, então, a me explicar o funcionamento da república federal, me passando as seguintes informações: A república federal funciona baseada na autogestão, tendo registro no cartório com CNPJ, tesoureiro e presidente, que nas reuniões tomam as decisões da casa. Há um estatuto e regimento interno que são seguidos e, durante as reuniões, o bixo não tem voto. A organização da casa é feita pelo Google Drive, onde se guardam documentos como atas de reuniões, que são sempre assinadas pelos moradores, já que são um documento para a

Ufop. A casa possui uma conta bancária para a presidência (nome dado a quem cuida das contas da casa e que muda de morador a cada mês) de onde retiram o dinheiro usado para o dia a dia. Há outra conta para a festa do doze, quando se faz o aniversário da casa, e uma conta jurídica da casa, que está inativa. O planejamento da república é feito trimestralmente.

A república também realiza hospedagem durante o carnaval, como casa de apoio, uma casa contratada por repúblicas que vendem pacotes de carnaval e não têm a estrutura necessária para hospedar todos os clientes. A hospedagem da N1 lucra, em um ano típico, de 8 a 9 mil reais. Por fim, me foi contado por Gabriel que os bixos são recebidos com o estatuto da casa, explicação do funcionamento da mesma e uma ficha de cadastro para moradia.

Quando Gabriel e Pedro, seu vice-decano, iniciaram uma conversa sobre as contas da casa, que não agregaria em minha observação, aproveitei para sanar algumas dúvidas sobre a memória da república. Pedro me disse que os quadrinhos passam de geração em geração, mesmo os que existem desde a fundação da casa, em 1958. Em 2 casos, que os moradores não tinham fotos dos ex-alunos, as buscaram e fizeram os quadrinhos. Me informei de que o endereço atual da república é o mesmo desde 1972. Aproveitei também, para perguntar quem são os moradores: Gabriel (decano), Pedro (vice-decano), Daniel, Geovanni e mais quatro bixos, que ainda não possuem nome. Não fui informada dos nomes de nascimento, que para tal pesquisa, me parecem irrelevantes.

Por volta de 15h21, saí da sala de reunião e me detive a conversar com 1 visitante do almoço e 1 morador da casa sobre o sistema econômico vigente (assunto frequente no meio universitário) e o curso que estudo. Após isso, me dirigi a área externa com uma das visitantes com quem conversava, que me convidou a fumar um “beck” e iniciamos assuntos amplos sobre seu curso, física, e teorias que eu levemente conhecia sobre o tema. A conversa se desenvolveu por tempo considerável, atraindo outras visitantes do almoço e percebo que tenho construído mais relações com as visitantes que com os moradores, que estão ocupados fazendo a comida junto de outras meninas. Não parece um momento oportuno para perguntas, estou agindo como mais uma visitante.

São 17h01 quando paro e noto que me envolvi em uma conversa com outras mulheres sobre problemas relacionados a vida feminina. Depois, saí do quintal a conhecer outra parte da casa e conversei com Luís, ex-vice-decano que trancou o curso e ainda está na casa temporariamente. O motivo de sair da República é o contrário que une os republicanos: Ele não gosta da responsabilidade de manter compromissos sociais e prefere uma vida sozinho ou com sua namorada, com quem iniciou a tarefa de buscar um apartamento. Sua vontade é de montar seus planos individualmente, sair sozinho no final de semana que quiser e quando quiser e

vivendo em uma república há um calendário social constante que exige a presença de todos os moradores, imagino que salvo necessidade real e não apenas outras vontades. Isso reforça a ideia de que para participar de uma comunidade, o indivíduo já não pode agir sozinho.

Às 17h19 já começo a me sentir parte dos amigos, como apenas outra visitante. O almoço ainda não foi servido, mas todos compramos cerveja para passar o tempo e seguir conversando.

Às 18h18 pauso para anotar minha conversa com o decano durante o almoço. Ele se mostra contrário à parte degradadora das práticas das repúblicas tradicionais e federais. Eu converso sobre como as relações sociais funcionam em minha república, onde sou a decana, e explico que o decanato não é um título ganho por antiguidade, mas uma função, na qual se espera uma boa administração da casa e das pessoas, assim como o vice-decanato e o papel esperado dos calouros. Explico que embora o decano geralmente seja o morador mais antigo por questão de experiência, terei um claro exemplo que o vice-decano que escolherei esse período para me substituir no decanato futuramente, entrou juntamente com dois calouros no mesmo período. Explico, também, que as tarefas dadas aos meus calouros são as mesmas que o resto da casa faz, tudo sendo dividido igualmente, salvo tarefas extras ou questões da casa que prefiro passar aos mais novos não simplesmente por serem calouros, mas para aprenderem com tais tarefas para futuramente cuidarem bem da casa. Depois de meus apontamentos sobre como minha república funciona, ele concorda com os calouros não sofrerem abusos, mas sim aprenderem a cuidar da casa e com não utilizar o decanato como forma de se manter acima dos demais e diz que a hierarquia não é usada de maneira a forçar os calouros a agirem de forma desnecessária, como, por exemplo, tomando um “lavrado” (copo cheio) de cachaça por ter feito algo errado (prática comum em repúblicas federais) a não ser que de “brincadeira” e sem pressão. Ainda assim, percebo que a N1 segue chamando os calouros de bixos e faço agora uma nota mental para sanar essa dúvida mais tarde. Se mostrando uma república acolhedora, a N1 parece manter as práticas que fazem uma república ser tradicional e aliviar as demais que outras federais usam de maneira a abusar de alguma forma, seja física ou mental, dos seus moradores.

Quando percebi a hora, 19h39, me decepcionei com o fato de que outra república que visitaria a casa, Afrodite, não havia chegado ainda para um café que havia sido programado para aquela tarde e me preocupei com o horário que chegaria em Mariana, levando em consideração que o transporte público tem horários reduzidos aos domingos e eu não tinha informação de quando o último ônibus partia. Embora tendo cogitado a opção de voltar com um motorista de aplicativo ou táxi, cheguei a conclusão de que tal prática seria insustentável economicamente se repetida. Me despedi dos presentes e questionei um dos moradores,

Geovanni, sobre os demais. O acompanhei até o porão da casa, onde havia um quarto grande e com pouca iluminação. Ali, me despedi dos demais e infelizmente não pude fazer o mesmo com Gabriel, que havia se ausentado para um banho. Saí da casa em direção à praça Tiradentes e pude chegar em Mariana cerca de 50 minutos depois.

Essa primeira observação se mostrou difícil quando tentei me afastar de minha posição republicana para enxergar as situações do ponto de vista de pesquisadora, questionadora de atos que para mim são normais. Por conta disso, imagino que muito de minha observação pode suscitar questões que não imaginei que existiam e das quais ainda não estou ciente.

República N2 - Observação Participante

Data: 15 de março de 2020

Local: República N2

Me preparei para a minha primeira observação presencial na república N2 que ocorreria no dia 15 de março. Desfrutando do privilégio de morar perto da república em questão, pude sair de casa por volta das 12h e cheguei cerca de 10 minutos depois. O horário marcado não era claro, fui instruída a chegar por volta do horário do almoço, oportunidade na qual aconteceria o social entre a N2 e outra república de Mariana.

Ao chegar na casa fui recebida através do interfone. Subi as escadas e atravessei um trecho da casa até chegar na cozinha, de onde vinham as vozes. Ao longo do caminho, percebi que me encontrava em um ambiente muito espaço e, de acordo com minha experiência visitando outras repúblicas, atípico como casa universitária. O lugar contava com um espaçoso quintal, garagem, corredores que circundavam a casa. Por dentro, entretanto, os cômodos não eram tão espaçosos.

Na cozinha, ainda estavam preparando a comida, em processo de finalização. Fui bem recebida, me sentei a um canto e conversei informalmente com as meninas presentes, 5 moradoras. Expliquei sobre minha pesquisa e sobre meus interesses. Logo nossa conversa partiu para um caminho mais informal. Me senti definitivamente diferente de como estava na república N1. Apesar de ter sido bem recebida na república ouro-pretana, era a primeira vez que conhecia os moradores pessoalmente. Além disso, justamente por nosso vínculo ser basicamente apenas minha pesquisa, o foco das conversas na maior parte do tempo foi sobre o que eu procurava observar e outros assuntos que envolviam com mais frequência o lado acadêmico de se estudar na Ufop, não o republicano. Isso causou em mim uma sensação de distanciamento natural para minha observação.

Na república N2 me senti recebida com maior habitualidade. Eu já conhecia a maioria das moradoras como colegas do Instituto da universidade localizados na cidade de Mariana, além de vê-las em rocks organizados por outras repúblicas, inclusive, em nossas próprias casas. Me senti como uma convidada com quem elas não tinham amizade desenvolvida, mas que como sempre esteve por perto, não sou exatamente desconhecida e por isso não sou tratada como tal.

As conversas não tinham um teor de empolgação, me senti presenciando um momento corriqueiro. Alguns dos assuntos surgidos, enquanto as moradoras cozinhavam, foi sobre quem lavaria as louças e as estudantes logo apontaram que essa seria uma tarefa dos convidados.

Quando me dirijo para a sala e me atento os quadrinhos e outros memorandos, vejo um lembrete de que a casa tem hoje 21 anos. Me parece uma demonstração de orgulho. A república convidada chega pouco tempo depois, trazendo 9 moradores. O social então, é formado por 14 pessoas nesse dia.

Nesse momento, os convidados têm sua atenção em assar carne para um churrasco, enquanto as moradoras trazem os pratos prontos. Todos estão reunidos no quintal e conversam entre si. A república convidada conta histórias sobre sua casa e os moradores relembram juntos de momentos. Enquanto isso, eu e Carolina conversamos mais sobre minha pesquisa, enquanto ela fala sobre seus próprios estudos acadêmicos.

Durante essa conversa, deixamos no ar a possibilidade de marcarmos um social entre nossas casas. É um momento interessante para mim, pois o social é marcado comigo como moradora de república, não pesquisadora. Mas, como disse anteriormente, os papéis parecem se misturar de um jeito fluido nesse encontro.

Resolvo me envolver em uma conversa com outra moradora, na esperança de conhecer um pouco mais da república. Ela me conta sobre se sentir em casa e que sente que faz parte de algo desde que foi escolhida, esse "algo" soando como fortemente simbólico. Ela diz que mesmo antes de passar pelo ritual da escolha, já se sentia bem vivendo na república N2 e que esse ritual serviu para criar uma identidade, como que selando sua moradia na casa.

A moradora escolhe suas palavras de forma que facilitam os termos que uso e minha própria observação. Ao dizer da identidade, rapidamente entendo como que para ela sua vida republicana e o significado do ritual da escolha não passam despercebidos em seu significado, assim como seu sentimento com relação a eles.

Enquanto isso, um dos convidados da república masculina se interessou sobre o modo de viver em minha república, quando respondi qual ela era. Ele diz que se identifica com nosso estilo, com o que ele acredita e com quem ele é. Mais uma vez os papéis entre observadora e vivente do meio republicano acontecem com mais intensidade ao mesmo tempo. A empolgação desse convidado me interessa em ambas as minhas posições. Como republicana, lhe digo que se quiser morar conosco, basta conversar comigo em outro momento. Analiso rapidamente, com as informações que tenho em mãos, se ele de fato gostaria de viver em minha república. Reparo em seu modo de falar, no que parece lhe interessar e como se comporta com as pessoas ao seu redor.

Como pesquisadora, não posso deixar de perceber a urgência em sua voz ao falar de minha casa, como se estivesse à procura de um lugar onde se sentiria mais acolhido. Ele fala de minha república como se fosse um lugar altamente identificável, como se fosse uma casa que

ele ainda não tem. Toda essa conversa, inclusive, acontece em baixo tom de voz, como se o convidado temesse ser ouvido por seus outros co-moradores. Eu respeito esse desejo e depois de nos embrenharmos em conversas mais pessoais, encerramos nosso diálogo. Ele não me pergunta sobre minha pesquisa, escolhe minha personalidade republicana para conversar. Eu sinto que para fazer amigos, não é necessário muito. Ser de uma república é meio caminho andado.

Sobre a república N2, reparo que não parece haver um tratamento diferente entre moradoras de diferentes posições hierárquicas. Ainda assim, percebo que os calouros são tímidos com relação ao resto do grupo, não falam muito e permanecem camuflados com o resto da casa. Já moradoras escolhidas há pouco tempo, embora mais ativas socialmente, demonstram respeito considerável pela decana. Ela fala de forma a entender como sua função é importante e como se sente grata por poder fazer parte dessa hierarquia como mais uma moradora.

Já próximo das 16h, me sinto mais livre para socializar com a casa sem fazer questões relacionadas à minha pesquisa. Vejo que sou aceita com facilidade pelo grupo. Em um dado momento, sou convidada a jogar cartas com as moradoras e alguns convidados. Sinto uma diversão genuína, embora esteja em trabalho de campo.

Penso, não pela primeira vez, que esse é um sentimento comum, não equivocado. Eu estou vendo aquele momento inteiramente, como uma observação participante e é dessa forma que penso a todo o momento.

Às 17h40, percebendo que o evento estava em seu fim, me despedi com a intenção de poder ter um tempo com os moradores de minha própria casa ainda aquele dia. As moradoras lamentam minha saída com antecedência e os convidados se despedem com tranquilidade. Sinto que foi um dia simples, mas cheio de detalhes que, no fim, são o que forma a vida social do cotidiano comum. O dia a dia não é feito de acontecimentos extravagantes, assim como o dia a dia das repúblicas são construídos, deduzo, em sua maioria, de um cotidiano considerado normais ou de pouco movimento. Penso que o que ajuda a manter a história dessas casas é a quantidade de detalhes significativos acumulados ao longo do tempo, sendo um simples social, um deles.

República N1 – Entrevista com o decano

Data: 17 de agosto de 2020

Local: Online, via Google Meet

Conversei com o decano Gabriel, da N1, e marcamos uma entrevista que teria como propósito meu reconhecimento da nova realidade e nova forma de entender o meio republicano após a pandemia. Essa conversa seria como uma entrevista semiestruturada. No dia 17 de agosto nos encontramos online utilizando o site Google Meet, para videochamada. Por conta do conforto de não precisar estar presente, o decano optou por desligar sua câmera e eu acabei fazendo o mesmo. Conversamos por áudio e esse encontro durou cerca de 1 hora e 30 minutos. Eu estava me sentindo nervosa com essa nova forma de me relacionar. Quais regras sociais estavam em vigência? Como eu transparecia meu comportamento? Uma moradora de república, uma pesquisadora? Até onde eu poderia ir? Quando me encontrei pessoalmente com ele e sua casa, na primeira e única observação participante em 2019, a linha entre onde começava um comportamento e onde terminava, era tênue e leve. Eu sentia que estava ali fazendo parte de dois mundos: o republicano e o de pesquisadora e que estava tudo bem, eles entendiam isso. Eles tinham suas próprias pesquisas em andamento e eu era uma pessoa que eles tinham resolvido ajudar com o próprio trabalho. Mas, em um meio online e durante uma pandemia, um encontro parecia algo sério, para mim, algo que deveria acontecer como parte do meu trabalho e apenas isso, assim poderíamos terminar aquela conversa e seguir com outras tarefas. Logo que iniciamos a conversa percebi o decano Gabriel agindo de forma muito semelhante a quando nos encontramos pela primeira vez, presencialmente. Iniciamos falando sobre a pandemia e como ela estava afetando nossas vidas. Ele mencionou todos os trabalhos que estava fazendo e como estava se mantendo ocupado e produtivo, mesmo com as grandes mudanças recentes. Ele estava na casa dos pais, em uma pequena cidade no interior de São Paulo e esse foi o momento da conversa com maior proximidade do que eu esperava descobrir. Gabriel disse, sobre estar na casa dos pais: "Nessa questão de eu estar tendo que enfrentar esse laço familiar está sendo muito difícil. Porque são pendências emocionais, cargas emocionais acumuladas desde a infância e você acaba enfrentando isso novamente, esse tem sido meu maior desafio, na verdade (...)". Então perguntei a ele quais diferenças ele via entre viver na república, em Ouro Preto, e na casa dos pais. A resposta foi: "Lá é como se eu estivesse mais perto dos meus sonhos. É como se meus sonhos fossem alcançáveis, como se eu estivesse trabalhando para chegar neles. E aqui é como se eu estivesse tentando contornar muitos desafios para tentar mostrar que eu

não sou o que eles querem que eu seja. Porque a gente nasce nessa estrutura familiar patriarcal, sabe, aí você tem que dar satisfação das coisas e aqui eu me sinto paralisado. Me sinto totalmente sufocado. Lá não, eu me sinto como se estivesse na superfície. Como se eu não estivesse afundando."

Percebi a angústia em sua voz ao falar da situação familiar em sua casa e da facilidade maior que ele percebia em morar na N1. Entendi que a república foi a família que ele escolheu, enquanto que sua família biológica era um grupo que exigia um trabalho exaustivo em relacionamento e ao qual ele estava apegado pelo sangue. Me pareceu que a república era útil no sentido de ajudar a manter sua saúde mental, sendo um apoio que fazia ele se sentir mais forte e como se a vida fosse mais fácil. Perguntei, então, sobre quão responsável ele achava que a república era nesse sentimento. Ele respondeu: "(...) Bom, eu acho que a república tem esse papel no momento em que eu moro com pessoas que tem coisas mais ou menos parecidas comigo, sabe, no sentido de questionar a sociedade atual. Não só questionar, mas problematizar, colocar pontos de vista diferentes. Às vezes eu chego em casa, eu posso ter passado o dia inteiro super cansativo (...) os meninos tão lá fora, aí a gente já vai e começa a conversa sobre alguma ideia. (...) Cada um vai trazer uma problematização profunda e aquilo é envolvente, parece que aquilo faz passar o tempo, eu nem percebo o tempo passar. Por ter tantos pontos de vista parece que aquilo é um refúgio. Por mais que a gente esteja discutindo sobre algo ou até brigando, mas não deixa de ser um refúgio, sabe (...) aqui é como se a cicatriz fosse muito mais profunda. (...)". A resposta dele me fez sentir mais segura de que eu havia entendido certo. Viver com a família é mais difícil porque o histórico emocional é mais longo e profundo, marca o desenvolvimento dele como indivíduo. Já a república é uma escolha: ele escolheu um grupo que se parece mais com ele, não necessariamente em sua personalidade, mas em pontos-chave que ele sente falta em sua casa original. Por exemplo, ele pode conversar sobre muitos assuntos, se sentir livre para dizer o que pensa, para questionar e para ser questionado e essas conversas não machucam, porque são baseadas em argumentos de origem racional a partir do que eles sentem sobre o mundo e não sobre o que eles sentem um pelo outro (que seria o emocional, marcado por sua família biológica. Eles rapidamente tornam discussões em brigas que surgem de ressentimentos, de seu histórico como grupo e do que eles esperam uns dos outros). Claro que, como ele mesmo diz, uma briga também pode acontecer entre ele e seus companheiros de república, mas não machuca de forma profunda. Eu imagino que isso tenha a ver justamente com a falta de histórico familiar: eles não esperam algo para a vida do outro, mas esperam que o outro respeite suas vidas e pontos de vista.

Ao longo da conversa compreendo que apesar de Gabriel ter escolhido a sua república, ela não era perfeita para ele: "Eu tenho um pouco de sorte de ter ido pra lá, mas acredito que muita coisa que eu tô colhendo hoje eu plantei no passado. A N1 é uma república tradicional, ela passou por um processo enorme de transição. (...) Quando eu fiquei de decano na casa é que as coisas começaram a mudar de verdade. Quando eu era mais novo eu tentava propor (mudanças) na reunião, mas eu não tinha muita voz, sabe. Peguei toda coisa que eu tinha sentido quando eu era mais novo e falei assim: "todo mundo tem que ter a voz"! Porque pra mim eu não acredito que tenha liberdade na forma que as repúblicas federais são propostas, por exemplo, da hierarquia, da forma como ela é proposta. E me debati com outro desafio: se a gente tá querendo criar algo novo, a gente também tem que estar disposto a abandonar os privilégios, as coisas de hierarquia, porque no modelo antigo alguém mais velho podia falar e o pessoal tinha que aceitar". Quando Gabriel teve a oportunidade de estar no topo da hierarquia republicana, como manda a tradição, pode administrar a casa como deseja e fazer as mudanças que o faria se sentir mais feliz e mais em casa. Mas, ele disse sobre como a liberdade individual não é total, afinal, existe uma posição simbólica mais alta que o decano: o ex-aluno. Grandes decisões que afetam a tradição da casa não passam despercebidas pelos ex-alunos que acompanham a república mesmo anos após terem se formado, e nem sempre concordam com as mudanças propostas pelos decanos. Gabriel disse que é um momento para se "bater de frente". Nesse ponto (e em outros, de meu ponto de vista) a república se aproxima muito de uma família biológica. A sensação de liberdade e acolhimento é maior, afinal, o estudante pode escolher onde morar, logo, escolhe onde se sente melhor. Mas mesmo assim, sua casa tem história e diversas vozes, não sendo perfeita em todos os sentidos e requisitando força de vontade, resistência e persistência do morador que quer mudar algo que ao seu ver é importante. Ainda assim, há a hierarquia a ser observada (do mesmo modo que há em uma família biológica, com a diferença de que na república um dia você estará nas posições mais altas e privilegiadas, enquanto que na família biológica as posições são estáticas). Me pergunto se Gabriel reconhece essa perspectiva, mas ele já mencionou mais de uma vez a república como sendo uma família. Ainda que não perceba a semelhança, ele lida com dificuldades parecidas.

Pouco depois, seguindo a linha de pensamento do que é tradicional, me pergunto o que a república ainda preserva. Ser uma república federal já garante grande parte do tradicionalismo e as mudanças internas no comportamento dos moradores não muda a estrutura da casa e seus rituais mais importantes. Em busca de confirmar esse pensamento, perguntei a Gabriel o que a república tem de tradicional: "Tem bandeira, tem o hino... (...) Como a gente não consegue propor algo (melhor) a gente tirou as punições, mas as coisas tradicionais ainda continuam. Por

exemplo: só o bixo abre a porta, só o bixo atende o telefone. Enquanto a gente vê que ainda tem algum sentido a gente mantém porque não conseguimos propor algo melhor. O intuito do bixo atender a porta e só ele atender ao telefone é pra ele começar a conhecer as pessoas que entram na casa, pra ele se apresentar. Tem uma explicação lógica pra isso, ainda que ela seja meio fraca em alguns momentos (...)." Conforme o que eu pensava, a estrutura básica hierárquica, além de outros símbolos, continua existindo. A bandeira é um dos símbolos básicos de uma república, afinal, qualquer casa que queira ter esse nome, tem uma bandeira. Com relação ao hino, a mesma coisa. Mas a estrutura hierárquica geralmente é um toque a mais, de acordo com minha experiência como republicana. Nem todas as casas que se dizem república mantêm a estrutura tradicional: Algumas a descartam e outras a modificam. Levando em condição que minha república existe em Mariana, preciso lembrar que a cidade não é tão tradicional como Ouro Preto. Realmente não sei quão comum é o abrandamento da estrutura de hierarquia nessa cidade. Gabriel então reforça esse pensamento: a estrutura hierárquica segue existindo, mesmo que sua república N1 já seja considerada por ele menos tradicional do que era antes de tomar sua posição como decano. Para ele há um motivo por trás de algumas práticas da hierarquia e enquanto esse motivo existir, ainda que não tão enfático, não há motivo forte o suficiente para descartar essa prática. Sua forma de abrandar essa questão, como ele mesmo disse, é não fazendo dessas práticas regras sem exceção: Se o bixo estiver ocupado e ele mesmo, decano, estiver mais próximo da porta, ele não vê problema em atendê-la. Curiosamente essa já é considerada uma atitude não muito tradicional. Gabriel disse que antigamente essa não seria uma possibilidade. Eu percebo que o tradicionalismo republicano tem muitas camadas e se estende por um grande espectro. Entendo melhor porque alguns dos republicanos de Ouro Preto que conheci, se referiam às repúblicas de Mariana como pobres em suas práticas, como se não merecessem tanto reconhecimento como eles. Dentro do que eu imaginava ser uma pequena comunidade que se conectava por duas cidades pequenas, há uma grande comunidade, mais geral, e uma comunidade menor, mais específica. E também, mais orgulhosa.

Minha curiosidade me levou a questionar sobre essa hierarquia durante o isolamento social. Se normalmente cada morador tem suas funções, como isso acontece à distância? Ainda é possível manter esse aspecto? Então, ao perguntar ao Gabriel obtive a seguinte resposta: "(...) quem está na casa, que são o Geovanni e o Bento, estão dividindo as tarefas lá. (...) A gente trocou a gestão, mas a gente não conseguiu fazer uma coisa mais saudável, porque os bixos acharam que era meio que férias pra eles. Eles não tavam com nenhum projeto da faculdade, eles não estão com iniciação científica, com outras atribuições. Acaba que eles que estavam ficando na casa, estavam tipo só jogando, só bebendo...(...) não gosto muito de usar o termo

produtivo, mas não estavam sendo muito produtivos, sabe? (...) Como eu falei pra eles (...) A república demanda responsabilidades. Não dá pra eles irem pra lá e ficarem só à toa, porque eu to pensando em voltar pra lá também. No momento que eu voltar pra república, se o pessoal tá numa vibe de só fazer ele de ficar na bebedeira, parece que desgasta muito a saúde mental da casa."

Eu percebi, ao longo de sua resposta, que o decano focou nos efeitos que a pandemia proporcionou logo no seu início, quando não havia aulas e os bixos eram novos na casa. Ainda assim, ele apontou algo interessante para mim: os bixos achavam que era férias para eles. Eu já ouvi de mais de uma república que a divisão de funções obtida pela hierarquia tem também o objetivo de fazer os bixos e demais moradores entenderem que, como disse Gabriel, a casa demanda responsabilidades. Cuidar da casa seria mais do que apenas cuidar do ambiente físico. É uma metáfora para o cuidado com o conceito da casa, com a ideia de casa. Essa última ideia parte de mim, pois é uma tática que eu mesma uso em minha república, onde sou ex-decana. Para a maioria das repúblicas que conheci é importante que o morador aprenda a cuidar da casa desde o início, para que não se crie maus hábitos. Me parece que Gabriel também acredita nisso.

Depois, Gabriel seguiu explicando como está a situação das funções à distância. Ele disse que as tarefas são separadas em reuniões e o maior tema que eles estão trabalhando no momento é o 12 online, evento no qual, no dia 12 de outubro, moradores e ex-moradores das repúblicas federais se encontram para comemorar a fundação da Escola de Minas: (...) A gente escreveu a questão da pandemia (pro 12), esse ano na N1 a gente perdeu 2 ex-alunos que foram importantíssimos pra nossa história, teve um ex-aluno da década de 70 que veio a falecer e teve outro ex-aluno que faleceu, outro que está internado (...) Voltando pra questão de hierarquia não tem (durante a pandemia) uma divisão clara, é mais uma questão de "eu posso pegar isso, eu posso pegar aquilo" (...). (sobre o 12) A gente fechou em 300 reais por ex-aluno, (para ajudar no 12 e reformas da casa) a gente fez uma campanha pra arrecadar 7 mil reais."

Entendi que as funções estão sendo divididas sem um critério muito específico, embora Gabriel tenha me respondido que tarefas que requerem mais atenção, geralmente ficam sob sua responsabilidade ou de um morador mais antigo. Aparentemente, a maior parte do que é viver em um sistema hierárquico fica adormecida durante o isolamento social, pois a forma mais nítida de representação dessa vivência está nas funções e comportamentos que existem quando o grupo está junto na mesma casa, lidando com outros grupos sociais ou com tarefas do lugar físico.

Mas e quando o bixo ou morador não está realizando a parte que lhe cabe? Como lidar com essa situação de perturbação na hierarquia? Gabriel me respondeu: "Aí que entra o papel

do semi-bixo, pessoa que vai ficar mais "em cima". Eu que estou trabalhando com pessoas tem um tempo (...) A pessoa não tá fazendo nada? Primeiro a gente tem que entender a motivação delas. (...) Depois reforçar ou trazer de volta essa motivação pra ela, mostrar que as coisas são possíveis, mas que elas têm as responsabilidades. (...) Agora tem um caso, de um calouro lá de casa (...) não sei se ele era muito mimado, ele é muito folgado com os outros meninos, ele não divide a tarefa, só quer saber de ficar bebendo, de ficar falando de mulher, ele é bem machista... Aí a gente vem com umas ideias assim, pra tentar ir desconstruindo (...) ele ficava furando quarentena, aí tem dificuldades nesse sentido. A gente faz uma avaliação na reunião de moradores, até que ponto vale a pena trabalhar nele, essa pessoa está atrapalhando todo o andamento da casa. Essa pessoa tá 80% catada, a gente tem dado avisos (...) A partir do momento que isso se tornou tão desgastante pra gente, a gente dá a vaga pra outro estudante (...)." A república primeiro tenta manter aquele morador, não descartá-lo sem aviso. Tentar entender o que motiva o indivíduo me mostra que é feito um trabalho não apenas de fora para dentro, mostrando o que a república é e o que ela espera e esperando que o morador siga as instruções. Ele é convidado a compartilhar suas motivações pessoais e entendo que de alguma forma a casa tenta encaixar o indivíduo com suas particularidades no mecanismo da república, de forma a fazer com que sua energia pessoal ajude a alimentar o todo. Mas, quando a energia do resto do grupo começa a se desgastar além do que é considerado sensato, é discutido entre alguns integrantes até onde deve-se insistir naquele novo membro. Depois, se catado (expulso), a vaga daquele morador é aberta. É a oportunidade de outra pessoa para fazer parte da comunidade. Logo em seguida, aproveito para entender sobre os requisitos para fazer parte da casa, se há algum em especial. Gabriel diz, entretanto, que qualquer um pode tentar, mesmo quando os moradores sentem que a pessoa em questão não se parece com alguém que gostaria de viver com eles. Isso quebrou minha expectativa. Como ex-decana de uma casa em Mariana, eu deixo o mais claro possível como é a vivência e geralmente isso basta para separar os que são parecidos com os moradores e os que não são e por isso desistem de tentar entrar na república. Esperava que o processo de entrada em uma casa de Ouro Preto tivesse requisitos ainda mais claros, ainda que compartilhados entre com os moradores. Se há casas que agem dessa forma, a N1 não é uma delas, de acordo com Gabriel. Então, para fazer parte de uma comunidade republicana basta querer? Me parece que sim. Afinal, de qualquer forma, se o bixo em questão se mostrar incompatível durante a vivência na casa, nada impede que ele seja catado. Como uma forma de seleção tardia, que ocorre só depois dos moradores realmente conhecerem o calouro.

Tentando não perder o foco de como as relações da república têm acontecido durante a pandemia, pergunto como eles estão organizando o 12 online. Em sua forma tradicional, o 12 é realizado de maneira presencial e junta na república todos os ex-alunos possíveis, enquanto que os moradores são responsáveis por fazer o evento acontecer e de cuidar das demandas. É um momento muito especial de reunião das pessoas que ajudaram a construir a casa. Como estariam organizando isso? Gabriel respondeu: "A gente faz reunião, né? A cada quinze dias a gente faz uma reunião. Quando o "pau tá mais quebrando" a gente faz uma reunião a cada semana. (...) A gente vai fazer uma *live* sexta-feira convidando todos os ex-alunos, estamos fazendo uma campanha pra chamar porque queremos os ex-alunos mais velhos. (...) cada pessoa está responsável por fazer contato com mais 15 ex-alunos. É ligar, fazer um lado social, falar como tá a casa, conversar com o ex-aluno realmente, saber com ele está, como a família dele está, mostrar que a gente tá aqui, que a gente é morador, mas a gente quer saber como está cada um, da história de cada um. Tem ex-aluno que você liga pra conversar, o cara começa a contar uma história e às vezes você fica uma hora no telefone ou marca alguma coisa no *meet* com a pessoa, fica meia hora, uma hora só contando história, contando o que a pessoa vivenciou ou dando alguma dica (...) essa semana eu falei com dois ex-alunos nossos que estão fazendo 55 anos de formado (...)."

Gabriel falou sobre essa organização com um certo cansaço, afinal, me parece uma tarefa que exige grande dedicação. Ao mesmo tempo, sinto uma ponta de orgulho em sua voz. Todo esse trabalho tem um objetivo: manter a república e sua história, mesmo em um momento tão delicado quanto uma pandemia. Ele fala sobre o trabalho de cada morador contatar 15 ex-alunos e sobre seu esforço em buscar os mais velhos. Disse também sobre essa tentativa de criar laço, de perguntar sobre as vidas dessas pessoas e sobre como isso às vezes rende longas conversas. Entendo isso como não sendo apenas uma tarefa que deve ser cumprida, mas como uma parte do evento em si. É uma situação que também envolve emoções e demonstração de cuidado pelo outro integrante da "família", não importa há quantos anos ele não viva mais na casa ou se mesmo conhece ou não a geração atual, situação que deve ser muito comum.

O tratamento é o mesmo com todos: ligar e procurar saber como esse ex-aluno está. Convidá-lo a se juntar mais uma vez a casa. A não perder a conexão sentimental. Ao mesmo tempo, junto com essa ligação emocional, me perguntei sobre a influência que os ex-alunos exercem sobre a república. Afinal, me parece que o ato de ligar para eles não significa apenas preocupação por suas vidas pessoais, mas também uma forma de respeito com a tradição e dedicação em mantê-la. O 12 é uma tradição das repúblicas tanto federais quanto particulares, quando essas seguem a linha mais tradicional. A essa dúvida, Gabriel esclareceu: "Antes eles

se envolviam bem mais né, mas na minha gestão eu não dou muito espaço pra isso não. Porque antes o pessoal perguntava, abria votação pra eles votarem... Eu acredito assim: quem tem que tomar decisão é quem está na casa (...). Decisão que a gente teve de vetar raspar cabelo de bixo, teve ex-aluno que veio falar "isso não existe, porque na minha época..." aí a gente bate de frente com alguns ex-alunos, porque a gente tomou uma decisão (...) quem tá morando na casa que faz a casa (...). Percebo, então, que isso faz parte das mudanças que a república passou para ter menos qualidades tradicionais que Gabriel considera abusivas ou desnecessárias. Esse é sem dúvida um ponto em comum com as repúblicas de Mariana, a partir da minha experiência: os ex-alunos não interagem em um nível de poder como diz-se acontecer nas tradicionais repúblicas de Ouro Preto.

Voltando no caso da pandemia, pergunto a Gabriel como a casa em si tem se mantido como casa. Como tem feito para não se enfraquecer no conceito de república. A resposta dele foi a seguinte: "Acho que as memórias... (...) fico pensando como é bom estar lá quando estou aqui e dou mais valor quando volto pra lá, sabe? (...) As reuniões que a gente faz é um contato, é uma ritualização mesmo que online. É uma forma da gente estar se aproximando." Ele parece nostálgico ao falar sobre isso, como se recorresse a uma lembrança positiva de um lugar agradável. Relembro do início da nossa entrevista e como ele se refere a república como um lugar seguro para viver possibilidades e para sonhar sem grandes obstáculos. Imagino que cada morador tenha seu pedaço de memória que o sustenta junto a casa, mesmo à distância. Gabriel também diz que os moradores se encontraram online para resolver alguma tarefa ou simplesmente para conversar. Ele me lembra que a segunda *live* entre os moradores e ex-alunos se aproxima e eu sinto que esses encontros, mesmo de forma online, são muito significativos para ele. Imagino que certo conforto não é restrito a ser sentido apenas presencialmente.

Com esse encontro estando próximo, me lembro de outra característica ritualística de conhecimento comum dos republicanos: a sabatina, que consiste nos moradores passarem por um processo de decorar os nomes de todos os ex-alunos, passível de punição quando falharem. Pergunto se a N1 tem essa prática: "Não, não. Não tem sabatina em casa. Não gosto dessas coisas (...) também nem sei de cor (...) conheço pelo contato. Sei lá, é meio natural." Mais um ritual que eu considerava tradicional e que essa república, claramente tradicional, já não pratica. É de senso comum, pelo meu ponto de vista, que esse ritual é geralmente visto como fazendo parte das tradições antigas que existem apenas para inflar o poder dos moradores mais altos da hierarquia. Ainda no assunto dos encontros online, Gabriel me informa que eles tiveram cinco encontros "não-oficiais" momentos que se juntaram com ex-alunos para conversar, mas que não era previsto como uma "tarefa". Isso chama minha atenção para a conexão natural entre

moradores e ex-moradores. Me faz acreditar mais na ligação sentimental que a república traz. Ele disse, reforçando minha sensação: "Quando a gente sente saudade a gente fala lá no grupo, conversa junto. Geralmente a gente conversa no privado também, cada morador com cada um. Eu falo no privado às vezes, sobre o que tá acontecendo, o que tá fazendo, sobre diversos assuntos, conforme vai sendo a conversa. Mas os encontros online mesmo têm sido mais atrelados a alguma atividade, mas a gente não deixa de conversar também (...)."

Sinto que há uma relação a nível pessoal que ultrapassa a necessidade superficial de pessoas que moram juntas e precisam cumprir tarefas. Com essa ideia quase familiar em mente, pergunto onde ele se sente mais em casa e ele me diz que na casa de seus pais, se sente como um intruso. Questiono, então, como ele acha que essa conexão emocional é feita, a qual ele responde: "Eu acho que é bem construído isso, depende das situações, depois que a gente passa umas situações de perrengue junto (...) esses momentos que nos fortalecem." Mais adiante, ele diz que compartilha situações pessoais com a casa e que teve ajuda em superar um problema recente, usando a república e os moradores como apoio. Eu senti, durante toda a nossa conversa, que Gabriel vê a república como uma família que ele escolheu e ao mesmo tempo que ele precisa administrar, para que siga funcionando do jeito que ele acredita ser o mais correto. Eu imagino que seja assim a cada geração, para todos os decanos.

Senti que para Gabriel a república é seu lar de possibilidades, de crescimento e de acolhimento, mas é um lar que ele cuida e poda como um jardim. Ao fim de nossa entrevista, quando eu já não sentia ter novas questões, a conversa foi se encerrando mais para um lado pessoal, que posteriormente eu não adicionei à transcrição. Relaxei ao falar de forma mais leve e menos preocupada com minha posição de pesquisadora/amiga/republicana, afinal, eu não esperava usar essa parte em minha pesquisa. Senti um pouco de arrependimento de não ter conseguido relaxar dessa forma ao longo de nossa conversa. Foi um momento que, me deixando levar, eu poderia ter gerado mais insights importantes, como os que tenho no meu cotidiano normal de moradora de república.

Infelizmente, minha posição como parte da comunidade e ao mesmo tempo como pesquisadora, me obrigam a uma posição de distanciamento e de aproximação deveriam fluir de forma que eu não poderia me deixar levar para o extremo da naturalidade e nem para o extremo do distanciamento. Mas acredito que esse cuidado foi importante ao olhar com estranhamento para situações que eu já vivi ou já ouvi falar. Em uma entrevista na qual eu me sentisse totalmente relaxada, fazer esse movimento seria extremamente difícil, como eu mesma percebi ao final de nossa conversa.

Por fim, finalizamos a nossa conversa e eu me senti satisfeita e ter concluído essa parte tão importante do reconhecimento do comportamento dos moradores da república durante a pandemia, situação que vinha me deixando extremamente ansiosa. Essa experiência foi como desmistificar as formas assustadoras que eu vinha dando para o desconhecido com meu medo de que minha pesquisa perdesse o sentido durante a pandemia. Mas agora entendo que ela continua com sua essência, apenas passando por uma situação que coloca meus objetos e seus rituais e significados à prova.

República N1 - Observação não-participante preparação para o 12 de outubro

Data: 21 de agosto de 2020

Local: Online, via Google Meet

No dia 21 de agosto de 2020 eu estava ansiosa para finalmente participar de um evento que eu poderia observar à distância. O dia foi reservado pela república N1 para ser um encontro entre os moradores e ex-alunos da casa, como um teste da plataforma Google Meet como ponto de encontro do 12 de outubro. Independente de ser um teste ou não, as interações seriam tão reais quanto as do encontro oficial. Eu me sentia muito nervosa com a ideia de estar observando esse momento, que me parecia tão pessoal e íntimo dessa comunidade. Senti medo de ser considerada uma intrusa, alguém que não pertencia aquele lugar. Também tive a estranha sensação de poder ser considerada uma espiã. Além dessas coisas, me perguntei se os moradores e ex-alunos se sentiriam desconfortáveis em serem espontâneos sabendo de minha presença.

O evento começaria logo no início da noite, mas recebi o link para acessar o encontro apenas quase 2 horas depois de seu início. A espera também foi um fator de ansiedade. De alguma forma tive medo de que eu seria esquecida ou propositalmente deixada de fora. Quando finalmente recebi o endereço da reunião do Google Meet, me aprontei de forma confortável para não precisar fazer isso depois e correr o risco de perder qualquer coisa que eu pudesse observar de qualquer momento.

Quando entrei na sala online, me mantive em silêncio. Desliguei meu microfone e câmera, meu objetivo era de apenas observar e não de participar. Isso porque notei que a observação participante encaixaria perfeitamente em uma situação presencial, como estava planejado antes da pandemia e como inclusive cheguei a realizar em um momento. Mas a observação participante à distância seria fora de mão. Eu não estaria realmente me "misturando" entre os moradores, ex-alunos e amigos. Em um meio online, ser chamada a fazer parte de uma conversa ou entrar por conta própria em uma, é muito difícil. Primeiro, porque ninguém me conhecia além dos moradores, que estavam ocupados dando atenção aos ex-alunos.

Depois, porque para mim não faria sentido interromper os ex-alunos ou moradores que passaram quase todo o tempo fazendo comentários e contando histórias que apenas eles conheciam. Ser chamada a fazer parte de uma conversa em uma situação presencial é um ato mais comum, que está ligado ao hábito social de não ignorar seu convidado na festa para a qual

foi chamado. No meio online, teoricamente, todos estão ouvindo as mesmas coisas e apenas os que se conhecem mantêm uma conversa, não sobrando espaço para incluir alguém que não se conhece. Para poder dar minha total atenção ao encontro, usei um gravador que seria útil mais tarde para minha escuta e transcrição, além das notas de campo. Na hora de minha entrada no campo, às 19h30, havia 10 pessoas online.

Percebi logo no início que todos os presentes na sala se sentiam confortáveis em estar ali, em qualquer nível que fosse. A grande maioria também era nitidamente mais velha do que os moradores, ela era formada pelos ex-alunos. Embora muitos não se conhecessem por fazerem parte de gerações diferentes da república, havia um esforço em comum para criar conversas e elas fluíram com tranquilidade. O que mais sustentava o diálogo entre moradores de épocas diferentes era a curiosidade em ouvir a história do que cada um viveu.

O primeiro trecho de conversa que presenciei, foi esse:

Ex-aluno1: "Ô galera, cês têm notícia do Fabio Costa?"

Gabriel: "Cara, eu tentei ligar pra ele hoje, eu não consegui o contato telefônico a gente só fez contato com ele via e-mail. Não consegui contato telefônico (incompreensível)..."

Ex-aluno1: "Ele tava na UTI p*****"

Gabriel: "(incompreensível) Verdade! Quem falou no grupo lá eu também não tive uma atualização ainda"

Ex-aluno1: "Foi o Armando que falou"

Gabriel: "Foi o Armando, foi o Armando, é verdade, é verdade"

Ex-aluno 2: "A notícia... eu tenho notícia, a notícia mais recente que eu tenho é de ontem. Que é a seguinte: ele já saiu do estado de coma e já responde a alguns estímulos. Pisca os olhos pra dizer que sim ou não, né, e já tá tentando falar alguma coisa, mas ainda não consegue. Ele teve na situação de ficar completamente fora do mundo, não reagir a estímulos, nem nada. A notícia que eu tenho de ontem é essa, que ele já responde com os olhos pra dizer sim ou não e já tenta pronunciar alguma palavra."

Eu achei isso muito interessante. O primeiro momento que eu presenciei foi um compartilhamento de memória entre os ex-alunos. Um deles pergunta aos demais se tiveram notícia sobre um de seus ex-moradores. Enquanto Gabriel diz que tentou contatá-lo, mas não conseguiu, o ex-aluno 1 lhe explica que o ex-morador está internado, na UTI. A essa menção, Gabriel logo diz se lembrar e ainda fala que outro ex-aluno havia tocado nesse assunto, mas ele não se lembra quem. Por fim, o ex-aluno 2 diz que tem notícias e repassa o que sabe sobre o estado do amigo. É um curto vai e vem de quem lembra do quê e eu pensei "quão importante é esse ex-aluno para que alguns se lembrem e outros não?" claro que também entra em questão o vão entre as diferentes gerações: o fato de ex-aluno 1 e 2 se lembrarem e inclusive um deles ter notícia, enquanto o mais jovem, embora decano, não tenha essa informação.

Ainda assim, o tempo todo, todos parecem preocupados com o colega internado e respeitam esse momento de diálogo. O ex-aluno 1 explica de sua conexão com Fabio Costa:

Ex-aluno 1: "É, ele mora... Eu tô em ****, aqui, tem uma casa aqui... Logo que eu vim pra Belo Horizonte, que eu casei, eu construí aqui, fui... já, já te contei essa história né, só... (incompreensível) e o Fabio Costa... tem uma cidade aqui pertinho, um distrito, de Brumadinho que chama Paraopeba, e ele tem uma casa lá, cara, bem estilosa assim, de partes de bambu, um negócio... bacana, bucólico, mesmo e ele já teve aqui em casa, eu já fui lá com ele. Antes da pandemia eu tive muito contato com ele e depois do rompimento da barragem ele tava... tava trabalhando pra uma empresa aqui perto, chamava Dona Marta. E... e a gente sempre, né, depois que nós somos colegas lá na CSM (incompreensível) quatro meses atrás ele tava super bem, cara."

Esse momento me fez prestar atenção em como as relações pós-república são capazes de perdurar durante anos. E mais uma vez o ato do ex-aluno 1 contar aos demais sobre sua relação Fabio Costa é algo que, ainda que inconscientemente, mantém laços e entre ele e a república, que nada mais é do que o conjunto de moradores. Em seguida, ex-aluno 2 fala compartilha de uma lembrança do ex-aluno 1, quando os dois, juntos, viram Fabio Costa no velório de um terceiro colega. Em dado momento, o ex-aluno 1 inclusive fala por Fabio:

Ex-aluno 1: "Aquele cara atualizadíssimo, viu, o Fabio Costa... Ô gente, viu... Ele, apesar dele estar fisicamente ausente lá da... da N1, cara... um orgulho do caramba de vestir essa bandeira da N1, aí viu, (incompreensível) (...)"

Mais tarde mais um ex-aluno entra na sala do Google Meet. Ele, venho a saber mais tarde, é o ex-morador mais velho presente no encontro. Ele cumprimenta a todos e diz onde está. Depois faz um comentário que representa bem a discrepância de geração e o efeito que isso tem no conhecimento da tecnologia online:

Saulo Rios: "Caramba, mas olha, tá muito confuso (incompreensível) essa tecnologia é demais pra mim, sabe, eu vejo um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, na tela e eu num cantinho lá... tudo bem, mas é diferente, mesmo"

Essa simples frase me faz pensar sobre como o tempo passa relativamente tão rápido. Imagino a época em que Saulo Rios foi um dos primeiros alunos da república N1 e como ele não imaginava que tantos anos depois, estaria conversando com os moradores e ex-alunos mais novos que ele, em uma plataforma online, usando uma tecnologia que não entende bem, por ser tão diferente do que usou ao longo da vida para se comunicar e criar laços. Gabriel tenta amenizar o possível desconforto sentido por Saulo, dizendo:

Gabriel: "Ô Saulo Rios, não se preocupe que é assim mesmo, a gente tá fazendo essas primeiras *lives* aí pra gente ir se familiarizando, né, com a tecnologia, né pra vocês já irem aprendendo como que mexe e aos pouquinhos você vai pegando o jeito aí"

No que tem como resposta:

Saulo Rios: "É, quando eu era aluno aí nem computador tinha nessa porcaria aí, (incompreensível). (...) tinha 40mb de memória... 40k, coisa assim, era lembrança, só, entende"

Geovanni: "Era CD, menos que um CD"

Saulo Rios: "É, muito menos. Mas eu tinha nada disso, pra mim esse negócio é muito complicado, viu. (incompreensível) (...) tá bom, mas de qualquer maneira eu sou o mais velho aqui, né... Tem que fazer um desconto, né..."

É um diálogo muito simples que acontece entre os dois, soa inclusive descontraído, mas carrega um significado denso da diferença do tempo. Ao mesmo tempo, mostra a vontade de Saulo Rios de seguir em contato com a república, mesmo com os anos que o separam de seu

tempo de formado e das novas tecnologias usadas como meio de comunicação. Gabriel traz essa questão à tona:

Gabriel: "Você falou que você foi formado em 76, mas inaugurou quadrinho aí com o pessoal em 65, não, foi?"

Saulo Rios: "Foi, em 65 que eu fiz os 50 anos de formado. Quem é que tá na república aí?"

Esse tempo me parece, como republicana, o sonho de qualquer morador de república que deseja ver sua casa perdurar ao longo dos anos. Na posição de pesquisadora também não posso deixar de me sentir apreciando um momento tão significativo da história dessa casa. A esse diálogo se segue o interesse de Saulo Rios em saber quem está na casa durante a pandemia e então Geovanni diz que está lá e outros moradores se apresentam também. Depois, Saulo Rios pergunta quando as aulas têm início. Cada pergunta referente à universidade e à república me trazem um enorme senso de nostalgia, mesmo que eu não seja moradora da casa. Me pergunto como os moradores, então se sentem. Talvez seja algo ainda mais intenso.

Algum tempo depois, o que julgo ser o ex-aluno 1, diz exatamente o que eu estava imaginando enquanto observava aquele encontro:

Ex-aluno 1: "Mas rapaz, esse negócio é interessante... Ontem, a gente tava igual a esses moleques aí, porque tão tudo com o cabelo pretinho, novinho, magrinho, tudo magrinho... abaixo do IMC, lá no início... O tempo é interessante, cara, o tempo como ele passa rápido é uma carruagem que a gente tem que trepar nela e aproveitar, porque ela não para não, tá... é muito rápido"

A observação desse encontro pré-12 me deixa em dúvida se é o momento em que mais tive dificuldade para me afastar como republicana ou se foi o mais fácil de observar os sinais de ritualização e tradição que eu estava à procura. Enquanto eu observava, não conseguia deixar de ambicionar essas relações entre os moradores e ex-moradores, além do tempo de existência da república, para a minha própria casa. Ao mesmo tempo, eu nunca vi a tradição do 12, ou uma preparação dele, de forma tão próxima. Nunca havia assistido a um encontro assim antes, de certa forma, tudo era uma novidade, embora fosse algo que eu sabia existir mesmo antes de presenciar.

Às 20h havia 25 pessoas online. Um dos ex-alunos, que precisaria deixar a reunião em breve, elogiou o trabalho feito até aquele momento:

Antônio: "Ô galera... eu vou ter que sair às 20h30 eu já vou fazer um elogio pra vocês aí do... das iniciativas (incompreensível) vocês mandaram um portfólio tipo convide, cara, bacana demais, viu"

Alguns minutos depois, Gabriel anuncia que logo haverá repasses sobre o 12 e um tour pela casa e então se segue o diálogo:

Gabriel: "Ô gente, vamos esperar 5 minutos aí, mais uns 5 minutinhos pra gente começar os nossos repasses, o (morador) vai fazer um tour pela casa aí pra todo mundo ver como tá a república..."

Ex-aluno: "Ô Gabriel, posso dar uma sugestão?"

Vetor: "Pode dar"

Ex-aluno: "Vocês moradores aí se apresentem pra gente todo mundo, começa (incompreensível)"

(incompreensível)

Ex-aluno: "Faz o seguinte, aí apresenta os bixos também, cara, depois faz um *tour* pela casa, vai ser bacana. Show"

Um ex-aluno pede licença, o que no momento me pareceu apenas uma formalidade, para pedir que os moradores e os bixos se apresentem. Esse momento me trouxe uma forte sensação de preocupação do ex-aluno em ainda saber o que se passa na casa e quem mora nela, ainda que ele mesmo não seja um morador. Ele passa, então, a imagem de que não compareceu ao encontro apenas para manter um papel social, mas porque realmente se interessa e se importa. Alguns minutos depois, registro mais um diálogo que evoca a conexão que os ex-alunos sentem entre si:

Antônio: "Eu to com saudade da turma, cara, esse ano foi um ano...tá sendo um ano pesado, né, pra galera toda, distanciamento... né... essa conexão nossa social, bixo, isso aí foi na raiz nossa, né não?"

Ex-aluno: "Matou nós!"

Antônio: "Matou nós pesado... (incompreensível). Nós temos que promover esses eventos, tiro o chapéu pra galera, cara, tem que promover mesmo e tentar aproximar da forma que dá, né não?"

Ex-aluno: "Se for virtual, num celularzinho mesmo, que a maioria tá aí, eu inclusive... que seja, né, cara"

(incompreensível)

Antônio: "Só de ver (incompreensível) de ver a galera, cara... Quanto tempo que a gente não se falava, né não? Tem que botar pra quebrar aí até no 12, no 12 também fazer um evento nem que seja virtual, mas pô... Manter a chama acesa! Nós que estamos aqui, né não?"

Ex-aluno?: "Nem que seja duas cerveja sua ali, duas minhas aqui, uma cachaça, pronto... cada um no seu canto, e..."

Antônio: "Exatamente, cara!"

(incompreensível)

Esse momento de compartilhamento de sentimentos, algo que me pareceu bem pessoal, ambos os ex-alunos se envolvem em sua dor de não poderem estar próximos de forma presencial. Sinto que uma grande parte dos rituais acontecem de forma presencial e o encontro online os limita. Ainda assim, os ex-alunos elogiam a iniciativa da N1 de juntá-los nesse momento de grande necessidade de alimentação do lado social dos indivíduos, tentando "da forma que dá. Antônio diz que mesmo fazendo o 12 virtual, deve-se "manter a chama acesa", sendo uma responsabilidade dos ex-alunos e moradores que ainda estão possibilitados de fazê-

lo. Noto em suas falas que o encontro virtual não é o ideal. Mas enxerguei essa animação tão enfática como uma grande demonstração de que eles não se importam de que forma estão mantendo contato, desde que mantenham.

Minutos depois, Gabriel faz uma grande introdução aos moradores e ex-alunos, agradecendo suas presenças e explicando o objetivo e o que pretende fazer durante o encontro:

Gabriel: "Vou pedir aí pra todo mundo que tiver com o microfone aberto, por favor pra trancar o microfone pra não dar interrupção e... aí conforme for falando a gente for abrindo pra fala no final quem for falar aí a gente vai abrindo o microfone pra gente não atrapalhar a fala do outro. Primeiramente boa noite aí galera, pra todo mundo, é uma satisfação enorme pra gente, pra república né, a gente vê que o nosso trabalho tá surtindo efeito... que tá todo mundo, essa sala cheia, a gente fica muito feliz com a presença dos ex-alunos, né, José Carlos Freitas, aí, pessoal mais velho, a gente fica muito feliz de poder estar tendo essa aproximação, mesmo em tempos de pandemia, em tempos difíceis... Tá entrando gente ainda, que bacana... Essa é a nossa segunda *live*, é o nosso segundo encontro online, né e pensando em toda essa questão da pandemia, o que aconteceu, nós moradores, aí "se" reunimos e tomamos a decisão de puxar, né, um evento online, a gente viu que esse ano aqui a gente não queria deixar passar em branco, não podíamos deixar passar batido, né, e a N1, assim, é uma casa extraordinária, a gente veio com esse objetivo de criar essa aproximação entre todos os integrantes, todos os ex-alunos e moradores, então a gente tem aí o objetivo com as *lives* que a gente tá fazendo, testar a plataforma, vamos começar a nos familiarizar com esse esquema de *live*, pra gente poder olhar um pouquinho pro rosto do outro, uma forma da gente poder se manter conectado. Igual o Yuri falou aí, é uma forma da gente manter a chama acesa, né. Então, eu estou iniciando a abertura aqui, né, essa introdução... vou me apresentar novamente, eu sou o Vetor, atualmente eu sou o morador mais velho, sou do curso de Turismo e eu entrei na N1 em 2016, aí posteriormente eu vou passar a fala pro (morador), ele vai fazer um tour pela república, pra mostrar pra gente aí como tá a situação da casa... Eu recomendo pra vocês, vocês podem até clicar na telinha do Daniel, deixar ela maior na hora que ele tiver fazendo o tour. Ele vai mostrar a casa, vai mostrar como estão os quartos, mostrar um pouquinho da cozinha, ali... Um tour bem rapidinho. E também a gente gostaria de apresentar o nosso cachorro, o nosso novo animal que tá com a gente né e depois eu vou passar a fala também pro chororô, ele vai apresentar um pouquinho do panfleto, o panfleto do 12 que eu enviei pra vocês e (outro morador) vai fechar a fala falando sobre as necessidades financeiras da casa. Aí, ao final da fala dos moradores, a gente vai abrir as inscrições pra fala. Todos os ex-alunos que quiserem falar, quiserem relatar uma história,

que se sintam a vontade pra se inscrever no nosso chat. Mas só adiantando aí, a gente quer fazer um 12 online, bem bacana, queremos juntar, fazer uma retrospectiva da casa... É uma forma bem bacana pra gente poder se manter conectados. Então eu peço pra que cada morador que vai iniciar a fala pra que se apresente primeiro, né... Igual eu fiz. Fale o curso e o ano que entrou na casa, também, pra todo mundo tá podendo ter conhecimento. Os bixos que estiverem presentes, a gente pode passar a fala no final pra eles tarem fazendo apresentação (...)"

Alguns minutos depois, segue-se a apresentação de moradores e bixos, como sugerido pelo ex-aluno anteriormente:

Pedro: "Boa noite, galera, eu sou aqui o Pedro. Faço Farmácia... Na Farmácia entrei em 2016, na república entrei em 2017. Sou da Bahia aqui também, conterrâneo aí (incompreensível). Não é da mesma cidade, mas do mesmo estado, né. Bom eu to... to aqui na casa da minha mãe né, só aqui acompanhando pela net. Valeu, Geovanni"

Geovanni: "Qualé, galera, eu sou Geovanni... pra quem não me conhece aí, eu cheguei na república em 2019. Já tava em Ouro Preto antes, desde 2017. Mas entrei na república em 2017. Faço Filosofia, que nem o bahiano também... tamo aí, batalhei com o Daniel... tamo aí até hoje, firme e forte. Sou de Santa Catarina, mas eu tenho família aqui em Ouro Preto também... e é isso aí. Fala aí, Daniel"

Daniel: "E aí, galera... Sou o Daniel, eu entrei junto com o Geovanni, né... do 19.1, início do 19.1. (...) E eu faço Música, né, não sei se a maioria sabe. Sou de Ouro Branco, bem do lado ali... E primeira coisa que eu fiz quando passei em Música foi ir pra N1, né."

Durante as apresentações, o ex-aluno Eduardo pede um momento para comentar sobre outro ex-aluno:

Eduardo: "Dá licença, posso fazer uma parte?"

Geovanni: "Fala aí, ô Eduardo"

Eduardo: "Tem que fazer uma parte, né possível... a humildade impera assim... nota 11. Se fosse até nota 10. O cara é filho do Otávio, que é um cara assim... mega estimado na N1, sabe, parceiro... Amigo de trocentas... Não tem um na N1 que não goste do Otávio, o Otávio é da N1 abraçado... Só sei lá, não concluiu o curso, não estudou, mas o Otávio é da N1. Isso já é ponto, né Gabriel, sabe... (incompreensível)."

Esse soou como um elogio muito emotivo. Eduardo estava evocando memórias que pareceram muito significativas para ele e ele falava delas como se as atribuísse automaticamente ao descendente de seu amigo ex-aluno. Depois, ele tenta se lembrar de mais um ex-aluno, pai de um dos meninos que havia se apresentado:

Eduardo: "Aí que eu lembrei, e o outro... É amigo de quem?"

(...)

Geovanni: "Lucas que cê tá falando?"

Gabriel: "Ah, do Lucas! Filho do Lucas, ex-aluno (incompreensível)"

Eduardo: "Geovanni! Geovanni é filho do Lucas, um cara estimado, também... (incompreensível)"

Geovanni: "Ele batalhou junto com você, não foi?"

Eduardo: "Ele entrou comigo, (incompreensível) a gente entrou junto"

Geovanni: "Quando eu vim aqui na N1, quando ele veio aqui ele fala que não conhecia muito a galera da N1, mas que ele lembrava de você, que vocês batalharam juntos... No mesmo período"

A fala de Eduardo soava cheia de emoção e nostalgia. Eu como observadora, absorvia cada momento desse encontro, que nunca parecia ficar monótono. Nesses momentos, também sentia grande nostalgia. A forma intensa como os ex-alunos falam de seu passado, me fazia sentir carregada junto até suas memórias. O início do *tour* pelos quartos teve esse diálogo:

Gabriel: "Quem já morou no Metro aí, galera, temos uma novidade... Quem já morou no metro aí, sabe como era apertadinho, né, ele foi reformado recentemente"

Geovanni: "Então, eu ia começar mostrando isso mesmo, a gente tá com uma... a gente tá com uma reforma aqui no metro, oh (incompreensível)"

(...)

Geovanni: "A gente tá com um armário novo aqui, ó, um grandão... Antes era uma ararazinha pequenininha, né, agora é um armário maior... tá dando pra ver bem? Tem cama nova, também, a gente tá reformando agora, né (incompreensível) e tá com móvel novo também..."

Gabriel: "Aí galera, cês podem ir interagindo pelo *chat* também, (quem) já passou por esse quarto, dá um salve aí... bacana demais"

Gabriel e Geovanni apresentavam como estava a casa atualmente ao mesmo tempo que buscavam a manifestação dos ex-moradores que já tinham passado por aquele lugar, discutindo lembranças e fazendo contrastes com o presente. Gabriel segue fazendo esse movimento de manter os ex-alunos informados, o que eu vejo como uma forma de manter a conexão e a memória atualizadas:

Gabriel: "Aí, galera, só pra lembrar hoje nós estamos na república aí em quatro moradores e cinco bixos. Somos uma das poucas repúblicas federais que estão com as vagas totalmente esgotadas. A gente tá passando um problema em Ouro Preto que a maioria das repúblicas estão com vagas ociosas, a maioria das repúblicas aí com 40%, 50% de vagas ociosas... E a gente hoje tá com a casa cheia. Isso tem sido bem bacana pra sempre"

Ex-aluno: "Isso é um sucesso, tá. Desde a minha época, cara, esse negócio de preencher vaga era foda, viu... A gente ia pra rodoviária com plaquinha lá (incompreensível) a bixarada que tava chegando pro início do período. Ia com plaquinha lá, "Rep N1" tal e tentava angariar bixo novo, cara, é foda..."

Daniel: "Hoje em dia é mais fácil né"

Ex-aluno: "É, acredito que o fato da república ter aberto também pra outros cursos ajudou um pouco isso aí"

Daniel: "É, não, com certeza... Isso também é um ponto"

Eu vejo que isso não é apenas uma oportunidade para os ex-moradores manterem sua ligação sentimental com a casa, mas também de fazer florescer essa mesma ligação nos atuais moradores e bixos. É a sua chance de lançar um olhar para as pessoas que construíram o passado da casa e possivelmente querer ter essa experiência também, em algum momento no futuro. Essa é uma percepção pessoal sem confirmação, mas que me parece ter grande presença nesse diálogo.

Alguns minutos à frente, Gabriel fala sobre sua expectativa para o 12 online e reforça a sensação que eu vinha absorvendo sobre o desejo do grupo de se contatar, ainda que não da forma habitual:

Gabriel: "A ideia é que a gente consiga aproximar, fazer com esse 12 online, que esse encontro virtual seja o mais próximo possível de um encontro presencial. E a gente sabe que no encontro presencial a gente não vai estar todo mundo reunido na mesma roda de conversa, né. Cada pessoa às vezes vai conversar com o pessoal da sua geração... vai passar em várias rodas, então a gente quer achar uma plataforma que dê pra colocar... criar salas de conversa e no momento da homenagem todo mundo vem pra sala principal. A gente tá estudando, nós moradores estamos estudando. É uma novidade pra nós, né, é um desafio também nesse meio digital, mas vamos atualizando vocês aos poucos."

(...)

Morador: "(...) principalmente a gente vai retomar que esse ano foi meio difícil porque a gente perdeu dois ex-alunos, né. O Leonardo e o Henrique. Então a gente vai tentar fazer uma coisa mais especial pra eles."

Gabriel pronuncia seu desejo de como seria o encontro online mais próximo da realidade do encontro presencial, mas não deixa claro que conseguirá alcançar esse objetivo. O que paira no ar parece ser o desejo de juntar a todos, independente do meio ou da verossimilhança do encontro presencial. A missão principal é fazer o 12 online acontecer. O segundo morador do diálogo, que não consegui identificar, lembra que o encontro também trará um momento especial para dois ex-alunos falecidos. Mais uma vez vejo presente e passado se conectando de forma densa, sincera. Não se trata apenas de números, de quantos ex-moradores os alunos conseguirão juntar no 12, mas de quem eles são, de quem foram e de sua importância para a história da casa.

Minutos adiante, Gabriel demonstra novamente sua dedicação para com a república e a importância que vê em sua história:

Gabriel: "A gente vai retomar esse projeto da escrita do nosso livro e quem vai estar assumindo a frente desse projeto aí são os próprios moradores, que esse projeto do livro é importantíssimo pra gente registrar o patrimônio imaterial da nossa casa. Então, quem tiver relatos, queiram escrever histórias, novamente estamos recebendo os relatos pra fazer a compilação desse livro e devagar a gente vai conseguindo compilar tudo, né."

Para Gabriel, sua casa tem tanto valor que merece ter sua história reconhecida como patrimônio imaterial. Nesse momento, como pesquisadora e republicana, me senti satisfeita de que o decano esteja pensando dessa forma, em registrar esse valor oficialmente. Além disso, sinto orgulho de ver uma casa querendo registrar algo que, embora seja único para cada república, representa um sentimento que existe, imagino, em todas.

Novamente, passado algum tempo, Gabriel passa a palavra a Saulo Rios, o convidando a falar sobre sua vida na N1, caso se sinta disposto a isso. Saulo toma a oportunidade:

Saulo Rios: "Ok, ok, ok, minha gente, muito obrigado. É, olha, foi uma satisfação muito grande ouvi-los, entendeu? Vejo tudo como está a casa... Eu evidentemente sou tão antigo que sou... não morei nessa casa. Eu era da primeira N1, que era lá na rua de cima, atrás da Rua Nova na Escola de Minas. Então eu conheço bastante da história, eu como um dos mais antigos que estive na casa. Gostei muito de ver vocês, ver o esforço que vocês estão fazendo e conta comigo. Vou tentar ajudar, ver se falo com os mais velhos também, pra poder manter a memória da República N1. Não esqueça meu nome de república é Determinado. E muito obrigado por

lembrar e quero sucesso principalmente na memória da casa que viria através do seu livro. Então eu fico satisfeito e vou participar de outras *lives* com vocês e estou aprendendo (incompreensível) (...) Muito obrigado e boa noite pra vocês"

Saulo Rios aproveita a oportunidade para contar um pouco do início de sua vida na república e evoca a memória da primeira casa utilizada pelos moradores. Novamente sinto a nostalgia que ele traz em suas palavras. Ele emenda sua satisfação em ver os moradores atuais e o esforço que estão empregando em reunir os membros da casa durante o isolamento social. Ele oferece sua ajuda para buscar os moradores mais velhos, para que também estejam presentes no 12, pois, como ele diz, quer "poder manter a memória da república N1" e adiciona para não esquecerem que seu nome de república, ou seja, seu apelido, é Determinado. Seu agradecimento pelos moradores terem se lembrado de convidá-lo é algo que me faz sentir profundamente. A primeira/segunda geração da casa, que em seu tempo estava apenas criando um lugar para morar e vivendo cada momento presente, anos depois agradece por ter sido lembrada. A casa e os quadrinhos dos formados permanecem e isso colabora para que a memória seja preservada. Em seu jeito de falar, percebo que o que também segue preservado é o carinho de Saulo Rios pela república, que transparece facilmente por sua voz.

O diálogo segue com:

Saulo Rios: "É ele, é ele mesmo. Ó ele aí! É eu." (ao ser mostrado seu quadrinho na *live*)

Morador: "Era bonito, hein, cara!"

Saulo Rios: "Pra você ver, o tempo estraga, né"

(...)

Saulo Rios: "Vou mostrar pra minha mulher como eu era bonito!"

Esposa Saulo Rios: "Tem esse retrato seu na sala!"

Saulo Rios: "Tem esse retrato da sala, não esquece, olha lá"

(...)

Gabriel: "Rapaz... Isso aí é 1966!"

Saulo Rios: "É rapaz, é isso mesmo... Coisa estranha, né (incompreensível)"

(incompreensível)

Saulo Rios: "Olha, eu tenho hoje 78 (anos)"

(incompreensível)

Saulo Rios: "Quando eu era recém casado eu fui na festa do 12 e eu vi os velhinhos com 70 anos dançando, coisa horrorosa. Agora eu não vou não!"

Esposa Saulo Rios: "Não vai porque não aguenta!"

O que mais noto, todo o tempo, é o movimento entre passado e presente e imagino seu papel em manter os laços entre os republicanos. Também sinto, o tempo todo, que por mais natural que esse movimento pareça, também é um ritual sendo praticado conscientemente, principalmente quando o evocador das memórias é o atual decano Gabriel. E quando Saulo Rios ou outros ex-alunos fazem comentários, me parecem mais fluídos, como diálogos naturais entre amigos lembrando o passado. De qualquer forma, lembrando que o 12 é uma tradição, um ritual, suspeito que absolutamente todos os diálogos sobre o passado surjam com uma premissa ritualística.

Próximo ao fim de minha observação, mais um ex-aluno compartilhou memórias de sua época como morador:

Ex-aluno: "Ô Saulo Rios... a minha história na república N1 começou em 1981. Fui aí morar com meu primo Raul, que era irmão do Carlos. (...) Enfim, e frequentei a N1, fazia escola técnica aí... em Ouro Preto, formei na escola técnica e no último ano que eu fiz... e frequentava a N1 desde 1981. Entrava pela janela, pulava a janela, eu era a mascote da turma na época do Augusto do Armando... (...) eu sempre quando eu vou aí eu desafio essa turma. Conheço essa

turma de chulezento toda de 81 pra frente. Já tomei todas com essa turma aí (...). Então seguinte, sou pai do Geovanni que tá morando aí na N1 agora (...) desde 81 até hoje convivi com toda essa moçada, todo mundo gente boa... Então no último ano de escola técnica eu morei o ano inteiro aí, foi 85. Formei, trabalhei muitos anos, hoje sou advogado, já tem 20 anos que sou advogado. (...) Se essas paredes da N1 falassem... (...) (incompreensível)."

Esse trecho me faz perceber algo em especial: um ex-aluno da república hoje tem seu filho como morador. É algo que sente como um legado, como ele tendo vivido uma história importante o suficiente para que seu filho, anos depois, escolha a mesma república que pai frequentou para se tornar morador.

Mais a frente os moradores cantam o hino da república à distância, o que consequentemente faz com que cada um termine em um momento diferente. Embora depois eu tenha terminado minha transcrição, antes disso, não transcrito, um ex-aluno que eu não conhecia, na verdade, assim como não conhecia todos os demais, chamou a atenção para o fato de eu estar ali. Naquele momento percebi que eu já não era uma observadora invisível. Os moradores presentes explicaram sobre minha pesquisa e pediram que eu me aprofundasse.

Eu, então, me apresentei e expliquei minhas intenções como pesquisadora. Quando citei que era decana de minha própria república, uma casa jovem, e que procurava observar os rituais praticados pela N1, o ex-aluno em questão me provocou, perguntando se eu estava mesmo procurando isso para minha pesquisa ou se estava procurando aprender sobre rituais (insinuando que sendo de uma república marianense, eu não teria conhecimento do assunto). Foi um momento certamente desconfortável e percebi que eu não era a única me sentindo assim. Respondi que não entendi o porquê dele pensar dessa forma e segui explicando sobre a pesquisa.

Não pude deixar de ignorar a tentativa do ex-aluno de me enfraquecer em minha posição, falando de minha casa como se fosse menos real ou menos merecedora de ser uma república apenas por sua localização e seu pouco tempo de existência.

Senti na prática o que muitos chamam de "lado ruim" do tradicionalismo das repúblicas ouro-pretanas. Também reparei que essa postura vinha de um ex-morador, que viveu em outra geração e nunca fui tratada de forma parecida pelos moradores atuais, sob o decanato de Gabriel, que mais de uma vez falou sobre sua tentativa de fazer a casa deixar de lado tradições que ele considera abusivas.

Depois, me envolvi em uma rápida conversa com um morador da casa, explicando sobre a inspiração na etnografia de minha pesquisa, e ele se demonstrou bem interessado no assunto. Brevemente encerramos esse momento e eu voltei a desligar meu microfone, minha câmera,

que haviam sido ligados para esses diálogos, e me despedi pouco tempo depois pelo chat, agradecendo a oportunidade de ter estado presente naquele encontro.

Toda a experiência foi, para mim, muito gratificante como republicana e despertou muitos interesses como pesquisadora que busca responder suas questões. Conforme o tempo no trabalho de campo passa, entendo com mais intensidade que a pesquisadora e a estudante de república, como uma pessoa, vivenciam as situações como a mesma pessoa. Não há como me separar em duas personalidades, além de me esforçar da melhor maneira possível em realizar o movimento de me aproximar e afastar das questões que observo da mesma forma que recomenda a etnografia, lembrando que a própria compreende a subjetividade do olhar do pesquisador, de quem ele é, de seu histórico como indivíduo. Me parece que a leveza em aceitar essa dicotomia, ajuda a clarear o olhar para o que procuro observar, pois não preciso gastar mais energia com receios sobre meu trabalho além do que é indicado.

República N2 – Entrevista com ex-decana

Data: 16 de setembro de 2020

Local: Online via Google Meet

Pouco tempo depois de ter conversado com o decano da república N1, entrei em contato com a república N2, de Mariana. Me deixava ansiosa o fato de que sempre que eu tentava entrar em contato com a casa e marcar uma data para observação, as moradoras não tinham nenhum momento juntas programado. Além disso, em meu primeiríssimo contato durante a pandemia, quando intencionei fazer um reconhecimento de como elas estavam se comportando umas com as outras à distância, enviei uma pequena lista com perguntas gerais, via Whatsapp, em um grupo criado especificamente para que mantivéssemos contato durante o isolamento social. A demora para resposta foi muita e eu me vi reenviando a lista em modo privado, uma moradora por vez, na esperança de que dessa forma fosse finalmente receber uma resposta. Algum tempo depois, com a resposta recebida, tive o receio de que a casa não estaria se juntando online com frequência suficiente que satisfizesse minhas questões que deveriam ser respondidas por meio da observação. Para a questão sobre a relação delas em grupo no meio online, obtive respostas positivas apenas para datas comemorativas, por exemplo: Todas se juntaram para celebrar o aniversário de uma das moradoras e esse se tornou um hábito repetido para o aniversário de mais pessoas.

Em dada ocasião na qual contatei a ex-decana da casa, entre a primeira conversa e a primeira entrevista, questionei sobre a tradição de celebrar o dia 12 de outubro e se a sua república faria esse evento esse ano, de forma online. Para isso, obtive a resposta de que a N2 não comemora o 12 e que também não o faria de forma online. Isso me trouxe uma iluminação e um receio. A iluminação veio do fato de que essa é uma característica marcante que divide uma república tradicional de uma menos tradicional, mais moderna. A celebração do dia 12 de outubro é feita pelas repúblicas federais, localizadas em Ouro Preto, e outras privadas, mas é algo raro em Mariana, de acordo com minha experiência. O receio se deu por conta de haver menos uma situação que eu poderia observar em minha pesquisa.

Eu passei por muitas dúvidas e medos durante o período de investigar com as repúblicas o que eu estaria observando durante esse período de isolamento social. O que ainda faria sentido para mim? A ideia de que poderia não haver quantidade suficiente de material observável era algo que me assombrava com frequência. Me era difícil compreender que toda situação trazia

suas questões e novas respostas, mesmo quando o que acontecia não era o que eu esperava ou tinha planejado mentalmente. O possível problema de quantidade de material ressoava em minha cabeça a maior parte do tempo. A república N2 sem dúvida reforçou esse receio.

Ainda que os momentos online dessa casa não parecessem acontecer com frequência, perguntei à ex-decana Carolina se haveria a possibilidade de minha entrada no grupo particular da casa. Eu, com minha experiência particular como republicana, presumi que assim como em minha casa e outras, a dela também usaria um grupo online, provavelmente na plataforma WhatsApp para se comunicar sobre os mais diversos assuntos. Carolina se comprometeu a checar essa possibilidade com as demais moradoras e alguns dias depois recebi a confirmação junto com minha entrada nesse grupo, alojado no WhatsApp.

Alguns dias depois o receio dos poucos momentos para observação voltaram a me incomodar: A interação entre as moradoras no grupo era rara e quando acontecia não fluía no que eu considero uma forma apropriada. Os comentários e conversas pareciam interrompidos, sem desenvolvimento. Marquei, então, a entrevista com a ex-decana Carolina. A essa altura, eu esperava responder minhas questões durante as entrevistas, assim como realizei em momento inicial com o decano da república N1.

No dia 16 de setembro, nos encontramos através da plataforma Google Meet, a qual eu já resolvi adotar como ambiente padrão para utilizar em todas as entrevistas. Essa plataforma fornece a possibilidade de conversa por vídeo-chamada e sua conexão é de boa qualidade, em minhas experiências, raramente as chamadas são interrompidas por mal serviço do Google.

Eu e Carolina iniciamos a entrevista como uma conversa qualquer, trocando perguntas de como estávamos lidando com o momento da pandemia, último ano como ex-decanas de nossas repúblicas, e outras pequenas coisas pessoais. Depois dessa breve introdução, aviso a Carolina que vou gravar um áudio da entrevista para poder transcrevê-la depois e ela me permite fazer dessa forma. A primeira questão que estava em minha mente, era sobre como ela estava lidando com a pandemia como indivíduo e como moradora da república. A isso, ela me forneceu a seguinte resposta: "Eu passei lá fiquei lá de março a junho (...). Eu tive a sorte de ter o Rô de companhia, (...) ele é de Ouro Branco. Porque eu tava sozinha e ele também. (...) O meu quadrinho teria sido em junho. Um final de semana depois eu vim embora, aí foi muito triste perceber que era para N2 estar cheia de gente, cheia de ex-aluna... Cheia de amigos... E não aconteceu, né." Carolina explica, depois, que se sentiu sozinha ao arrumar a mala, porque não teve o processo de sair da casa acompanhado pelas demais moradoras, como é de costume em sua república. Eu noto que ela foca sua resposta nos meses que esteve na república, em Mariana, decidindo ignorar os 3 meses seguintes. Durante essa conversa, embora ela tenha sentido a

melancolia de deixar a casa nos termos em que isso aconteceu, diz também ter se sentido contente ao poder aproveitar a casa e sua paisagem enquanto esteve vazia, já que essa seria uma situação rara se houvesse moradoras presentes. De meu ponto de vivência em Mariana, entendi o que Carolina quis dizer. Tristeza e prazer se envolvem e coexistem nessa situação. A tristeza, por conta da solidão e do saber que não haverá o fechamento de ciclo desejado e o prazer por poder aproveitar o ambiente e suas últimas memórias desse lugar como moradora da república, ao máximo, paradoxalmente graças à solidão. É uma impressão que não compartilho com Carolina por haver uma espécie de compreensão subjetiva entre o que ela procura dizer e do meu concordar com seus sentimentos. Independente de qual for sua emoção exata sobre o que ela relata, ela deixa clara a tristeza de estar sozinha e o prazer em aproveitar sua casa vazia. Eu posso sentir a dor em sua voz quando ela segue: "Eu tive que ir embora e aí as meninas vão voltar e eu não vou estar mais lá. Mas as meninas me ligaram no dia que eu vim para cá (casa dos pais). Elas... pra dar tchau, assim, foi muito fofinho. Quando eu tava lá a gente sempre fazia videochamada, fazia assim sempre mesmo. Agora deu uma diminuída, assim, nosso contato... (...)" . Eu percebo novamente a tristeza que ela tem em não poder fechar o ciclo de viver na república da forma habitual, como ela fez com outras moradoras e assim por diante.

Passo para a próxima questão. Elas se esforçaram para segurar o "espírito" da república à distância? E ela diz: "Então essa moradora nova, ela inclusive é muito quieta, então a gente não conhece muito ela. Ela não interage tanto no grupo, mas ela tá sempre nas ligações. Todo aniversário, aniversário de todo mundo, a gente tenta se ligar para dar os parabéns, para fazer uma homenagem. Porque lá em casa a gente sempre faz um bolinho, fazia alguma comemoração de alguma forma. Então a gente tenta ...não perder isso essa tradição. (...) Eu acho que eu sou a pessoa que mais puxa, assim, as meninas a ter contato, sabe. Eu tava com muito medo da mobile, sei lá, desistir, sabe. Porque, sei lá, não querer mais morar com a gente... porque ela nem teve tanto contato com as meninas (...). A gente fez 22 anos, a N2 fez 22 anos. A gente faz uma ligação com todas as ex-moradoras, com as meninas novas também. Com todo mundo, assim, todos os homenageados, também... para conversar um pouco, sabe. Para meio que comemorar essa data." Toda essa fala me soou muito significativa. O receio da moradora nova não estar tão em contato com as demais moradoras da casa, no grupo, e o alívio por ela estar presente nas ligações. Eu já havia conversado previamente Carolina sobre essa moradora e seu medo vinha do fato de que ela não tinha tido oportunidade de criar laços com a república, por conta da pandemia. Sua conexão emocional com a casa ainda era fraca, então o que a impedia de desistir de morar na N2? Também, como ex-decana, Carolina tenta unir as moradoras, para que a ligação entre elas não esfrie. Depois, ela me conta que a república

comemorou 22 anos recentemente e teve moradoras, ex-alunas e homenageados presentes. Eu pergunto quando esse evento aconteceu e ela me diz que foi no final de agosto. Me sinto mal por ter perdido essa oportunidade, por não ter sido convidada. Eu vinha pedindo há certo tempo que me avisassem de qualquer momento juntas que as moradoras tivessem, mas claramente não foi suficiente. Sinto que talvez o aniversário tenha sido o único momento com uma reunião dessa magnitude significativa ao longo de minha pesquisa.

Parti então a perguntar como suas relações na casa têm se mantido, a qual tenho a resposta: "Então, o que tem acontecido em questão de hierarquia, normalmente a mais velha ela fica mais responsável por... Por exemplo, eu fui avisar a sua entrada no grupo para as meninas e aí como a Luzia agora é decana eu falei para ela avisar, né. Então é um exemplo, né. A gente tem outro grupo, que chama grupo do ponto, que é pra resolver pepino, só entre as moradoras, sabe... Então acho que esse seria um exemplo, não sei." Pergunto se tudo isso segue realmente acontecendo agota e ela diz: "Sim, sim. A gente conversa bastante, lá entre nós. Eu tô lá ainda, mas logo eu vou sair, é um grupo só das moradoras. Tem algumas algumas decisões que as meninas novas não sabem muito, né. Então a gente toma as decisões e joga lá para elas, depois da gente resolver. Eu acho que esse seria o único exemplo... Do resto é tudo igual mesmo. Cada mês cada uma fica responsável pelas contas, né de fazer a presidência. E aí a presidente fica responsável de dar parabéns às ex-alunas no Instagram, teoricamente fica responsável por fazer postagem também. Mas isso é igual para todas, não faz diferente de hierarquia, não." Acho curioso que quando pergunto das relações dentro da república, o primeiro exemplo e mais marcante que ela escolhe compartilhar é sobre a hierarquia e o que vem se mantendo. Depois, ela acrescenta a tarefa da presidência (organizar e resolver a área financeira da casa), que não tem ligação hierárquica. Em seguida, ela explica que apesar de todas fazerem a presidência, a ordem das moradoras que são responsáveis por essa tarefa a cada mês é atrelada a sua posição hierárquica: primeiro a ex-decana e por último as mais baixas na hierarquia que já tenham sido ensinadas a realizar esse trabalho.

Ao me lembrar sobre Carolina ter se tornado ex-decana durante a pandemia, pergunto em que momento isso foi decidido: "Eu acho que eu posso falar que foi quando eu vim para casa. Quando eu deixei a casa. Mas assim, eu ainda eu tô no limbo, assim. Eu não me sinto que eu deixei de ser moradora, mas também não me sinto como ex-aluna. Eu tô lá no processo. Mas eu não sou decana, mais (...) eu não tenho responsabilidade de decana mais." Me parece que ter saído da casa, para ela, foi suficiente para não se considerar mais decana, ainda que nesse momento de limbo no qual a Ufop não está em aulas. Me dou conta, então, que a casa funciona

independente da Universidade, embora suas moradoras sejam universitárias e seu objetivo seja abrigar pessoas nessa condição.

Penso como ela está lidando com essa transição, justamente em um momento longe de sua casa e das moradoras. Como isso se manifesta nessa situação? E ela diz: "Então, eu tô digerindo... Eu percebi que eu não era mais decana quando a gente fez aniversário de chamada, e aí uma das ex-alunas perguntou quem é a decana agora, aí alguém respondeu "é a Luzia". Eu fiquei tipo "gente, eu não sou mais decana...". E eu fiquei bastante tempo sendo decana, aí eu tava digerindo essa situação, porque é muito estranho foi um negócio que me pegou de surpresa." Eu tenho a impressão de que ela realmente se sente em um limbo, no qual na prática ela não exerce o decanato, mas ao mesmo tempo não tem o apoio visual de que essa posição acabou. Afinal, estando em casa e longe da república, o processo de aceitação deve ser diferente. Ela segue: "Eu acho que é porque, ah... Além de ser pega de surpresa... Não a pergunta dela, mas todo o processo de ter de sair sem me despedir das meninas, voltar pra casa do meu pai. Eu pretendia ficar em Mariana mesmo sem morar na N2. Não participar mais das decisões, apesar de as meninas nunca falaram "oh Carol, agora você não participa mais, a gente que decide as coisas". Mas eu tento ficar mais de longe, observando. Tô igual a você lá naquele grupo." Eu tomo essa fala como apoio suficiente de meu pensamento sobre a dificuldade de aceitação da perda do cargo à distância. Então eu a questiono sobre o quê ela vê como importante nesse processo de desapego e ela explica: "Eu acho que seria fechar um ciclo, né. Seria colocar um ponto final mesmo, sabe. E aí eu tô aqui... "gente, quando que eu vou sair do grupo?". (...) Eu queria conversar com as meninas, não queria sair de repente, "Ô, gente, tô saindo, tchau". Mas queria talvez fazer uma videochamada com elas e falar "gente, agora oficialmente eu não sou moradora". Eu tô só esperando meu TCC. Eu queria apresentar meu TCC e aí, assim... Falar "gente, agora eu formei mesmo, não tem mais porque eu ficar aqui, não volto mais pra Mariana como uma moradora". Já planejei isso. Mas eu acho que é difícil pra mim porque foram muitos anos né... (...) eu tenho um amor muito grande pela N2, então eu sempre quis fazer coisas que beneficiassem a república, eu gostei muito de ser decana. Por mais que eu tivesse que resolver pepino (...) e aí foi muito estranho isso acabar sem um ponto final mesmo. Sem o quadrinho, sem fechar o ciclo. Parece que o ciclo tá meio que aberto, assim, que eu não consegui fechar ele direito (...) A gente tem um começo, que é entrar na casa e um fim que é colocar o quadrinho na parede (...)." Eu entendo que o processo de deixar a casa é lento e delicado e que o isolamento social interrompeu uma parte essencial desse encerramento de ciclo: a inauguração do quadrinho. O momento oficial que a moradora viveria e tomaria como

o ponto final dos anos vividos na república. O fato de ser um momento tão importante também me faz sentir, novamente, como a conexão emocional com a casa é forte.

Aproveito em insistir mais um pouco, para que ela desenvolva melhor o que o quadrinho e a reta final significam para ela, pergunto o que isso "é para ela" e ela responde: "Nossa, o que é pra mim? Estranha essa pergunta. Não que perguntar isso é estranho, mas porque eu não sei a resposta. Eu acho que é seguir uma tradição mesmo, é muito importante. E ver o quadrinho das meninas ex-alunas lá na parede como se elas fossem parte da casa, sabe. Todas elas tiveram uma história lá e quando elas formaram e colocaram o quadrinho na parede isso representa o fim da história que elas tiveram na N2 e de tudo que elas fizeram para república. Eu acho que eu queria isso também. Queria ter tido essa chance de fazer parte da tradição, sabe. Durante o tempo que eu morei na N2 eu tentei criar histórias, sabe, tentei deixar uma marca lá na república." Os primeiros momentos de sua fala têm um impacto diferente para mim. Ela cita a tradição e como é importante segui-la. Eu tenho um *flash* de compreensão esse momento: o quadrinho é de fato uma tradição. Não é apenas um hábito. Ele traz significado e passar por essa tradição significa fechar um ciclo e ao mesmo tempo ter sua presença na república mesmo depois de se formar, porque é uma forma de dizer que elas fizeram parte casa e que são parte da sua história.

Com essa deixa, me pergunto sobre as outras fases de se viver em uma república. O quadrinho é a fase final, mas o processo ao longo dos anos de universidade e moradia são acompanhados mudança de posição na hierarquia com o passar do tempo e essa mudança representa, também, diferentes fases. Questiono Carolina sobre sobre o que foi importante para ela em cada uma dessas fases: "Cada fase? Cresci muito morando lá na N2, eu aprendi muito. Eu acho que no começo sendo bixo foi importante criar relações com pessoas que eu não conhecia. Foi importante aprender a morar longe de casa. Aprender a ficar responsável por mim mesma e me sentir independente. Depois, quando eu fui escolhida, foi muito gratificante (...). Quando eu passei a ser vice-decana, eu passei a pegar responsabilidades e me esforçar mais pra fazer as coisas na república. Eu acho que se eu tivesse morado em algum outro lugar, se eu tivesse morado sozinha, eu teria feito muito mais coisa na graduação. Eu acho que foram 2 graduações, uma na N2 e uma de Letras mesmo, porque eu fiz muita coisa pela república. A gente morava em outra casa, não sei se você lembra da época." Essa resposta veio carregada de significados para mim, tanto na posição de pesquisadora quanto como republicana e decana. Me identifiquei com os momentos que ela cita e vejo que essa entrada na comunidade republicana e a tradição da hierarquia, juntos, ajudam o morador a desenvolver habilidades sociais e pessoais rápido. Ela também tenta evocar em mim a lembrança da casa anterior da

república, e embora eu saiba que cheguei a conhecê-la me algum momento, já não tenho a lembrança do lugar, que foi soterrado por inúmeras memórias acumuladas nos anos seguintes. Assim, comento sobre o passar do tempo com Carolina, que segue: "Pois é, isso que a gente tem... Essa sensação. Acontece muita coisa em pouco tempo. Parece que que vivi 10 anos lá. Então eu criei um afeto pela cidade, república, pelas pessoas, muito grande, porque eu me sinto como se eu tivesse morado 10 anos lá, sério. Quando eu virei vice-decana a gente trocou de casa (...). Foi um marco, eu acho, na N2. Porque as ex-alunas tavam todas muito tristes da gente sair da N2, de sair daquela casa que ficou lá por 16 anos se eu não me engano. Mas a gente precisava sair." Percebi que o tempo tem grande importância na profundidade da conexão da moradora com a república. Será que se vivêssemos 1 ou 2 anos em uma casa, as tradições marcariam tanto ou pareceriam tão significativas para nós? Ao mesmo tempo, noto que eu, como republicana, compartilho da sensação de Carolina de que o tempo parece passar em maior quantidade e muito mais rápido. Dessa forma, talvez mesmo 1 ano seria muito significativo se em tempo de república ele equivale ao dobro do tempo. Sinto que a última opção é a mais provável.

Durante esse ponto da conversa, Carolina diz algo que me soa interessante: "Sempre peguei as coisas pra fazer, sabe, porque sempre precisa de uma pessoa mais assim, líder, né (...). E aí eu acho que quando eu virei decana nem fez tanta diferença porque eu já me sentia decana na época." O fato de ela já se sentir decana antes de ser oficialmente decana seria algo possível em uma república tradicional outro-pretana? Imagino que não. Em minha entrevista com Gabriel, ele conta como só pode fazer as mudanças administrativas e sociais que desejava após se tornar decano. As posições hierárquicas de uma república mais tradicional são bem marcadas e exercer alguma função que corresponde a uma posição mais elevada do que a qual em que se está me parece algo fora da possibilidade. Capturo então o vislumbre de mais uma diferença entre essas duas repúblicas, a ouro-pretana e a marianense. Embora ambas tenham elementos tradicionais, não é a primeira vez que sinto que uma é de fato baseada em mais elementos e os segue com mais dedicação que a outra.

Focando nos laços entre Carolina e a república, pergunto como ela se sente com a despedida: "Fiquei triste, fiquei muito triste, mas eu já tô bem, (...) é que assim eu não terminei né a graduação então eu acho que não dá para ficar... Para planejar de fato as coisas para a próxima fase, assim. Mas eu quero... Já tenho pensado em mestrado, já tenho pensado em outras coisas e ficar por aqui mesmo. Eu não pretendo voltar para lá, não." E com relação se pretende voltar e visitar, ela diz: "Com certeza, com certeza. É triste estar no grupo ainda e aí as meninas falam "quando gente voltar a gente fazer isso e isso" aí eu fiquei assim... gente me chama,

quero participar também! Mas é normal, é questão de apego, a gente tem que se desapegar aos poucos." Novamente compreendo um pouco do forte apego sentimental com a casa.

Já que falamos tanto sobre ciclos, sobre começos e fins, me pergunto se morar em uma república da Ufop é apenas uma fase da vida que será deixada de lado quando terminada, ou se faz parte dessa vida e não é esquecida. Pergunto isso a Carolina e ela diz: "Não, faz parte, com certeza faz parte. Na verdade, acho que é os dois, né? Quando a gente tá em Mariana somos pessoas diferentes e eu não sei como eu vou ser a partir de agora. Eu não sei quem vai voltar para Mariana se é a Carolina de Mariana ou essa Carolina que voltou para casa, sabe. É porque a gente cresce tempo todo, né a gente tá em crescimento.... A Rai de hoje não é a Rai de ontem, já mudou. E aí eu acho... Por mais que eu vou levar N2 e a história que eu tenho de lá pro resto da vida eu já sou uma pessoa diferente, sabe. Eu acho que a Carolina de Mariana não vai voltar mais." Essa resposta me pareceu bem sincera: enquanto que a república sempre fará parte de quem ela é, Carolina também se desenvolverá dentro de outros ambientes que surgirão ao longo da vida. Isso faz para minha questão uma resposta meio a meio. Me parece realista. E como será a vida nesses novos ambientes? Será mais confortável? Ou a vida na república parecerá mais atraente, ainda que tenha terminado? Pergunto sobre a entrada em uma vida diferente e ela responde: "Sobre essa pergunta, eu não tava com medo na época porque eu não tinha considerado voltar pra casa, a ideia era ficar lá em Mariana mesmo. Eu tava trabalhando e já tava planejando encontrar outro lugar pra morar. E eu acho que ficando lá eu ia ter mais contato com as meninas... As coisas iam mudar, né, porque quando a gente sai da república... Eu imagino, né, que eu ia ter outras responsabilidades, outros compromissos. Mas não imaginava que eu ia voltar pra casa. Eu ficava meio assim de voltar pra casa e perder a liberdade que a gente tem lá. Não a liberdade de sair, mas a liberdade de fazer o que a gente quer a hora que a gente quer. Ter essa autonomia da nossa vida." Entendendo que a mudança de planos a pegou de surpresa, impedindo uma grande reflexão sobre o assunto, pergunto sobre essa liberdade. Em Mariana se sentia mais livre? E ela responde que "sim, com certeza". É semelhante a resposta do decano da república N1. Noto um padrão. Pergunto sobre a segurança, então. Ela sente os dois no mesmo lugar? Onde se sente mais segura? Ela explica: "Em casa, eu acho, na casa do meu pai. Segura assim de todas as formas. Tanto e que eu recebi muito amparo da minha família né, quando eu descobri (...) e eu acho que se eu tivesse em Mariana as coisas seriam diferentes. Não teria ninguém pra cuidar de mim mesmo e eu precisava de alguém pra cuidar de mim." Penso então que talvez aconteça uma dicotomia com Carolina, mas no caso de Gabriel, ele se refere à república como um lugar seguro para sonhos. Não sei se está claro se é uma segurança para ter liberdade ou se existe a segurança e a liberdade juntos. Ao mesmo

tempo, lembro de nossa conversa que o acolhimento que ele sente na república N1 pode ser entendido como um lugar seguro para ele ser quem é e para sonhar ser além. Isso seria uma segurança mental, poder usar a imaginação. E de seu tom em nossa conversa sinto que essa questão para ele é tão importante quanto a segurança obtida quando o indivíduo não toma riscos. Gabriel sente, então, ambas segurança e liberdade em sua república?

Voltando à conexão que Carolina sente com sua casa, pergunto quais diferenças ela percebe entre viver em uma república e viver em qualquer outro lugar de Mariana. Ela explica: "Nossa, toda. Eu acho assim... Que se eu tivesse dividido casa com uma ou duas pessoas ou tivesse morado sozinha eu teria voltado pra casa. Porque morar em uma república a gente constrói uma família, mesmo. E aí é normal sentir saudade de casa se sentir insegura e você tem pessoas que passam por isso com você, pessoas que já passaram por isso e sempre tão lá do seu lado. Eu não sei se em uma pensão ou só dividir uma casa com outras pessoas tem o mesmo efeito." Esse trecho é uma nova reafirmação, ao longo das duas entrevistas que realizei, de que a república é vista e sentida como mais do que um grupo de pessoas que moram juntas. É uma família.

Logo depois ela explica que gostava de socializar também com pessoas que são de Mariana e não moram em repúblicas. Ela diz que "a universidade e Mariana são duas bolhas muito distantes". Aproveitando o momento, pergunto o quê a faz sentir essa distância e ela diz: "Primeiro que as pessoas de Mariana não sabem que a Ufop é acessível, né, deveria ser pelo menos. Tem pessoas que não sabem que podem passar por lá, entrar a hora que quer. E quando a gente vai pra Mariana e mora em república e vai pra universidade, a gente não tem contato com os moradores, nascidos em Mariana. A gente tem contato entre a gente. Dificilmente a gente troca ideia com pessoas que nasceram em Mariana. Durante a graduação inteira eu tenho uma amiga de Mariana, que eu conheci na Ufop. E aí depois no meu último ano que eu fui me aproximando mais da população marianense, porque a gente não tem esse contato."

Como republicana, eu entendo essa sensação de "bolhas distantes" e compartilho da experiência de Carolina. Em toda a minha graduação, conheci apenas um e outra pessoa de Mariana, estudantes da Ufop. Preparo minha próxima questão. Será que esse distanciamento das repúblicas é proposital? Ela compartilha sua opinião: "Eu acho que rola um preconceito sabe das repúblicas e do povo de Mariana. Começa pelo fato de chamar as pessoas de lá de nativo. Que? De onde veio esse nome? Esse título de nativo? Como assim? Você já imagina um indígena, né? E aí não tem convite pros rocks, normalmente só tem pessoas da universidade, dificilmente tem pessoas de Mariana mesmo, se tem você fica "Nossa, você é de Mariana, por que você tá aqui?" Eu acho que é proposital. E aí uma experiência que eu tive, foi uma

experiência péssima, mas é uma experiência. Quando a gente tava lá na N2 em menos pessoas a gente tava buscando dinheiro loucamente para poder pagar o aluguel né a gente não ficar endividada. Ou então falidas. A gente teve a péssima ideia de alugar a casa pra um rock de aniversário de uma menina. A gente sentiu confiança porque a mãe dela foi lá junto era uma menina de 14 anos. A gente fez contrato e tudo. Mas a menina fez um rock mesmo e convidou várias pessoas muito estranhas. Tava só eu e a Rafa lá na casa. A gente achou que ia ser assaltada. Foi terrível. E a gente viu que a menina meio que tava querendo fazer aquilo pra fazer parte, pra se sentir incluída (...). Pra sentir parte desse movimento de república, aniversários. A menina era menor e os convidados eram todos menores. 80% eram homens. Tinham homens mais velhos também e tinha muita bebida. A gente não sabia que ia rolar isso e no final a polícia bateu lá. Então foi uma experiência bem difícil e aí rolou briga lá na frente de casa, então foi uma experiência péssima. Mas eu pude ver que Mariana tenta participar desse movimento de república, de universitários, de universidade. E aí a gente meio que fecha, sabe." Carolina se envolveu com intensidade nessa resposta, senti que é um assunto que realmente a tem incomodada. A história contada em seguida e sua impressão final sobre os significados e representações buscadas pela anfitriã da festa me parecem sinceras e poderiam ser reais.

Reflito se esse movimento de afastamento das repúblicas e dos marianenses acontece puramente pelo desejo dos republicanos de exclusividade e isolamento ou se é baseado em algo mais. Pergunto a Carolina, que reflete também: "Eu acho que é da experiência também, porque várias pessoas de Mariana, principalmente as mais velhas, não gostam de universitários. Principalmente de república. Universitário não, república. Não gosta porque faz barulho, faz bagunça, incomoda. Acho que aí as pessoas que moram em república meio que criaram um bloqueio de não interagir com essas pessoas que não gostam da gente. Mas a gente acabou generalizando, não é todo mundo, tem as exceções. (...) Talvez seja uma forma de segurança, mesmo, mas eu falo não só de rock porque rock é difícil, é complicado, é uma realidade diferente do resto do mundo, nós na universidade de Mariana, mas eu falo do dia a dia também sabe, esse diálogo (...)" Preciso me esforçar em lembrar que as respostas dadas por Carolina não significam necessariamente que todos os estudantes pensam de forma igual. Mais ainda, nesse ponto de nossa entrevista, sinto que devo tomar cuidado em como formulo minhas perguntas, para não tornar o diálogo em uma conversa na qual trocamos opiniões pessoais e esqueço de fazer o movimento de me afastar e a aproximar com cautela. Novamente reparo como são intensas as dificuldades de pesquisar meu próprio ambiente sem me envolver além do que considero sensato.

Volto novamente ao ponto de sua mudança para a casa do pai, queria um desenvolvimento maior sobre isso. Ela fala que: "(...) eu vinha para cá pouco, eu vinha nas férias e aí eu me sentia a visita. Agora sou moradora de novo tipo aqui, estranho falar moradora da minha própria casa, tem que lidar com as pessoas daqui e foi diferente. E eu não tenho mais essa liberdade, sabe, faço minhas coisas a hora que eu quero, vou comer a hora que eu quero (...) vou limpar a casa na hora que eu quero, foi reacostumar com isso. São regras diferentes." Me parece uma resposta que corresponde bem com a realidade. Sua casa era sua república e agora está de volta na casa dos pais, para se reacostumar com seu antigo lar. Mas esse "reacostumar" é o objetivo a longo prazo de Carolina? Ela diz como pensa que vai ser daqui pra frente: "Ah, eu não sei. Eu quero muito arrumar um emprego pra logo sair daqui também, não que eu não goste de morar com meu pai, mas quero ter meu espaço de novo. Isso é uma experiência muito boa que tive na N2. De poder me conhecer mais, sabe". Nesse momento tenho um *insight*. Isso quer dizer que Carolina busca um lugar que contenha ambas as características que ela preza, tanto da república quanto da casa dos pais? Da mesma forma que o decano Gabriel diz sentir em sua república? Então pergunto sobre a dicotomia da liberdade e segurança e se ela deseja um lugar onde poderá ter os dois, a qual ela me responde: "Isso, obrigada, sim."

Após essa última pergunta, me sinto esgotada de possíveis questões. Nos falamos mais um pouco, parte da conversa não incluída nas transcrições, pois, assim como em minha entrevista com Gabriel, nesse momento, me sinto mais descontraída, como apenas mais uma moradora de Mariana e colega da Ufop. Após encerrar nossa reunião, tenho uma realização. Dessa vez, diferente da entrevista com Gabriel, sinto que naveguei em nossa conversa da forma que era possível, obtendo as respostas que eram possíveis. Afinal, nem mesmo Carolina sabe ou entende tudo o que sente nesse momento. Percebi durante nossa conversa que não vivemos o tempo todo refletindo sobre o que acontece ao nosso redor e dando significado a todos os elementos que passam por nossas vidas. Antes, quando eu perguntava algo e esperava uma resposta mais profunda, ainda não entendia que o que me era respondido era tão profundo quanto poderia ser.

República N2 - Entrevista com a Decana

Data: 17 de setembro de 2020

Local: Online via Google Meet

Minha segunda entrevista com a república N2 foi marcada para o dia 16 de setembro e eu conversaria com a atual decana da casa, Luzia. Não sendo minha primeira vez em contato com uma moradora da N2, me senti mais relaxada com meus modos e o comportamento esperado. A essa altura, embora prestando atenção à seriedade de minhas perguntas e ao meu comportamento como pesquisadora, a questão de a qual lugar exatamente eu pertencia e meu receio de como isso transpareceria em minhas observações, já não me seguia com a mesma intensidade.

Ainda que minha experiência nessa posição siga sendo uma novidade para mim, meu segundo momento em campo pareceu suficiente para aliviar metade de minha tensão. Na hora marcada enviei um lembrete Luzia, que demorou alguns minutos para responder e entrar na sala online do Google Meet. A espera me deixou ansiosa. Em tentativas de contatos anteriores, para conversar superficialmente sobre minha pesquisa ou mesmo para marcar a data de nossa entrevista, Luzia costumava demorar algum tempo a responder minhas mensagens e eu precisava lembrá-la de fazê-lo. E se ela se esquecesse de nosso encontro?

Neste momento de pandemia, a sensação de que encontros online têm menor valor que os presenciais, é algo difícil de não perceber. Pessoalmente, vi muitos comentários em redes sociais que falavam sobre a facilidade de ignorar reuniões à distância e de fingir problemas técnicos que tornaram essas conexões inviáveis. Quando Luzia finalmente respondeu, me senti aliviada. Nos encontramos, então, na sala online.

Como notei ser um costume, iniciamos nossa conversa de uma maneira informal, na qual meu eu estudante e moradora de república se sobressaía ao de pesquisadora. Ao entrar em minhas perguntas, entretanto, mesmo que minha personalidade não deixasse de ser acolhedora, meu foco mental passava a ser o de dar a atenção necessária às respostas que eu obtia e de olhar com estranhamento essas respostas. Claro, tudo na medida que me é possível, considerando meu histórico como indivíduo.

Início a entrevista gravando nossas vozes, utilizando meu celular como ferramenta, assim como decidi fazer em minha reunião com a ex-decana Carolina, da república em questão e o decano Gabriel da república N1 e minha observação do evento proporcionado pela república

N1. Dessa forma, enquanto conversamos, minha atenção poderia estar focada em nossa interação.

Minha primeira pergunta a Luzia se refere a mudança de hierarquia ocorrida justamente durante a pandemia, na qual ela passa a ser decana e Carolina se torna a atual ex-decana da república. Eu tenho focado em compreender quais atividades tradicionais das repúblicas seguem existindo durante o isolamento social, dessa forma, posso analisar os componentes dessa comunidade.

Ela, então, desenvolve sobre o fato: "No 20.1 seria o último período meu e dela, mas como aconteceu isso ela falou, né que ela conversou com pai dela e tudo mais e como ela só tinha o TCC para fazer, ela já não tinha nenhuma aula estágio nem nada, ela resolveu que ela conseguiria fazer o TCC a distância, né. Ela vai tentar fazer o TCC agora também, nesse período, e aí não tem necessidade de voltar mais. E aí ela foi e passou isso pra gente, né. E aí como eu era a próxima na hierarquia, como eu era a vice-decana, eu agora sou a decana, né mas como a gente tá distante tudo mais, não foi realmente oficializado, né. Vai ser só quando a gente voltar mesmo porque agora à distância não tem muito que fazer mesmo."

Embora as moradoras estejam longe da casa e a pandemia limite algumas características vividas na república, a hierarquia é um elemento que sobressai o espaço físico. Ela continua existindo mesmo à distância. Ainda assim, como a hierarquia é demonstrada através das funções exercidas pelas moradoras, à distância não possível vê-la em ação com toda a sua intensidade. Luzia apoia meu pensamento ao afirmar que essa troca só será oficializada presencialmente, já que online o impacto da mudança não é sentido porque "não tem muito o que fazer mesmo".

Essa resposta me faz lembrar sobre o ritual do quadrinho. Quando um morador se forma ele tem seu quadrinho pendurado na parede da casa, junto a outros quadrinhos, sendo uma maneira simbólica de demonstrar o fim da jornada do morador na república. Imagino quão forte é a relação desse momento com o ato de deixar o decanato, se de alguma forma estão ligados nessa situação e pergunto se a oficialização da mudança na hierarquia acontecerá depois do quadrinho de Carolina, mas recebo a resposta: "Mas assim que as aulas voltarem presencial e mesmo que a Carolina já não volta mais, independente. E assim que as coisas voltaram ao normal e a gente voltar para república aí eu já vou ser a decana, né. Porque eu vou ser a mais alta hierarquia ainda morando na república e a gente vai tá com calouras e tudo mais, então querendo ou não eu já tenho que começar a agir como a decana por questão de ordem também, de organização de passar para as meninas que vão estar entrando. Então não depende do quadrinho da Carol e nem da colação, sabe. Como ela já saiu da República e não volta mais, a partir do momento que eu for para lá que as coisas voltarem ao normal e presencialmente, daí

eu já começo com o decana né, eu já volto como decana oficial." Entendo por isso que o simbolismo de quem está na administração atual da casa é mais urgente de quem está deixando esse lugar. Manter a ordem, como Luzia diz, e a casa funcionando, mesmo que o decano anterior ainda não tenha tido seu ritual de despedida.

Eu percebo, até então, alguma diferença entre a forma de Luzia e Gabriel, decano da república N1, em suas falas. Luzia soa mais administrativa e prática e embora Gabriel esteja buscando fazer as mudanças sociais que deseja em sua república, utilizando de seu poder atual do decanato, sua energia soa mais sentimental, mais simbólica e mais considerativa dos significados de estar no decanato e de como a casa é gerida. Sinto, resumidamente, uma diferença emocional ligada às práticas republicanas.

Notando a praticidade na voz e palavras de Luzia, a pergunto como se sente com o processo de se tornar decana e logo depois deixar a casa, ao que ela me diz: "Assim, eu não tava esperando que eu fosse chegar a ser decana, né. Como eu e a Carol a gente entrou juntas, a gente tava imaginando também que as duas formariam juntas e que eu só ia ser vice-decana dela mesma, não chegaria a ser decana. Então isso... Eu fui pega de surpresa, um pouco. Mas que eu tô lá na república já tiveram três decanas desde quando eu entrei (...) e a Carolina foi a decana então assim, eu aprendi bastante com as três sabe, acho que todo mundo assim na República teve ótimas experiências de decanato. Então só fui pega de surpresa mesmo, mas não não vejo nenhum problema nisso porque eu já tive experiências com as antigas decanas e é uma coisa assim de muita responsabilidade, digamos assim. Porque tem questão das ex-alunas, também que cobram mais da decana às vezes para questionar como que tá a casa como que tá indo com a calouras, né.

(...) vou ficar só mais um semestre e aí vai ser um semestre de decanato meu mas ao mesmo tempo já preparando a próxima decana que vai vir depois de mim e aí essa decana sim vai ficar mais tempo do que eu. Eu acho que deve ficar um ano e meio ainda de decanato. Então vai ser mais um período para mim, né. Vai ser um período pequeno em que eu vou preparar a próxima também, né." Sua resposta segue evocando em mim o sentimento de praticidade. Não é a primeira vez, em meu trabalho de campo, que sinto que as diferenças entre uma república federal, ao menos o objeto que estudo, e uma república marianense, são maiores do que eu imaginava. Como republicana, sempre senti como uma espécie de exagero, quando os republicanos de Ouro Preto se referiam às repúblicas de Mariana como menos tradicionais. Em minha pesquisa, mudando meu ângulo de olhar o tabuleiro, percebo que talvez seja mais real do que gostaria de pensar.

Insisto em entender melhor os sentimentos de Luzia, pergunto como se sente além da preocupação relativa à responsabilidade de estar no comando. Ela responde: "Ah, é muita... Eu sinto que é muita responsabilidade, né. Porque é a decana que cuida da parte financeira da República, que organiza as reuniões que tem dentro, que a gente faz reunião na República a cada 15 dias ou uma vez no mês, então é sempre a decana que organiza. É a decana que puxa fala mais vezes para tentar ensinar para as meninas novas que tão chegando. Então assim, eu não tô tão preocupada, por... igual eu falei, já ter presenciado muitas vezes esse tipo de coisa. Mas ao mesmo tempo eu sinto que é um cargo, digamos assim, de muitas responsabilidades, né. Mas... no mais não tô... Acho que é isso, mesmo." Novamente a praticidade as palavras que parecem se preocupar apenas com o administrativo. Me parece que esse é o mais fundo que há para chegar.

Ela segue: "(...) quando eu entrei na República lembro que as meninas mais velhas brincavam "ah, quem de vocês vai querer ser decana?" e eu falava antes que não. Eu falava assim "ah, eu tenho medo, né muita responsabilidade, a república na mão da gente". Mas depois que a gente vai crescendo ali na república a gente vê que mesmo que por ordem de hierarquia a decana seja a mais alta a república não depende só dela, né. É todo um conjunto, depende de todo mundo que tá morando juntas. Então ao longo do tempo eu fui desconstruindo essa coisa de ter medo de ficar assustada com essa posição. Mas agora eu tô... Acho que eu vou até gostar, apesar do período ser pequeno. Eu vou gostar de durante um periodozinho ter essa responsabilidade, sabe e ter que... Ah, não sei eu tô conseguindo me expressar direito." Mais uma vez focando na responsabilidade e área administrativa da casa, como sendo um cargo trabalhoso, em um sentido prático, me sinto convencida o suficiente de essa parte é que mais lhe ocupa espaço mental e emocional.

Resolvo perguntar então sobre o que ela vê de positivo na mudança hierárquica, já que sinto que até então os apontamentos foram sobre pontos mais desgastantes. Ela responde: "Ah, a gente, lá na república sempre que a gente tem reunião e a gente vai falar com as meninas novas a gente sempre fala que assim... A gente usa hierarquia como uma forma de organização e uma forma de aprendizado para vida, também. Porque quando a gente sai da faculdade e a gente vai pro mercado de trabalho a gente nunca começa de cima, né, a gente sempre vai subindo uma escadinha e conquistando as coisas. Então a gente usa a hierarquia como isso, né, então eu fui subindo a minha escadinha ate chegar nessa posição de decanato, então mesmo antes como vice-decana eu já tinha algumas responsabilidades, que eu e a Carolina a gente sempre tomava as decisões juntas, a gente sempre conversava sobre as coisas da casa, mas agora não sei. Eu sinto que depois que eu formar, depois que eu sair é um aprendizado que eu vou

levar pra fora dessa vida republicana que eu sei que vai ser uma coisa que vai ser muito útil na minha vida no mercado de trabalho e tudo mais, eu entendo que todo mundo quando tá no começo começa de baixo e vai subindo as escadinhas até chegar no topo, né, digamos assim. Que depois de decana o cargo mais alto é ser ex-aluna, né, mas eu acho que... pelo menos eu não sei como que funciona em todas as repúblicas, mas é assim que a gente trata na N2 toda essa questão de hierarquia e eu acho que é muito válida pro nosso convívio dentro da república e pra aprendizagem própria, sabe (...)" Sobre essa longa resposta, entendo que Luzia vê os aprendizados da vida republicana como ferramentas úteis a serem usadas no mercado de trabalho e em outras áreas práticas da vida pós-universidade. Entendo melhor como a hierarquia é compreendida e ensinada na república N2 e marco mentalmente a diferença da república N1, mais tradicional nesse ponto.

Pensando nisso, pergunto a Luzia se ela não acha que sua casa usa um modo de hierarquia tradicional, a qual ela responde: "É, sim. Não é aquela coisa tradicional de Ouro Preto, assim. (...) desde que eu entrei na verdade na República, né, as decanas que eu presenciei é... A gente usou a hierarquia desse modo. Mais como uma forma de organização, mesmo. E daí a gente usa em tudo que vai decidir na casa, desde os dias de faxina, é... Dia da semana que vai lavar roupa... A gente usa a hierarquia pra organizar esse tipo de coisa. Mas todo mundo dentro da casa faz a mesma coisa, sabe. Igual... Todo mundo faz faxina igual. Decana faz faxina, vice-decana... Moradora e caloura. Todo mundo tem as mesmas funções. A diferença é que a gente usa a hierarquia para fazer a escolha, daí a gente começa pela decana. Ela tem prioridade para escolher o dia que ela quer fazer a faxina, o dia que ela quer lavar roupa, essas coisas assim. E aí a escolha vai acontecendo por ordem de hierarquia, né. O que gente tem assim de mais tradicional é porque as nossas ex-alunas elas são... Como tem algumas que são de épocas mais antigas, elas gostam das coisas assim mais republicanas, mais tradicionais, digamos assim. Então isso (...) essa questão de caloura ter que servir... Essas coisas. Dentro de casa, a gente mesmo no convívio, a gente não tem disso. Todo mundo, quando a gente junta para fazer um social ou para fazer um churrasco, alguma coisa, todo mundo ajuda. Todo mundo faz tudo, todo mundo serve. A gente sempre conversa com as calouras que algumas ex-alunas, nem são todas, fazem questão de serem servidas pelas mais baixas da hierarquia, sabe. Mas a gente mesmo, atualmente, desde que eu entrei na república, né, já tem 4 anos, a gente usa no nosso convívio assim diário no dia a dia só como questão de organização mesmo."

Entendo que realmente o uso da hierarquia na república N2 é de objetivo prático, não realmente ligado ao simbolismo emocional, mas para fins de organização, embora ex-alunas

mais antigas preferiram seguir o modelo que nessas notas de campo me refiro como ouro-pretano, embora Luzia não tenha explicado o porquê desse comportamento.

Pergunto então sobre qual influência as ex-alunas têm sobre a casa, e ela responde: "(...) A gente mudou de casa, né. Quando eu entrei na N2 a gente tava em uma casa que a N2 já estava lá há 16 anos se eu não me engano. Só que a situação da casa era péssima, péssima. Tinha goteira quando chovia, tinha muito mofo e assim, era horrível. E nenhuma das outras ex-alunas... No começo ela chegaram a reformar, pintar a casa... Mas chegou a um ponto que não dava pra morar e aí foi a minha geração (...). A gente decidiu mudar de casa, né, que a gente viu que precisava de procurar um lugar melhor que tava difícil de viver lá na casa antiga e foi uma decisão assim, que a gente tomou e a gente comunicou só as ex-alunas. (...) A gente não foi pedir opinião ou pedir pra fazer. A gente só foi comunicar que a gente tava fazendo aquilo e elas super apoiaram a gente, sabe. Então eu não sinto que elas têm tanta influência a ponto da gente ter que recuar de fazer certa coisa ou ter que pedir para elas para a gente fazer. Mas... Em alguns momentos a gente prefere escutar elas ou prefere ir pedir um conselho ou perguntar alguma coisa só pela experiência que elas já tiveram antes da gente, sabe. (...) Por elas já terem passado por isso e terem mais sabedoria sobre esse tipo de coisa, às vezes a gente vai perguntar, vai pedir opinião. Mas, a sensação que eu tenho na verdade desde que eu entrei é que a geração que tá presente ali no momento da república, que tá tocando a república para frente, cuidando de tudo, tem autonomia para fazer o que acha que é necessário, sabe." Noto, então, mais um ponto de diferença com a república N1. Enquanto que na última os ex-alunos passam a sensação seguirem fazendo parte da casa mesmo depois de formados e os moradores atuais mantêm a conexão e às vezes passam por dificuldades em mudar tradições por conta da influência desses ex-moradores, como Gabriel me explica em nossa conversa, a N2 atua de forma significativamente mais independente, recorrendo às ex-alunas majoritariamente por vontade própria, buscando ajuda para solucionar problemas através de conselhos.

Mas se a relação entre as moradoras e as ex-alunas é mais distante nessa questão, como é o comportamento desses dois grupos em um evento em comum, como o aniversário da casa? Com a dúvida, pergunto a Luzia se as alunas mudam os modos na presença das ex-alunas, e ela explica: "(...) quando a gente tem evento igual o aniversário da república, essas coisas assim que juntam um número maior de ex-alunas, ninguém muda o comportamento, nem nada. (...) O último aniversário (...) que teve todo mundo e aí as ex-alunas, elas vêm mais para aproveitar, mesmo. Elas vêm pro reencontro pra se verem, para conhecer as moradoras atuais, as que ainda não conheciam... E pra aproveitar. E a gente, moradoras da geração atual, que organiza, que trabalha que faz tudo acontecer. Mas em nenhum momento a gente se sente retraída ou acha

que tem que agir de maneira diferente com medo do pensamento, do julgamento delas, sabe. A relação de todo mundo é bem... Bem bacana assim." Nessa fala, noto algumas coisas que me fazem suspeitar de mais uma diferença entre a N2 e a N1. Se na N1 um evento como o 12 é testado e compartilhado com o ex-alunos e os mesmos são inclusive informados de questões financeiras da república, porque se espera que eles a ajudarão no que for necessário, além da troca de memórias e conexão emocional, na república N2 as ex-alunas se juntam em aniversários para "aproveitar", apenas, enquanto todo o trabalho fica com as moradoras atuais. Esse "aproveitar" me faz sentir que essas convidadas participam do evento com o puro objetivo de diversão momentânea, seja com outras ex-alunas ou conhecendo as moradoras novas ou os dois, mas não com o objetivo de ajudar a casa a realizar essa união entre o passado e o presente e de se manterem presentes na memória do lugar. Sem a ajuda com os problemas atuais que a casa possa ter, ou a fazer o evento acontecer, tenho a impressão de que as ex-alunas aparecem apenas sazonalmente e depois se ausentam, fazendo com que no resto do ano a república e as ex-moradoras sigam independentes uma da outra, sem laços duradouros, mas que surgem apenas temporalmente. Talvez pareça um julgamento rápido da situação, mas não posso ignorar minha sensação sobre isso. Além disso, se na república N1 a hierarquia é uma tradição mais significativa, como deu a entender Luzia através de suas respostas, então faz sentido que na república N2 as ex-alunas sejam convidadas temporais. Lembro que ser um ex-aluno também faz parte da hierarquia. Seu poder e atenção recebidos são tradicionais. Até agora, sigo com a sensação de a tradição da república N2 é mais branda em alguns aspectos, incluindo as posições hierárquicas.

Com a questão de tradição, hierarquia e as ex-alunas, me pergunto o que faz com que algumas ex-moradoras recorram ao comportamento considerado mais ouro-pretano de esperar que em festas sejam servidas pelas calouras. Faço essa questão a Luzia, que diz: "É porque tem... É porque a N2 sempre foi uma república de Mariana, né, mas tiveram ex-alunas das gerações passadas que tinham muito contato com Ouro Preto, sempre tavam em Ouro Preto... E algumas namoraram muito tempo com pessoas que moram em república em Ouro Preto, então tinha um contato muito direto com o meio republicano de lá. Eu acho que na época elas meio que traziam um pouco disso para N2, sabe. Então... Dá para ver que as ex-alunas que não tinham tanto esse convívio em Ouro Preto são mais tranquilas, mas as que conviviam mais... Não sei se sentiam influenciadas ou se era por estar tanto naquele meio (que) achava que era o certo, né, o tradicional de república mesmo." Considero sua resposta como uma impressão que valida ainda mais meus pensamentos sobre a dicotomia entre as repúblicas de Ouro Preto e

Mariana. As ex-alunas que preferiam serem servidas por calouras, buscando o tradicionalismo republicano, provavelmente se espelhavam nas repúblicas ouro-pretanas, de acordo com Luzia.

Já que sinto essa distância entre as ex-alunas e as moradoras, pergunto a Luzia qual importância ela vê em manter o contato, e ela diz: " (...) A gente na N2 é bem mesmo como uma família. Não é só uma casa onde a gente divide quarto, divide conta, não... Todo mundo é bem próximo, todo mundo tem intimidade um com outro e convive ali mesmo além só da divisão de casa, né todo mundo tem uma relação de amizade ali. E... desde que eu entrei na casa das meninas antigas que estavam aqui falavam com a gente das ex-alunas. Que mesmo depois que a gente forma e sai da república não quer dizer que a gente tem que quebrar esse vínculo, não quer dizer que "morei ali, formei, ponto, não preciso voltar". Claro que tudo isso parte da vontade de cada um. (...) No meu caso se eu for uma pessoa que entrei na república, me adaptei a morar na república, conheci a história, criei vínculos com muita gente... Depois que eu sair com certeza não vou querer cortar esse vínculo e vou querer voltar e querer conhecer como ex-aluna as próximas meninas que vierem. Então eu acho importante a gente ter esse contato porque foram as ex-alunas que criaram a história até o momento que eu entro na casa, né. Elas que levaram a república pra frente e... Elas escolheram depois de formadas continuar com esse vínculo de ter a preocupação de como que a casa está (...) se casa ainda tá em boas mãos, se as próximas gerações vão conseguir levar a casa adiante igual elas levaram... Então eu acho importante a gente ter esse contato porque é um acúmulo de experiências, né." Essa resposta me faz repensar minha consideração anterior. O vínculo mantido entre a geração presente e as passadas parece ter um quê sentimental, na forma como Luzia me passa. Mas, levando em consideração suas posições anteriores, acredito que esse vínculo possa ser mais brando que o que presenciei na república N1.

Pergunto sobre a conexão entre essas diferentes gerações de moradoras e se a casa pratica o compartilhamento de histórias com as moradoras mais novas, e ela diz: "(...) aos poucos a gente vai contando, a gente vai explicando o porquê de ter a hierarquia, como que a gente usa a hierarquia, e aí a gente mostra os quadrinhos, né, que a gente tem nas paredes que são das ex-alunas... A gente explica como funciona esse ritual de colocar o quadrinho na parede, e aí aos poucos a gente vai explicando e mostrando como que as coisas funcionam, sabe. (...) A gente vai explicando mesmo, contando a história de que as ex-alunas, as que tavam antes da gente foram construindo a república aos poucos, foram adquirindo as coisas que a casa tem aos poucos e passando pra frente. (...) Com o tempo, quando vem uma ex-aluna ou outra que... Elas contam mais histórias e se apresentam, né, mesmo para as meninas mais novas que ainda não conhecem."

Esse compartilhamento parece pouco planejado, como se acontecesse naturalmente, então pergunto sobre a importância dessa prática e ela explica: "(...) as histórias... (...) São lembranças que a gente tem mesmo. São momentos que acontecem dentro da república ou então com as pessoas da república nesse meio universitário, né. São lembranças e memórias boas que a gente tem... E que é uma coisa que a gente não conta porque é obrigado a contar a histórias e coisas do tipo. É só porque quando a gente está conversando e aí uma puxa "ah, cê lembra quando isso aconteceu..." a gente vai contando, assim, esporadicamente, mas... Não tem um ritual, assim, de ter que contar, são só coisas que vão acontecendo naturalmente, mesmo e com o tempo e com a convivência, às vezes também com dúvida ou questionamento das meninas que vão chegando mais novas, né, com o tempo a gente vai contando os casos e vai se conhecendo (...)." Sua resposta sana minha dúvida, de fato esse compartilhamento acontece de forma natural, diferente do que presenciei com o decano da república N1. Em alguns momentos senti que ele se esforçava para puxar memórias e pedia para que os ex-alunos mais velhos falassem sobre suas histórias na casa. Parecia um movimento mais consciente.

Focando na pandemia, pergunto como é para ela estar longe da república e na casa dos pais, ao que ela me responde: "No começo eu achei que seria pouco tempo e depois eu vi que não e me senti mais frustrada ainda, porque eu estava com essa pressa de conseguir formar e de conseguir tentar dar um rumo pra minha vida, assim. Não era a intenção voltar pra casa dos meus pais todo esse tempo. Eu sabia que depois que eu formasse teria que voltar porque eu ainda não tinha nada certo pra fazer.... Mas agora eu to aqui esperando até o ano que vem provavelmente (...)." Embora nesse trecho ela foque em sua frustração com relação a sua vida profissional, em um segundo momento ela segue: "No começo, também, eu fiquei bem incomodada com ter que adiar o quadrinho, porque a gente já estava planejando algumas coisas e conversando sobre... Decidindo o local (...). Quando eu vim pra casa e percebi que as coisas iam demorar pra passar que eu tentei me aquietar e colocar minha cabeça, assim, nos eixos e ficar melhor (...). Chegou num ponto que assim, eu tô sentindo muita falta, não só de não estar em casa, de estar lá em Mariana, mas... Sentir falta das meninas também, da rotina que a gente tinha... De ter conversa boba, coisa que a gente tinha, (...) a gente ainda conversa (...) mas lá na república era uma relação que a gente tinha de uma ir no quarto da outra e desabafar ou de jogar conversa fora, era um ambiente mais leve do que... Não que o ambiente da minha casa seja pesado (...) ter que voltar pra casa dos pais depois de ter morado 4 anos fora é uma mistura de sentimento, uma vontade louca de ainda querer formar, mas depois que eu voltar pra lá eu acho que eu vou querer aproveitar meus últimos 6 meses na república com as meninas muito mais intensamente do que eu faria se tivesse acontecido nesse ano normalmente." Eu percebo

em sua voz uma frustração que me recorda a mesma da ex-decana, Carolina, com relação à perda de liberdade e flexibilidade nas relações pessoais, sociais.

Aproveitando esse momento, então, pergunto onde Luzia se sente mais segura, se será na casa dos pais ou na república, e ela diz: "Ah, eu acho que... Que depende. Num sentido geral eu me sinto mais segura aqui por estar na casa dos meus pais, por eu estar com meu pai, com minha mãe e eu sei que qualquer coisa que eu precisar eles estão aqui por mim. Então... Não que lá na república a gente não tenha essa preocupação umas com as outras, mas eu me sinto mais segura aqui em casa (...) todo mundo tem suas responsabilidades, tá em aula, tá fazendo trabalho, tem prioridades, sempre tem gente ocupada e tudo o mais, então... Em relação a esse tipo de coisa, assim, (...) me sinto mais segura em casa (...)."

Suas palavras e a forma como as diz me recorda mais uma vez de Carolina, quando revelou como se sentia com relação à segurança da casa dos pais. Imaginei, então, que o sentimento de liberdade na república também seria semelhante ao da ex-decana e Luzia continuou: "Ah... Lá em Mariana, né, eu sinto que eu tenho mais liberdade para fazer as coisas, né, que eu tenho a minha independência mesmo que minha mãe que me mande dinheiro para viver lá (...) eu sinto que eu posso fazer o que eu quiser na hora que eu quiser e tenho mais minha liberdade, a minha independência que é uma coisa que dentro de casa, vivendo debaixo do teto dos meus pais, né, digamos assim, eu tenho que (...) obedecer e fazer as coisas mais no tempo deles do que no meu e isso é uma coisa que lá pra mim é um ponto positivo. Que eu sou responsável por mim, eu sou responsável pelas coisas que eu faço e eu me sinto mais independente, eu me sinto mais livre lá (...)." A sua resposta seguiu a mesma linha de reflexão da ex-decana Carolina. Sentimento de segurança na casa dos pais e de liberdade na república, em Mariana. Mas então, onde Luzia deve se sentir mais em casa? Ao questioná-la sobre isso, ela me responde que, atualmente, se sente em casa em Mariana.

Quando a questiono o porquê disso, ela diz: "Eu já tô me sentindo sufocada tendo de ficar dentro de casa. Porque... aqui... Mais por essa questão da liberdade mesmo, de poder tomar conta de mim mesma e fazer o que eu quiser. Porque aqui eu tenho que... Tenho que obedecer, eu tenho que seguir coisas, eu tenho que viver mais da maneira deles do que a minha própria, sabe, (...). Antes eu não tinha esse pensamento de estar "na casa deles" eu também sentia que era minha casa. Hoje em dia eu sei que ainda é minha casa, é um lugar que eu sempre posso voltar. Eu tenho meu quarto, tenho minhas coisas. Sempre que eu precisar eu sei que eu posso voltar pra cá. Mas já não é um ambiente que eu me sinto tão à vontade, tão confortável quanto lá na república." Luzia relaciona seu sentimento de lar à um lugar onde ela possa ser livre para lidar com os aspectos da sua vida de forma flexível, sob sua vontade, apenas. Embora viver em

uma república signifique fazer parte de uma hierarquia, de forma semelhante a viver dentro de uma família biológica, meus três entrevistados, até agora, se sentem mais em casa e mais livres em suas repúblicas. O porquê, exatamente, ainda não está claro. Talvez a hierarquia, quando é uma escolha consciente dos envolvidos (e não apenas um fato imutável, como dentro de sua família biológica) pese na balança da razão, junto a todas as outras escolhas pessoais que se tornam mais livres e flexíveis longe da casa dos pais.

Sobre a comunidade então, faço a mesma pergunta a Luzia que fiz a Carolina: o ambiente republicano é diferente do puro ambiente marianense de forma geral? E ela diz que: "(...) eu posso falar mais com mais propriedade da minha república (...). Eu sinto que o sistema republicano, o meio universitário é bem dividido da cidade de Mariana (...) nunca tive tanto contato com as pessoas de Mariana mesmo, foram poucas as pessoas que eu conheci e fiz amizade que já são de lá, mas... Porque o meu meio mesmo era o republicano, era minha casa, né, e a gente tinha amizade com outras repúblicas, então eu sempre convivi mais nesse meio republicano e nesse meio universitário (...)." Essa resposta, que segue a mesma reflexão da resposta da ex-decana Carolina, reforça a ideia de que o meio republicano é uma comunidade a parte, com sua própria realidade formada por outras conexões sociais.

Novamente, assim como questioneei Carolina, pergunto a Luzia se ela acredita que essa espécie de afastamento entre as comunidades é algo proposital e ela diz: "Não... Pelo menos, assim, lá na N2 eu nunca vi desse jeito, mas é por a maioria dos universitários morarem em república (...). Eu não acho que é uma coisa proposital... Mas eu acho que... Que só acontece, na verdade. Porque quando eu entrei na N2, a N2 já tinha amizade com algumas repúblicas e conseqüentemente as pessoas que moram nessas repúblicas são é... São gente da universidade. Eu acho até que muitas repúblicas tem esse pré-requisito de só aceitar estudante e tudo o mais. Então... Eu não acho que é proposital, mas foi o que eu vi acontecendo desde que eu entrei. Esse contato... Ser um círculo mais fechado (...)." Diferente do que pensa Carolina, Luzia acredita que o afastamento apenas "acontece", não sendo realmente consciente, mas formado pela força do hábito social. Imagino que esse seja um ponto que gere uma reflexão um tanto particular para cada indivíduo republicano e eu não sei se isso significa alguma coisa específica.

Quando parto para perguntar sobre seus anseios e como se sente com as mudanças causadas pelo fato de sua formatura estar próxima, ela me responde da seguinte forma: "Um pouco dos dois, um pouco dos dois. Eu tô ansiosa porque quero terminar logo, quero fechar esse ciclo da minha vida (...). Ao mesmo tempo eu não sei o que vai acontecer depois. Eu não sei... Eu sei que mesmo depois que eu formar eu vou (...) voltar pra casa dos meus pais de novo (...)." Essa reflexão parece se aproximar muito do que a ex-decana da casa sente. Fechar o ciclo

parece algo importante. Ela segue, depois: "No começo, quando eu cheguei lá eu não sentia tanto, assim, esse chão seguro, porque tudo que é novo assusta um pouco, né, acredito assim. (...) Lá acontecia tanta coisa que sei lá, uma semana parecia um mês de acontecimento. Então eu consegui acostumar rápido e consegui me tranquilizar lá (...) ter o que eu tenho lá hoje e aí agora o que assusta mesmo é só depois, é a incerteza do que vai acontecer." Novamente, outra aproximação: a ideia em comum de que pouco tempo nas vivências da república parece equivaler a muito mais do que se pensa. Isso, para Luzia, ajudou com sua adaptação à nova realidade. Me parece que esse tempo relativo tem a ver com a intensidade do que se vive, não apenas da quantidade de acontecimentos, afinal, apenas isso, não parece suficiente para causar tamanha impressão. Depois de viver alguns anos de certa forma previsíveis, resta o receio do que vem depois, pois essa "incerteza" como ela cita, soa como lidar com o desconhecido.

Pensando nesse período vivido na república, pergunto a ela sobre as fases da casa e como esse processo foi para ela e o que espera guardar consigo. Ela responde: "(...) foi evoluindo até junto com as coisas que me aconteciam na universidade. Foi um amadurecimento mútuo. Eu cheguei na universidade também com... Tinha acabado de fazer 18 anos. Tinha acabado de sair do Ensino Médio, então eu senti uma diferença, assim, e... (...) eu fui amadurecendo e acho que na república também. Eu acho que essas fases que a gente passa na república é muito pro nosso amadurecimento pessoal (...) eu fui entendendo aos poucos como as coisas iam funcionando e porquê daquilo funcionar daquele jeito e fui tentando pegar pra mim as coisas positivas que isso traz, sabe (...) eu tinha minhas próprias responsabilidades, que eram coisas da universidade e coisas da minha vida pessoal. Mas eu também fui entendendo que eu tinha as responsabilidades da casa e foram coisas que eu levei positivamente (...) que eu acho que me ajudaram muito no amadurecimento e de certo modo a me preparar pra depois que isso de vida republicana acabar pra mim, né (...)" Essa resposta também me recorda o que Carolina disse. Me parece que possa ser um processo percebido sem muitas diferenças entre as moradoras. Eu entendo que viver na república e passar pelas fases da hierarquia ao mesmo tempo que se amadurece em idade e nível acadêmico é como um grande pacote de crescimento social acelerado. Imagino, também, que as posições hierárquicas as façam demonstrar isso em suas ações ao longo do tempo. E ambas, decana e ex-decana, parecem compartilhar da ideia de que essa forma de vida foi proveitosa.

Buscando já encerrar nossa entrevista, reflito sobre quanto tempo a vivência republicana permanecerá com Luzia e ela me esclarece: "É uma fase da minha vida. É uma coisa que eu vou levar comigo, com certeza (...) foi uma das melhores (fases) da minha vida." penso que de fato, ainda que eu tenha a impressão que a república marianense se apresenta menos tradicional

que a ouro-pretana, ambas parecem tocar seus moradores em um nível emocional importante, fazendo parte de suas memórias por tempo indeterminado, no que for da escolha dos indivíduos dessa comunidade. Após essa reflexão encerro nossa entrevista e a cada momento em campo, descubro um pouco mais do que espero entender sobre a comunidade republicana.

República N1 - Observação não-participante Festa do 12 de outubro

Data: 10 de outubro de 2020

Local: Online via Google Meet

À altura de minha observação da reunião da República N1 para o 12 de outubro me sentia ansiosa por finalmente presenciar um evento que considero tão importante, tanto para minha pesquisa quanto como moradora de república. Ainda que minha casa nunca tenha realizado a festa do 12, sinto desejo que um dia isso seja possível. Tanto como republicana quanto pesquisadora, nunca presenciei essa festa com a proximidade que estava prestes a acontecer.

É comum que os moradores de Mariana sejam convidados por amigos a visitar suas repúblicas em Ouro Preto, o que gera uma espécie de "via sacra" na qual nós, republicanos de Mariana, visitamos algumas repúblicas no dia 12 mas não participamos profundamente de nenhuma delas. Ainda visitando apenas uma república, o ponto de vista entre ser um amigo próximo e apenas um colega convidado, é bem diferente.

Além disso, com o encontro do 12 online eu tenho a oportunidade de observar todos os moradores e ex-alunos em um só lugar, conversando entre si, um diálogo por vez, ao invés de tê-los dispersos por uma casa física, sem ter conhecimento de quem é quem. Vejo esse ponto como uma vantagem, embora, claro, a falta de naturalidade de tal acontecimento seja também uma desvantagem.

Por volta das 18h eu já estava a postos e entrava na sala online do Google Meet, onde, por fim, foi realizado o rock. A primeira introdução que ouvi ao evento, foi a seguinte:

Pedro: "Ô pessoal, a gente já tá chegando nas 18h15, vamos seguir com nossa programação, né? Primeiramente eu queria dar as boas vindas a todo mundo que... apareceu aí no nosso 12, agora a gente tem 26 pessoas online aqui. Sejam bem-vindos, muito obrigado por participar do nosso 12 online, né, do nosso primeiro 12 online. Vou pedir pra vocês... quem puder desativar o microfone, que agora a gente vai prosseguir com as solenidades mesmo, né. Primeiramente a gente vai se apresentar aqui, os moradores e os bixos, né, pra quem não conhece... Bom, eu sou o Pedro, eu sou aqui da Bahia, estou aqui na casa da minha mãe... Não estou na república. Eu entrei na república em 2017. Faço Farmácia, entrei em Farmácia em 2016, 2016.2. E estou na república desde 2017.2. Eu sou aqui da Bahia, região de Irecê, perto da Chapada da Diamantina..."

Acho que Pedro faz uma transição suave entre a linguagem necessária na internet, como pedir que os demais desliguem o microfone para evitar excesso de ruído, e logo parte para sua apresentação, dizendo seu nome e onde está, seu curso e desde quando vive na república. Achei uma forma de tratar a situação com o máximo de naturalidade possível, não se demorando em preocupações técnicas e conversando de forma que me parece comum presencialmente. Um ex-aluno aproveita a fala de Pedro para perguntar sobre a alimentação do nordeste e do que Pedro gosta em seu prato e logo depois Geovanni continua a apresentação:

Geovanni: "E aí pessoal, tudo bom? É... Sou Geovanni pra quem não me conhece. Eu faço Filosofia, eu sou... aqui da N1 eu sou 19.1, né, desde 2019, mas moro em Ouro Preto desde 2017. Eu nasci em Santa Catarina, sou de lá, mas morei em BH também, vários lugares. Tamo aí na casa, né? Conheci a galera aí, tô há dois anos aí..."

Após a apresentação de Geovanni, um ex-aluno, Augusto, sugere que os próximos a se apresentarem expliquem o porquê de seu apelido. Vejo nisso um interesse importante na geração atual. Algo simples, mas significativo. Não direi aqui o significado dos apelidos porque eles são conhecidos como seus nomes e fui pedida a substituir os nomes e apelidos reais por nomes fictícios. Os moradores, entretanto, explicam seu apelido, que são escolhidos baseados em suas personalidade ou acontecimentos pontuais. Juntamente à explicação, os ex-alunos ficam sabendo mais sobre a vida pessoal da geração atual. Seguem as apresentações:

Daniel: "Eu faço Música e eu faço Música porque desde pequeno eu tenho uma ligação muito forte com Música, eu gosto muito, sempre gostei de tocar bateria... (incompreensível) e aí eu vim pra cá por causa disso, pra fazer música. Eu produzo música eletrônica, também..."

Seguida a sua apresentação, são feitas adições e comentários carregados de emoção e que soam como tendo grande valor:

Daniel: "Eu vim pra N1 por que... eu vinha aqui desde pequeno, né, com meu pai, sempre me trazia aqui"

(incompreensível)

Ex-aluno: "Eu lembro de você no 12, na escada ali da cozinha, eu lembro de você no 12, pequenininho"

(...)

Daniel: "Pois é, aí eu falei, já que eu vou pra Ouro Preto eu vou dar uma olhada lá na rep, dar uma olhada na galera... Na hora que eu cheguei aqui eu assustei porque era todo mundo da mesma... mesmas ideias assim... com a minha assim, parecido, galera gente boa. Aí eu falei, ah, vou ficar aqui mesmo"

(...)

Ex-aluno 2: "E tem que falar que nem todo mundo sabe, o Daniel é meu filho e afilhado do Leonardo, ponto. Já conhecem. Sem mais... sem mais referência, falou?"

Eu vejo muito vigor no último trecho, falado pelo ex-aluno 2. A urgência em sua voz ao comunicar que Daniel é seu filho e afilhado de Leonardo... é como a melhor carta de referência que pudesse ser imaginada por ele. História e ligação com gerações anteriores, no geral, parecem ter muita veemência. Mais apresentações se seguem:

Thiago: Boa noite, galera. Então, é... sou o bixo Thiago, tô batalhando aqui na N1. É... Eu cheguei aqui no 19.1. Eu fui pra Adegas, aí depois eu batalhei na Adegas, depois eu batalhei na Casa Blanca. Aí no início do ano eu vim pra cá. Eu faço Geologia. Eu faço Geologia porque consegui nota suficiente pra fazer Geologia, se não... Eu ia fazer Biologia se eu não tivesse tirado nota pra passar em Engenharia. E é isso. Eu sou de Timóteo, Vale do Aço, né... É muita gente daí deve ser do Vale do Aço também. E eu (...) escolhi a N1 porque a casa é muito massa, véi... A casa é pequena, a galera é tudo gente boa... E... e é isso (...) E eu vim pra Ouro Preto só pelas histórias, mesmo. A galera falava "Nó, Ouro Preto é assim, Ouro Preto é assado, Ouro Preto é loucura, Ouro Preto é rock..." Falei, ah, véi, é esse lugar que eu quero ir mesmo, ué! Pra que eu vou ficar aqui em Timóteo? Aí eu vim pra cá."

Após mais apresentações, é a vez de Gabriel se apresentar, e ele diz:

Gabriel: "Então, pessoal, boa tarde. Eu (...) sou o Gabriel. Atual decano aí da república. De antemão já peço desculpas que eu tô dentro do carro, não consegui chegar antes, mas é assim mesmo, né? E queria mandar um abraço, todo mundo presente, agradecer a presença de cada um. É muito importante pra gente da república ter esse diálogo entre as gerações e esse momento tão bacana, aí. Mesmo na pandemia a gente consegue fazer essa reunião. Então eu vou passar a fala pra abrir pro restante dos ex-alunos... Mas a ideia é basicamente cada um se apresentar, falar um pouquinho como tá, como foi essa quarentena (...).

Gabriel fala pouco sobre quem é e não cita outras informações de histórico, como de onde veio ou que curso faz. Mas reforça a importância que vê na reunião que acontece entre as gerações no 12. Sinto que sua mente está em fazer o evento acontecer e ele acaba esquecendo um pouco de desenvolver sobre si mesmo, passando a fala para os ex-alunos. Logo em seguida um dos moradores chama a fala de Saulo Rios, anunciado como ex-aluno mais velho presente e pede a ele que conte de sua história. Também o instrui a ligar o microfone, detalhe que Saulo parece ter esquecido enquanto tentava ser ouvido pelos demais. Seguem suas falas:

Saulo Rios: "Tá ouvindo agora?"

Saulo Rios: "Rapaz, que tecnologia louca, essa. Cê não faz ideia de como era no meu tempo."

Ex-aluno: "É coisa dos ET's!"

O impacto do tempo no conhecimento da tecnologia fica claro, mas também sinto a determinação de Saulo Rios fazer parte do 12 online, mesmo que com um certo obstáculo de uma ferramenta que ele não compreende por completo. É um sinal do encontro entre as gerações.

Saulo Rios: "Nossa senhora, esse negócio tá tudo maluco, rapaz. Tem cara pra todo lado aqui, gente que eu não conheço, mas que eu tô vendo que é tudo daí, né? Caramba...

(incompreensível) é tão grande essa turma... Bom, cês sabem, eu sou o Saulo Rios... Eu sou um... fiz Geologia em Ouro Preto e saí daí em 1966. Então eu entrei pra república em 63, saí em 66, que antes eu tava morando em outra república que acabou... A história dessa república é muito interessante, vocês não fazem nem ideia. Talvez alguns dos mais antigos possam falar. Essa república começou lá na Rua Direita, lá em cima, atrás da Escola de Minas, numa casa do Zé Batatinha. E a casa tinha pouca gente... Eram cinco, se não me engano, eram cinco. E todos cinco que vieram do programa de formação de jogos... e que eram (incompreensível) (...). E eles então fundaram a república. Eu fui a segunda geração, porque a primeira geração eles formaram quase todos e ficou o José e o José me chamou e acabamos retomando a república de novo e aí nessa turma que veio era o Camilo, o José, o Marcos, o Abel, o Fernando, eu... Depois nessa geração veio (não compreendi o nome) e... deixa eu ver mais quem..."

Apenas essa simples introdução eu escuto como estando carregada de grandes memórias. Vejo como um momento grande importância e potência, além de respeito. É o momento no qual o ex-aluno mais antigo da casa conta como ajudou a criá-la e todos param para ouvir. Ninguém interrompe, a não ser para fazer perguntas ou tirar dúvidas, como está posto em seguida:

Ex-aluno: "E o José, Saulo Rios?"

Saulo Rios: "E o José, exatamente. O José tem ido algumas vezes na república aí, né. A história dessa república é muito interessante, porque nós ficamos lá em cima era o José, eu... Aí nós estávamos na república, na primeira república. Aí houve um problema, teve que sair de lá... A casa, o Batatinha teve que reformar a casa, tava caindo um quarto lá... Tava rachando, ele resolveu fazer e nessa altura eu não estava mais aí... E vocês... A República saiu e ficou... mudou lá pra baixo, foi uma casa que essa casa realmente caiu. Uma chuva muito forte... Essa casa caiu e os republicanos que tavam na república saíram e foram morar na república dos professores. Lá embaixo. E tava lá provisório na república dos professores, tavam fazendo bagunça na república e os professores querendo tirar eles de lá. Nessa altura, quem era o diretor da Escola de Minas era o Wagner Colombarolli que era um colega nosso, contemporâneo, né. Colombarolli tinha feito Engenharia Metalúrgica. A república, na realidade, depois de ficar lá embaixo, teve muito problema até que o Wagner, eu conversando com o Wagner, é... O Wagner passou a frente do pessoal e botou essa casa aí, que era (incompreensível) da Escola de Minas e realocou esse grupo aí nessa casa que hoje vocês conhecem. Bom, (incompreensível) velho

muito antigo, né, foi muito interessante e... começou então uma nova história aí (incompreensível) perto da Igreja do Pilar, onde vocês passaram a ser os frequentadores. Que eu acho que daquela época só o José que foi nessa república. Acho que os outros não foram mais. Rodrigo não sei onde está... Camilo também, não sei. Eu estou em Angra dos Reis, hoje. Aposentado aqui em Angra dos Reis, escutando as histórias de vocês aí.

Saulo faz um grande compartilhamento de suas memórias com outros ex-alunos, embora de gerações posteriores a dele e também com a geração atual. É um material oral denso, cheio de informações detalhadas e de grande poder nostálgico. Enquanto Saulo fala, vejo as cenas descritas e me sinto parte da história contada.

Pedro: "Mas fica a vontade pra visitar a gente qualquer hora... (incompreensível)"

Saulo Rios: "Ah, eu já estive aí na casa algumas vezes, né. Mas aí o pessoal também já saiu de circulação... na realidade você tem que lembrar que eu já passei dos 50 anos de formado, né? Então eu já tô com 52, 53 anos de formado... Então... (...) então é muito tempo... É uma história muito longa e uma memória muito curta pra gente lembrar de tudo isso. Mas de qualquer maneira eu fico muito satisfeito de ver que vocês aí mantiveram a casa, mantiveram a tradição. A escola mudou, mudou tudo, os tempos mudaram, hoje estamos em pandemia... É muito interessante, cada um escondido em seu canto... E..."

Pedro convida Saulo Rios a visitar a casa, dizendo que ele é bem-vindo a qualquer hora. Que simbólico. Após 53 anos de formado e mesmo nunca tendo de fato morador nessa casa física ou ter laços profundos com a geração atual, a importância de Saulo Rios como parte da história da república é suficiente para que sua presença seja sempre bem-vinda. Uma vez morador, sempre morador. Além dos seus longos anos de formado, um "detalhe" muito difícil de passar despercebido, outra frase me impacta de maneira inesperada: "É uma história muito longa e uma memória muito curta pra gente lembrar de tudo". De fato, é. É uma declaração muito simples e incrivelmente verdadeira. A história vivida tanto por Saulo Rios quanto pelas demais alunos, nunca será totalmente lembrada. Mas, ainda depois de 53 anos de formado, partes importantes foram guardadas em suas lembranças para que sua presença no 12 fosse possível. Segue o diálogo:

Morador: "Olha o seu quadrinho aí, ó"

Saulo Rios: "Ah, tem aí? Onde está? Ah, eu tô vendo... tô vendo... Como é diferente, né? (...)"

Ex-aluno: "Ô Saulo Rios, com qual idade você está hoje em dia, Saulo? (...)"

Saulo Rios: "Se eu não me lembro... Se não falha a memória, eu tô com 78 anos. Vou fazer 79 agora (...)"

Ex-aluno: "Então você merece os parabéns, você é uma referência (incompreensível) pra todos nós, tá?"

(incompreensível)

Ex-aluno: "Primeiro, tá casado esse tempo todo. Com a mesma mulher."

Saulo Rios: "Eu sou um herói, né rapaz?"

Ex-aluno: "É um herói. Segundo, tá com 50 e poucos anos de formado e aparentemente firme e forme. Parabéns, cara! E que muitos anos venham pela frente! Que nós cheguemos perto de onde você chegou. Parabéns."

Mais um momento que vejo estar carregado de emoção. Embora nessas notas o leitor tenha apenas o apoio visual do texto, em minha observação eu presenciei o vídeo e o áudio e frases simples tinham grande impacto para mim. Um ex-aluno interrompe Saulo Rios apenas para perguntar sua idade e para parabenizá-lo por ter chegado em um lugar mental da vida que esse mesmo ex-aluno gostaria de estar, aparentemente. A voz dele deixa transparecer admiração e respeito. Saulo segue:

Saulo Rios: "Cara... É muito... É muito bom, vocês vão chegar lá também, todos chegam um dia, mesma coisa, não há dúvida. De qualquer forma fico feliz que vocês mantiveram a casa, certo? A Escola mudou muito, antes meia dúzia, pra ter ideia, né, a Escola toda, toda a Escola de Minas não passava de 360, 370, alunos. Então cada curso tinha 40 vagas, 50 vagas... Quer

dizer, e só tinha os cursos de Engenharia Geral, Metalúrgica, Minas e Geologia. Depois é que montou os cursos de Geologia e depois vem Engenharia Geológica. Então você vê que eram só esses cinco cursos que tinham na Escola e cada um tinha... Já teve época de a Escola ter 2 alunos de Geologia. Tinha uma época que tinha 2 alunos, só. Quando tinha congresso eles iam de avião. Era uma época muito interessante. Nós éramos muito pouca gente, nós éramos poucos... 300 e poucos, 400 no máximo, eu tava estourando...E muito diferente de hoje, sendo uma universidade, com a complexidade de cursos sendo muito maior do que era na nossa época e apesar disso tudo eu to vendo que a república se manteve em pé. Não sei como hoje é feita a administração, se a Escola entra ou não entra, se a universidade ajuda ou não ajuda, não tenho a menor ideia, mas essa casa foi de propriedade da universidade de Ouro Preto."

Saulo Rios compartilha com os demais a nostalgia que sente com sua época, apontando as diferenças, com tom reflexivo na voz, além de demonstrar também a saudade. Tanto como pesquisadora quanto como republicana, me surpreendo com sua história e me pego dependurada em casa palavra que Saulo diz. Tudo parece fascinante em sua forma de contar o que viveu, como se o mundo fosse outro e ele tivesse presenciado momentos que nenhum outro presente naquela sala online pôde presenciar. O sentimento é de privilégio em ouvir uma história prestigiada sendo contada pelo próprio autor. Mais diálogo adiante:

Ex-aluno: "O senhor é da época que formava os quatro cursos em um só, não era?"

Saulo Rios: "Também tinha. Mas eu fui a última turma, formou comigo, a última turma que fazia os 4 cursos."

Ex-aluno: "Engenharia Geral, né?"

Saulo Rios: "Esse mesmo, Engenharia Geral, certo? Quer dizer, em geral a gente não sabia nada. Já especificamente a gente não sabe... (risos). Em 6 anos pra aprender é duro, viu?"

(...)

Morador: "O tempo do curso era o mesmo? Como é que era?"

Saulo Rios: "Era 6 anos, 6 anos, entendeu? Quando começou houve uma reforma das leis e diretrizes de base que gerou uma greve, uma série de confusões nos anos 60 e aí mudou o curso para... surgiram Engenharias de 4 anos, Engenharia de 5 anos e Geologia em 4 anos e depois ficou tudo pra 5 anos. Mas só tinha a Escola de Engenharia. A Escola de Farmácia era separada... Certo? E só tinha em Ouro Preto a Escola de Engenharia, a Escola de Farmácia, os cursos técnicos de Metalurgia e os cursos de Minas e técnico de Minas... Esses que ficavam no morro, entendeu? Nós ainda estudávamos no Palácio, ali onde é o museu, certo? Ali tem muitas salas escondidas lá pra trás, você não faz ideia..."

Ex-aluno: "É no Museu da Inconfidência, ali que era a Escola?"

Saulo Rios: "Era no museu..."

(...)

Ex-aluno: "A Escola de Minas antes de ser a Escola de Minas era Palácio de Governo, a capital de Minas era Ouro Preto"

Saulo Rios: "Sim, sim, é isso mesmo, era Palácio do Governo, mas antes do Palácio já foi residência colonial, coisa assim, né? Palácio de Minas, assim... Bom, a história mais ou menos é essa... A república foi fundada nos anos 60, entendeu? (...) Se olhar no quadro aí vocês devem ver os primeiros anos (...) deles, certo? Hoje... eu não sei quem é que tá no ar dessa época, se tem pode falar, eu não sei se tem alguém dessa época, dos anos 60, dos anos 70."

Ex-aluno: "Tem ninguém, não (incompreensível). O senhor é guerreiro, rapaz!"

Todo esse último trecho de conversa é mais um grande compartilhamento e checagem de memória. Enquanto Saulo Rios lembra os detalhes de sua época como morador da república, um ex-aluno tira dúvidas e atualiza suas próprias memórias com base no que Saulo diz. Eles comparam lembranças e conversam sobre o mesmo espaço de tempo, embora ambos não o tenham vivido juntos. Vejo uma grande forma de manter a história viva, que pode ser então, passada para as gerações mais recentes da casa.

Saulo Rios: "É, olha, tinha o Orlando, não é? Que vocês lembram... tinha o filho dele que apareceu na república, também..."

Pedro: "Ele tá aí, ele tá aí, o Barcelos. O Barcelos tava aí online, cadê?"

Saulo Rios: "Quem é o Barcelos?"

Pedro: "Ari é o Barcelos"

Barcelos: "(...) Barcelos! Barcelos!"

Saulo Rios: "É filho do Ari? Do... do Orlando?"

Ari: "Filho do Orlando, Saulo Rios!"

Saulo Rios: "Oi! Cê tá aí, meu filho?"

Ex-aluno: "(...) você é filho do Orlando?"

Ari: "Isso!"

Ex-aluno: "Ô... que coisa bacana, cara! Não sabia, que prazer."

Após Saulo Rios se recordar do filho de um ex-aluno, Pedro chama a presença desse filho, fazendo uma conexão entre passado e presente. Após esse momento, o diálogo se estende de maneira profundamente emotiva. Foi um momento que apenas Saulo Rios e Ari conversaram, sem qualquer menção de interrupção de terceiros e todo o momento pareceu surtir grande sensibilidade nos envolvidos, até mesmo em mim, que embora não conhecesse aquelas pessoas e não soubesse de fato do que diziam, por não ter vivido essas lembranças, me sentia fortemente puxada para dentro dessa realidade e memórias. Me pergunto se é assim que outros moradores se sentem e se é esse o grande efeito emocional e mantenedor de laços causado pelo ato de compartilhar memórias. O diálogo segue:

Ari: "Eu tive a oportunidade de passar 3 vezes na república. Infelizmente não fiquei, tive muitos problemas pessoais... Mas (incompreensível) o que eu tenho no coração é assim, muito, muito forte mesmo... E desde pessoas que sempre foram muito amigas do meu pai, que

sempre tiveram um carinho muito especial por mim... E (incompreensível) quando eu entrei como estudante, né do Eduardo, Santos (incompreensível)"

(...)

Ari: "Saulo Rios, pode falar!"

Saulo Rios: "É, eu tive aí na época que você estava aí..."

Ari: "De calouro!"

Saulo Rios: "De calouro, não lembra?"

Ari: "Sim!"

Saulo Rios: "Eu fiquei muito emocionado porque você é a cara do seu pai, entendeu?"

(incompreensível)

Saulo Rios: "Eu me lembro que eu chorei na hora, quando eu te vi."

Ari: "Ô Saulo Rios..."

Esse momento me causou uma grande comoção e percebi a mesma energia com os demais presentes na sala online. Ari e Saulo conversam com intimidade, embora deem a entender que não se veem ou mantêm qualquer contato há tempo suficiente para serem considerados, em prática, estranhos. Mas eles compartilham a república em suas vidas e um amigo de república de Saulo Rios, pai de Ari. Sinto que mesmo praticando o movimento de distanciamento para praticar a observação para minha pesquisa, é totalmente humano se envolver com intensidade nesse momento. O diálogo continua:

Ari: "(...) meu caminho foi muito tortuoso, sabe, Saulo, e..."

Saulo Rios: "Eu sei, eu sei disso, então eu tenho..."

Ari: "Eu não tinha muita maturidade, acabei não conseguindo dar continuidade aí na república, inclusive... Mas isso não me tirou o amor que eu tive, os laços que eu criei... as amizades bacanas que eu criei na N1, sabe?"

Saulo Rios: "É, mas vocês tiveram uma história com a morte do seu pai muito ruim, muito difícil, seu irmão, também... Foi uma tragédia, coitados, eu lembro de vocês... Mas você é muito forte, tá aí bem... (incompreensível)"

Ari: "(incompreensível) Eu tive a oportunidade de há 3 anos atrás voltar pra N1 como agregado."

Saulo Rios: "Que beleza!"

Ari: "6 meses há 3 anos atrás na N1 porque eu tava desempregado, tava... tinha me separado, também, da esposa (...)"

(...)

Saulo Rios: "Como é seu nome mesmo? Que eu esqueci."

Ari: "Ari Barcelos"

Ambos os ex-aluno e ex-agregado/aluno falam sobre a vida de Ari em um nível incrivelmente íntimo, e conversam sem parecerem pensar com cuidado nas palavras usadas. É um diálogo natural e sincero. Em um dado momento me sinto, de certa forma, intrusa nessa relação. Como se estivesse ouvindo algo que não deveria. A conversa continua:

(...)

Saulo Rios: "Sabe o que eu queria? Que você viesse de novo aqui."

Ari: "Nossa, vai ser um prazer imenso, Saulo Rios."

Saulo Rios: "Então deixa o teu e-mail, joga o teu e-mail pra mim pra eu lembrar, é uma coisa muito interessante, você é uma lembrança muito boa (incompreensível)"

Ari: "Eu te agradeço, Saulo Rios, obrigado mesmo. Eu vou pegar seu contato com os meninos e te ligo."

Saulo Rios: "Isso! Me liga, sim (incompreensível) vai ser muito interessante a gente falar, porque você era muito pequeno, dormindo no carro, nesse lugar que eu estou hoje (incompreensível). Você tava, seu pai, sua mãe. Tavam todos no barco...(incompreensível)"

(...)

Ari: "(...) E... tem pessoas muito queridas, muito queridas mesmo na N1. A N1 pra mim é uma referência... Acho que as repúblicas de Ouro Preto, né? É uma referência de escola de vida, mesmo, sabe (incompreensível)"

Saulo Rios: "Mas essa é especial, pra você e pra mim, também."

Ari: "Muito especial! Muito especial."

Ari e Saulo Rios encerram sua conversa com a promessa de um novo contato no futuro, incluindo uma visita presencialmente. Sem a organização do 12 e o esforço dos moradores atuais em juntar os ex-alunos para vivenciarem esse momento, Ari e Saulo Rios nunca compartilhariam tantas informações com o grupo e provavelmente nunca entrariam em contato posteriormente. Afinal, não haveria uma mediação entre eles, um motivo e a recordação de um sobre o outro. Ambos parecem muito confortáveis e satisfeitos em terem conversado, senão honestamente felizes e ansiosos por um próximo contato. São as diferentes gerações mantendo suas conexões naquele exato momento. Depois, um ex-aluno agradece as falas de Saulo Rios e toma o espaço para falar de suas próprias experiências. Parece um ato prazeroso tanto para quem fala quanto para quem escuta:

Ex-aluno: "Foi um prazer especial aí escutar o Saulo Rios e a história dele e do começo da república. Eu só conheci... Eu não lembro se já tinha visto você, Saulo, mas eu acho que não porque eu entrei na N1 em julho de 80, me formei em julho de 86... Mas é... Na verdade, a gente

vai ouvindo as histórias e eu tava pensando aqui comigo, né, vou ter que me controlar pra falar pouquinho porque começam a vir histórias, sabe... Do Orlando, a camionete do Orlando, as histórias que tinha lá que o Leonardo levava... A cheirosinha... E... As histórias com as meninas da (incompreensível)... Era muito chegada da gente... Depois tinha a (incompreensível) e as turmas que passaram... Olha, tem tanta história! Os TP's, né não sei se vocês sabem o que eram os TP's... Os TP's acabaram quando a gente reformou a república."

O ex-aluno começa a contar suas lembranças citando elementos que não fazem muito sentido para mim e imagino que deve fazer para os demais. A memória, se compartilhada da mesma forma pelos republicanos de sua época, fará com que tais elementos tenham sentido para eles. Ele também parece ter a ânsia de contar várias histórias e não sabe por onde começar. A sensação é de que as diferentes opções se embaralham em sua cabeça. Depois, o diálogo continua:

(...)

Augusto: "Só tentando deixar um registro, talvez, uma história. Não sei se todos já conhecem, (incompreensível). O Saulo Rios se forma em 66 eu entro na república em julho de 80, ou seja, 14 anos depois. Nesse (incompreensível) tenho entendido que a república passou por duas casas, né. (...) Quando eu cheguei em 80, o Aloísio acabava de se formar. Tanto é que o Aloísio dava aula na escola e morava de favor na república porque ex-aluno, professor, não morava em república. Mas ele se alojava lá e no meu primeiro semestre eu dormi na sala com o Aloísio, porque nós conseguimos... Não sei você lembra, Saulo Rios, do Lorenço que foi prefeito universitário? Quando o Lorenço era Prefeito Universitário, nós conseguimos a primeira grande reforma da república. Não existia aquela caixa d'água, não existia aquela laje... Não existia o banheiro lá de cima, não era daquele jeito, era um banheiro pequenininho... Lá embaixo, tinha um banheiro que tinha lá embaixo, ele tinha uma parede falsa e tinha acesso a essa parede por trás e a turma fazia TP né, que era o trabalho prático, que era entrar lá e dar uma espiada no banheiro... Era umas coisas muito loucas, entendeu? Mas o que é interessante, eu acho, de tudo isso, desse registro todo, assim... Entre o Saulo Rios e eu deve ter passado umas duas gerações... Considerando que a cada 5 anos é uma geração, em média, né... Então... (...) moravam lá o Aloísio de favor, o Armando, o Ronaldo, o Claudinho, depois do Claudinho, eu e moravam também o Anjo e o Mário. Mas eu entrei na república e a república tinha um relacionamento muito complicado. Tanto é que 2 meses depois fizeram uma reunião de

república e convidaram o Mário e o Anjo a se retirarem. Mário foi pra Pureza e o Anjo foi pra Gaiola de Ouro. Nós meio que reiniciamos a república e naquela época decidiu-se que a república não teria mais 10 moradores, e passaria a ter 8 moradores e que o segundo quarto de baixo passaria a ser a boate e a gente viu a necessidade de incrementar muita coisa. Então naquela época a gente comprou um telefone, não existia telefone na república. Tanto é que o telefone ficou no nome do Tadeu durante muito tempo, mesmo depois de formado. Fizemos a boate, compramos som, é... enfim, cada geração vai incrementando alguma coisa aí. E é legal ver só a história como aconteceu, mas as mudanças, né. Porque a república era uma república de Engenharia, não se cogitava a possibilidade de entrar um aluno de Farmácia, História, Letras... Ou de ter uma mulher na república, era de homem. Aliás, na minha geração foi a geração que os alunos de Farmácia já podiam entrar no Remop, porque o Remop era restaurante da Escola de Minas de Ouro Preto, era só pra aluno de Engenharia. (...) E quando o Remop começou a funcionar pra todo mundo, os alunos de Engenharia, olha só que absurdo, galera, os alunos de Engenharia podiam furar a fila na frente dos alunos de Farmácia (incompreensível). É, era um negócio maluco. Só pra deixar um pouco o registro, porque se a gente ficar aqui, a gente vai contar muitas histórias, muitas e vai demorar (...) então eu só queria dizer assim, ó, é legal vocês registrarem o que registraram. A gente começou a fazer o registro de fotografias naquela década de 80, montar álbum, é legal ter isso... O Black Book eu me lembro que registramos umas histórias, ficamos 4 meses de greve e acabamos o Armando, o Tadeu, eu e o Fabio Costa e (incompreensível) que acabou de falecer, fizemos um congresso de sexologia, os 4 e esse congresso tá registrado no Black Book. (...) Quanta história, quanta coisa registrada que tá escrita, que tá fotografada, quantas gerações que passaram por aí, cada um deixando um legado, cada um deixando uma parte da sua história e colhendo pra si uma parte da história que a gente leva pro resto da vida. (...) Vim pro Brasil em 79, fui estudar em Belo Horizonte, fiz os vestibular de Ouro Preto porque não passei na UFMG, só por isso fiz Ouro Preto (...) Muita gente aí que eu não convivi, não conheço, inclusive, pessoalmente, mas é incrível, a gente se encontra aqui na telinha e parece que estamos em família, enfim. (...)"

Augusto deseja uma quantidade enorme de lembranças que ele parece considerar muito importantes. É perceptível o prazer que ele sente em contá-las e sinto que os ouvintes compartilham desse mesmo prazer. Noto que quando um ex-aluno conta suas vivências, todo o grupo mergulha junto, vejo todos olhando atentamente para a tela, ainda que estejam em silêncio. Interpreto esse comportamento não apenas como uma organização importante para a comunicação no meio online, que por vezes gera conversas fora de sincronia e ruídos que

atrapalham o grupo de ouvir quem está falando, mas também como respeito. Continua a conversa:

Augusto: "(...) Eu encaixaria aí uma palavrinha que pelo menos hoje eu te digo que tá fazendo muita diferença. Toda essa adaptação que você mencionou, que ela é imprescindível acaba te dando a capacidade de você... Quando você precisa se reagrupar e encaixar, você aprende a se reinventar e nesse momento especificamente de pandemia e no meu caso pessoal de falência, eu tenho enfrentado com algo que eu não sei de onde vem, mas agora que você tá falando eu entendo que muito disso vem do tempo da república. Capacidade de se reinventar, de reacomodar e de se adaptar (...)"

Essa reflexão de Augusto me leva de volta ao comentário de Luzia, decana da república N2 sobre a vivência em república e o efeito positivo que ela acredita ter ao longo da vida, como uma experiência que em alguma ocasião será utilizado de forma prática. Augusto dá a entender que esse pensamento só o ocorreu agora: A adversidade vivida foi contornada graças ao aprendizado em lidar com diferentes situações, esse tendo sido absorvido na república. Saulo Rios continua:

Saulo Rios: "Eu não tenho dúvida disso não, sabe, eu tenho certeza, porque eu também passei por muitas fases, inclusive fali, também. A primeira empresa que eu fundei eu fali, também. (...) Dei a volta por cima e conseguimos sair, deus lá sabe como, mas a coisa é essa mesmo. Esse caráter, essa coisa que você faz, essa vida conjunta que nós tivemos a oportunidade de ter e de aprender um com o outro e de uma forma muito direta, quer dizer, muito sincera. Ninguém estava brincando. Tava todo mundo falando do fundo do coração, com raiva ou com vontade ou sem vontade, você estava sempre dependendo do que o seu vizinho pensava e do que você precisava fazer pra ajudar. Então eu acho que é fundamental na formação do caráter e na formação de toda pessoa que possa um dia conviver fora da casa da família, fora dos amigos comuns e com pessoas completamente estranhas, vindas de lugares extremamente diferentes, com culturas totalmente diversas vivendo junto e aprendendo. Nós tínhamos na época quem vinha da agricultura, como o filho do japonês, como nós tínhamos o outro que era técnico e foi estudar junto e eu que vinha do Rio de Janeiro e outros que vinham do interior (...) e mais tantos outros e todos eles se formaram pessoas que respeitavam. Não conheço nem um que tenha tido um caminho que não tenha sido do respeito e do sucesso passando pelas dificuldades que todos nós passamos. E a pandemia hoje demonstra claramente que vocês

apesar de não poder estarem juntos, coisa que fariam normalmente simples, hoje estão todos juntos numa tecnologia, falando um com o outro e aprendendo um pouco com a experiência que cada um de nós tivemos durante a nossa vida. Eu fico muito satisfeito de ver isso acontecer como o decano que sou hoje de todos, aparentemente. Eu agradeço novamente. E aprendo. E acho que assim a gente aprende, assim a gente vive, assim a gente morre, mas deixando o legado para que melhore a vida, inclusive, eu não acredito muito não, mas inclusive na política, talvez algum de vocês se não roubar muito, pode ser um candidato e possa melhorar esse país. Muito obrigado."

Ao responder Augusto, Saulo Rios segue na mesma linha de pensamento e agrega mais alguns elementos. Ele fala sobre como a diversidade de indivíduos e diferentes vidas encontrada na república fez parte como aprendizado com o desconhecido, o novo. Saulo Rios também traz o fato dos moradores atuais estarem se reunindo mesmo de forma online, com o grande contratempo trazido pela pandemia, elogia a determinação dos moradores em seguir em frente e realizar o 12 da forma que é possível. A satisfação em sua voz seria muito difícil de passar despercebida. Saulo Rios fala como quem tem orgulho e faz questão todos os participantes do evento estejam cientes disso.

Ex-aluno: "Uma salva de palmas pra você, Saulo Rios!"

Morador: "(...) A gente agradece infinitamente ao seu relato. Eu acho que eu falo por todo mundo aqui que se não fosse por você acho que ninguém estaria aqui, ninguém seria da forma que foi hoje, né, só por causa do que você fez e todas as pessoas que estavam com você (incompreensível)"

Como forma de encerrar o relato de Saulo Rios, um morador que não consegui identificar, agradece tanto o relato compartilhado quanto a parte realizada por Saulo Rios para que a república N1 tenha sido possível e exista até hoje. É apenas mais uma das declarações que presenciei que transparecem na voz e no olhar a sinceridade do que diz. É tocante e todo o simbolismo do momento parece quase palpável. Sigo com o diálogo entre Geovanni e Augusto:

(...)

Geovanni: "Como que a N1 e o espírito republicano influenciou na sua vida em seguida, assim, o que você leva até hoje?"

Augusto: "Eu acho assim, o Saulo Rios, ele traduziu muito bem o que a gente leva da república. Eu posso dizer pra vocês que não é privilégio nem do Saulo, nem meu, nem de ninguém que tá nessa tela, eu acho que é algo geral e que é gostoso. Eu acho que cada um de nós leva algo da república, às vezes muito. E cada um de nós deixa algo na república, às vezes muito. Eu tenho assim um sentimento de (...) que eu, no meu tempo de república, eu agreguei e a república me deu o que (...). Eu levo muito... o Saulo Rios foi muito feliz nas palavras dele, né. É caráter, temperamento, espírito de equipe, colaboração, família, resiliência... É um fortalecimento mental e às vezes para alguns até espiritual. Se você conseguir dar e receber, eu acho que você sai enriquecido. Então eu posso te dizer que a vivência de república, pra mim, acho que essa palavra que define, enriquecimento."

À pergunta de Geovanni, Augusto traz uma resposta que transparece completude e honestidade do que se sente enquanto fala. Ele reforça a ideia de toda a positividade que pode ser absorvida ao viver em uma república e se refere a ela como um privilégio. Eu sinto que todos os que se pronunciaram nesse evento e no anterior da república, se sentem fazendo parte de um lugar muito especial. Eles tratam a república como um privilégio, de fato, como algo que poucos podem viver e como uma peça responsável por grande parte de suas personalidades e, como mencionam Augusto e Saulo Rios, de ajuda ao superar adversidades presenciadas ao longo da vida. Tudo ganha muito impacto nas palavras e olhares de todos. Augusto ainda acrescenta que para que tudo isso seja possível com tal densidade, o morador tem que estar disposto a dar e receber. Viver na república soa como uma troca constante.

Após esse último comentário, feito por Augusto, eu presencio mais poucos minutos do 12 online e me retiro da sala, agradecendo em privado ao decano Gabriel. Foi uma experiência única, nunca tinha presenciado esse evento dessa forma. O que observei permaneceu comigo mesmo horas depois, foi algo impactante para meu eu republicano e meu eu como pesquisadora. Sinto grande responsabilidade de anotar as informações que não quero esquecer, e também receio de outras partes se percam em minha memória. Mas entendo que isso faz parte do processo, afinal, não poderia absorver tudo e guardar tudo. Mais tarde esperava, iria me valer de minha gravação e recordaria do que fosse necessário para a pesquisa.

ANEXO B – Entrevistas

República N1 - Entrevista com o Decano

Data: 17 de agosto de 2020

Local: Online via Google Meet

Raiane Rezende: Como que está sendo a pandemia para você?

Gabriel: Nessa questão de eu estar tendo que enfrentar esse laço familiar está sendo muito difícil. Porque são pendências emocionais, cargas emocionais acumuladas desde a infância e você acaba enfrentando isso novamente, esse tem sido meu maior desafio, na verdade (...) se eu fosse resumir em uma palavra seria, sei lá, montanha-russa... porque tem dia que você não consegue nem levantar da cama, você fica naquela angústia e tal e tem dia que você tá alegre, que você tá calmo, consegue dar conta das coisas que você precisa, sabe, que você se permite também ver uma série, ver um filme, então tem oscilado bastante assim né.

(...)

Raiane Rezende: (...) você acha que consegue ser mais quem você é quando está em Ouro Preto?

Gabriel: Ah, com certeza. Sem sombra de dúvidas. Quando eu tô lá pelo menos eu consigo pelo menos, assim, eu tenho todos os meus processos, não deixo de sofrer com muita coisa no sentido de ansiedade, sabe, essas coisas todas. Só que lá eu sinto que estou na direção de mim mesmo, na direção de quem eu sou. Né, eu não preciso esconder nada... não que eu precise aqui em casa, porque eu acabo não escondendo nada assim de quem eu sou mesmo, as minhas vontades, o problema é que eu acabo me forçando muito por as vezes acabar expondo as coisas que eu gosto no mundo, os meus sonhos, sendo que aqui não é o local que eu consigo compartilhar meus sonhos, não é o local que eu consigo compartilhar as coisas boas, sabe, conversar sobre sociedade. Não tem um ambiente propício pra isso como tem em Ouro Preto, lá a gente meio que consegue compartilhar mesmo os nossos sonhos. Hoje mesmo (...) meio que começou o dia e meio que meus pais falaram "ah, vamos fazer uma reunião, meio que tentar

melhorar as coisas" só que já foi tudo pro lado emocional, sabe, tipo sei lá, comecei mal a semana assim, por causa disso, tipo (...) eu falei assim "nessa questão de limpeza não é difícil, é fácil, sabe, a gente dividir tarefas. Eu tô acostumado com isso lá na república e tudo mais o problema aqui em casa é da carga emocional sabe da minha mãe ficar falando... dá a entender que você é um fardo no mundo. Ela volta a falar dos 9 meses que ela me teve na barriga, da luta que ela teve, sabe, parece que você é um peso, sabe a sua existência incomoda as pessoas aqui. E lá não, você tá existindo e a sua existência faz parte do coletivo, né. É foda quando você não tem isso na sua família, família de sangue.

Raiane Rezende: Quais diferenças você percebe mais entre quem você é lá e quem você é aí em casa?

Gabriel: Lá é como se eu estivesse mais perto dos meus sonhos. É como se meus sonhos fossem alcançáveis, como se eu estivesse trabalhando para chegar neles. E aqui é como se eu estivesse tentando contornar muitos desafios para tentar mostrar que eu não sou o que eles querem que eu seja. Porque a gente nasce nessa estrutura familiar patriarcal, sabe, aí você tem que dar satisfação das coisas e aqui eu me sinto paralisado. Me sinto totalmente sufocado. Lá não, eu me sinto como se estivesse na superfície. Como se eu não estivesse afundando.

Raiane Rezende: - Concordo que entendo o que ele quer dizer -

Gabriel: É esse modelo tóxico que a gente nasceu, (...) o modelo que as pessoas acham que elas têm propriedade sobre as outras, sabe. Seja numa relação afetiva, amorosa, seja numa relação familiar. Porque eu faço muito uma analogia, sabe, sobre essas relações. Igual na mesa mesmo, quando meu pai tava falando "tudo que a gente faz é por amor". Beleza, é por amor que as pessoas matam, é por amor que as pessoas violentam outras pessoas, sabe? E eles não conseguem entender que também há uma relação abusiva dentro das relações familiares. (...) Você vai tentar expressar seus valores e eles me olham como "nossa, que pessoa estranha, ele não quis esses valores" (...) Quando você volta pro seu ninho, você tem que ter muita coragem pra renunciar todos os valores que foram passados pra você em direção dos seus, por mais que você não saiba com certeza de nada sobre os seus próprios valores.

Raiane Rezende: - Digo das diferenças que eu percebo -

Gabriel: (...) Igual uma república que a gente senta e (diz) “tem esse problema, esse problema e esse problema”. (...) é mais fácil de ir pro racional lá.

Raiane Rezende: (...) você se sente mais livre em Ouro Preto e as coisas parecem mais possíveis lá e na sua casa não por causa da forma como você foi criado e o que seus pais acreditam. Quão responsável você acha que sua república é por isso?

Gabriel: (...) Bom, eu acho que a república tem esse papel no momento em que eu moro com pessoas que tem coisas mais ou menos parecidas comigo, sabe, no sentido de questionar a sociedade atual. Não só questionar, mas problematizar, colocar pontos de vista diferentes. Às vezes eu chego em casa, eu posso ter passado o dia inteiro super cansativo (...) os meninos tão lá fora, aí a gente já vai e começa a conversa sobre alguma ideia. (...) Cada um vai trazer uma problematização profunda e aquilo é envolvente, parece que aquilo faz passar o tempo, eu nem percebo o tempo passar. Por ter tantos pontos de vista parece que aquilo é um refúgio. Por mais que a gente esteja discutindo sobre algo ou até brigando, mas não deixa de ser um refúgio, sabe. (...) aqui é como se a cicatriz fosse muito mais profunda (...).

Raiane Rezende: - Concorda com o sentimento, enquanto fala da dificuldade de uma observação participante pela necessidade de distanciamento da questão trabalhada-

Gabriel: É como se na república você tivesse um espaço pra sua criança interior, sabe, é diferente do mundo, da academia, que você consegue conversar, socializar, mas sua criança interior você deixa ela lá trancafiada. Quando você chega na sua casa você pode deixar ela vir à tona. Ela pode se expressar do jeito que ela quiser, ela pode falar o que ela quiser, ela pode gritar, berrar, ela pode pular, sabe, fazer brincadeira. Parece que ela sai um pouquinho ali e na hora que ela sai daquele espaço que a gente tenta colocar ela, que o sistema tenta colocar ela, aquilo é libertador. Aquilo faz ela encontrar com as outras crianças interiores das outras pessoas, também cria uma aura coletiva, sabe.

Raiane Rezende: Você acha que teve sorte de morar na casa ou você escolheu ativamente?

Gabriel: Tem mais de um ponto aí... eu tenho um pouco de sorte de ter ido pra lá, mas acredito que muita coisa que eu to colhendo hoje eu plantei no passado. A N1 é uma república

tradicional, ela passou por um processo enorme de transição. Quando eu entrei ela era bem tradicional ainda, tinha políticas voltadas pra punição como: cachaça, vento. Umas coisas muito "hétero-topzera", muita piada muito mais machista, entrei numa outra época na casa que moravam pessoas que eram de 2008, tal, 2009, eu entrei em 2016. Acho que foi sendo construída essa *vibe*, porque o menino que tava acima de mim nessa hierarquia, nossa, ele não fazia muita coisa e descia cachaça, sabe, descia coisa de ordem. Quando eu fiquei de decano na casa que as coisas começaram a mudar de verdade. Quando eu era mais novo eu tentava propor (mudanças) na reunião, mas eu não tinha muita voz, sabe. Peguei toda coisa que eu tinha sentido quando eu era mais novo e falei assim "todo mundo tem que ter a voz" porque pra mim eu não acredito que tenha liberdade na forma que as repúblicas federais são propostas, por exemplo, da hierarquia, da forma como ela é proposta. E me debati com outro desafio: se a gente tá querendo criar algo novo, a gente também tem que estar disposto a abandonar os privilégios, as coisas de hierarquia, porque no modelo antigo alguém mais velho podia falar e o pessoal tinha que aceitar. Em casa não, fiz uma transição dessa gestão. Uma reunião não era um espaço gostoso de conversa, era um espaço totalmente... principalmente quando você é bixo, quando você é novo. Você fica lá na frente e as pessoas ficam te "tirando", não é uma coisa legal. (...) Pensei "quero fazer algo legal" que os meninos mais novos... até essa nomenclatura "bixo, bixa"... porque tem uma carga por trás disso, mas a gente também não consegue mudar tudo, é tudo muito lento. Então quando eu estava mais velho coloquei um modelo de gestão que não é só o cara mais velho que vai deter o conhecimento. Eu que faço gestão de contas, de prestar conta pro ministério, que é coisa mais difícil, mas todo mundo aprende esse processo. Cada morador coordena um projeto diferente. Por exemplo, se um morador (...) coordenar o projeto do Instagram da casa, ele tem autonomia para distribuir tarefas para todo mundo de forma igual. (...) se o mais novo coordenar tal projeto, ele também vai ter a mesma autonomia (...). As repúblicas espelham o que o sistema representa, tipo o sistema empresarial.

Raiane Rezende: Você se sentiu em casa desde o início ou foi algo que foi melhorando com o passar do tempo (...)?

Gabriel: Foi melhorando com o tempo, acho que foi muito conquistado isso, sabe. Desde que eu entrei já gostava da casa, já era diferente. (...) eu fui o primeiro bixo de república federal que batalhou de cabelo comprido, quebraram meio que uma regra. Parece que já estavam dispostos a ceder algumas coisas. Mas depois eu vi que eles tavam cedendo porque a casa tava numa baixa (...). Eu fui conquistando (...) mas não significa que a gente esteja num ápice que a

gente faz o que a gente quer, porque tem a questão dos ex-alunos, que a gente tem que bater de frente. Por exemplo, a gente também tem ex-aluno "bolsominion" (...) que é tipo engenheiro da década de 70, tem muito dinheiro e representa a burguesia.

Raiane Rezende: E o que você acha que ainda tem de tradicional na casa?

Gabriel: Tem bandeira, tem o hino... (...) como a gente não consegue propor algo (melhor) a gente tirou as punições, mas as coisas tradicionais ainda continuam. Por exemplo: só o bixo abre a porta, só o bixo atende o telefone. Enquanto a gente vê que ainda tem algum sentido a gente mantém porque não conseguimos propor algo melhor. O intuito do do bixo atender a porta e só ele atender ao telefone é pra ele começar a conhecer as pessoas que entram na casa, pra ele se apresentar. Tem uma explicação lógica pra isso, ainda que ela seja meio fraca em alguns momentos (...).

Raiane Rezende: Isso é uma regra sem exceção?

Gabriel: Não, sempre tem exceção. Por exemplo: os meninos estão lá embaixo, estão no andar de baixo da casa, estão estudando ou fazendo alguma coisa, a campainha tocou e eu tô na sala, eu não vou abrir a porta porque eu vou esperar eles saírem de lá, sabe?

(...)

Gabriel: Agora, se fosse antigamente ia acontecer essa situação. Se o decano tá lá na sala ele não vai abrir a porta, sabe? (...)

Raiane Rezende: Quais são as funções que vocês estão mantendo agora durante a pandemia (...)?

Gabriel: (...) esse começo de quarentena a gente dividiu as tarefas igual. Mas a distância cada um tem suas tarefas. Por exemplo, eu mesmo estava fechando pedido de camiseta da casa e (...) Tô fazendo meio que um balanço geral da casa. Pra ver onde que a gente tem mais dívida, tentando organizar a parte financeira da casa. Sempre chamo também um morador ou outro. (...) A gente tem a missão de fazer um 12 online, um encontro online. (...) Eu tenho a missão de presidir a reunião, eu crio a pauta antes da reunião (...) A gente não deixou estipulado "cada

pessoa com uma função, com um cargo”, mas cada um sabe do seu papel, a gente divide as tarefas conforme a reunião.

Raiane Rezende: (...) agora que vocês foram pra casa não têm as funções claras e a cada reunião vocês demandam as coisas de acordo com a experiência de cada pessoa?

Gabriel: Não, de acordo com as demandas (...) quem está na casa, que são o Geovanni e o veiculado, estão dividindo as tarefas lá. (...) a gente trocou a gestão, mas a gente não conseguiu fazer uma coisa mais saudável, porque os bixos acharam que era meio que férias pra eles. Eles não tavam com nenhum projeto da faculdade, eles não estão com iniciação científica, com outras atribuições. Acaba que eles que estavam ficando na casa, estavam tipo só jogando, só bebendo... (...) não gosto muito de usar o termo produtivo, mas não estavam sendo muito produtivos, sabe? Eu tava ficando com crise de ansiedade em casa porque todo momento eles tavam lá na cozinha ou estavam jogando RPG, ou estavam bebendo ou combinando de fazer algum role (...) eu tava com um cronograma (...) isso me desmotivava, porque só eu que estava trabalhando e agora eu pedi, na última reunião, que a gente recebesse uma orientação da ufop pros bixos não voltarem pra casa a toa e se for voltar eles também têm uma carga mínima de horário, uma carga mínima de trabalho. Como eu falei pra eles (...) a república demanda responsabilidades. Não dá pra eles irem pra lá e ficarem só a toa, porque eu tô pensando em voltar pra lá também. No momento que eu voltar pra república, se o pessoal tá numa *vibe* de só fazer ele de ficar na bebedeira, parece que desgasta muito a saúde mental da casa.

(...)

Gabriel: (...) eu já expliquei pros bixos (...) cada morador tá com uma carga grande de trabalho, a gente tá fazendo PDF, cada um tá ligando pra pelo menos 15 ex-alunos, a gente tá atualizando endereço dos ex-alunos, a gente também tá preparando uma apresentação pro 12 online, que a gente quer reunir fotos, colher depoimentos, a gente também tem o projeto de escrita de um livro, pra transformar em patrimônio imaterial a nossa história. Tudo isso demanda muito trabalho, então eu pedi a atenção deles nesse sentido: "eu quero pedir que quem estiver em casa, que dividam as tarefas e que a gente esteja colocando projetos pra frente", aí eu só sugeri algumas coisas, por exemplo, inventariar a casa (...)

Raiane Rezende: Vamos supôr que eles não estão fazendo nada. Aí precisa passar uma tarefa clara?

Gabriel: Aí que entra o papel do semi-bixo, pessoa que vai ficar mais "em cima". Eu que estou trabalhando com pessoas tem um tempo (...) a pessoa não tá fazendo nada? Primeiro a gente tem que entender a motivação delas. (...) Depois reforçar ou trazer de volta essa motivação pra ela, mostrar que as coisas são possíveis, mas que elas têm as responsabilidades. (...) Agora tem um caso, de um calouro lá de casa (...) não sei se ele era muito mimado, ele é muito folgado com os outros meninos, ele não divide a tarefa, só quer saber de ficar bebendo, de ficar falando de mulher, ele é bem machista... aí a gente vem com umas ideias assim, pra tentar ir desconstruindo (...) ele ficava furando quarentena, aí tem dificuldades nesse sentido. A gente faz uma avaliação na reunião de moradores, até que ponto vale a pena trabalhar nele, essa pessoa está atrapalhando todo o andamento da casa. Essa pessoa tá 80% catada, a gente tem dado avisos (...) a partir do momento que isso se tornou tão desgastante pra gente, a gente dá a vaga pra outro estudante (...).

Raiane Rezende: Vocês têm os critérios de vocês antes da pessoa entrar na casa?

Gabriel: Não, todo mundo tem a chance. Se a pessoa for estudante da Ufop e falar que quer batalhar, quer tentar morar (...) se não a gente ia estar julgando a pessoa (...). A gente dá uma investigada pra ver se é aquilo que ela quer, pra deixar claro como a gente pensa e se mesmo assim ela quiser, mesmo que ela seja tão incoerente com o que ela está falando, a gente deixa ela tentar (...).

Raiane Rezende: Quais são as funções que vocês têm aí e o que está acontecendo agora a distância (...)?

Gabriel: Por exemplo, (...) a gente fez o PDI que é o projeto de desenvolvimento institucional (...) eu que tomei a frente nesse projeto e pedi as tarefas pros meninos (...) um morador levantou o orçamento, o outro tirou as fotos e o outro me ajudou na edição do arquivo (...) a gente tem dois moradores mais novos que estão no nosso bloco, que a gente participa do bloco de carnaval, que é o mesclado (...) aí os meninos estão fazendo reuniões, mesmo que sejam mensais (...) mas eles têm ajudado nas tarefas do bloco, já é uma atribuição dos meninos mais novos (...) porque eles tão aprendendo, estão construindo o laço social da casa junto das

outras casas. (...). Questão de cartório (...) eu tomo a frente, diluo algumas tarefas com os meninos e eu peço ajuda para um ex-aluno que é advogado (...) ele que está me orientando, na verdade. (...) Eu tô falando dos projetos que a gente tem, porque tem vários projetos e dentro de um projeto tem vários sub-projetos. (...) Por exemplo, nesse 12 ficou eu e o Geovanni, o Pedro e o Daniel, pra não ficar dois mais velhos e dois mais novos a gente alternou. (...). (...) A gente escreveu a questão da pandemia (pro 12), esse ano na N1 a gente perdeu 2 ex-alunos que foram importantíssimos pra nossa história, teve um ex-aluno da década de 70 que veio a falecer e teve outro ex-aluno que faleceu, outro que está internado (...) a nossa cumadre também perdeu a filha dela, que estava com lupus, eu acho, e a filha dela estava com 22 anos, da nossa idade. Pra gente é uma perda nossa também, todo mundo ficou muito sentido. Ela também perdeu a mãe dela e a Raimunda é tão da nossa família que na hora que aconteceu isso a gente já fez uma campanha de solidariedade pedindo doações no grupo (...) a gente conseguiu pagar a funerária pra ela, conseguimos dar um apoio também no sentido presencial, os meninos foram lá no velório, se precisava resolver alguma burocracia pra ela, então tem toda essa questão de solidariedade. Voltando pra questão de hierarquia não tem (durante a pandemia) uma divisão clara, é mais uma questão de "eu posso pegar isso, eu posso pegar aquilo" (...). (sobre o 12) A gente fechou em 300 reais por ex-aluno, (para ajudar no 12 e reformas da casa) a gente fez uma campanha pra arrecadar 7 mil reais.

Raiane Rezende: Pelo que eu percebi as coisas mais institucionais quem cuida é você e quem é morador a mais tempo.

Gabriel: É, porque são coisas que demandam mais atenção (...).

(...)

Raiane Rezende: Como vocês estão se organizando pro 12?

Gabriel: A gente faz reunião, né? A cada quinze dias a gente faz uma reunião. Quando o "pau tá mais quebrando" a gente faz uma reunião a cada semana. (...) A gente vai fazer uma live sexta-feira convidando todos os ex-alunos, estamos fazendo uma campanha pra chamar porque queremos os ex-alunos mais velhos. (...) cada pessoa está responsável por fazer contato com mais 15 ex-alunos. É ligar, fazer um lado social, falar como tá a casa, conversar com o ex-aluno realmente, saber com ele está, como a família dele está, mostrar que a gente tá aqui, que

a gente é morador, mas a gente quer saber como está cada um, da história de cada um. Tem ex-aluno que você liga pra conversar, o cara começa a contar uma história e às vezes você fica uma hora no telefone ou marca alguma coisa no *meet* com a pessoa, fica meia hora, uma hora só contando história, contando o que a pessoa vivenciou ou dando alguma dica (...) essa semana eu falei com dois ex-alunos nossos que estão fazendo 55 anos de formado (...).

(...)

Raiane Rezende: (...) eles (ex-alunos) têm muita influência no que está acontecendo na casa agora e eles se envolvem muito nisso?

Gabriel: Antes eles se envolviam bem mais né, mas na minha gestão eu não dou muito espaço pra isso não. Porque antes o pessoal perguntava, abria votação pra eles votarem... Eu acredito assim: quem tem que tomar decisão é quem está na casa (...). Decisão que a gente teve de vetar raspar cabelo de bixo, teve ex-aluno que veio falar "isso não existe, porque na minha época..." aí a gente bate de frente com alguns ex-alunos, porque a gente tomou uma decisão (...) quem tá morando na casa que faz a casa (...).

(...)

Raiane Rezende: (na pandemia) o que você acha que está segurando mais a casa (...)?

Gabriel: Acho que as memórias... (...) fico pensando como é bom estar lá quando estou aqui e dou mais valor quando volto pra lá, sabe? (...) As reuniões que a gente faz é um contato, é uma ritualização mesmo que online. É uma forma da gente estar se aproximando.

Raiane Rezende: Fizeram rock, social?

Gabriel: Fizemos. Primeiro com nós moradores tomando uma "breja" resolvendo alguma coisa ou só conversando mesmo. Agora a gente vai entrar pra segunda *live*, né (...).

Raiane Rezende: Vocês fazem os calouros aprenderem sobre os ex-alunos?

Gabriel: Não, não. Não tem "sabatina" em casa. Não gosto dessas coisas (...) também nem sei de cor (...) conheço pelo contato. Sei lá, é meio natural.

Raiane Rezende: Vocês têm contato com eles?

Gabriel: A gente tem grupo no whatsapp, a gente manda e-mail...

Raiane Rezende: Quantos encontros depois que a pandemia começou?

Gabriel: Oficial foi um só, mas não-oficial que teve uns ex-alunos foi uns 5.

Raiane Rezende: O que pesa mais (a distância) é mais a questão familiar mesmo, né...
(...)

Gabriel: Quando a gente sente saudade a gente fala lá no grupo, conversa junto. Geralmente a gente conversa no privado também, cada morador com cada um. Eu falo no privado às vezes, sobre o que tá acontecendo, o que tá fazendo, sobre diversos assuntos, conforme vai sendo a conversa. Mas os encontros online mesmo têm sido mais atrelados a alguma atividade, mas a gente não deixa de conversar também (...).

Raiane Rezende: Você tá pensando em voltar pra lá por algum motivo específico?

Gabriel: Estou pensando em voltar pra lá pra dar uma força pro Geovanni, começar a organizar questões de enviar homenagem, enviar camisa (...) o outro motivo porque quero está lá também, quero ficar um pouco mais lá, quero voltar pra minha casa, ter um pouquinho de paz nas minhas coisas.

Raiane Rezende: Você acha que é mais sua casa que a sua casa?

Gabriel: Aham, aqui parece que eu sou um intruso.

Raiane Rezende: Você acha que todo mundo tá se sentindo assim agora, as pessoas falam muito sobre isso?

Gabriel: Eu acho que não. O Daniel tem mais liberdade na casa dele, mas acho que talvez ele possa se sentir sufocado porque o pai dele é mais explosivo (...) o Pedro tenho certeza que vai estar mais feliz na casa dele que na república, porque ele (...) foi uma vez no ano só pra casa dele, então ele tá na Bahia significa bastante pra ele, já tem um outro valor (...).

Raiane Rezende: (como a conexão emocional é feita)

Gabriel: Eu acho que é bem construído isso, depende das situações, depois que a gente passa umas situações de perrengue junto (...) esses momentos que nos fortalecem.

Raiane Rezende: E situações particulares que vocês compartilham com a casa?

Gabriel: Isso, com certeza, eu terminei meu relacionamento faz pouco tempo (...) o que me ajudou mesmo foi os meninos, foi a casa (...).

República N1 - Preparação para o dia 12 de outubro

Data: 21 de agosto de 2020

Local: Online, via Google Meet

Ex-aluno1: "Ô galera, cês têm notícia do Fabio Costa?"

Gabriel: "Cara, eu tentei ligar pra ele hoje, eu não consegui o contato telefônico a gente só fez contato com ele via e-mail. Não consegui contato telefônico (incompreensível)..."

Ex-aluno1: "Ele tava na UTI (...)"

Gabriel: "(incompreensível) verdade! Quem falou no grupo lá eu também não tive uma atualização ainda"

Ex-aluno1: "Foi o Armando que falou"

Gabriel: "Foi o Armando, foi o Armando, é verdade, é verdade"

Ex-aluno1: "(incompreensível) casa branca, cara"

Ex-aluno 2: "A notícia... eu tenho notícia, a notícia mais recente que eu tenho é de ontem. Que é a seguinte: ele já saiu do estado de coma e já responde a alguns estímulos. Pisca os olhos pra dizer que sim ou não, né, e já tá tentando falar alguma coisa, mas ainda não consegue. Ele teve na situação de ficar completamente fora do mundo, não reagir a estímulos, nem nada. A notícia que eu tenho de ontem é essa, que ele já responde com os olhos pra dizer sim ou não e já tenta pronunciar alguma palavra."

Ex-aluno 1: "Que boa notícia, cara! (...) (ele) é meu vizinho aqui, ô... ô Aloísio."

Ex-aluno 2: (incompreensível)

Ex-aluno 1: "Oi?"

Ex-aluno 2: "Na serra da moeda?"

Ex-aluno 1: "É, ele mora... Eu tô em Casa Branca, aqui, tem uma casa aqui... Logo que eu vim pra Belo Horizonte, que eu casei, eu construí aqui, fui... já, já te contei essa história né, só... (incompreensível) tem uma cidade aqui pertinho, um distrito, de Brumadinho que chama Paraopeba, e ele tem uma casa lá, cara, bem estilosa assim, de partes de bambu, um negócio... bacana, bucólico, mesmo e ele já teve aqui em casa, eu já fui lá com ele. Antes da pandemia eu tive muito contato com ele e depois do rompimento da barragem ele tava... tava trabalhando pra uma empresa aqui perto, chamava Dona Marta. E... e a gente sempre, né, depois que nós somos colegas lá na CSM (incompreensível) quatro meses atrás ele tava super bem, cara."

Ex-aluno 2: "Claro, claro. Última vez que encontrei com ele foi no velório do Leonardo. E ele tava legal, tava bem pra caramba, conversamos, trocamos umas ideias e tal..."

Ex-aluno 1: "É mesmo, cara, ele tava no velório do Leonardo, cara, agora que eu tô lembrando"

Ex-aluno 1: "Verdade..."

Ex-aluno 2: "É... tava bem pra caramba, tava todo... (incompreensível) enfim, vamos continuar torcendo aí, pra ele recuperar e que as sequelas que ficarem, não vai ter como não ficar algumas sequelas, né, que não seja (incompreensível) que deixa ele pelo menos..."

Ex-aluno 1: "Cara, aquele cara como japonês, mesmo, uma vitalidade pra trabalhar, cara...."

Ex-aluno 2: "É, incrível, incrível"

Ex-aluno 1: "Aquele cara atualizadíssimo, viu (...) Ô gente, viu... Ele, apesar dele estar fisicamente ausente lá da... da N1, cara... um orgulho do caramba de vestir essa bandeira da N1, aí viu, (incompreensível) (...)"

(...)

Geovanni: "Como cê tá?"

Saulo Rios: "Eu?"

Geovanni: "É, você"

Saulo Rios: "É, sou eu mesmo? Tudo bem, eu tô em Angra dos Rios, cara"

Geovanni: "Bom demais, é"

Saulo Rios: "Caramba, mas olha, tá muito confuso (incompreensível) essa tecnologia é demais pra mim, sabe, eu vejo um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, na tela e eu num cantinho lá... tudo bem, mas é diferente, mesmo"

Gabriel: "Ô Saulo Rios, não se preocupe que é assim mesmo, a gente tá fazendo essas primeiras *lives* aí pra gente ir se familiarizando, né, com a tecnologia, né pra vocês já irem aprendendo como que mexe e aos pouquinhos você vai pegando o jeito aí"

Saulo Rios: "É, quando eu era aluno aí nem computador tinha nessa porcaria aí, (incompreensível)."

(incompreensível)

Saulo Rios: "(incompreensível) tinha 40mb de memória... 40k, coisa assim, era lembrança, só, entende"

Geovanni: "Era CD, menos que um CD"

Saulo Rios: "É, muito menos. Mas eu tinha nada disso, pra mim esse negócio é muito complicado, viu"

(incompreensível)

Saulo Rios: "Tá bom, mas de qualquer maneira eu sou o mais velho aqui, né... Tem que fazer um desconto, né..."

(incompreensível)

Gabriel: "Você falou que você foi formado em 76, mas inaugurou quadrinho aí com o pessoal em 65, não, foi?"

Saulo Rios: "Foi, em 65 que eu fiz os 50 anos de formado. Quem é que tá na república aí?"

Geovanni: "Sou eu aqui, Geovanni"

Saulo Rios: "Então você que tá aí?"

Morador: "Eu também"

Geovanni: "Tá ficando... tá ficando eu aqui e... agora tem dois bixos e dois agregados que tão ficando comigo aqui"

Saulo Rios: "Ah, é? E o resto tá em casa?"

Geovanni: "É, de morador da casa mesmo tá só eu. O resto dos meninos tá em casa, Daniel vai voltar daqui a pouco, já e aí vai ter mais gente"

Saulo Rios: "A aula vai começar quando aí?"

Geovanni: "Então, a gente tá... as aulas presenciais mesmo só vão poder voltar ano que vem, né. Mas essa semana agora a gente vai começar o PLE, que vão ser umas cadeiras que a gente vai fazer a distância mesmo, só que a gente só vai poder pegar duas cadeiras, duas matérias. Aí vão ser só por alguns meses"

Saulo Rios: "Caramba, hein... Complicação"

Geovanni: "Tá atrapalhando (incompreensível) esse vírus"

(incompreensível)

Gabriel: "Ô Saulo, a gente preparou um roteirinho, a gente tá meio que fazendo só um bate-papo agora, mas mais ou menos umas 20h15 a gente vai fazer uns repasses aí com todo o pessoal. A gente tá esperando que tem bastante gente que tá chegando, bastante ex-aluno que confirmou pra gente é uma alegria imensa estar todo mundo aqui presente, bacana demais, vários rostinhos que eu não via aí há muito tempo, muito bacana, gente"

Ex-aluno: "Cê fez aniversário esses dias (incompreensível)"

Ex-aluno: "Cinquentão, meu irmão, cinquentão... semana passada ultrapassei a barreira do som"

(...)

Ex-aluno: "Eu acho que velho como eu não tem ninguém aí não"

Ex-aluno: "Mas rapaz, esse negócio é interessante... Ontem, a gente tava igual a esses moleques aí, porque tão tudo com o cabelo pretinho, novinho, magrinho, tudo magrinho... abaixo do IMC, lá no início... O tempo é interessante, cara, o tempo como ele passa rápido é uma carruagem que a gente tem que trepar nela e aproveitar, porque ela não para não, tá... é muito rápido"

(28 minutos e 3 segundos em campo)

Ex-aluno: "Eu não apareço não é porque eu não quero, é porque às vezes as oportunidades acabam me traindo. Mas é saudade, são muitas saudades."

Ex-aluno: "Com certeza, você é de uma geração, né... Que conviveu lá, fez muito... N1u, fez muita farra lá em Ouro Preto."

(incompreensível)

Ex-aluno: "Tira uma foto dessa tela aqui, é raro eu estar por aqui..."

(incompreensível)

Ex-aluno: "Se cuidem, cuidem da família"

(30 minutos em campo)

Ex-aluno: "Ô galera... eu vou ter que sair às 20h30 eu já vou fazer um elogio pra vocês aí do... das iniciativas (incompreensível) vocês mandaram um portfólio tipo convide, cara, bacana demais, viu"

(incompreensível)

Geovanni: "Inclusive a gente vai repassar aqui com vocês de novo"

Gabriel: "Ô gente, vamos esperar 5 minutos aí, mais uns 5 minutinhos pra gente começar os nossos repasses, o Geovanni vai fazer um tour pela casa aí pra todo mundo ver como tá a república..."

Ex-aluno: "Ô Gabriel, posso dar uma sugestão?"

Gabriel: "Pode dar"

Ex-aluno: "Vocês moradores aí se apresentem pra gente todo mundo, começa (incompreensível)"

(incompreensível)

Ex-aluno: "Faz o seguinte, aí apresenta os bixos também, cara, depois faz uma *tour* pela casa, vai ser bacana. Show"

(incompreensível)

(36 minutos e 28 segundos em campo)

Ex-aluno: "Fala, Antônio... Galera... Desliga o áudio da galera, deixa o Antônio se abrir"

Antônio: "Nada a declarar, cara, to de boa"

Ex-aluno: "Pô... Fala aí, tá bonito, Antônio"

Antônio: "Eu tô com saudade da turma, cara, esse ano foi um ano...tá sendo um ano pesado, né, pra galera toda, distanciamento... né... essa conexão nossa social, bixo, isso aí foi na raiz nossa, né não?"

Ex-aluno: "Matou nós!"

Antônio: "Matou nós pesado... (incompreensível). Nós temos que promover esses eventos, tiro o chapéu pra galera, cara, tem que promover mesmo e tentar aproximar da forma que dá, né não?"

Ex-aluno: "Se for virtual, num celularzinho mesmo, que a maioria tá aí, eu inclusive... que seja, né, cara"

(incompreensível)

Antônio: "Só de ver (incompreensível) de ver a galera, cara... Quanto tempo que a gente não se falava, né não? Tem que botar pra quebrar aí até no 12, no 12 também fazer um evento nem que seja virtual, mas pô... Manter a chama acesa! Nós que estamos aqui, né não?"

Ex-aluno: "Nem que seja duas cervejas sua ali, duas minhas aqui, uma cachaça, pronto... cada um no seu canto, e..."

Antônio: "Exatamente, cara!"

(incompreensível)

(39 minutos e 57 segundos em campo)

Gabriel: "Vou pedir aí pra todo mundo que tiver com o microfone aberto, por favor pra trancar o microfone pra não dar interrupção e... aí conforme for falando a gente for abrindo pra fala no final quem for falar aí a gente vai abrindo o microfone pra gente não atrapalhar a fala do outro. Primeiramente boa noite aí galera, pra todo mundo, é uma satisfação enorme pra gente, pra república né, a gente vê que o nosso trabalho tá surtindo efeito... que tá todo mundo, essa sala cheia, a gente fica muito feliz com a presença dos ex-alunos, né, Saulo Rios, Freitas, aí, pessoal mais velho, a gente fica muito feliz de poder estar tendo essa aproximação, mesmo em tempos de pandemia, em tempos difíceis... Tá entrando gente ainda, que bacana... Essa é a nossa segunda *live*, é o nosso segundo encontro online, né e pensando em toda essa questão da pandemia, o que aconteceu, nós moradores, aí "se" reunimos e tomamos a decisão de puxar, né, um evento online, a gente viu que esse ano aqui a gente não queria deixar passar em branco, não podíamos deixar passar batido, né, e a N1, assim, é uma casa extraordinária, a gente veio com esse objetivo de criar essa aproximação entre todos os integrantes, todos os ex-alunos e moradores, então a gente tem aí o objetivo com as *lives* que a gente tá fazendo, testar a plataforma, vamos começar a nos familiarizar com esse esquema de *live*, pra gente poder olhar um pouquinho pro rosto do outro, uma forma da gente poder se manter conectado. Igual o Antônio falou aí, é uma forma da gente manter a chama acesa, né. Então, eu estou iniciando a abertura aqui, né, essa introdução... vou me apresentar novamente, eu sou o Gabriel, atualmente eu sou o morador mais velho, sou do curso de Turismo e eu entrei na N1 em 2016, aí posteriormente eu vou passar a fala pro Geovanni, ele vai fazer um tour pela república, pra mostrar pra gente aí como tá a situação da casa... Eu recomendo pra vocês, vocês podem até clicar na telinha do Geovanni, deixar ela maior na hora que ele tiver fazendo o tour. Ele vai mostrar a casa, vai mostrar como estão os quartos, mostrar um pouquinho da cozinha, ali... Um tour bem rapidinho. E também a gente gostaria de apresentar o nosso cachorro, o nosso novo animal que tá com a gente né e depois eu vou passar a fala também pro Daniel, ele vai apresentar um pouquinho do panfleto, o panfleto do 12 que eu enviei pra vocês e o Pedro vai fechar a fala falando sobre as necessidades financeiras da casa. Aí, ao final da fala dos moradores, a gente vai abrir as inscrições pra fala. Todos os ex-alunos que quiserem falar, quiserem relatar uma história, que se sintam a vontade pra se inscrever no nosso chat. Mas só adiantando aí, a gente quer fazer um 12 online, bem bacana, queremos juntar, fazer uma retrospectiva da casa... É uma forma bem bacana pra gente poder se manter conectados. Então eu peço pra que cada morador

que vai iniciar a fala pra que se apresente primeiro, né... Igual eu fiz. Fale o curso e o ano que entrou na casa, também, pra todo mundo tá podendo ter conhecimento. Os bixos que estiverem presentes, a gente pode passar a fala no final pra eles tarem fazendo apresentação (...)"

(44 minutos e 8 segundos em campo)

Pedro: "Boa noite, galera, eu sou aqui o Pedro. Faço Farmácia... Na Farmácia entrei em 2016, na república entrei em 2017. Sou da Bahia aqui também, conterrâneo aí (incompreensível). Não é da mesma cidade, mas do mesmo estado, né. Bom eu to... to aqui na casa da minha mãe né, só aqui acompanhando pela net. Valeu, Geovanni"

Geovanni: "Qualé, galera, eu sou Geovanni... pra quem não me conhece aí, eu cheguei na república em 2019. Já tava em Ouro Preto antes, desde 2017. Mas entrei na república em 2017. Faço Filosofia, que nem o bahiano também... tamo aí, batalhei com o Daniel... tamo aí até hoje, firme e forte. Sou de Santa Catarina, mas eu tenho família aqui em Ouro Preto também... e é isso aí. Fala aí, Daniel"

Daniel: "E aí, galera... Sou o Daniel, eu entrei junto com o Geovanni, né... do 19.1, início do 19.1. Filho do Otávio, master... E eu faço Música, né, não sei se a maioria sabe. Sou de Ouro Branco, bem do lado ali... E primeira coisa que eu fiz quando passei em Música foi ir pra N1, né."

(...)

Eduardo: "Dá licença, posso fazer uma parte?"

Geovanni: "Fala aí, ô Eduardo"

Eduardo: "Tem que fazer uma parte, né possível... a humildade impera assim... nota 11. Se fosse até nota 10. O cara é filho do Otávio, que é um cara assim... mega estimado na N1, sabe, parceiro... Amigo de trocentas... Não tem um na N1 que não goste do Otávio, o Otávio é da N1 abraçado... Só sei lá, não concluiu o curso, não estudou, mas o Otávio é da N1. Isso já é ponto, né Gabriel, sabe... (incompreensível)."

Geovanni: "Capetinha, capetinha..."

Eduardo: "Aí que eu lembrei, e o outro... É amigo de quem?"

(...)

Gabriel: "Geovanni?"

Eduardo: "Sim..."

Geovanni: "Lucas que cê tá falando?"

Gabriel: "Ah, do Lucas! Filho do Lucas, ex-aluno (incompreensível)"

Eduardo: "Geovanni! Geovanni é filho do Lucas, um cara estimado, também... (incompreensível)"

Geovanni: "Ele batalhou junto com você, não foi?"

Eduardo: "Ele entrou comigo, (incompreensível) a gente entrou junto"

Geovanni: "Quando eu vim aqui na N1, quando ele veio aqui ele fala que não conhecia muito a galera da N1, mas que ele lembrava de você, que vocês batalharam juntos... No mesmo período"

Gabriel: "Geovanni, bora fazer o tour pela casa, então? (incompreensível)"

(...)

Gabriel: "Se vocês quiserem clicar só na telinha do Geovanni, do Matheus, né... É bacana pra gente acompanhar, ver como a casa tá, matar a saudade, né, já que a gente não pode estar lá fisicamente, né, vamos dar esse tour online"

(...)

Gabriel: "Quem já morou no Metro aí, galera, temos uma novidade... Quem já morou no (...) aí, sabe como era apertadinho, né, ele foi reformado recentemente"

Geovanni: "Então, eu ia começar mostrando isso mesmo, a gente tá com uma... a gente tá com uma reforma aqui no (...), oh (incompreensível)."

(...)

Geovanni: "A gente tá com um armário novo aqui, ó, um grandão... Antes era uma ararazinha pequenininha, né, agora é um armário maior... tá dando pra ver bem? Tem cama nova, também, a gente tá reformando agora, né (incompreensível) e tá com móvel novo também..."

Gabriel: "Aí galera, cês podem ir interagindo pelo chat também, que já morou aí no (...), já passou por esse quarto, dá um salve aí... bacana demais"

(...)

Geovanni: "Quarto do Daniel, aqui... tá com as minhas coisas nele porque o (...) tá, tá todo em reforma, né. Mostrar a sala, mostrar os bixos novos também."

(...)

Gabriel: "Aí, galera, só pra lembrar hoje nós estamos na república aí em quatro moradores e cinco bixos. Somos uma das poucas repúblicas federais que estão com as vagas totalmente esgotadas. A gente tá passando um problema em Ouro Preto que a maioria das repúblicas estão com vagas ociosas, a maioria das repúblicas aí com 40%, 50% de vagas ociosas... E a gente hoje tá com a casa cheia. Isso tem sido bem bacana pra sempre"

Ex-aluno: "Isso é um sucesso, tá. Desde a minha época, cara, esse negócio de preencher vaga era foda, viu... A gente ia pra rodoviária com plaquinha lá (incompreensível) a bixarada que tava chegando pro início do período. Ia com plaquinha lá, "Rep N1" tal e tentava angariar bixo novo, cara, é foda..."

Daniel: "Hoje em dia é mais fácil né"

Ex-aluno: "É, acredito que o fato da república ter aberto também pra outros cursos ajudou um pouco isso aí"

Daniel: "É, não, com certeza... Isso também é um ponto"

(...)

(1 hora 13 minutos e 15 segundos em campo)

Gabriel: "A ideia é que a gente consiga aproximar, fazer com esse 12 online, que esse encontro virtual seja o mais próximo possível de um encontro presencial. E a gente sabe que no encontro presencial a gente não vai estar todo mundo reunido na mesma roda de conversa, né. Cada pessoa às vezes vai conversar com o pessoal da sua geração... vai passar em várias rodas, então a gente quer achar uma plataforma que dê pra colocar... criar salas de conversa e no momento da homenagem todo mundo vem pra sala principal. A gente tá estudando, nós moradores estamos estudando. É uma novidade pra nós, né, é um desafio também nesse meio digital, mas vamos atualizando vocês aos poucos."

(...)

Morador: "(...) principalmente a gente vai retomar que esse ano foi meio difícil porque a gente perdeu dois ex-alunos, né. O Leonardo e o Henrique. Então a gente vai tentar fazer uma coisa mais especial pra eles."

(...)

Gabriel: "A gente vai retomar esse projeto da escrita do nosso livro e quem vai estar assumindo a frente desse projeto aí são os próprios moradores, que esse projeto do livro é importantíssimo pra gente registrar o patrimônio imaterial da nossa casa. Então, quem tiver relatos, queiram escrever histórias, novamente estamos recebendo os relatos pra fazer a compilação desse livro e devagar a gente vai conseguindo compilar tudo, né."

(1 hora 36 minutos e 45 segundos em campo)

Gabriel: "Eu passo a palavra pro Saulo Rios, se você quiser falar como ex-aluno mais velho, se quiser a palavra é toda sua, meu querido"

Saulo Rios: "Ok, ok, ok, minha gente, muito obrigado. É, olha, foi uma satisfação muito grande ouvi-los, entendeu? Vejo tudo como está a casa... Eu evidentemente sou tão antigo que sou... não morei nessa casa. Eu era da primeira N1, que era lá na rua de cima, atrás da Rua Nova(?) na Escola de Minas. Então eu conheço bastante da história, eu como um dos mais antigos que estive na casa. Gostei muito de ver vocês, ver o esforço que vocês estão fazendo e conta comigo. Vou tentar ajudar, ver se falo com os mais velhos também, pra poder manter a memória da República N1. Não esqueça meu nome de república é Jacaré. E muito obrigada por lembrar e quero sucesso principalmente na memória da casa que viria através do seu livro. Então eu fico satisfeito e vou participar de outras *lives* com vocês e estou aprendendo (incompreensível) (...) muito obrigado e boa noite pra vocês"

(...)

Saulo Rios: "É ele, é ele mesmo. Ó ele aí! É eu." (ao ser mostrado seu quadrinho na *live*)

Morador: "Era bonito, hein, cara!"

Saulo Rios: "Pra você ver, o tempo estraga, né"

(...)

Saulo Rios: "Vou mostrar pra minha mulher como eu era bonito!"

Esposa Saulo Rios: "Tem esse retrato seu na sala!"

Saulo Rios: "Tem esse retrato da sala, não esquece, olha lá"

(...)

Gabriel: "Rapaz... Isso aí é 1966!"

Saulo Rios: "É rapaz, é isso mesmo... Coisa estranha, né (incompreensível)"

(incompreensível)

Saulo Rios: "Olha, eu tenho hoje 78 (anos)"

(incompreensível)

Saulo Rios: "Quando eu era recém casado eu fui na festa do 12 e eu vi os velhinhos com 70 anos dançando, coisa horrorosa. Agora eu não vou não!"

Esposa Saulo Rios: "Não vai porque não aguenta!"

(...)

Ex-aluno: "Ô Saulo Rios... a minha história na república N1 começou em 1981. Fui aí morar com meu primo Raul, que era irmão do Carlos. (...) Enfim, e frequentei a N1, fazia escola técnica aí... em Ouro Preto, formei na escola técnica e no último ano que eu fiz... e frequentava a N1 desde 1981. Entrava pela janela, pulava a janela, eu era o mascote da turma na época do Augusto do Armando... (...) Eu sempre quando eu vou aí eu desafio essa turma. Conheço essa turma de chulezento toda de 81 pra frente. Já tomei todas com essa turma aí (...). Então seguinte, sou pai do Daniel que tá morando aí na N1 agora (...) desde 81 até hoje convivi com toda essa moçada, todo mundo gente boa... Então no último ano de escola técnica eu morei o ano inteiro aí, foi 85. Formei, trabalhei muitos anos, hoje sou advogado, já tem 20 anos que sou advogado. (...) Se essas paredes da N1 falassem... p***. (incompreensível)."

(2 horas 4 minutos e 37 segundos em campo)

Gabriel: "Que gostoso, galera, que bom, hein, ter esse momento com vocês, revê-los. É muito da hora, é muito bom ter esse carinho aí com todo mundo, né, da sua família (incompreensível)"

(...)

Morador: "Então vamos puxar aqui, ó...(começa o hino, seguido de outros na *live*)"

República N2 - Entrevista com ex-decana

Data: 16 de setembro de 2020

Local: Online via Google Meet

(...)

Raiane Rezende: Mas então eu já fiz essa pergunta para vocês né, mas vou fazer de novo. Como é que tá sendo a pandemia assim para você sozinha e para você como moradora da casa enquanto você ainda fazia parte (...)?

Carolina: Tá então, a pandemia para mim nossa, ela veio dando várias rasteiras em várias partes. Enquanto Carolina moradora da N2 foi terrível, (...) fiquei lá na N2 foi muito bom (...) porque eu fui aproveitar cada espacinho da casa né, então assim, eu amo aquela vista que a N2 tem. Eu pude aproveitar aquilo. Eu acho que se tivesse sido em época normal se eu tivesse ido embora em época normal não teria aproveitado tanto aquela casa. Eu passei lá fiquei lá de março a junho (...). Eu tive a sorte de ter o Rô de companhia, (...) ele é de Ouro Branco. Porque eu tava sozinha e ele também. (...) O meu quadrinho teria sido em junho. Um final de semana depois eu vim embora, aí foi muito triste perceber que era para N2 estar cheia de gente, cheia de ex-aluna... Cheia de amigos... E não aconteceu, né. E arrumar a minha mala... (...) foi muito triste também, sozinha, porque quando as meninas foram embora, as outras ex-alunas, que hoje são ex-alunas, nós moradoras acompanhamos, sabe a gente foi se despedindo aos poucos, e não aconteceu isso comigo, né. Eu tive que ir embora e aí as meninas vão voltar e eu não vou estar mais lá. Mas as meninas me ligaram no dia que eu vim para cá. Elas... pra dar tchau, assim, foi muito fofinho. Quando eu tava lá a gente sempre fazia video-chamada, fazia assim sempre mesmo. Agora deu uma diminuída, assim nosso contato... (...) agora eu tô em casa, fazendo o meu TCC também, pra formar né, mesmo que longe. É uma situação difícil tem que fazer o TCC em casa e apresentar em casa, provavelmente, mas tem que acontecer, né.

Raiane Rezende: (...) vocês tentaram tipo segurar de algum jeito? Tipo ficar se ligando, tentar manter uma conexão... (na pandemia)

Carolina: Então essa essa moradora nova, ela inclusive é muito quieta, então a gente não conhece muito ela. Ela não interage tanto no grupo, mas ela tá sempre nas ligações. Todo aniversário, aniversário de todo mundo, a gente tenta se ligar para dar os parabéns, para fazer uma homenagem. Porque lá em casa a gente sempre faz um bolinho, fazia alguma comemoração de alguma forma. Então a gente tenta ...não perder isso essa tradição. A época da festa junina, comentar, vamos conversar, vamos nos ligar e todo mundo se veste de caipira aí para gente fazer um arraiá virtual, assim... Eu tava jogando várias ideias, só que meio que não deu. Eu acho que eu sou a pessoa que mais puxa, assim, as meninas a ter contato, sabe. Eu tava com muito medo da mobile, sei lá, desistir, sabe. Porque, sei lá, não querer mais morar com a gente... porque ela nem teve tanto contato com as meninas (...). A gente fez 22 anos, a N2 fez 22 anos. A gente faz uma ligação com todas as ex-moradoras, com as meninas novas também. Com todo mundo, assim, todos os homenageados, também... para conversar um pouco, sabe. Para meio que comemorar essa data.

Raiane Rezende: Nossa, isso aconteceu quando?

Carolina: Isso foi (em) 25 de agosto.

(...)

Raiane Rezende: Agora né, durante esse momento, as relações normais de vocês continuam se mantendo (...)?

Carolina: Então, o que tem acontecido em questão de hierarquia, normalmente a mais velha ela fica mais responsável por... Por exemplo, eu fui avisar a sua entrada no grupo para as meninas e aí como a Luzia agora decana eu falei para ela avisar, né. Então é um exemplo, né. A gente tem outro grupo, que chama grupo do ponto, que é pra resolver pepino, só entre as moradoras, sabe... Então acho que esse seria um exemplo, não sei.

Raiane Rezende: Mas isso continua acontecendo agora?

Carolina: Sim, sim. A gente conversa bastante, lá entre nós. Eu tô lá ainda, mas logo eu vou sair, é um grupo só das moradoras. Tem algumas decisões que as meninas novas não sabem muito, né. Então a gente toma as decisões e joga lá para elas, depois da gente resolver.

Eu acho que esse seria o único exemplo... Do resto é tudo igual mesmo. Cada mês cada uma fica responsável pelas contas, né de fazer a presidência. E aí a presidente fica responsável de dar parabéns às ex-alunas no Instagram, teoricamente fica responsável por fazer postagem também. Mas isso é igual para todas, não faz diferente de hierarquia, não.

Raiane Rezende: E aí isso continua acontecendo à distância, vocês vão fazendo isso. Tem mais alguma coisa além disso?

(...)

Carolina: E é por ordem de hierarquia, isso talvez seja um exemplo. Então a Luzia fez de agosto, depois vem (...) as meninas que acabaram de entrar não entram nesse rodízio de presidência porque elas não sabem muito como que funciona, né.

Raiane Rezende: E aí quando vocês ensinam isso para elas?

Carolina: Então, a gente normalmente costuma ensinar presencialmente, né. (...) Eu imagino que até o final do ano, por exemplo, quando chegar a vez delas (...) ou quando der o oitavo, sétimo mês, a gente já conseguiu explicar certinho, sabe. Mas isso, pessoalmente, eu acho que não daria muito certo explicar à distância.

Raiane Rezende: Então (...) pessoalmente vocês esperam até o oitavo mês para poder começar?

Carolina: Isso. Primeiro é a decana. Por exemplo, foi em janeiro. Aí entram duas meninas, como é no exemplo. Aí a presidência delas seria até julho e agosto. Então até lá já daria tempo até de escolher elas, talvez. (...) Ela foi escolhida em julho do ano passado, e aí então já tava apta a fazer presidência.

Raiane Rezende: Mas você precisa ser escolhida para fazer a presidência ou é uma coisa que pode acontecer?

Carolina: Pode acontecer, pode acontecer. Porque a gente tenta não colocar bixo para fazer a presidência. Aí quando ela se torna moradora, ela faz a presidência. Mas não foi o caso

de outras meninas. Tinha algumas que demoraram tanto para serem escolhidas que já sabiam como que funcionava a presidência e quais eram as responsabilidades.

Raiane Rezende: E você tem algum exemplo pra dar do grupo onde vocês resolvem as coisas?

(...)

Carolina: Por exemplo, a sua entrada no grupo. Primeiro mandei lá, para avisar elas. E aí depois mandei no outro grupo, quando todas as meninas falaram "não, tá okay, pode adicionar". Aí eu pedi pra Luzia informar para as meninas, mas ela acabou esquecendo, por isso que demorou tanto. Aí eu mesmo mandei lá para as meninas e expliquei que você tava fazendo TCC, e tal, pra elas não acharem que você seria outra moradora.

(...)

Raiane Rezende: E vocês pretendem voltar para Mariana quando? Tem uma data?

Carolina: Eu não sei quando eu volto. Eu provavelmente volto só para pegar meu diploma mesmo. Eu não sei se as meninas estão planejando voltar para pegar as coisas delas. (...) Eu acho que eu volto... Por exemplo se as coisas voltarem ao normal em janeiro, eu quero voltar em janeiro, sabe. Se as meninas foram para lá também, né. Pra encontrar com elas o quanto antes.

Raiane Rezende: E quando você saiu do decanato da casa?

Carolina: Eu acho que eu posso falar que foi quando eu vim para casa. Quando eu deixei a casa. Mas assim, eu ainda eu tô no limbo, assim. Eu não me sinto que eu deixei de ser moradora, mas também não me sinto como ex-aluna. Eu tô lá no processo. Mas eu não sou decana, mais (...) eu não tenho responsabilidade de decana mais.

(...)

Raiane Rezende: E como que você vai fazer com o quadrinho?

Carolina: O quadrinho eu vou fazer junto com a Luzia (...). Provavelmente quando as coisas voltarem ao normal, imagino. Não sei se as meninas vão preferir esperar mais, mas eu quero fazer o quanto antes mesmo.

(...)

Raiane Rezende: E como você está se sentindo com isso de você não sai mais decana da casa?

Carolina: Então, eu tô digerindo... Eu percebi que eu não era mais decana quando a gente fez aniversário de chamada, e aí uma das ex-alunas perguntou quem é a decana agora, aí alguém respondeu "é a Luzia". Eu fiquei tipo "gente, eu não sou mais decana...". E eu fiquei bastante tempo sendo decana, aí eu tava digerindo essa situação, porque é muito estranho foi um negócio que me pegou de surpresa.

(...)

Raiane Rezende: E por que tá sendo complicado assim lá?

Carolina: Eu acho que é porque, ah... Além de ser pega de surpresa... Não a pergunta dela, mas todo o processo de ter de sair sem me despedir das meninas, voltar pra casa do meu pai. Eu pretendia ficar em Mariana mesmo sem morar na N2. Não participar mais das decisões, apesar de as meninas nunca falaram "oh Carol, agora você não participa mais, a gente que decide as coisas". Mas eu tento ficar mais de longe, observando. Tô igual a você lá naquele grupo.

Raiane Rezende: E por que você acha que essas coisas são importantes pra você (...)?

Carolina: Eu acho que seria fechar um ciclo, né. Seria colocar um ponto final mesmo, sabe. E aí eu tô aqui... "gente, quando que eu vou sair do grupo?". (...) Eu queria conversar com as meninas, não queria sair de repente, "Ô, gente, tô saindo, tchau". Mas queria talvez fazer uma vídeo chamada com elas e falar "gente, agora oficialmente eu não sou moradora". Eu to só esperando meu TCC. Eu queria apresentar meu TCC e aí, assim... Falar "gente, agora eu formei

mesmo, não tem mais porque eu ficar aqui, não volto mais pra Mariana como uma moradora". Já planejei isso. Mas eu acho que é difícil pra mim porque foram muitos anos né... (...) eu tenho um amor muito grande pela N2, então eu sempre quis fazer coisas que beneficiassem a república, eu gostei muito de ser decana. Por mais que eu tivesse que resolver pepino (...) e aí foi muito estranho isso acabar sem um ponto final mesmo. Sem o quadrinho, sem fechar o ciclo. Parece que o ciclo tá meio que aberto, assim, que eu não consegui fechar ele direito.

(...)

Carolina: (...) a gente tem um começo, que é entrar na casa e um fim que é colocar o quadrinho na parede (...).

(...)

Raiane Rezende: O que é pra você, você ter essa vida dentro da casa e você ter o quadrinho no final? (...)

Carolina: Nossa, o que é pra mim? Estranha essa pergunta. Não que perguntar isso é estranho, mas porque eu não sei a resposta. Eu acho que é seguir uma tradição mesmo, é muito importante. E ver o quadrinho das meninas ex-alunas lá na parede como se elas fossem parte da casa, sabe. Todas elas tiveram uma história lá e quando elas formaram e colocaram o quadrinho na parede isso representa o fim da história que elas tiveram na N2 e de tudo que elas fizeram para república. Eu acho que eu queria isso também. Queria ter tido essa chance de fazer parte da tradição, sabe. Durante o tempo que eu morei na N2 eu tentei criar histórias, sabe, tentei deixar uma marca lá na república.

Raiane Rezende: O que foi importante para você em cada fase dentro da casa?

Carolina: Cada fase? Cresci muito morando lá na N2, eu aprendi muito. Eu acho que no começo sendo bixo foi importante criar relações com pessoas que eu não conhecia. Foi importante aprender a morar longe de casa. Aprender a ficar responsável por mim mesma e me sentir independente. Depois, quando eu fui escolhida, foi muito gratificante (...). Quando eu passei a ser vice-decana, eu passei a pegar responsabilidades e me esforçar mais pra fazer as coisas na república. Eu acho que se eu tivesse morado em algum outro lugar, se eu tivesse

morado sozinha, eu teria feito muito mais coisa na graduação. Eu acho que foram 2 graduações, uma na N2 e uma de Letras mesmo, porque eu fiz muita coisa pela república. A gente morava em outra casa, não sei se você lembra da época.

Raiane Rezende: Eu lembro disso, mas eu não consigo lembrar da casa.

Carolina: É, eu acho que um dia você foi lá na outra casa, quando você morava na (outra república).

Raiane Rezende: Sim, eu lembro que isso aconteceu. Acontece muita coisa na Ufop, meu deus do céu.

Carolina: Pois é, isso que a gente tem... Essa sensação. Acontece muita coisa em pouco tempo. Parece que que vivi 10 anos lá. Então eu criei um afeto pela cidade, república, pelas pessoas, muito grande, porque eu me sinto como se eu tivesse morado 10 anos lá, sério. Quando eu virei vice-decana a gente trocou de casa (...). Foi um marco, eu acho, na N2. Porque as ex-alunas tavam todas muito tristes da gente sair da N2, de sair daquela casa que ficou lá por 16 anos se eu não me engano. Mas a gente precisava sair. E aí eu já fui pegando as responsabilidades (...).

(...)

Carolina: Sempre peguei as coisas pra fazer, sabe, porque sempre precisa de uma pessoa mais assim, líder, né (...). E aí eu acho que quando eu virei decana nem fez tanta diferença porque eu já me sentia decana na época. E eu queria fechar esse ciclo, com o meu quadrinho, tendo o quadrinho, me despedindo real das pessoas, assim... Festejando de fato, toda a história que eu passei lá.

Raiane Rezende: Mas você tá ansiosa pra começar uma vida diferente ou você tá... Triste de sair de lá?

Carolina: Fiquei triste, fiquei muito triste, mas eu já tô bem, (...) é que assim eu não terminei né a graduação então eu acho que não dá para ficar... Para planejar de fato as coisas

para a próxima fase, assim. Mas eu quero... Já tenho pensado em mestrado, já tenho pensado em outras coisas e ficar por aqui mesmo. Eu não pretendo voltar para lá, não.

(...)

Raiane Rezende: E você pretende voltar e visitar?

Carolina: Com certeza, com certeza. É triste estar no grupo ainda e aí as meninas falam "quando gente voltar a gente fazer isso e isso" aí eu fiquei assim... gente me chama, quero participar também! Mas é normal, é questão de apego, a gente tem que se desapegar aos poucos.

Raiane Rezende: Você acha que acabou e é algo separado da sua vida ou faz parte da sua vida, que você vai levar com você?

Carolina: Não, faz parte, com certeza faz parte. Na verdade, acho que é os dois, né? Quando a gente tá em Mariana somos pessoas diferentes e eu não sei como eu vou ser a partir de agora. Eu não sei quem vai voltar para Mariana se é a Carolina de Mariana ou essa Carolina que voltou para casa, sabe. É porque a gente cresce tempo todo, né a gente tá em crescimento.... A Rai de hoje não é a Rai de ontem, já mudou. E aí eu acho... Por mais que eu vou levar N2 e a história que eu tenho de lá pro resto da vida eu já sou uma pessoa diferente, sabe. Eu acho que a Carolina de Mariana não vai voltar mais.

(...)

Raiane Rezende: (...) e aí acaba (a vida em Mariana) e você tem que lidar com pessoas de outra realidade. Você sentiu isso?

Carolina: Sobre essa pergunta, eu não tava com medo na época porque eu não tinha considerado voltar pra casa, a ideia era ficar lá em Mariana mesmo. Eu tava trabalhando e já tava planejando encontrar outro lugar pra morar. E eu acho que ficando lá eu ia ter mais contato com as meninas... As coisas iam mudar, né, porque quando a gente sai da república... Eu imagino, né, que eu ia ter outras responsabilidades, outros compromissos. Mas não imaginava que eu ia voltar pra casa. Eu ficava meio assim de voltar pra casa e perder a liberdade que a

gente tem lá. Não a liberdade de sair, mas a liberdade de fazer o que a gente quer a hora que a gente quer. Ter essa autonomia da nossa vida.

Raiane Rezende: Você se sente mais livre em Mariana, então?

Carolina: Com certeza.

Raiane Rezende: E onde você se sente mais segura?

Carolina: Em casa, eu acho, na casa do meu pai. Segura assim de todas as formas. Tanto e que eu recebi muito amparo da minha família né, (...) e eu acho que se eu tivesse em Mariana as coisas seriam diferentes. Não teria ninguém pra cuidar de mim mesmo e eu precisava de alguém pra cuidar de mim.

(...)

Raiane Rezende: Como você vê a república e a cidade de Mariana? Quais são as diferenças de morar em uma república e de só morar em Mariana?

Carolina: Nossa, toda. Eu acho assim... Que se eu tivesse dividido casa com uma ou duas pessoas ou tivesse morado sozinha eu teria voltado pra casa. Porque morar em uma república a gente constrói uma família, mesmo. E aí é normal sentir saudade de casa se sentir insegura e você tem pessoas que passam por isso com você, pessoas que já passaram por isso e sempre tão lá do seu lado. Eu não sei se em uma pensão ou só dividir uma casa com outras pessoas tem o mesmo efeito.

(...)

Raiane Rezende: E quando você tava lá você preferia ficar em casa ou socializar com as pessoas de Mariana?

Carolina: Não, eu gostava de socializar.

Raiane Rezende: Com todo mundo de Mariana?

Carolina: Com o máximo de pessoas possível. Por isso eu fiz parte de um projeto voluntário e foi ótimo porque lá eu pude conhecer as pessoas de Mariana mesmo. Porque tem aquele negócio né, a universidade e Mariana são duas bolhas muito distantes e o contato que eu tive com as pessoas de Mariana foi ótimo quando eu participei desse projeto. Conhecer a história de Mariana mesmo foi maravilhoso.

Raiane Rezende: Por que você acha que são duas bolhas muito distantes?

Carolina: Primeiro que as pessoas de Mariana não sabem que a Ufop é acessível, né, deveria ser pelo menos. Tem pessoas que não sabem que podem passar por lá, entrar a hora que quer. E quando a gente vai pra Mariana e mora em república e vai pra universidade, a gente não tem contato com os moradores, nascidos em Mariana. A gente tem contato entre a gente. Dificilmente a gente troca ideia com pessoas que nasceram em Mariana. Durante a graduação inteira eu tenho uma amiga de Mariana, que eu conheci na Ufop. E aí depois no meu último ano que eu fui me aproximando mais da população marianense, porque a gente não tem esse contato.

Raiane Rezende: Mas essa distância foi uma coisa que sempre te incomodou ou que mais pro final você pensou que seria legal de fazer?

Carolina: Então, poxa, sempre me senti incomodada. Porque moro em Mariana, mas não sei da história de Mariana, não conheço as pessoas de Mariana. O máximo que conheço é o cara dono da vendinha ali, dono do bar. Poxa, eu moro em Mariana e não sei da história

Raiane Rezende: Você acha que as Repúblicas fazem esse distanciamento de forma proposital é uma coisa que só acontece mesmo?

Carolina: Eu acho que rola um preconceito sabe das repúblicas e do povo de Mariana. Começa pelo fato de chamar as pessoas de lá de nativo. Que? De onde veio esse nome? Esse título de nativo? Como assim? Você já imagina um indígena, né? E aí não tem convite pros rocks, normalmente só tem pessoas da universidade, dificilmente tem pessoas de Mariana mesmo, se tem você fica "Nossa, você é de Mariana, por que você tá aqui?" Eu acho que é proposital. E aí uma experiência que eu tive, foi uma experiência péssima, mas é uma

experiência. Quando a gente tava lá na N2 em menos pessoas a gente tava buscando dinheiro loucamente para poder pagar o aluguel né a gente não ficar endividada. Ou então falidas. A gente teve a péssima ideia de alugar a casa pra um rock de aniversário de uma menina. A gente sentiu confiança porque a mãe dela foi lá junto era uma menina de 14 anos. A gente fez contrato e tudo. Mas a menina fez um rock mesmo e convidou várias pessoas muito estranhas. (...) A gente achou que ia ser assaltada. Foi terrível. E a gente viu que a menina meio que tava querendo fazer aquilo pra fazer parte, pra se sentir incluída (...). Pra sentir parte desse movimento de república, aniversários. A menina era menor e os convidados eram todos menores. 80% eram homens. Tinham homens mais velhos também e tinha muita bebida. A gente não sabia que ia rolar isso e no final a polícia bateu lá. Então foi uma experiência bem difícil e aí rolou briga lá na frente de casa, então foi uma experiência péssima. Mas eu pude ver que Mariana tenta participar desse movimento de república, de universitários, de universidade. E aí a gente meio que fecha, sabe. Eram principalmente pessoas lá do bairro Santo Antônio, lá da Prainha e é o maior preconceito que existe. O projeto que eu fiz parte é lá do bairro. Os universitários tem muito preconceito com o bairro, que é lá no início de Mariana é um bairro muito carente, sabe e os universitários morrem de medo. Eu nunca tinha ido pra lá antes de fazer parte do projeto.

Raiane Rezende: Você acha que essa coisa das repúblicas se fecharem é só um preconceito ou é baseado em experiências também? (...)

Carolina: Eu acho que é da experiência também, porque várias pessoas de Mariana, principalmente as mais velhas, não gostam de universitários. Principalmente de república. Universitário não, república. Não gosta porque faz barulho, faz bagunça, incomoda. Acho que aí as pessoas que moram em república meio que criaram um bloqueio de não interagir com essas pessoas que não gostam da gente. Mas a gente acabou generalizando, não é todo mundo, tem as exceções.

(...)

Carolina: Talvez seja uma forma de segurança, mesmo, mas eu falo não só de rock porque rock é difícil, é complicado, é uma realidade diferente do resto do mundo, nós na universidade de Mariana, mas eu falo do dia a dia também sabe, esse diálogo. Eu já tive experiências péssimas com pessoas que moram em Mariana. Homens. Quando a gente vai no snooker (...) já fui desrespeitada em lugares assim, sabe. Mas eu não sei se isso é problema de

Mariana, de todos os lugares, mas eu falo disso de trocar ideia com a população, com uma criança que seja, sabe.

Raiane Rezende: (...) como tá sendo o processo de sair da casa pra ir pra casa do seu pai?

Carolina: (...) eu vinha para cá pouco, eu vinha nas férias e aí eu me sentia a visita. Agora sou moradora de novo tipo aqui, estranho falar moradora da minha própria casa, tem que lidar com as pessoas daqui e foi diferente E eu não tenho mais essa liberdade, sabe, faço minhas coisas a hora que eu quero, vou comer a hora que eu quero (...) vou limpar a casa na hora que eu quero, foi se acostumar com isso. São regras diferentes.

Raiane Rezende: (...) você tá passando por algum processo psicológico de mudança, assim?

Carolina: Eu acho, ao meu ver eu acho que não. Pelo menos não conscientemente.

Raiane Rezende: Como você acha que vai ser daqui pra frente?

Carolina: Ah, eu não sei. Eu quero muito arrumar um emprego pra logo sair daqui também, não que eu não goste de morar com meu pai, mas quero ter meu espaço de novo. Isso é uma experiência muito boa que tive na N2. De poder me conhecer mais, sabe.”

Raiane Rezende: A N2 era uma liberdade e a casa do seu pai é a segurança e você quer um lugar seu onde você acha que vai ter os dois?

Carolina: "Isso, obrigada, sim."

República N2 - Entrevista com a atual Decana

Data: 17 de setembro de 2020

Local: Online via Google Meet

Raiane Rezende: (...) você meio que é decana da casa agora (...)?

Luzia: A Carol que era decana antes, né? A gente entrou... A Carol era decana e eu era vice-decana. E daí quando surgiu esse rolê da quarentena todo mundo foi para casa. Continua a mesma coisa né, porque teoricamente todo mundo iria voltar para república quando as aulas voltassem a ser presencialmente e continuaria normal, porque eu e a Carol, a gente tava no nosso último período, né. No 20.1 seria o último período meu e dela, mas como aconteceu isso ela falou, né que ela conversou com pai dela e tudo mais e como ela só tinha o TCC para fazer, ela já não tinha nenhuma aula estágio nem nada, ela resolveu que ela conseguiria fazer o TCC a distância, né. Ela vai tentar fazer o TCC agora também, nesse período, e aí não tem necessidade de voltar mais. E aí ela foi e passou isso pra gente, né. E aí como eu era a próxima na hierarquia, como eu era a vice-decana, eu agora sou a decana, né, mas como a gente tá distante tudo mais, não foi realmente oficializado, né. Vai ser só quando a gente voltar mesmo porque agora à distância não tem muito que fazer mesmo.

Raiane Rezende: E aí isso vai sair depois que ela fizer o quadrinho dela?

Luzia: Não, então, o quadrinho dela a gente ia fazer juntas. (...) Eu no meu caso, falta só o TCC, TCC dois, né e... Estágio, meu estágio obrigatório. Então eu tô pegando para fazer meu TCC também, eu vou começar a ter orientação agora e vou tentar adiantar o máximo que eu puder, mas eu ainda tenho que voltar por causa do meu estágio. Tenho que ficar lá um período porque eu tenho que fazer o estágio obrigatório. Então a gente ainda não tem data de quadrinho que teoricamente até então a gente pretendia fazer juntas três. Mas assim que as aulas voltarem presencial e mesmo que a Carol já não volta mais, independente. E assim que as coisas voltaram ao normal e a gente voltar para república aí eu já vou ser a decana, né. Porque eu vou ser a mais alta hierarquia ainda morando na república e a gente vai tá com calouras e tudo mais, então querendo ou não eu já tenho que começar a agir como a decana por questão de ordem também, de organização de passar para as meninas que vão estar entrando. Então não depende

do quadrinho da Carol e nem da colação, sabe. Como ela já saiu da República e não volta mais, a partir do momento que eu for para lá que as coisas voltarem ao normal e presencialmente, daí eu já começo com o decana né, eu já volto como decana oficial.

Raiane Rezende: E como que você tá se sentindo com esse processo de ficar esse tempo como decana e aí logo depois se formar e sair da casa?

Luzia: Assim, eu não tava esperando que eu fosse chegar a ser decana, né. Como eu e a Carol a gente entrou juntas, a gente tava imaginando também que as duas formariam juntas e que eu só ia ser vice-decana dela mesma, não chegaria a ser decana. Então isso... Eu fui pega de surpresa, um pouco. Mas desde que eu tô lá na república já tiveram três decanas desde quando eu entrei (...) e a Carolina foi a decana então assim, eu aprendi bastante com as três sabe, acho que todo mundo assim na República teve ótimas experiências de decanato. Então só fui pega de surpresa mesmo, mas não vejo nenhum problema nisso porque eu já tive experiências com as antigas decanas e é uma coisa assim de muita responsabilidade, digamos assim. Porque tem questão das ex-alunas, também que cobram mais da decana às vezes para questionar como que tá a casa como que tá indo com a calouras, né. (...) vou ficar só mais um semestre e aí vai ser um semestre de decanato meu, mas ao mesmo tempo já preparando a próxima decana que vai vir depois de mim e aí essa decana sim vai ficar mais tempo do que eu. Eu acho que deve ficar um ano e meio ainda de decanato. Então vai ser mais um período para mim, né. Vai ser um período pequeno em que eu vou preparar a próxima também, né.

Raiane Rezende: Mas o que que você sente, assim, além de não se sentir preocupada? Não tem outras coisas que você sente com relação a isso?

Luzia: Ah, é muita... Eu sinto que é muita responsabilidade, né. Porque é a decana que cuida da parte financeira da República, que organiza as reuniões que tem dentro, que a gente faz reunião na República a cada 15 dias ou uma vez no mês, então é sempre a decana que organiza. É a decana que puxa fala mais vezes para tentar ensinar para as meninas novas que tão chegando. Então assim, eu não tô tão preocupada, por... igual eu falei, já ter presenciado muitas vezes esse tipo de coisa. Mas ao mesmo tempo eu sinto que é um cargo, digamos assim, de muitas responsabilidades, né. Mas... no mais não tô... Acho que é isso, mesmo.

(...)

Luzia: (...) quando eu entrei na República lembro que as meninas mais velhas brincavam “ah, quem de vocês vai querer ser decana?” e eu falava antes que não. Eu falava assim “ah, eu tenho medo, né muita responsabilidade, a república na mão da gente”. Mas depois que a gente vai crescendo ali na república a gente vê que mesmo que por ordem de hierarquia a decana seja a mais alta a república não depende só dela, né. É todo um conjunto, depende de todo mundo que tá morando juntas. Então ao longo do tempo eu fui desconstruindo essa coisa de ter medo de ficar assustada com essa posição. Mas agora eu tô... Acho que eu vou até gostar, apesar do período ser pequeno. Eu vou gostar de durante um periodozinho ter essa responsabilidade, sabe e ter que... Ah, não sei eu tô conseguindo me expressar direito.

Raiane Rezende: O que você vê de positivo pra quando você começar a fazer as coisas na prática?

Luzia: Ah, a gente, lá na república sempre que a gente tem reunião e a gente vai falar com as meninas novas a gente sempre fala que assim... A gente usa hierarquia como uma forma de organização e uma forma de aprendizado para vida, também. Porque quando a gente sai da faculdade e a gente vai pro mercado de trabalho a gente nunca começa de cima, né, a gente sempre vai subindo uma escadinha e conquistando as coisas. Então a gente usa a hierarquia como isso, né, então eu fui subindo a minha escadinha ate chegar nessa posição de decanato, então mesmo antes como vice-decana eu já tinha algumas responsabilidades, que eu e a Carol a gente sempre tomava as decisões juntas, a gente sempre conversava sobre as coisas da casa, mas agora não sei. Eu sinto que depois que eu formar, depois que eu sair é um aprendizado que eu vou levar pra fora dessa vida republicana que eu sei que vai ser uma coisa que vai ser muito útil na minha vida no mercado de trabalho e tudo mais, eu que todo mundo quando tá no começo começa de baixo e vai subindo as escadinhas até chegar no topo, né, digamos assim. Que depois de decana o cargo mais alto é ser ex-aluna, né, mas eu acho que... pelo menos eu não sei como que funciona em todas as repúblicas, mas é assim que a gente trata na N2 toda essa questão de hierarquia e eu acho que é muito válida pro nosso convívio dentro da república e pra aprendizagem própria, sabe (...)

Raiane Rezende: Você acha que não é um modo de hierarquia muito tradicional? Vocês dão um outro nome para como que a hierarquia funciona na casa de vocês.

Luzia: É, sim. Não é aquela coisa tradicional de Ouro Preto, assim. (...) desde que eu entrei na verdade na República, né, as decanas que eu presenciei é... A gente usou a hierarquia desse modo. Mais como uma forma de organização, mesmo. E daí a gente usa em tudo que vai decidir na casa, desde os dias de faxina, é... Dia da semana que vai lavar roupa... A gente usa a hierarquia pra organizar esse tipo de coisa. Mas todo mundo dentro da casa faz a mesma coisa, sabe. Igual... Todo mundo faz faxina igual. Decana faz faxina, vice-decana... Moradora e caloura. Todo mundo tem as mesmas funções. A diferença é que a gente usa a hierarquia para fazer a escolha, daí a gente começa pela decana. Ela tem prioridade para escolher o dia que ela quer fazer a faxina, o dia que ela quer lavar roupa, essas coisas assim. E aí a escolha vai acontecendo por ordem de hierarquia, né. O que gente tem assim de mais tradicional é porque as nossas ex-alunas elas são... Como tem algumas que são de épocas mais antigas, elas gostam das coisas assim mais republicanas, mais tradicionais, digamos assim. Então isso (...) essa questão de caloura ter que servir... Essas coisas. Dentro de casa, a gente mesmo no convívio, a gente não tem disso. Todo mundo, quando a gente junta para fazer um social ou para fazer um churrasco, alguma coisa, todo mundo ajuda. Todo mundo faz tudo, todo mundo serve. A gente sempre conversa com as calouras que algumas ex-alunas, nem são todas, fazem questão de serem servidas pelas mais baixas da hierarquia, sabe. Mas a gente mesmo, atualmente, desde que eu entrei na república, né, já tem 4 anos, a gente usa no nosso convívio assim diário no dia a dia só como questão de organização mesmo.

Raiane Rezende: Quanto que você acha que a hierarquia menos tradicional afeta vocês como casa e quanto que você acha que as ex-alunas influenciam em vocês?

Luzia: Eu acho que o jeito que a gente usa a nossa hierarquia (...) eu acho que não atrapalha em nada, na verdade, porque a gente conseguiu passar até hoje para as pessoas que as que entraram depois de mim, né, a gente conseguiu passar como que é essa vida republicana. A gente conseguiu fazer as meninas entenderem, porque tem muita gente que mesmo com o nosso método de hierarquia não concorda muito com isso. Mas a gente tenta fazer as pessoas entenderem que é uma forma de crescimento. Que a gente chega e vai para o menor quarto e aí com tempo a que está mais alta hierarquia vai formar, vai sair, e aí a gente vai subir também nos quartos. A gente tenta fazer todo mundo entender que é uma coisa não totalmente positiva, mas que a gente usa para a gente da maneira mais positiva que a gente pode fazer acontecer, né. Que em algum momento todo mundo vai chegar até os benefícios. Que teoricamente as mais altas na hierarquia tem, né. Que eu falei de poder escolher primeiro e tudo mais. (...) A gente

na república, na N2, tipo assim, é bem como uma família mesmo, sabe. A gente vai entrando e aos poucos vai conhecendo as ex-alunas, os homenageados, vai criando contato... E aí faz o aniversário da república, que junta sempre quase praticamente todo mundo. A gente sempre vai criando um vínculo maior. (...) Quando eu cheguei na República a casa tava toda completa. Era uma casa pronta. Eu só tive que levar a cama. Tinha guarda-roupa e a casa tinha TV, máquina de lavar, geladeira, tudo. Era uma casa completa e isso foram coisas que as ex-alunas foram conquistando, né, de geração em geração. As meninas que vão passando na República vão construindo, vão deixando coisas para as que vão chegando. Então, assim... A geração que tá presente na República, ela tem autoridade e tem voz pra fazer o que sente que a república tá precisando e em relação a isso as ex-alunas não opinam tanto. (...) A gente mudou de casa, né. Quando eu entrei na N2 a gente tava em uma casa que a N2 já estava lá há 16 anos se eu não me engano. Só que a situação da casa era péssima, péssima. Tinha goteira quando chovia, tinha muito mofo e assim, era horrível. E nenhuma das outras ex-alunas... No começo ela chegaram a reformar, pintar a casa... Mas chegou a um ponto que não dava pra morar e aí foi a minha geração (...). A gente decidiu mudar de casa, né, que a gente viu que precisava de procurar um lugar melhor que tava difícil de viver lá na casa antiga e foi uma decisão assim, que a gente tomou e a gente comunicou só as ex-alunas. (...) A gente não foi pedir opinião ou pedir pra fazer. A gente só foi comunicar que a gente tava fazendo aquilo e elas super apoiaram a gente, sabe. Então eu não sinto que elas têm tanta influência a ponto da gente ter que recuar de fazer certa coisa ou ter que pedir para elas para a gente fazer. Mas... Em alguns momentos a gente prefere escutar elas ou prefere ir pedir um conselho ou perguntar alguma coisa só pela experiência que elas já tiveram antes da gente, sabe. (...) Por elas já terem passado por isso e terem mais sabedoria sobre esse tipo de coisa, às vezes a gente vai perguntar, vai pedir opinião. Mas, a sensação que eu tenho na verdade desde que eu entrei é que a geração que tá presente ali no momento da república, que tá tocando a república para frente, cuidando de tudo, tem autonomia para fazer o que acha que é necessário, sabe.

Raiane Rezende: E em quais pontos que vocês acham que elas influenciam?

(...)

Luzia: (...) eu falei mais no sentido de... Às vezes a gente ter alguma dúvida em relação alguma coisa da república ou então dúvida sobre o que fazer... Tipo uma coisa nova que nunca tinha acontecido com a gente antes, mas que a gente sabe de histórias que já aconteceram no

passado. Daí eu falo nesse sentido ir de perguntar pra elas e ouvir a experiência delas, né, ouvir a história delas, o que já aconteceu antes e pedir mesmo uma opinião, pedir uma dica, assim, mas eu falo nesse sentido mesmo.

Raiane Rezende: E quando elas estão presentes no evento da casa, tipo aniversário, vocês se comportam de uma forma diferente com elas?

Luzia: Não, é normal. (...) É bem difícil conseguir juntar muitas assim. Às vezes uma ou outra vai... Tem uma ex-aluna que mora em Mariana, então ela tem mais contato com a gente, mas por ela morar em Mariana e sempre frequentar a república, ela já virou amiga de todo mundo, sabe, então todo mundo tem uma relação ótima com ela de amizade, amizade mesmo. Mas quando a gente tem evento igual o aniversário da república, essas coisas assim que juntam um número maior de ex-alunas, ninguém muda o comportamento, nem nada. (...) O último aniversário (...) que teve todo mundo e aí as ex-alunas, elas vêm mais para aproveitar, mesmo. Elas vêm pro reencontro pra se verem, para conhecer as moradoras atuais, as que ainda não conheciam... E pra aproveitar. E a gente, moradoras da geração atual, que organiza, que trabalha que faz tudo acontecer. Mas em nenhum momento a gente se sente retraída ou acha que tem que agir de maneira diferente com medo do pensamento, do julgamento delas, sabe. A relação de todo mundo é bem... Bem bacana assim.

Raiane Rezende: Por que você acha que algumas ex-alunas mais antigas fazem questão de... Dessas tradições de repúblicas (...) mais ouro-pretana?

Luzia: É porque tem... É porque a N2 sempre foi uma república de Mariana, né, mas tiveram ex-alunas das gerações passadas que tinham muito contato com Ouro Preto, sempre tavam em Ouro Preto... E algumas namoraram muito tempo com pessoas que moram em república em Ouro Preto, então tinha um contato muito direto com o meio republicano de lá. Eu acho que na época elas meio que traziam um pouco disso para N2, sabe. Então... Dá para ver que as ex-alunas que não tinham tanto esse convívio em Ouro Preto são mais tranquilas, mas as que conviviam mais... Não sei se sentiam influenciadas ou se era por estar tanto naquele meio (que) achava que era o certo, né, o tradicional de república mesmo.

Raiane Rezende: E o que vocês têm tradicional hoje?

Luzia: Eu acho que a hierarquia, principalmente, mas... (...) A nossa república tem bandeira, que é uma coisa tradicional de república, a gente tem o hino que também é tradicional. Tem a hierarquia, tem a inauguração de quadrinho, as comemorações dos aniversários... Essa questão de manter o contato com as ex-alunas e tentar sempre estar aproximando a geração atual com a geração antiga... Eu acho que mais é isso. É o que a gente mais tem assim na N2.

Raiane Rezende: E o que você acha importante em manter contato com as ex-alunas?

Luzia: (...) A gente na N2 é bem mesmo como uma família. Não é só uma casa onde a gente divide quarto, divide conta, não... Todo mundo é bem próximo, todo mundo tem intimidade um com outro e convive ali mesmo além só da divisão de casa, né todo mundo tem uma relação de amizade ali. E... desde que eu entrei na casa das meninas antigas que estavam aqui falavam com a gente das ex-alunas. Que mesmo depois que a gente forma e sai da república não quer dizer que a gente tem que quebrar esse vínculo, não quer dizer que "morei ali, formei, ponto, não preciso voltar". Claro que tudo isso parte da vontade de cada um. (...) No meu caso se eu for uma pessoa que entrei na república, me adaptei a morar na república, conheci a história, criei vínculos com muita gente... Depois que eu sair com certeza não vou querer cortar esse vínculo e vou querer voltar e querer conhecer como ex-aluna as próximas meninas que vierem. Então eu acho importante a gente ter esse contato porque foram as ex-alunas que criaram a história até o momento que eu entro na casa, né. Elas que levaram a república pra frente e... Elas escolheram depois de formadas continuar com esse vínculo de ter a preocupação de como que a casa está (...) se casa ainda tá em boas mãos, se as próximas gerações vão conseguir levar a casa adiante igual elas levaram... Então eu acho importante a gente ter esse contato porque é um acúmulo de experiências, né.

Raiane Rezende: (...) vocês mantêm a tradição também de contar histórias de ex-alunas ou de contar pras pessoas novas o que vocês já viveram (...)?

Luzia: (...) quando chegam as calouras a gente... Quando elas vão olhar a vaga a gente explica mais ou menos como que funciona dentro da república, né. A gente explica a divisão de quartos, a gente explica que a gente tem a hierarquia como forma de organização, explica como que funciona a faxina, essas coisas assim. E aí partir do momento que a pessoa começa realmente a morar, a gente vai fazendo reuniões. Primeiro a gente faz reuniões para se apresentar entre nós mesmo, as que tão morando atualmente. (...) Aos poucos a gente vai

contanto, a gente vai explicando o porquê de ter a hierarquia, como que a gente usa a hierarquia, e aí a gente mostra os quadrinhos, né, que a gente tem nas paredes que são das ex-alunas... A gente explica como funciona esse ritual de colocar o quadrinho na parede, e aí aos poucos a gente vai explicando e mostrando como que as coisas funcionam, sabe. (...) A gente vai explicando mesmo, contando a história de que as ex-alunas, as que tavam antes da gente foram construindo a república aos poucos, foram adquirindo as coisas que a casa tem aos poucos e passando pra frente. (...) Com o tempo, quando vem uma ex-aluna ou outra que... Elas contam mais histórias e se apresentam, né, mesmo para as meninas mais novas que ainda não conhecem.

Raiane Rezende: E porque você acha que é importante isso de compartilhar suas histórias com outras pessoas (...)?

Luzia: (...) as histórias... (...) São lembranças que a gente tem mesmo. São momentos que acontecem dentro da república ou então com as pessoas da república nesse meio universitário, né. São lembranças e memórias boas que a gente tem... E que é uma coisa que a gente não conta porque é obrigado a contar a histórias e coisas do tipo. É só porque quando a gente está conversando e aí uma puxa "ah, cê lembra quando isso aconteceu..." a gente vai contando, assim, esporadicamente, mas... Não tem um ritual, assim, de ter que contar, são só coisas que vão acontecendo naturalmente, mesmo e com o tempo e com a convivência, às vezes também com dúvida ou questionamento das meninas que vão chegando mais novas, né, com o tempo a gente vai contando os casos e vai se conhecendo (...).

(...)

Raiane Rezende: (...) como está sendo para você durante a pandemia estar longe de lá e estar na sua casa (...)?

Luzia: No começo eu estava mais tranquila porque eu achei que não ia ser todo esse tempo, né. Mas agora não aguento mais ficar em casa, estou doida pra voltar. Mesmo que eu saiba que meu tempo lá vai ser pequeno, na verdade, assim, eu fiquei um pouco frustrada porque eu achei que eu ia formar no meio do ano e ia tentar seguir minha vida, procurar um emprego ou estudar mais, ainda não sabia o que eu iria fazer... Então no começo eu achei que seria pouco tempo e depois eu vi que não e me senti mais frustrada ainda, porque eu estava com essa pressa de conseguir formar e de conseguir tentar dar um rumo pra minha vida, assim. Não era a

intenção voltar pra casa dos meus pais todo esse tempo. Eu sabia que depois que eu formasse teria que voltar porque eu ainda não tinha nada certo pra fazer.... Mas agora eu tô aqui esperando até o ano que vem provavelmente (...).

(...)

Luzia: Eu fiz um intercâmbio no 19.2 (...) e eu voltei (...) e ia ser meu último período na república, na faculdade também. Eu só tinha que fazer o TCC 2 e o estágio (...). Eu já estava com a cabeça preparada pra isso, mas emocionalmente nem tanto (...). Voltei pra república um pouco emotiva por saber que seria o meu último período lá, eu já tava com o quadrinho marcado (...). Eu também tava com o lado emocional bem assim, à flor da pele (...). No começo, também, eu fiquei bem incomodada com ter que adiar o quadrinho, porque a gente já estava planejando algumas coisas e conversando sobre... Decidindo o local (...). Quando eu vim pra casa e percebi que as coisas iam demorar pra passar que eu tentei me aquietar e colocar minha cabeça, assim, nos eixos e ficar melhor (...). Chegou num ponto que assim, eu tô sentindo muita falta, não só de não estar em casa, de estar lá em Mariana, mas... Sentir falta das meninas também, da rotina que a gente tinha... De ter conversa boba, coisa que a gente tinha, (...) a gente ainda conversa (...) mas lá na república era uma relação que a gente tinha de uma ir no quarto da outra e desabafar ou de jogar conversa fora, era um ambiente mais leve do que... Não que o ambiente da minha casa seja pesado (...) ter que voltar pra casa dos pais depois de ter morado 4 anos fora é uma mistura de sentimento, uma vontade louca de ainda querer formar, mas depois que eu voltar pra lá eu acho que eu vou querer aproveitar meus últimos 6 meses na república com as meninas muito mais intensamente do que eu faria se tivesse acontecido nesse ano normalmente.

(...)

Luzia: (...) A gente sempre tinha uma rotina de finais de semana cozinhamos juntas. Tinha um rock no sábado, a gente arrumava todas juntas com música e uma pegando roupa da outra e se ajudando e a gente ia pro rock no sábado e no domingo todo mundo fazia o almoço juntas ou então a noite a gente falava "vamos assistir um filme ou assistir uma série" e a gente fazia bolo ou pipoca e ficava todo mundo junto assim, eu sinto muita falta dessas coisas (...) às vezes juntavam todas no quarto de uma só e ficava sentado todo mundo junto tumultuado na cama conversando, jogando conversa fora (minha intenção) conseguir terminar meu TCC pra

eu voltar e ficar só por conta de estágio e conseguir ter mais momentos assim, né, lá na república com as meninas.

(...)

Raiane Rezende: (...) onde você se sente, assim, mais segura? Lá ou aí (em casa)?

Luzia: Ah, eu acho que... Que depende. Num sentido geral eu me sinto mais segura aqui por estar na casa dos meus pais, por eu estar com meu pai, com minha mãe e eu sei que qualquer coisa que eu precisar eles estão aqui por mim. Então... Não que lá na república a gente não tenha essa preocupação umas com as outras, mas eu me sinto mais segura aqui em casa (...) todo mundo tem suas responsabilidades, tá em aula, tá fazendo trabalho, tem prioridades, sempre tem gente ocupada e tudo o mais, então... Em relação a esse tipo de coisa, assim, (...) me sinto mais segura em casa (...).

(...)

Luzia: Ah... Lá em Mariana, né, eu sinto que eu tenho mais liberdade para fazer as coisas, né, que eu tenho a minha independência mesmo que minha mãe que me mande dinheiro para viver lá (...) eu sinto que eu posso fazer o que eu quiser na hora que eu quiser e tenho mais minha liberdade, a minha independência que é uma coisa que dentro de casa, vivendo debaixo do teto dos meus pais, né, digamos assim, eu tenho que (...) obedecer e fazer as coisas mais no tempo deles do que no meu e isso é uma coisa que lá pra mim é um ponto positivo. Que eu sou responsável por mim, eu sou responsável pelas coisas que eu faço e eu me sinto mais independente, eu me sinto mais livre lá (...).

Raiane Rezende: E onde você se sente mais em casa?

Luzia: Atualmente lá em Mariana.

Raiane Rezende: Por que?

Luzia: Eu já tô me sentindo sufocada tendo de ficar dentro de casa. Porque... aqui... Mais por essa questão da liberdade mesmo, de poder tomar conta de mim mesma e fazer o que

eu quiser. Porque aqui eu tenho que... Tenho que obedecer, eu tenho que seguir coisas, eu tenho que viver mais da maneira deles do que a minha própria, sabe (...). Antes eu não tinha esse pensamento de estar "na casa deles" eu também sentia que era minha casa. Hoje em dia eu sei que ainda é minha casa, é um lugar que eu sempre posso voltar. Eu tenho meu quarto, tenho minhas coisas. Sempre que eu precisar eu sei que eu posso voltar pra cá. Mas já não é um ambiente que eu me sinto tão à vontade, tão confortável quanto lá na república.

(...)

Raiane Rezende: Como você vê as repúblicas em Mariana e a cidade de Mariana? Como duas coisas separadas?

Luzia: (...) eu posso falar mais com mais propriedade da minha república (...). Eu sinto que o sistema republicano, o meio universitário é bem dividido da cidade de Mariana (...) nunca tive tanto contato com as pessoas de Mariana mesmo, foram poucas as pessoas que eu conheci e fiz amizade que já são de lá, mas... Porque o meu meio mesmo era o republicano, era minha casa, né, e a gente tinha amizade com outras repúblicas, então eu sempre convivi mais nesse meio republicano e nesse meio universitário (...).

(...)

Raiane Rezende: (...) você acha que isso é uma escolha proposital das repúblicas de se manterem afastadas da cidade?

Luzia: Não... Pelo menos, assim, lá na N2 eu nunca vi desse jeito, mas é por a maioria dos universitários morarem em república (...). Eu não acho que é uma coisa proposital... Mas eu acho que... Que só acontece, na verdade. Porque quando eu entrei na N2, a N2 já tinha amizade com algumas repúblicas e conseqüentemente as pessoas que moram nessas repúblicas são é... São gente da universidade. Eu acho até que muitas repúblicas tem esse pré-requisito de só aceitar estudante e tudo o mais. Então... Eu não acho que é proposital, mas foi o que eu vi acontecendo desde que eu entrei. Esse contato... Ser um círculo mais fechado (...).

Raiane Rezende: E quais diferenças você vê entre as pessoas de república e as pessoas de Mariana?

Luzia: Então... Eu não conheci (...) muita gente de Mariana mesmo. Mas os que eu conheci foram na universidade, né, foram na faculdade... (...) eu não faço diferença entre a pessoa que mora em Mariana e a pessoa que mora em república, só aconteceu que por eu morar em república eu tenha contato com outras repúblicas (...).

(...)

Raiane Rezende: (...) você está se sentindo ansiosa com isso (futuro) ou com receio do que vem depois?

Luzia: Um pouco dos dois, um pouco dos dois. Eu tô ansiosa porque quero terminar logo, quero fechar esse ciclo da minha vida (...). Ao mesmo tempo eu não sei o que vai acontecer depois. Eu não sei... Eu sei que mesmo depois que eu formar eu vou (...) voltar pra casa dos meus pais de novo (...)."

(...)

Luzia: No começo, quando eu cheguei lá eu não sentia tanto, assim, esse chão seguro, porque tudo que é novo assusta um pouco, né, acredito assim. (...) lá acontecia tanta coisa que sei lá, uma semana parecia um mês de acontecimento. Então eu consegui acostumar rápido e consegui me tranquilizar lá (...) ter o que eu tenho lá hoje e aí agora o que assusta mesmo é só depois, é a incerteza do que vai acontecer.

(...)

Luzia: Depois que eu formar (...) eu com certeza vou voltar lá e depois também. Vou querer manter contato, porque quando eu sair vão continuar meninas lá que eu já convivi (...) e conhecer as novas que vão chegar lá.

Raiane Rezende: Como foi que foi pra você cada fase que você passou na hierarquia da casa e o que você acha que você vai guardar de ter vivido lá?

Luzia: (...) foi evoluindo até junto com as coisas que me aconteciam na universidade. Foi um amadurecimento mútuo. Eu cheguei na universidade também com... Tinha acabado de fazer 18 anos. Tinha acabado de sair do Ensino Médio, então eu senti uma diferença, assim, e... (...) eu fui amadurecendo e acho que na república também. Eu acho que essas fases que a gente passa na república é muito pro nosso amadurecimento pessoal (...) eu fui entendendo aos poucos como as coisas iam funcionando e porquê daquilo funcionar daquele jeito e fui tentando pegar pra mim as coisas positivas que isso traz, sabe (...) eu tinha minhas próprias responsabilidades, que eram coisas da universidade e coisas da minha vida pessoal. Mas eu também fui entendendo que eu tinha as responsabilidades da casa e foram coisas que eu levei positivamente (...) que eu acho que me ajudaram muito no amadurecimento e de certo modo a me preparar pra depois que isso de vida republicana acabar pra mim, né (...)

(...)

Luzia: É uma fase da minha vida. É uma coisa que eu vou levar comigo, com certeza (...) foi uma das melhores (fases) da minha vida.

República N1 - Rock de celebração do dia 12 de outubro

Data: 10 de outubro de 2020

Local: Online via Google Meet

Pedro: "Ô pessoal, a gente já tá chegando nas 18h15, vamos seguir com nossa programação, né? Primeiramente eu queria dar as boas-vindas a todo mundo que... apareceu aí no nosso 12, agora a gente tem 26 pessoas online aqui. Sejam bem-vindos, muito obrigado por participar do nosso 12 online, né, do nosso primeiro 12 online. Vou pedir pra vocês... quem puder desativar o microfone, que agora a gente vai prosseguir com as solenidades mesmo, né. Primeiramente a gente vai se apresentar aqui, os moradores e os bixos, né, pra quem não conhece... Bom, eu sou o Pedro, eu sou aqui da Bahia, estou aqui na casa da minha mãe... Não estou na república. Eu entrei na república em 2017. Faço Farmácia, entrei em Farmácia em 2016, 2016.2. E estou na república desde 2017.2. Eu sou aqui da Bahia, região de Irecê, perto da Chapada da Diamantina..."

Ex-aluno: "Baiano gosta de farinha aí (incompreensível), Pedro? Como é que é?"

Pedro: "Gosta, nossa, farinha aqui é a parte da alimentação"

(incompreensível)

Pedro: "Farinha, cuscuz... (incompreensível) bode assado, bode cozido, bode frito... bode de todo jeito. Aqui a gente passa bem, apesar do calor, né... Minha região aqui é bem seca, fica perto do Monte Chapéu (?) (incompreensível) (...). Vou pedir aqui pros moradores se apresentarem primeiro e depois os bixos, né? Geovanni tá aí, Daniel?"

Geovanni: "E aí pessoal, tudo bom? É... Sou Geovanni pra quem não me conhece. Eu faço Filosofia, eu sou... aqui da N1 eu sou 19.1, né, desde 2019, mas moro em Ouro Preto desde 2017. Eu nasci em Santa Catarina, sou de lá, mas morei em BH também, vários lugares. Tamo aí na casa, né? Conheci a galera aí, tô há dois anos aí..."

(...)

Geovanni: "Aí eu tô aí desde 2019, estudando Filosofia, tentando formar, né, se deus quiser... vai dar certo"

(incompreensível)

Augusto: "Quando vocês se apresentarem, conta o porquê do seu apelido"

Geovanni: "Meu apelido é Geovanni porque... eu emocionada muito no rock, assim né, ficava muito doido muito rápido, chorava me empolgava, é, sou guiado pelas minhas emoções, muito impulsivo"

Pedro: "Torcia o pé, voltava se arrastando pra casa (incompreensível)"

Geovanni: "Eu quebrei meu dedão lá na Bauxita e desci a pé na madrugada, sozinho, assim..."

Ex-aluno: "Beijava marmanjo..."

(...)

Ex-aluno: "É, Eduardo França... se eu contar metade das coisas de você sua mulher te dá uma panelada na cabeça (incompreensível)"

(...)

Daniel: "Bom, eu sou o Daniel, cheguei aqui, eu faço Música, cheguei junto com o Geovanni na casa, no 19.1, né 2019, início de 2019. E meu apelido é Daniel porque eu sou um cara que talvez eu tenha puxado muito um cara que tá aqui na *live* também, sabe, de reclamar pra c****. E é por isso, eu reclamo de tudo, aí peguei o Daniel"

(...)

Daniel: "Eu faço Música e eu faço Música porque desde pequeno eu tenho uma ligação muito forte com Música, eu gosto muito, sempre gostei de tocar bateria... (incompreensível) e aí eu vim pra cá por causa disso, pra fazer música. Eu produzo música eletrônica, também..."

(incompreensível)

(...)

Daniel: "Eu vim pra N1 por que... eu vinha aqui desde pequeno, né, com meu pai, sempre me trazia aqui"

(incompreensível)

Ex-aluno: "Eu lembro de você no 12, na escada ali da cozinha, eu lembro de você no 12, pequenininho"

(...)

Daniel: "Pois é, aí eu falei, já que eu vou pra Ouro Preto eu vou dar uma olhada lá na rep, dar uma olhada na galera... Na hora que eu cheguei aqui eu assustei porque era todo mundo da mesma... mesmas ideias assim... com a minha assim, parecido, galera gente boa. Aí eu falei, ah, vou ficar aqui mesmo"

(...)

Ex-aluno 2: "E tem que falar que nem todo mundo sabe, o Daniel é meu filho e afilhado do Leonardo, ponto. Já conhecem. Sem mais... sem mais referência, falou?"

(...)

Thiago: Boa noite, galera. Então, é... sou o bixo Thiago, to batalhando aqui na N1. É... Eu cheguei aqui no 19.1. Eu fui pra Adegas, aí depois eu batalhei na Adegas, depois eu batalhei na Casa Blanca. Aí no início do ano eu vim pra cá. Eu faço Geologia. Eu faço Geologia porque consegui nota suficiente pra fazer Geologia, se não... Eu ia fazer Biologia se eu não tivesse

tirado nota pra passar em Engenharia. E é isso. Eu sou de Timóteo, Vale do Aço, né... É muita gente daí deve ser do Vale do Aço também. E eu (...) escolhi a N1 porque a casa é muito massa, véi... A casa é pequena, a galera é tudo gente boa... E... e é isso (...) E eu vim pra Ouro Preto só pelas histórias, mesmo. A galera falava "Nó, Ouro Preto é assim, Ouro Preto é assado, Ouro Preto é loucura, Ouro Preto é rock..." Falei, ah, véi, é esse lugar que eu quero ir mesmo, ué! Pra que eu vou ficar aqui em Timóteo? Aí eu vim pra cá."

(...)

Gabriel: "Então, pessoal, boa tarde. Eu sou o Gabriel, atual decano aí da república. De antemão já peço desculpas que eu tô dentro do carro, não consegui chegar antes, mas é assim mesmo, né? E queria mandar um abraço, todo mundo presente, agradecer a presença de cada um. É muito importante pra gente da república ter esse diálogo entre as gerações e esse momento tão bacana, aí. Mesmo na pandemia a gente consegue fazer essa reunião. Então eu vou passar a fala pra abrir pro restante dos ex-alunos... Mas a ideia é basicamente cada um se apresentar, falar um pouquinho como tá, como foi essa quarentena (...)"

(26 minutos e 18 segundos em campo)

(...)

Daniel: "(...) mas aí agora a gente queria passar a fala pra... pros ex-alunos, mesmo. A gente queria começar com o Saulo Rios, né? Que é o mais velho. Aí se você puder falar um pouquinho pra gente, Saulo Rios, de você, como você começou a história aí na rep... Quantos anos de formado...Você tem que ativar o microfone, Saulo Rios"

(...)

Saulo Rios: "Tá ouvindo agora?"

Saulo Rios: "Rapaz, que tecnologia louca, essa. Cê não faz ideia de como era no meu tempo."

Ex-aluno: "É coisa dos ET's!"

Saulo Rios: "Nossa senha, esse negócio tá tudo maluco, rapaz. Tem cara pra todo lado aqui, gente que eu não conheço, mas que eu tô vendo que é tudo daí, né? Caramba... (incompreensível) é tão grande essa turma... Bom, cês sabem, eu sou o Saulo Rios... Eu sou um... fiz Geologia em Ouro Preto e saí daí em 1966. Então eu entrei pra república em 63, saí em 66, que antes eu tava morando em outra república que acabou... a história dessa república é muito interessante, vocês não fazem nem ideia. Talvez alguns dos mais antigos possam falar. Essa república começou lá na Rua Direita, lá em cima, atrás da Escola de Minas, numa casa do Zé Batatinha. E a casa tinha pouca gente... Eram cinco, se não me engano, eram cinco. E todos cinco que vieram do programa de formação de jogos... e que eram (incompreensível) (...). E eles então fundaram a república. Eu fui a segunda geração, porque a primeira geração eles formaram quase todos e ficou o José e o José me chamou e acabamos retomando a república de novo e aí nessa turma que veio era o Camilo, o Carlos, o Marcos, o Abel, o Fernando, eu... Depois nessa geração veio (não compreendi o nome) e... deixa eu ver mais quem..."

Ex-aluno: "E o José, Saulo Rios?"

Saulo Rios: "E o José, exatamente. O José tem ido algumas vezes na república aí, né. A história dessa república é muito interessante, porque nós ficamos lá em cima era o José, eu... aí nós estávamos na república, na primeira república. Aí houve um problema, teve que sair de lá... a casa, o Batatinha teve que reformar a casa, tava caindo um quarto lá... tava rachando, ele resolveu fazer e nessa altura eu não estava mais aí... e vocês... a República saiu e ficou... mudou lá pra baixo, foi uma casa que essa casa realmente caiu. Uma chuva muito forte... essa casa caiu e os republicanos que tavam na república saíram e foram morar na república dos professores. Lá embaixo. E tava lá provisório na república dos professores, tavam fazendo bagunça na república e os professores querendo tirar eles de lá. Nessa altura, quem era o diretor da Escola de Minas era o Wagner Colombarolli que era um colega nosso, contemporâneo, né. Colombarolli tinha feito Engenharia Metalúrgica. A república, na realidade, depois de ficar lá embaixo, teve muito problema até que o Wagner, eu conversando com o Wagner, é... o Wagner passou a frente do pessoal e botou essa casa aí, que era (incompreensível) da Escola de Minas e realocou esse grupo aí nessa casa que hoje vocês conhecem. Bom, (incompreensível) velho muito antigo, né, foi muito interessante e... começou então uma nova história aí (incompreensível) perto da Igreja do Pilar, onde vocês passaram a ser os frequentadores. Que eu acho que daquela época só o Carlos que foi nessa república. Acho que os outros não foram mais. Rodrigo não sei

onde está... Gustavo também, não sei. Eu estou em Angra dos Rios, hoje. Aposentado aqui em Angra dos Rios, escutando as histórias de vocês aí."

(...)

Saulo Rios: "Eu não sei porquê, não... Cada um tinha que ter um bicho aí, né? Na ocasião. Então... a turma escolheu os nomes e foram batizando um ao outro. Não me lembro quem é o que mais, até porque... é muito tempo e a memória já tá meio fraca."

Ex-aluno: "Cada um botava o tipo de bicho... quem tinha mais afinidade com o tipo de bicho colocava o apelido do bicho... né (incompreensível)"

Saulo Rios: "Isso, é mais ou menos isso, né?"

(...)

Pedro: "Mas fica a vontade pra visitar a gente qualquer hora... (incompreensível)"

Saulo Rios: "Ah, eu já estive aí na casa algumas vezes, né. Mas aí o pessoal também já saiu de circulação... na realidade você tem que lembrar que eu já passei dos 50 anos de formado, né? Então eu já tô com 52, 53 anos de formado... Então... (...) então é muito tempo... é uma história muito longa e uma memória muito curta pra gente lembrar de tudo isso. Mas de qualquer maneira eu fico muito satisfeito de ver que vocês aí mantiveram a casa, mantiveram a tradição. A escola mudou, mudou tudo, os tempos mudaram, hoje estamos em pandemia... É muito interessante, cada um escondido em seu canto... E..."

Geovanni: "Olha o seu quadrinho aí, ó"

Saulo Rios: "Ah, tem aí? Onde está? Ah, eu tô vendo... tô vendo... Como é diferente, né? (...)"

Ex-aluno: "Ô Saulo Rios, com qual idade você está hoje em dia, Saulo Rios? (...)"

Saulo Rios: "Se eu não me lembro... Se não falha a memória, eu tô com 78 anos. Vou fazer 79 agora (...)"

Ex-aluno: "Então você merece os parabéns, você é uma referência (incompreensível) pra todos nós, tá?"

(incompreensível)

Ex-aluno: "Primeiro, tá casado esse tempo todo. Com a mesma mulher."

Saulo Rios: "Eu sou um herói, né rapaz?"

Ex-aluno: "É um herói. Segundo, tá com 50 e poucos anos de formado e aparentemente firme e forme. Parabéns, cara! E que muitos anos venham pela frente! Que nós cheguemos perto de onde você chegou. Parabéns."

Saulo Rios: "Cara... é muito... é muito bom, vocês vão chegar lá também, todos chegam um dia, mesma coisa, não há dúvida. De qualquer forma fico feliz que vocês mantiveram a casa, certo? A Escola mudou muito, antes meia dúzia, pra ter ideia, né, a Escola toda, toda a Escola de Minas não passava de 360, 370, alunos. Então cada curso tinha 40 vagas, 50 vagas... Quer dizer, e só tinha os cursos de Engenharia geral, Metalúrgica, Minas e Geologia. Depois é que montou os cursos de Geologia e depois vem Engenharia Geológica. Então você vê que eram só esses cinco cursos que tinham na Escola e cada um tinha... já teve época de a Escola ter 2 alunos de Geologia. Tinha uma época que tinha 2 alunos, só. Quando tinha congresso eles iam de avião. Era uma época muito interessante. Nós éramos muito pouca gente, nós éramos poucos... 300 e poucos, 400 no máximo, eu tava estourando...E muito diferente de hoje, sendo uma universidade, com a complexidade de cursos sendo muito maior do que era na nossa época e apesar disso tudo eu tô vendo que a república se manteve em pé. Não sei como hoje é feita a administração, se a Escola entra ou não entra, se a universidade ajuda ou não ajuda, não tenho a menor ideia, mas essa casa foi de propriedade da universidade de Ouro Preto."

Ex-aluno: "O senhor é da época que formava os quatro cursos em um só, não era?"

Saulo Rios: "Também tinha. Mas eu fui a última turma formou comigo, a última turma que fazia os 4 cursos."

Ex-aluno: "Engenharia Geral, né?"

Saulo Rios: "Esse mesmo, Engenharia Geral, certo? Quer dizer, em geral a gente não sabia nada. Já especificamente a gente não sabe... (risos). Em 6 anos pra aprender é duro, viu?"

(...)

Geovanni: "O tempo do curso era o mesmo? Como é que era?"

Saulo Rios: "Era 6 anos, 6 anos, entendeu? Quando começou houve uma reforma das leis e diretrizes de base que gerou uma greve, uma série de confusões nos anos 60 e aí mudou o curso para... surgiram Engenharias de 4 anos, Engenharia de 5 anos e Geologia em 4 anos e depois ficou tudo pra 5 anos. Mas só tinha a Escola de Engenharia. A Escola de Farmácia era separada... certo? E só tinha em Ouro Preto a Escola de Engenharia, a Escola de Farmácia, os cursos técnicos de Metalurgia e os cursos de Minas e técnico de Minas... Esses que ficavam no morro, entendeu? Nós ainda estudávamos no Palácio, ali onde é o museu, certo? Ali tem muitas salas escondidas lá pra trás, você não faz ideia..."

Ex-aluno: "É no Museu da Inconfidência, ali que era a Escola?"

Saulo Rios: "Era no museu..."

(...)

Ex-aluno: "A Escola de Minas antes de ser a Escola de Minas era Palácio de Governo, a capital de Minas era Ouro Preto"

Saulo Rios: "Sim, sim, é isso mesmo, era Palácio do Governo, mas antes do Palácio já foi residência colonial, coisa assim, né? Palácio de Minas, assim... Bom, a história mais ou menos é essa... A república foi fundada nos anos 60, entendeu? (...) Se olhar no quadro aí vocês devem ver os primeiros anos (...) deles, certo? Hoje... eu não sei quem é que tá no ar dessa época, se tem pode falar, eu não sei se tem alguém dessa época, dos anos 60, dos anos 70."

Ex-aluno: "Tem ninguém, não (incompreensível). O senhor é guerreiro, rapaz!"

Saulo Rios: "É, olha, tinha o Orlando, não é? Que vocês lembram... tinha o filho dele que apareceu na república, também..."

Pedro: "Ele tá aí, ele tá aí, o Barcelos. O Barcelos tava aí online, cadê?"

(...)

Saulo Rios: "Quem é o Barcelos?"

Pedro: "Barcelos é o Ari"

Barcelos: "(...) Ari! Barcelos!"

Saulo Rios: "É filho do Ari? Do... do Orlando?"

Barcelos: "Filho do Orlando, Saulo Rios!"

Saulo Rios: "Oi! Cê tá aí, meu filho?"

Ex-aluno: "Casa raiz... você é filho do Orlando?"

Barcelos: "Isso!"

Ex-aluno: "Ô... que coisa bacana, cara! Não sabia, que prazer."

Barcelos: "Eu tive a oportunidade de passar 3 vezes na república. Infelizmente não fiquei, tive muitos problemas pessoais... Mas (incompreensível) o que eu tenho no coração é assim, muito muito forte mesmo... e desde pessoas que sempre foram muito amigas do meu pai, que sempre tiveram um carinho muito especial por mim... e (incompreensível) quando eu entrei como estudante, né do Eduardo, Santos (incompreensível)"

(...)

Barcelos: "Saulo Rios, pode falar!"

Saulo Rios: "É, eu tive aí na época que você estava aí..."

Barcelos: "De calouro!"

Saulo Rios: "De calouro, não lembra?"

Barcelos: "Sim!"

Saulo Rios: "Eu fiquei muito Geovanni porque você é a cara do seu pai, entendeu?"

(incompreensível)

Saulo Rios: "Eu me lembro que eu chorei na hora, quando eu te vi."

Barcelos: "Ô Saulo Rios..."

(incompreensível)

Barcelos: "(...) meu caminho foi muito tortuoso, sabe, Saulo Rios, e..."

Saulo Rios: "Eu sei, eu sei disso, então eu tenho..."

Barcelos: "Eu não tinha muita maturidade, acabei não conseguindo dar continuidade aí na república, inclusive... Mas isso não me tirou o amor que eu tive, os laços que eu criei... as amizades bacanas que eu criei na N1, sabe?"

Saulo Rios: "É, mas vocês tiveram uma história com a morte do seu pai muito ruim, muito difícil, seu irmão, também... Foi uma tragédia, coitados, eu lembro de vocês... Mas você é muito forte, tá aí bem... (incompreensível)"

Barcelos: "(incompreensível) eu tive a oportunidade de há 3 anos atrás voltar pra N1 como agregado."

Saulo Rios: "Que beleza!"

Barcelos: "6 meses há 3 anos atrás na N1 porque eu tava desempregado, tava... tinha me separado, também, da esposa, tava todo cagado!... (...)"

(42 minutos e 44 segundos em campo)

Barcelos: "Eu fiquei 6 meses e depois eu acabei abrindo uma pequena pousadinha em Ouro Preto, aí, comecei a trabalhar com turismo e tô satisfeito, sabe?"

Saulo Rios: "Cê tá em Ouro Preto agora?"

Barcelos: "Então, essa pandemia deu uma quebrada de novo, né? Não é brincadeira, não! Aí eu dei uma recolhida momentânea, sabe, Saulo Rios, resguardei meu investimento, tô estudando Gestão de Turismo pra daqui um tempo que as coisas se regularizarem eu reabrir, sabe? (...)"

(...)

Saulo Rios: "Como é seu nome mesmo? Que eu esqueci."

Barcelos: "Ari"

Saulo Rios: "Ari, você por acaso, você lembra... (incompreensível)"

(incompreensível)

Saulo Rios: "Sabe o que eu queria? Que você viesse de novo aqui."

Barcelos: "Nossa, vai ser um prazer imenso, Saulo Rios."

Saulo Rios: "Então deixa o teu e-mail, joga o teu e-mail pra mim pra eu lembrar, é uma coisa muito interessante, você é uma lembrança muito boa (incompreensível)"

Barcelos: "Eu te agradeço, Saulo Rios, obrigado mesmo. Eu vou pegar seu contato com os meninos e te ligo."

Saulo Rios: "Isso! Me liga, sim (incompreensível) vai ser muito interessante a gente falar, porque você era muito pequeno, dormindo no carro, nesse lugar que eu estou hoje (incompreensível). Você tava, seu pai, sua mãe. Tavam todos no barco...(incompreensível)"

(...)

Barcelos: "(...) E... tem pessoas muito queridas, muito queridas mesmo na N1. A N1 pra mim é uma referência...Acho as repúblicas de Ouro Preto, né? É uma referência de escola de vida, mesmo, sabe (incompreensível)"

Saulo Rios: "Mas essa é especial, pra você e pra mim, também."

Barcelos: "Muito especial! Muito especial."

(...)

Saulo Rios: "E os seus filhos? Você tem filhos?"

Barcelos: "Tenho 3!"

Saulo Rios: "Qual a idade deles?"

Barcelos: "Rapaz, tem um de 18 e duas meninas de 7 e 10."

Pedro: "O que? Teu filho já tem 18?"

Barcelos: "18, Pedro!"

Pedro: "Ê, maluco, tava com 15 outro dia!"

Barcelos: "18 anos... Eu te conheci 3 anos atrás, meu irmão!"

Pedro: "Nossa!... O tempo passou rápido mesmo!"

(...)

- Fotos da república são apresentadas -

(1 hora 13 minutos e 5 segundos em campo)

Ex-aluno: "Foi um prazer especial aí escutar o Saulo Rios e a história dele e do começo da república. Eu só conheci... Eu não lembro se já tinha visto você, Saulo Rios, mas eu acho que não porque eu entrei na N1 em julho de 80, me formei em julho de 86... Mas é... Na verdade, a gente vai ouvindo as histórias e eu tava pensando aqui comigo, né, vou ter que me controlar pra falar pouquinho porque começam a vir histórias, sabe... Do Orlando, a camionete do Orlando, as histórias que tinha lá que o Leonardo levava... a cheirosinha... e.... as histórias com as meninas da (incompreensível)... era muito chegada da gente... depois tinha a (incompreensível) e as turmas que passaram... Olha, tem tanta história! Os TP's, né não sei se vocês sabem o que eram os TP's... Os TP's acabaram quando a gente reformou a república."

(...)

Augusto: "Só tentando deixar um registro, talvez, uma história. Não sei se todos já conhecem, (incompreensível). O Saulo Rios se forma em 66 eu entro na república em julho de 80, ou seja, 14 anos depois. Nesse (incompreensível) tenho entendido que a república passou por duas casas, né. (...) Quando eu cheguei em 80, o Aloísio acabava de se formar. Tanto é que o Aloísio dava aula na escola e morava de favor na república porque ex-aluno, professor, não morava em república. Mas ele se alojava lá e no meu primeiro semestre eu dormi na sala com o Aloísio, porque nós conseguimos... Não sei você lembra, Saulo Rios, do Santos que foi prefeito universitário? Quando o Santos era Prefeito Universitário, nós conseguimos a primeira grande reforma da república. Não existia aquela caixa d'água, não existia aquela laje... Não existia o banheiro lá de cima, não era daquele jeito, era um banheiro pequenininho... Lá embaixo, tinha um banheiro que tinha lá embaixo, ele tinha uma parede falsa e tinha acesso a essa parede por trás e a turma fazia TP né, que era o trabalho prático, que era entrar lá e dar uma espiada no banheiro... Era umas coisas muito loucas, entendeu? Mas o que é interessante,

eu acho, de tudo isso, desse registro todo, assim... Entre o Zé Carlos e eu deve ter passado umas duas gerações... Considerando que a cada 5 anos é uma geração, em média, né... Então... (...) moravam lá o Aloísio de favor, o Armando, o Ronaldo, o Claudinho, depois do Claudinho, eu e moravam também o Anjo e o Mário. Mas eu entrei na república e a república tinha um relacionamento muito complicado. Tanto é que 2 meses depois fizeram uma reunião de república e convidaram o Mário e o Anjo a se retirarem. Mário foi pra Pureza e o Anjo foi pra Gaiola de Ouro. Nós meio que reiniciamos a república e naquela época decidiu-se que a república não teria mais 10 moradores, e passaria a ter 8 moradores e que o segundo quarto de baixo passaria a ser a boate e a gente viu a necessidade de incrementar muita coisa. Então naquela época a gente comprou um telefone, não existia telefone na república. Tanto é que o telefone ficou no nome do Tadeu durante muito tempo, mesmo depois de formado. Fizemos a boate, compramos som, é... enfim, cada geração vai incrementando alguma coisa aí. E é legal ver só a história como aconteceu, mas as mudanças, né. Porque a república era uma república de Engenharia, não se cogitava a possibilidade de entrar um aluno de Farmácia, História, Letras... Ou de ter uma mulher na república, era de homem. Aliás, na minha geração foi a geração que os alunos de Farmácia já podiam entrar no Remop, porque o Remop era restaurante da Escola de Minas de Ouro Preto, era só pra aluno de Engenharia. (...) E quando o Remop começou a funcionar pra todo mundo, os alunos de Engenharia, olha só que absurdo, galera, os alunos de Engenharia podiam furar a fila na frente dos alunos de Farmácia (incompreensível). É, era um negócio maluco. Só pra deixar um pouco o registro, porque se a gente ficar aqui, a gente vai contar muitas histórias, muitas e vai demorar (...) então eu só queria dizer assim, ó, é legal vocês registrarem o que registraram. A gente começou a fazer o registro de fotografias naquela década de 80, montar álbum, é legal ter isso... O Black Book eu me lembro que registramos umas histórias, ficamos 4 meses de greve e acabamos o Armando, o Tadeu, eu e o Fabio Costa e (incompreensível) que acabou de falecer, fizemos um congresso de sexologia, os 4 e esse congresso tá registrado no Black Book. (...) Quanta história, quanta coisa registrada que tá escrita, que tá fotografada, quantas gerações que passaram por aí, cada um deixando um legado, cada um deixando uma parte da sua história e colhendo pra si uma parte da história que a gente leva pro resto da vida. Bom, não sei se vocês sabem meu apelido é Augusto porque eu nasci no Peru, ainda que tenha nacionalidade brasileira e peruana porque minha mãe é brasileira e meu pai é peruano. Vim pro Brasil em 79, fui estudar em Belo Horizonte, fiz os vestibulares de Ouro Preto porque não passei na UFMG, só por isso fiz Ouro Preto (...) muita gente aí que eu não convivi, não conheço, inclusive, pessoalmente, mas é incrível, a gente se encontra aqui na telinha e parece que estamos em família, enfim. (...)"

Augusto: "(...) eu encaixaria aí uma palavrinha que pelo menos hoje eu te digo que tá fazendo muita diferença. Toda essa adaptação que você mencionou, que ela é imprescindível acaba te dando a capacidade de você... quando você precisa se reagrupar e encaixar, você aprende a se reinventar e nesse momento especificamente de pandemia e no meu caso pessoal de falência, eu tenho enfrentado com algo que eu não sei de onde vem, mas agora que você tá falando eu entendo que muito disso vem do tempo da república. Capacidade de se reinventar, de reacomodar e de se adaptar (...)"

Saulo Rios: "Eu não tenho dúvida disso não, sabe, eu tenho certeza, porque eu também passei por muitas fases, inclusive fali, também. A primeira empresa que eu fundei eu fali, também. (...) Dei a volta por cima e conseguimos sair, deus lá sabe como, mas a coisa é essa mesmo. Esse caráter, essa coisa que você faz, essa vida conjunta que nós tivemos a oportunidade de ter e de aprender um com o outro e de uma forma muito direta, quer dizer, muito sincera. Ninguém estava brincando. Tava todo mundo falando do fundo do coração, com raiva ou com vontade ou sem vontade, você estava sempre dependendo do que o seu vizinho pensava e do que você precisava fazer pra ajudar. Então eu acho que é fundamental na formação do caráter e na formação de toda pessoa que possa um dia conviver fora da casa da família, fora dos amigos comuns e com pessoas completamente estranhas, vindas de lugares extremamente diferentes, com culturas totalmente diversas vivendo junto e aprendendo. Nós tínhamos na época quem vinha da agricultura, como o filho do japonês, como nós tínhamos o outro que era técnico e foi estudar junto e eu que vinha do Rio de Janeiro e outros que vinham do interior (...) e mais tantos outros e todos eles se formaram pessoas que respeitavam. Não conheço nem um que tenha tido um caminho que não tenha sido do respeito e do sucesso passando pelas dificuldades que todos nós passamos. E a pandemia hoje demonstra claramente que vocês apesar de não poder estarem juntos, coisa que fariam normalmente simples, hoje estão todos juntos numa tecnologia, falando um com o outro e aprendendo um pouco com a experiência que cada um de nós tivemos durante a nossa vida. Eu fico muito satisfeito de ver isso acontecer como o decano que sou hoje de todos, aparentemente. Eu agradeço novamente. E aprendo. E acho que assim a gente aprende, assim a gente vive, assim a gente morre, mas deixando o legado para que melhore a vida, inclusive, eu não acredito muito não, mas inclusive na política, talvez algum de vocês se não roubar muito, pode ser um candidato e possa melhorar esse país. Muito obrigado."

Ex-aluno: "Uma salva de palmas pra você, Saulo Rios!"

Morador: "(...) A gente agradece infinitamente ao seu relato. Eu acho que eu falo por todo mundo aqui que se não fosse por você acho que ninguém estaria aqui, ninguém seria da forma que foi hoje, né, só por causa do que você fez e todas as pessoas que estavam com você (incompreensível)"

Geovanni: "Como que a N1 e o espírito republicano influenciou na sua vida em seguida, assim, o que você leva até hoje?"

Augusto: "Eu acho assim, o Saulo, ele traduziu muito bem o que a gente leva da república. Eu posso dizer pra vocês que não é privilégio nem do Zé Carlos, nem meu, nem de ninguém que tá nessa tela, eu acho que é algo geral e que é gostoso. Eu acho que cada um de nós leva algo da república, às vezes muito. E cada um de nós deixa algo na república, às vezes muito. Eu tenho assim um sentimento de (...) que eu, no meu tempo de república, eu agreguei e a republica me deu o que (...). Eu levo muito... o Saulo Rios foi muito feliz nas palavras dele, né. É caráter, temperamento, espírito de equipe, colaboração, família, resiliência... É um fortalecimento mental e às vezes para alguns até espiritual. Se você conseguir dar e receber, eu acho que você sai enriquecido. Então eu posso te dizer que a vivência de república, pra mim, acho que essa palavra que define, enriquecimento." (...)